UNIVERSITY OF
ILLINOIS LIBRARY
AT URBANA-CHAMPAIGN
BOOKSTACKS

DEODORO

1827 — 1927

In Memoriam

DEODORO

1827 = 1927

Transcorrendo no dia 5 de Agosto do corrente anno o centenario do nascimento do benemerito generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, cuja espada gloriosa e incruenta alicerçou a Republica no Brasil, ante a sua insigne memoria,

A PATRIA AGRADECIDA

RIO DE JANEIRO

981.040924
F733d
1929

PREFACIO

Com esta segunda edição, augmentada com o relato das festas civicas commemorativas do centenario do nascimento do glorioso e immortal marechal Manoel Deodoro da Fonseca, e dos discursos então pronunciados nas varias solemnidades realizadas a 5 de Agosto de 1927 — dá a Commissão pró-monumento Deodoro cumprimento a um dos pontos do seu programma. Este não se limita apenas á erecção do monumento ao inclyto fundador e proclamador da Republica — divida que o Brasil já tarda em pagar — mas tambem a pôr diante das gerações de hoje e as vindouras a sua figura empolgante, a nobreza de sua vida, a elegancia moral das suas attitudes, o desassombro dos seus gestos, o seu espirito de renuncia e de sacrificio e o seu acrysolado patriotismo. Em summa: o precioso acervo dos seus serviços á Patria.

Este livro constituirá um subsidio valioso para os historiadores de amanhã. Será uma bussola a guial-os na confusão, propositadamente estabelecida, dos factos occorridos a 15 de Novembro na capital brasileira, e deturpados por muitos dos seus contadores, que se têm collocado sob o ponto de vista pessoal, sempre perigoso pelo espirito de vaidade que o tráe.

Em todas as nações civilisadas ha um patrimonio moral inalienavel, formado pela galeria dos seus gran-

3032364

des homens. Desses que se fixam nos horizontes da Historia como astros, que são. Os meteoros fugazes, que os acontecimentos occasionaes criam, — esses, morrem com a morte.

Que todo o brasileiro que ler este livro, o faça com carinho, com emoção patriotica. Deodoro se impoz ao culto da Patria pela sua bravura indomita nos campos da guerra, pela sua estatura heroica nos departamentos da paz. Venerar-lhe a memoria, eternizar-lhe o vulto no bronze de uma estatua, é um dever de honra. Saibamos cumpril-o com a serena belleza das consciencias crystalinas.

MARECHAL MANOEL DEODORO DA FONSECA

DEODORO E A REPUBLICA

Após tres seculos de existencia colonial, sob a tutela do minusculo e esforçado reino luzitano, o impulso das circumstancias, guiando a vontade dos homens, levára finalmente o Brasil á conquista da plena independencia.

Para tal fim, não foram necessarias innumeras e sangrentas batalhas, como succedera ás possessões hespanholas deste continente.

Apenas, em raros pontos do vasto territorio nacional se fizera sentir a resistencia das tropas portuguezas, logo vencida.

Mas, aproveitando a boa vontade do principe regente, não deslembrado do paterno conselho, foi facil conciliar os proridos de emancipação total com os interesses da dynastia reinante na metropole.

A Constituição, outorgada em 1824, estatuia o regimen monarchico representativo para a juvenil nação, que assim ensaiava os primeiros passos de vida autonomica isenta de radicalismo.

Era, sem duvida, uma excepção no seio da America, pois todas as nações, tanto ao norte como ao sul do continente, já se haviam organisado, ao raiar da independencia, sob moldes republicanos.

Acceitando o facto, como consequencia provavel de factores sociologicos occasionaes, cuja acção a interferencia cautelosa do grande Andrada resume, evitando saltos bruscos, a verdade é que o imperio nascente procurou, no texto constitucional, contrabalançar as exigen-

cias do espirito conservador com alguns preceitos de evidente liberalismo.

Nem por isso, o impeto irrequieto da alma nacional deixou de lutar, logo após, pela conquista de mais dilatados horizontes politicos, como o demonstra a tentativa malograda da Confederação do Equador, em 1824, no sentido francamente republicano.

Identicas aspirações já haviam caracterisado a insurreição pernambucana de 1817, quando o Brasil vinha de ser elevado á categoria de reino unido.

Transcorreram os annos e o primeiro periodo de nossa vida autonomica, pouco menos de uma decada, finalisa revolucionariamente.

Os acontecimentos de 1831, que determinaram a abdicação do primeiro imperador, as convulsões do agitado interregno regencial, os fundos dissidios entre os grupos politicos que se diversificavam sem rumo certo, a persistencia de movimentos armados regionaes em zonas distantes do paiz, ainda durante os primeiros tempos do segundo reinado, puzeram em grave risco a sorte do regimem. A unidade da patria, por sua vez, chegou a periclitar.

De tantas vicissitudes, entretanto, sahiram incolumes os principios de ordem sobre os quaes se fundava a autoridade monarchica, cujo triumpho consolidou, por largos annos, o rhytmo temporisador de nossa evolução politica.

Não obstante a sua attitude em 7 de Abril, a força armada regular fôra, mais tarde, o elemento repressor dos motins e rebeldias occorridos em varios districtos do territorio nacional.

A sua fidelidade ás instituições é posta em clara evidencia e a disciplina essencial, definida na magna carta, mantem-se, mais ou menos firme, pelo influxo de chefes eminentes, entre os quaes sobreleva notar Caxias e Osorio.

Ao serviço da nacionalidade, a gloriosa espada do primeiro fôra, sem duvida, um dos mais seguros esteios do throno.

Com o tempo, porém, toldaram-se as relações entre os poderes publicos e os representantes das classes militares. Os casos de attrito entre a autoridade civil e a officialidade do Exercito constitue alarmante symptoma de graves acontecimentos porvindouros.

Para tanto concorriam causas diversas, imputaveis, em sua maior parte, ao estado geral dos espiritos, progresso das idéas, descontentamentos e ausencia de unidade de vistas entre os que mandam e os que devem obedecer.

Novos ideaes politicos começavam a penetrar por toda parte, nas Escolas e nos Quarteis, entre civis e militares. A necessidade de profundas reformas liberaes era reconhecida por alguns raros estadistas, de visão larga, embora cautelosamente.

Outros politicos mais clarividentes, dos partidos dominantes, já percebiam que o throno começava a vacillar nos alicerces. Nenhuma confiança, geralmente, depositavam na viabilidade de um terceiro reinado.

Não havia, a bem dizer, animadversão contra os membros da casa reinante, dignos, por certo, de todo respeito e consideração. Os que entravam na liça de combate arvoravam principios e convicções, não odios ou prevenções pessoaes.

Segundo affirma Joaquim Nabuco, a proposito da athmosphera politica que se adensava, nos ultimos annos do imperio havia mais coragem em se dizer alguem monarchista do que em ser republicano.

Como todos os regimens politicos, ao fluir dos tempos, as instituições monarchicas em nosso paiz estavam fadadas a proximas e radicaes transformações.

A abolição total da escravatura, sem indemnisação, aos 13 de Maio de 1888, deu-lhes golpe formidavel, alienando o apoio da poderosa classe dos elementos conservadores, fazendeiros e senhores de engenhos, cuja fortuna se baseava na propriedade escrava.

Foi nessa época de apprehensões, durante os ultimos

annos do segundo reinado, que o nome do general Deodoro começou a ser pronunciado em publico com mais frequencia e a sua personalidade focalizada, em certos meios, com viva sympathia e esperança de melhores dias.

Pertencia a uma famliia de soldados, que se illustraram nos campos de batalha por actos de subido valor e destemida bravura.

Tres de seus irmãos morreram moços, durante a campanha do Paraguay: em 1866, o capitão Hyppolito da Fonseca e o alferes Affonso Aurelio da Fonseca; em 1868, o major Eduardo Emiliano da Fonseca.

Tres attingiram ao generalato: Hermes Ernesto da Fonseca, fallecido em 7 de Fevereiro de 1891; Severiano Martins da Fonseca, barão de Alagoas, fallecido em 19 de Março de 1889; Manoel Deodoro da Fonseca, fallecido em 23 de Agosto de 1892.

Da illustre familia ainda faziam parte os seguintes irmãos e irmãs do general Deodoro: Pedro Paulino, tenente reformado do Exercito; João Severiano, doutor em medicina, medico militar e escriptor de merecimento; D. Emilia Rosa da Fonseca e D. Amelia Rosa da Fonseca.

Ha um seculo, no dia 5 de Agosto de 1827, nascia na provincia de Alagoas aquelle a quem o destino reservava o proeminente papel de poderoso agente dynamico da transformação do regimem politico em nossa patria, Manoel Deodoro da Fonseca. Destinado á carreira militar, como todos os irmãos, matriculou-se na Escola Militar da Capital do paiz, aos 6 de Março de 1843. Concluidos os estudos em 1847, attingio o posto de 1.º tenente na arma de artilharia em 1852.

Depois de exercer varias commissões em diversos pontos do territorio nacional, seguio para o Uruguay, onde fez toda a campanha, como capitão do 1.º batalhão de artilharia.

Após a terminação dessa campanha, a 20 de Fevereiro de 1865, passou a fazer parte do Exercito em operações contra o governo do Paraguay.

Durante todo o tempo dessa rude e demorada campanha, Deodoro conquistou todos os postos a golpes de bravura, denodo, sangue-frio, valor e actividade, fazendo jús aos louvores sem conta, inscriptos em sua bellissima fé de officio.

Major em commissão, commandando o 2.º corpo de voluntarios, tomou parte no combate de 2 de Maio em Estero Bellaco e na batalha de 24 de Maio de 1866, em Tuyuty. Em Setembro desse mesmo anno foi promovido a major por actos de bravura.

Tomou parte no combate de Tagy, em 2 de Novembro de 1867, sendo elogiado pelo arrojo e bravura com que se portou.

O decreto de 18 de Janeiro de 1868 concedia-lhe o posto de tenente-coronel, ainda por actos de bravura, reconhecidos e proclamados pelo general em chefe, em varias ordens do dia.

Tomou parte no assalto e combate do Estabelecimento, a 19 de Fevereiro do referido anno.

Foi elemento de grande efficiencia no reconhecimento á viva força e combate, a 1.º de Outubro, sobre o entrincheiramento de Angustura, sendo vivamente louvado em ordem do dia pelo barão do Triumpho.

Esteve presente, a 6 de Dezembro, em Itororó, onde recebeu tres ferimentos por bala de fuzil, dous leves e um grave.

A 11 do mesmo mez, foi promovido, pelo commandante em chefe do Exercito, ao posto de coronel por actos de bravura, promoção que foi approvada, por decreto de 20 de Fevereiro de 1869, sendo-lhe concedida a medalha de merito militar pelos reiterados actos de bravura. Ao tempo, já era condecorado com o officialato da Rosa e do Cruzeiro.

Durante o commando do marechal Conde d'Eu, na ultima phase da campanha, ainda prestou Deodoro relevantissimos serviços, exercendo diversas commissões, conforme consta, com os necessarios pormenores, do **Diario**

do Exercito. Os epithetos de bravo, resoluto, denodado, arrojado, são lhe prodigalisados, cada vez que de seu nome se faz menção.

A' testa da 8.ª brigada de infantaria, tomou parte no assalto e combate da praça de Peribebuy, a 12 de Agosto de 1869, e na batalha de 16, no Campo Grande.

Muitos outros combates, em forças de reserva, varios reconhecimentos, acções de bombardeio, serviço de linhas avançadas, occuparam a actividade do impavido coronel Deodoro, em multiplas circumstancias, durante o curso da ardua campanha.

A 9 de Fevereiro de 1870 recebeu ordem de permanecer no districto de Curupaity, commandando uma força de 1000 homens das tres armas.

Finalmente, tendo se incorporado ao Exercito em 1.º de Abril, embarcou no mez de Agosto para o Rio de Janeiro, no commando do 1.º batalhão de artilharia a pé.

Attingiu ao generalato aos 14 de Outubro de 1874, quando foi promovido ao posto de brigadeiro.

Dez annos depois, por decreto de 30 de Agosto de 1884, galgava o posto de marechal de Campo.

Como general, exerceu varias commissões de relevancia profissional, sempre com invariavel dedicação, ardor, competencia e patriotismo.

Assim é que foi inspector das tropas nas guarnições do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, S. Paulo, Santa Catharina, Paraná, Rio Grande do Sul e commandante das armas da Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Matto Grosso.

No correr do anno de 1885 exerceu as funcções de Quartel-Mestre-General.

Nesse mesmo anno seguiu para o Rio Grande do Sul, como commandante das armas e presidente da mesma provincia.

Exerceu esses cargos até 27 de Outubro de 1887, data em que foi, a pedido, dispensado de ambos.

Em Dezembro de 1888 foi nomeado commandante das

forças de terra e mar, em observação na provincia de Matto Grosso.

Quasi em fins do anno seguinte, obtem exoneração desse cargo e segue para o Rio de Janeiro, onde aporta no dia 13 de Setembro.

Foi essa a ultima commissão por elle exercida, em dias do regimem trasacto, nas vesperas dos extraordinarios acontecimentos em que lhe caberia assumir tão decisiva attitude.

Em breve resumo, taes se nos offerecem os traços geraes de sua vida publica, anteriormente á proclamação da nova fórma de governo, como um dos mais esforçados e brilhantes officiaes do Exercito, apaixonado pela carreira que abraçára, intemerato amigo da classe e patriota esclarecido.

Os valiosos serviços que prestára á nação haviam sido galardoados com as varias condecorações e medalhas de campanha creadas pelo imperio, Ordens do Cruzeiro, Rosa, Aviz, etc.

A politica nunca o seduzira, apezar de filiado ao partido conservador. Jámais tivera assento no parlamento, como acontecera a tantos outros militares. Entretanto, no correr do anno de 1885, na vigencia do gabinete Cotegipe, cogitaram em offerecer-lhe a senatoria.

A presidencia do Rio Grande do Sul fôra o unico cargo de natureza politica por elle desempenhado, já quando se accentuavam os primeiros indicios da proxima borrasca.

De toda evidencia, a par dos factores de ordem geral e do fermento republicano que a propaganda activava, constitue a chamada questão militar, a partir sobretudo de 1884, uma das causas immediatas que mais directamente concorreram para a queda do throno. Era a intervenção da força armada, em plena ebullição revolucionaria, á semelhança de lances identicos na historia de todos os povos, precipitando o advento das novas instituições.

*

* *

Os attritos occorridos, com certa frequencia, entre officiaes do Exercito e representantes do poder civil, culminaram em 1886, com os casos em que se acharam envolvidos o coronel Cunha Mattos e o tenente-coronel Senna Madureira. O primeiro respondera asperamente das columnas da imprensa ás censuras que lhe dirigira da tribuna do parlamento o deputado Simplicio de Rezende. Nesse debate, Cunha Mattos alludira ao ministro da guerra, Alfredo Chaves, em termos que esse julgára attentatorios da disciplina, reprehendendo-o por isso.

Por sua vez, o tenente-coronel Senna Madureira fôra tambem atacado da tribuna parlamentar pelo senador Franco de Sá, em virtude de idéas abolicionistas exaradas na imprensa por aquelle official.

O pessoal do governo e os politicos militantes taxavam de indisciplina e insubordinação o procedimento desses officiaes, exigindo actos de nergica repressão.

A proposito do tenente-coronel Madureira, o general Deodoro, então presidente e commandante das armas do Rio Grande do Sul, dirigiu um longo officio ao ajudante general do Exercito, visconde da Gavea, no qual, após varias considerações, baseadas em avisos e resoluções ministeriaes, assim se pronunciava:

"Aos membros da Assembléa Geral, salvo os ministros da guerra e da marinha e os officiaes militares, não têm applicação os preceitos daquelles avisos; e, portanto, sem responsabilidade em seu acto o tenente-coronel Madureira pela publicação do artigo a que se refere o telegramma de V. Exa.; é o que poude alcançar a minha intelligencia".

Os officiaes da guarnição do Rio Grande, onde servia Madureira, effectuaram uma concorrida reunião de protesto contra o acto do ministro da guerra reprehendendo aquelle official.

Nessa reunião, a que Deodoro dera o seu assentimento, foram, entretanto, guardadas todas as conveniencias que o caso exigia.

Entre Cotegipe, presidente do Conselho, e o general Deodoro, trocou-se larga correspondencia a respeito dessa manifestação, que o chefe do governo julgava aberrar das boas normas disciplinares.

Deodoro, respondendo ao arguto ministro, tenta justificar o procedimento dos officiaes que tomaram parte no comicio e, alludindo aos motivos determinantes da reunião em fóco, escreve:

"E o que houve? Por parte do Exercito, uma reunião calma, respeitosa e pacifica, pedindo a reparação dos direitos violados e da dignidade offendida. A ferida foi forte, cruel e mortal, e, com justa razão, sangrará emquanto Madureira e Cunha Mattos estiverem sob a impressão da injustiça de que foram victimas".

Em outro trecho, repellindo a pécha de indisciplinados lançada sobre aquelles officiaes, diz:

"Sabe perfeitamente o que é disciplina militar sómente aquelle que, no horrivel do combate, tem a responsabilidade, a mais elevada, a mais difficil e incomprehensivel, que é a do soldado; e, se a este faltar o brio, a dignidade e o amor proprio, o que restará?"

Cotegipe insiste no seu ponto de vista, entendendo que a gravidade das deliberações tomadas em commum pela força armada era de natureza a influir, de maneira prejudicial, na disciplina do Exercito.

Entre o ministro e Deodoro a divergencia é cada vez mais profunda, o que leva finalmente o general a solicitar demissão dos cargos que occupava no Rio Grande.

Em Janeiro de 1887, vemol-o presidindo uma reunião de officiaes, effectuada no theatro Recreio Dramatico, no Rio de Janeiro.

Nessa reunião resolvem os officiaes conferir plenos poderes ao general Deodoro para represental-os junto ao governo imperial, no intuito de conseguir uma solução completa do conflicto, digna do mesmo governo e dos brios da classe militar.

Dando cumprimento á missão que recebera de seus camaradas, dirigio o general, a 5 de Fevereiro, uma petição ao imperador e, em seguida, uma carta. Desses dous documentos, em que o general se exprimia com franqueza e lealdade, extrahimos os seguintes trechos:

"Senhor, a obediencia do soldado não vae até ao proprio aviltamento; o soldado é obediente, mas não servil, e aquelle a quem não repugnarem actos de baixesa e servilismo não é digno da classe a que pertence, não é digno da farda que veste, que V. M. Imperial honra trazendo-a".

"A causa é muito seria, Senhor, e somente quem por um lado não tiver a intuição do brio e do pundonor natural e, por outro lado, não cogitar das consequencias a advir, poderá encarar descuidoso a tormenta que se annuncia. Senhor, vosso ministerio vos atraiçôa, pelo menos nessa causa".

Mostram-nos esses documentos que o monarcha se achava informado da gravidade do momento que o paiz atravessava.

Era a voz de um chefe militar, digno e cheio de prestigio, que tantas vezes expuzera a vida nos campos de batalha, clamando respeitosa junto ao throno, em defeza de uma classe, mais que qualquer outra, depositaria da honra nacional. Velada por justa magoa, os prenuncios da tormenta que ella transmittia revelavam a videncia de uma alma generosa, preoccupada com o futuro da patria. Nada de evasivas ou subterfugios, apenas a rude franqueza de quem se habituara a encarar de frente o perigo.

Secundando a acção de Deodoro, salientava-se o general Camara, visconde de Pelotas, nessa época senador pelo Rio Grande do Sul.

Por sua vez, o tenente-coronel Benjamim Constant Botelho de Magalhães, provecto lente da Escola Militar, assumira uma attitude proeminente, ao lado de seus camaradas, em tão grave emergencia. As suas opiniões, os seus conselhos, eram ouvidos por todos com o maximo interesse e acatamento, tendo em vista a intelligencia, a cir-

cumspecção, a cultura e o fino tacto de tão eminente personalidade.

As varias guarnições militares, espalhadas pelo vasto territorio, hypothecavam a sua solidariedade ás guarnições da Capital e do Rio Grande do Sul. No Senado, a palavra, do visconde de Pelotas tinha vibrações energicas e ameaçadoras. Na defeza dos officiaes incriminados, intimava o presidente do conselho a resolver a questão de um modo honroso e digno, "si o não fizer, não sabemos o que poderá acontecer amanhã, apezar do nobre presidente do Conselho confiar na força armada que tem á sua disposição".

O afastamento do ministro, conselheiro Alfredo Chaves, da pasta da guerra, coagido por seus collegas de ministerio, não fôra sufficiente para solucionar o litigio.

Por seu lado, Madureira e Cunha Mattos negavam-se a requerer o cancellamento das notas, apezar da opinião em contrario, tanto de Deodoro, como de Benjamim.

No dia 14 de Maio, o visconde de Pelotas e o general Deodoro resolveram fazer o derradeiro appello, firmando o ultimatum — **Ao Parlamento e á Nação.**

Os acontecimentos tomavam um aspecto de crescente gravidade, por esse estado de belligerancia que se declarava ás escancras entre a Força Militar e o Poder Civil.

Por fim, o Senado procurou resolver a questão convidando o governo a fazer cessar os effeitos das penas disciplinares impostas a militares por uso indevido da Imprensa.

Fôra incumbido de apresentar a moção nesse sentido o senador Gaspar da Silveira Martins.

Algo humilhado, com a sua autoridade arranhada, o presidente do Conselho, barão de Cotegipe, não tivera outro remedio senão acatar a resolução do Senado, respeitando, conforme declarava, o prudente conselho de uma corporação que, pelo seu elevado caracter, só os podia dar imparciaes.

A esse tempo tratavam os militares do Exercito de organisar uma associação de classe, a semelhança da que já existia na Marinha. Para tal fim, reuniram-se na noite de 25 de Junho, numa das salas do Club Naval, sob a presidencia de Deodoro, e fundaram o Club Militar.

Após a approvação dos estatutos, fez uzo da palavra o tenente-coronel Benjamim Constant, que discorreu sobre assumptos varios attinentes aos interesses da classe. Abordando em seguida uma ordem de considerações mais geral, referiu-se ao facto de haver sido o general Deodoro acclamado á senatoria. Julgava necessario ouvir antecipadamente a opinião do illustre candidato sobre as idéas que mais agitavam no momento o espirito publico, taes como: a abolição da escravatura, as franquias provinciaes e municipaes, o casamento civil, a separação da Igreja do Estado, a secularisação dos cemiterios e outras de menor importancia. Respondendo, o general Deodoro affirma: "não é de hoje, mas de ha muitos annos que é adepto das idéas annunciadas pelo Snr. Benjamim Constant; acceita aquelle programma e não está ligado a nenhum partido politico, nem os comprehende em sua modalidade actual".

Assim, dando a conhecer as suas convicções, investido do supremo cargo de presidente do Club Militar, candidato a um posto da representação nacional, o prestigio e a popularidade do general Deodoro revestiam proporções mais consideraveis.

Antes da fundação do Club Militar, em fins do mez de Maio, o general Deodoro requeria ao Imperador certidão de uma sentença proferida a seu respeito pelo Supremo Tribunal de Justiça.

Referia-se essa sentença aos autos de responsabilidade que contra Deodoro movera o conselheiro Eleutherio de Camargo, a mando do chefe omnipotente do partido liberal no Rio Grande, Silveira Martins. Eis o despacho:

"Em virtude do despacho supra, certifico que revendo o processo de responsabilidade entre partes, denunciante o conselheiro Antonio Eleutherio de Camargo e denunciado

o marechal Manoel Deodoro da Fonseca nellas a folhas achei lavrada e assignada a sentença a que se refere este requerimento, á quel é do teôr e fórma seguinte: Vistos e relatados estes autos de responsabilidade de empregado publico entre partes, autora a Justiça e réo o vice-presidente da provincia do Rio Grande do Sul marechal Manoel Deodoro da Fonseca: — Julgam não provado o libello acusatorio..."

*
* *

A efervescencia dos espiritos e a falta de tino do governo continuam a produzir as mais lamentaveis consequencias, por uma serie de factos, alguns dos quaes de importancia nulla em situações normaes.

No correr do anno de 1887 os alumnos da Escola Militar do Rio Grande passavam um telegramma congratulatorio ao Dr. Joaquim Nabuco pela sua victoria eleitoral, como candidato á deputação geral pela provincia de Pernambuco. Era um documento inocuo, sem o minimo caracter indisciplinar, em que os jovens estudantes apenas ostentavam as suas crenças abolicionistas.

O governo alarmou-se e tomou as providencias junto ao commando da referida Escola para a punição dos que julgava culpados.

Em defesa dos alumnos, Deodoro dirige a seguinte carta ao Presidente do conselho, barão de Cotegipe:

"Os diarios de hontem dão noticia de que 42 alumnos da Escola Militar do Rio Grande do Sul estão presos e respondem a conselho de investigação por terem passado um telegramma de congratulações ao Dr. Nabuco.

"Nesse telegramma, que apenas faz conhecidas as crenças politicas de seus autores, não ha a menor offensa ao governo. Somente o espirito partidário mui feroz ou, o que é mais triste, o baixo desejo de agradar e chamar a attenção, podiam enxergar crime nesse acto que, permittido a todo cidadão, não foi ainda prohibido ao soldado.

Crente de que V. Ex.ª já estará aborrecido do modo menos digno com que uns tantos suppõem melhor servil-o, ouso esperar que attenderá á minha justa reclamação".

As ponderações do bravo soldado não foram tomadas em consideração, mantendo o governo os rigores da punição infligida aos alumnos militares do Rio Grande.

Nesse anno de 1887 o Imperador havia embarcado para a Europa, em vista do estado precario de sua saúde, ficando como regente a Princeza D. Izabel. A questão abolicionista agitava o paiz. Em S. Paulo numerosos escravos abandonam as fazendas e refugiam-se na serra de Cubatão.

O governo procura lançar mão do Exercito para captural-os. Sobre este assumpto dirige o Club Militar, a 25 de Outubro, uma petição á Princeza Regente, solicitando respeitosamente a dispensa de uma commissão reputada ultrajante para o Exercito.

Juntamente com essa petição, o general Deodoro entrega ao ajudante general do Exercito, visconde da Gavea, uma carta em que fazia considerações no sentido de justificar o gesto dos officiaes do Club. Deste ultimo documento, em que o general falla tambem com franqueza e lealdade, reproduzimos os seguintes trechos:

"O Exercito é para a guerra leal, na defesa do throno e da patria; para outros affazeres que necesitam força armada, ha a policia, que se alistou para esse fim.

....

"Dir-se-ha que nada temos com isso; é um engano, porque somos soldados e vemos as mesmas inconveniencias disciplinares e perseguições, como as que se davam antigamente, quer em relação ao não cumprimento de ordens, quer sobre a acção contra o official que fazia a captura não desejada. V. Ex. tenha paciencia e acceite o requerimento, onde aproveito a occasião para patentear a adhesão e fidelidade ao nosso bom e desejado Imperador e á sua Dynastia, que somente comnosco, com o exercito e armada, póde e deve contar".

Esse documento mostra-nos Deodoro ainda apegado ás suas convicções de fidelidade ao regimem e á familia reinante. Estava no seu feitio de leal soldado. Sobretudo a pessoa do monarcha inspira-lhe sincero acatamento e respeitosa veneração.

Em seu espirito parece ainda não haver penetrado a idéa de um possivel movimento para instituir a Republica no Brasil. Ou então julgava ser necessario manter a maior reserva, mesmo na intimidade, para não promover inopportunos e compromettedores excessos. A um parente, alumno da Escola Militar do Rio Grande, escrevia uma carta, aconselhando moderação, em que lemos os seguintes trechos:

"Republica no Brasil é cousa impossivel, porque será verdadeira desgraça. Quem quer Republica, quer que o Brasil seja dos Gaspar, Cotegipe, Paulino de Souza, etc.

"Os brasileiros estão e estarão muito mal educados para republicanos. O unico sustentaculo do nosso Brasil é a monarchia; se mal com ella, peior sem ella.

....

"Não te mettas em questões republicanas, porquanto Republica no Brasil e desgraça completa, são a mesma cousa: os brasileiros nunca se preparão para isso, porque sempre lhes faltarão educação e respeito para isso.

"Nem todos são homens da tempera do grande Julio de Castilhos, a quem darás lembranças e apresentarás os meus respeitos".

O final dessa carta denota uma certa preoccupação do seu espirito, no sentido de uma Republica com homens da tempera de Julio de Castilhos, denodado campeão do novo credo politico.

*
* *

Com a queda do gabinete Cotegipe, subio ao poder o conselheiro João Alfredo e com elle o partido conservador

continuava a manter as suas posições. Mais uma vez coube a esse partido a realização de uma medida ultra liberal que foi a lei abolicionista decretada a 13 de Maio de 1888. Por esse ideal haviam pelejado e soffrido muitos representantes da força armada, a par de elementos civis da maior relevancia. O inesquecivel Olavo Bilac, numa conferencia realizada no Club Militar, cumulou de bençãos as espadas que estiveram ao serviço da redempção de uma raça infeliz.

No dia 3 de Novembro, a Escola Militar recebe a visita do ministro da guerra, conselheiro Thomaz Coelho, que se fez acompanhar do senador Gaspar da Silveira Martins, desaffecto do general Deodoro. O commandante da Escola, general José Clarindo de Queiroz, manda tocar reunir para os alumnos.

Quando já em forma, o alumno Euclydes da Cunha, na certeza de que o seu acto fosse acompanhado pela grande maioria, precipitou-se, sendo preso e em seguida desligado da Escola. No dia seguinte, Gaspar Martins, em discurso no Senado, fazia algumas considerações sobre o caso, que taxava de acto de loucura e verberava a indisciplina das classes armadas.

Mais um conflicto deu-se, a 25 do mesmo mez, desta vez em S. Paulo, entre officiaes do 17.º Batalhão de infantaria e o chefe de policia dessa então provincia. O chefe penetrava no quartel para providenciar a respeito de um conflicto occorrido entre praças da policia e praças daquelle batalhão. Essa autoridade, ao ingressar no quartel, deixara de cumprir as formalidades da lei, pelo que os officiaes protestaram, encarando o facto como um insulto aos brios da classe e desrespeito ás regalias de seus galões.

Na reunião effectuada na noite de 28, no Club Militar, o general Deodoro, ao abrir a sessão, declarou que o ministro da guerra e o ajudante General, Severiano da Fonseca, haviam tomado o maior interesse pelo 17.º Batalhão.

Após ter sido approvada uma moção, apresentada pelo major Henrique Valladares, o general Deodoro, para evi-

tar possiveis impertinencias e descabidos reclamos, deu a sessão por encerrada.

No dia 4 de Dezembro, ainda sobre o mesmo incidente, o conselheiro Thomaz Coelho, ministro da Guerra, dirigia a seguinte carta ao seu official de Gabinete:

"Illmo. amigo Snr. Major Lins de Vasconcellos.

Acabo de serr surprehendido com o officio do Ajudante General solicitando sua exoneração. O motivo de tal deliberação é a exoneração do chefe de policia de S. Paulo. O "Paiz" de hoje insinúa que essa autoridade fôra demittida a pedido. O general Severiano deve estar prevenido contra as intrigas e mexericos dos novelleiros que estão explorando o que elles chamam nova questão militar. Sabendo que o general está doente, peço-lhe que o procure de minha parte, manifestando minha grande surpreza. Póde assegurar ao conselheiro Severiano que o chefe de policia foi demittido por decreto de 1.° do corrente, não a pedido, mas por conveniencia ou a bem do serviço publico. Confio que melhor informado, elle retirará seu pedido de demissão, se o unico motivo porque o fez é, como diz em seu officio, a demissão do chefe de policia. Hoje estarei cedo na secretaria.

Seu amigo obrigado Thomaz Coelho

Cosme Velho, 4 de Dezembro de 1888".

De facto, como se vê na carta acima transcripta, o governo acabara demittindo o chefe de policia de S. Paulo, a bem do serviço publico, o que equivalia a reconhecer a inconveniencia do procedimento dessa autoridade. Ao mesmo tempo, o 17.° Batalhão era transferido para o Rio, sendo alvo de calorosa manifestação ao embarcar em S. Paulo.

Em virtude da serie de factos occorridos, em que se chocavam autoridades civis e representantes da força ar-

mada, a personalidade do General Deodoro adquiria maior relevo e importancia, de dia para dia, como ardente defensor do pundonor e dos legitimos interesses de sua classe. Tanto elle, como seu irmão Severiano, Ajudante General do Exercito, desfrutavam de sufficiente prestigio na corporação a que pertenciam, para que suas opiniões fossem ouvidas, suas deliberações acatadas por todos.

Em fins do mez de Novembro, o coronel Dr. João Severiano da Fonseca dirigia a seguinte carta ao seu irmão Deodoro:

"Ha combinações entre ambos os partidos para nullificarem o predominio militar seu e do Severiano, que nomearam por força de circumstancias para não desgostarem o Exercito e impedir V. de reagir, por seu irmão.

"Serro Frio, Celso e outros que não me lembro, em conversa na rua do Ouvidor, disseram que era fatal a necessidade de inutilizar a vocês dois, do contrario a espada dominaria sempre o governo e a qualquer partido que estivesse de cima. Você não volta ao Rio Grande; o seu amigo Ferreira Vianna foi quem o indicou para Matto Grosso. O Thomaz Coelho allegou que já estava o Bandeira de presidente e o Vianna respondeu-lhe: — por isso mesmo vae sob as ordens delle, e o Bandeira saberá conduzil-o. Hoje o "Paiz" declara que V. vae como commandante das armas, isto é, ás ordens do presidente. V. retirado, Severiano será forçado a pedir demissão, em vista das desfeitas que lhe farão, e, ou terá a demissão seccamente, ou talvez a bem do serviço publico. E demittido Severiano, e V. retirado, os Clarindos, etc., etc., serão os chefes do Exercito, e, fique na certeza, terão por si os officiaes e a tropa".

Cogitava, realmente, o governo de nomear o general Deodoro para o commando da divisão destinada a observar as fronteiras em Matto Grosso. Era o meio de afastal-o do Rio, em momento de tantas apprehensões e difficuldades da politica interna.

A 10 de Dezembro, o general Deodoro dirige uma extensa missiva ao ministro Thomaz Coelho, fazendo ponderações acerca de sua possivel nomeação para commandante das armas de Matto Grosso; em seu entender, julgava não competir essa funcção a marechal de campo e sim a brigadeiro; o presidente da provincia em vez de constituir um auxilio seria um tropeço; lembrava a conveniencia de reunir forças no Rio Grande e no Paraná, etc.

A 15, foi o general nomeado commandante das armas daquella provincia e especialmente de todas as forças militares de terra e mar, recebendo instrucções directas do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

A 27, seguia Deodoro a seu destino, tendo antes de partir passado a presidencia do Club Militar ao vice-presidente, tenente coronel Dr. Benjamim Constant.

Ao aportar á cidade do Rio Grande, no dia 1.° de do Rio Grande, 1.° de Janeiro de 1889 — Ordem do dia n.° 1:

"Commando das forças de observação da provincia de Matto Grosso. Quartel General em transito na cidade do Rio Grande, 1.° de Janeiro de 1889—Ordem do dia:

"Nomeado Commandante das forças de terra e mar em observação nas fronteiras da Provincia de Matto Grosso, e, como complemento, Commandante das Armas dessa Provincia, entrei no exercicio do primeiro desses cargos, na parte relativa ás forças de terra, a 21 de Dezembro proximo findo, etc.".

A 30 do mesmo mez, o general, com as forças que seguiram do Rio, chegou a Corumbá, assumindo nessa data o commando de todas as forças de mar.

No decurso do mez de Março recebeu cartas do major Henrique Valladares e tenente Jayme Benevollo, thesoureiro e 1.° secretario do Club Militar, respectivamente, communicando que o tenente-coronel Dr. Benjamim Constant entrára no gozo de licença em Janeiro, reti-

rando-se para Lambary; que a maioria dos socios, desalentados, abandonara o Club.

Deodoro, absorvido pelos affazeres de um commando laborioso, não esquecia os companheiros do Rio e, solicito, mantinha as vistas voltadas para a Agremiação que o seu amor á classe concorrera para fundar.

O estado dos espiritos na capital do paiz, sob apparencias tranquillisadoras, continuava a despertar vivas apprehensões.

Com a data de 6 de Fevereiro, o então capitão Hermes da Fonseca, em Corumbá, recebeu uma carta do alferes-alumno Tobias Becker, da qual citamos os seguintes topicos:

"No dia de nossa apresentação ao ministerio e ao Ajudante General, tivemos musica e o L. de C. (compadre de Deodoro) expectorou um discurso que ninguem encommendou, elevando o Thomaz Coelho aos astros e declarou, em nome dos alferes-alumnos, que o Thomaz era um dos maiores estadistas e que pedia á Divina Providencia, etc. etc.,... Uma ratice monstra!

"Hoje apparece no "Paiz" um protesto de aguns alferes-alumnos declarando não ter encarregado nada ao L. de C.

....

"Junto verás uma publicação da guarda negra que julga-se estar unida ao Exercito e Armada. Isto por cá vae de mal a peor".

As noticias que lhe chegavam e os incommodos de toda sorte, numa região longinqua e balda de recursos, exacerbavam o animo do brioso soldado e alteravam-lhe a saude.

Para cumulo de desgostos, recebera em Abril a noticia do fallecimento, a 18 de Março, de seu irmão Severiano, a quem dedicava especial affecto e cujos conselhos levara sempre na maior conta.

Ultima photographia do Marechal Deodoro tirada em 1891, para o quadro a oleo de F. Machado existente no Palacio do Congresso do Amazonas.

Ao ser inteirado da triste occorrencia, não poude o general refrear a seguinte exclamação:

"Morreu a unica pessoa que poderia ainda conter-me!"

Em homenagem á data de 13 de Maio, fizeram-lhe uma manifestação, em que o tenente Augusto Eduardo da Silva, ao terminar o discurso allusivo ao acto, assim se pronunciou: "O paiz tem a attenção fixa em V. Exa., pois vê em sua pessôa o defensor da dignidade do Exercito, bem como o salvador da Patria".

Em resposta, affirmou o marechal "que nada o detinha, e aquelles que o julgavam preso, enganavam-se; estava preso em teias de aranha, que sem esforço, dellas se libertaria".

A 7 de Junho, ascendia ao poder o gabinete presidido pelo conselheiro Affonso Celso, visconde de Ouro Preto, transferindo-se assim para as mãos do partido liberal as redeas do governo.

Era o novo chefe um politico de indiscutivel influencia e notorio realce no seio da agremiação politica em que militava.

Figura rigida de homem publico, conscio, no mais alto gráo, da dignidade, da força e do prestigio que deve revestir o principio de autoridade, não tinha disposições de animo para tolerar as transigencias e contemporizações que o momento exigia. Temperamento altivo e imperioso, ostentava a rude franqueza dos que actuam sem rodeios, no cumprimento do dever. Manteve até ao fim, em face do perigo, a mesma attitude digna e intrepida, provocando a admiração, tanto dos amigos, como dos adversarios. Seria, porém, preferivel para salvar a náo do Estado, que ameaçava sossobrar, um timoneiro mais ductil e maneiroso, quem sabe, Dantas ou Saraiva. A delicadeza e complexidade da crise estava exigindo, não atacar de frente as difficuldades, porém contornal-as nas malhas de uma tactica envolvente.

Para exercer as pastas militares convidára o visconde de Ouro Preto a dous profissionaes de real merecimento, o visconde de Maracajú, da guerra, o barão de Ladario, da marinha.

Emquanto isso, continuava o marechal Deodoro no desempenho da missão de que se achava investido em Matto Grosso, prodigalizando ao serviço da patria todas as energias do seu caracter varonil, apezar da saude combalida.

No dia 30 de Julho, teve conhecimento da chegada do coronel Cunha Mattos, nomeado presidente da provincia. Era esse official portador de uma carta e de um officio do ministro da guerra, visconde de Maracajú. Deste ultimo documento extractamos o seguinte topico:

"Em vista desta providencia é concedida a V. Ex.ª exoneração do commando de todas as forças de observação da mencionada provincia e opportunamente o Governo Imperial lhe concederá o das Armas".

Depois de haver feito a leitura desses papeis, o marechal Deodoro voltou-se para o coronel Cunha Mattos e disse-lhe: "Vou corrigir os erros do sr. Maracajú".

Logo em seguida, mandou chamar o seu secretario e redigio a seguinte ordem do dia:

"Commando das forças de observação de terra e mar e das Armas da Provincia de Matto Grosso.

Quartel General, em Corumbá, 30 de Julho de 1889.

Ordem do dia n.º 15.

"Publico as seguintes disposições e occorrencias, para conhecimento das forças em guarnição nesta Provincia—Tendo de retirar-me com todas as forças que, sob meu commando, expedicionaram para esta provincia, cessa hoje, por isso, a minha autoridade de commandante das forças de mar; conseguintemente ficam dissolvidas a 2.ª e 3.ª brigadas, as quaes deverão recolher seus archivos á Secretaria do commando das Armas. S. Exa. o sr. coro-

nel Ernesto Augusto da Cunha Mattos assumiu o commando das Armas"...

Era notorio o mal disfarçado empenho para desgostar e desprestigiar o brioso militar, que não podia calar-se ante a subversão das boas normas de precedencia hierarchica na carreira das armas.

Não se excedeu, todavia, em gestos de colera e indignação, conservando a altiva serenidade de um caracter masculo, afeito aos espinhos e contratempos da vida.

Dando, pois, por finda a sua commissão, assim que obteve meios de conducção, tratou Deodoro de regressar ao Rio de Janeiro.

Achando-se em viagem, ao chegar á cidade do Rio Grande, teve conhecimento de que o conselheiro Silveira Martins, nomeado presidente da provincia do Rio Grande do Sul, desligára, a bem da ordem e da disciplina, alguns lentes e muitos alumnos da Escola Militar de Porto Alegre. Dois dos lentes demittidos, com opposição do ministro Maracajú, capitães Vespasiano de Albuquerque e Alberto Guillon, eram amigos muito dedicados do Marechal. Facto de pequeno alcance, em situações normaes, assumia agora as proporções de um acontecimento prenhe de graves consequencias, pelo estado de latente irritação em que se mantinham os espiritos nos meios militares.

Na cidade do Rio Grande, a 7 de Setembro, os officiaes da guarnição foram incorporados á residencia onde se achava hospedado o marechal Deodoro, afim de cumprimental-o. Um delles, em breve allocução, alludiu á gloriosa data da independencia do Brasil, que naquelle dia se festejava com o patriotico orgulho de todos os annos.

Agradecendo os cumprimentos, Deodoro pronunciou algumas palavras, entre as quaes as seguintes: "E' realmente grande nos fastos nacionaes a data de hoje; porém, talvez, dentro em pouco festejaremos uma maior do que esta".

Ao passar pela cidade de Santos, entrevistado por um redactor do "Diario da Manhã", assim se pronunciou sobre questões politicas do dia:

"Nas provincias do sul, pelo menos, o partido republicano foi o unico que se apresentou em campo, disputando galhardamente a victoria ás forças do governo. Era conservador, porque só os conservadores protegeram o Exercito. Não a mim, que só tive um protector: Solano Lopez. Devo a elle, que provocou a guerra do Paraguay, a minha carreira. Era conservador, mas votei sempre em homens que estimava. Votei em Osorio, em Porto Alegre, em Beaurepaire Rohan. Ha tres republicanos em que votarei de bom grado, tres moços distinctos do Rio Grande do Sul: Assis Brasil, Ramiro Barcellos e Julio de Castilhos".

Seriamente enfermo, desembarcara Deodoro no Rio de Janeiro, a 13 de Setembro, na occasião precisa em que se deu o incidente entre o Presidente do Conselho, Visconde de Ouro Preto, exercendo a pasta da Fazenda, e o commandante da guarda do Thesouro, tenente Pedro Carolino.

A bordo foram receber o marechal alguns amigos e camaradas, entre os quaes o tenente Jayme Benevolo, que verbalmente lhe expôz a precaria situação do Club Militar, quasi de completo abandono.

No dia seguinte, foi ter ás mãos de Deodoro uma carta do Dr. Benjamim Constant, que após reproduzimos:

"Por achar-me doente, não fui cumprir o grato dever de manifestar a V. Exa. e Exma. esposa os protestos de minha elevada estima e consideração, felicitando-os por sua chegada a esta Côrte, o que farei assim que puder sahir. Um acontecimento lamentavel dado entre o Snr. Ministro da Fazenda e um official do nosso Exercito parece-me digno de um protesto por parte do Club. V. Exa. com o seu reconhecido criterio e devotamento á classe, da qual V. Exa. é um dos mais bellos ornamentos, resol-

verá a respeito. Adhiro desde já á resolução que V. Exa. tomar em nome da classe.

(a.) **Benjamim Constant".**

Da suggestão contida nesta carta, a proposito do incidente na guarda do Thesouro, transparece a inquietação dos espiritos em certos nucleos militares, parecendo proseguir, na vigencia do novo governo, os entrechoques que assignalaram a passagem de Cotegipe pelo poder. E assim era, na verdade.

Sem mais detença, varios socios do Club Militar, em numero de quarenta, resolveram solicitar do marechal Deodoro a convocação de uma sessão especial para ser ventilado assumpto de premente opportunidade.

Taes eram os termos do requerimento, datado de 16 de Setembro de 1889:

"Illmo. e Exmo. Snr. Presidente do Club Militar da Côrte. — Os socios abaixo assignados pedem a V. Exa. para que seja convocada uma sessão extraordinaria para tratar-se de negocio urgente e relativo aos direitos e garantias da classe".

Seguiam-se quarenta assignaturas.

Havendo Deodoro exigido que se especificasse o objecto da sessão requerida, o 2.° secretario do Club, 2.° tenente Pedro Ferreira Netto, additou a seguinte declaração:

"Em tempo declaro que o fim desta sessão é tratar-se do incidente occorrido na guarda do Thesouro entre o seu commandante e S. Exa. o Presidente do Conselho".

O requerimento obteve de Deodoro o seguinte despacho: — "Por ora não ha necessidade de reunir-se a sessão pedida".

Era uma medida de prudencia, de louvavel ponderação, para evitar as precipitações e exaltamentos na hora afflicta que o paiz atravessava. Convinha aguardar, vigilante, a sequencia de factos mais positivos.

Porém, na verdade, dentro em breve, teriam inicio os primeiros passos para a urdidura dos fios da conjuração, que daria em terra com as antigas e veneraveis instituições monarchicas.

Duas actividades, por assim dizer, parallelas, quasi simultaneas, se exercitavam, uma junto a Deodoro, outra em torno de Benjamim Constant. Porém, logo, essas duas correntes se fundiram numa só, e os dois preclaros chefes militares, com os caracteristicos individuaes que os diversificavam um do outro, irmanados e conjugados numa alma unica, concorreram igualmente para o triumpho incruento da causa republicana.

O acatado Mestre, Dr. Benjamim Constant, de ha muito se preoccupava com as idéas de regeneração social, impregnados dos ensinamentos de Augusto Comte. Mantinha-se serenamente, com a compostura de um sabio, no terreno philosophico, alludindo ás illações da Sociologia, encarada como sciencia positiva, em vias de se constituir, desde que o autor da Synthese Positiva lhe indicara as bases essenciaes e a orientação geral.

Em torno do eminente professor da Escola Militar agrupavam-se os alumnos, no ardente enthusiasmo da flor dos annos, numa época de desinteresse e puros ideaes.

Em suas aulas não fazia politica, no sentido vulgar dessa palavra, que significa intrigas e manipulações eleitoraes. Ao lado do geometra, versado, como quem mais o fôsse, nas theorias que immortalisaram os nomes de Newton, Descartes, Leibnitz e Lagrange, sentia-se o proselyto de uma nova doutrina, organica por excellencia, sonhando com os futuros destinos de uma humanidade regenerada pela total remodelação das opiniões e dos costumes.

Desde as primeiras reivindicações de classe e attritos com o poder civil, por entre a celeuma dos comicios de

protesto, fazia-se ouvir a palavra de Benjamim, prudente e evangelisadora, mas, ao mesmo tempo, sem perder a calma ,estuante de energicos accentos. Tão suggestiva individualidade, prestigiosa pelo saber e austeridade, era sobretudo um temperamento, um caracter.

Em breves dias seria o centro motor e orientador das medidas postas em pratica para a destruição de um regimem e edificação de outro.

Deodoro, cujo estado precario de saude não permittia abandonar com frequencia a reclusão em que vivia, continuava cercado de amigos e companheiros de classe que accorriam á sua residencia.

Inteirado da marcha dos acontecimentos, o seu espirito evoluia sensivelmente no sentido da adopção de soluções politicas radicaes, com a franca intervenção da força armada. Certo, acudia-lhe á mente, em suas vigilias, a lembrança dos desgostos e desapontamentos infligidos pela incuria dos governos á corporação armada, que, estoicamente, tantos sacrificios fizera na insana campanha contra o despota paraguayo.

Entre os officiaes transferidos, naquella época, com desusada frequencia, de umas guarnições para outras, por conveniencia do serviço, acobertando motivos politicos, achava-se o capitão Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto, que chagara ao Rio no dia 6 de Outubro, vindo do extremo sul.

Tinha uma alma ardente e impetuosa esse official, que foi, sem contestação, um dos elementos mais activos na propaganda revolucionaria e no alliciamento de adherentes nos corpos da guarnição para se levar a cabo tão arriscada empreza. Na visita feita a Deodoro, no dia 12 de Outubro, expandio-se em considerações varias sobre a situação politica do paiz, especialmente no Rio Grande, preconisando a intromissão do Exercito para solver a crise e procurando sondar o animo do marechal a semelhante respeito.

Em subsequente visita, a 16 de Outubro, acompanhado de seu camarada tenente Sebastião Bandeira, voltou a tratar do assumpto.

Nessa occasião foram feitas por esses officiaes peremptorias allusões ao advento de uma dictadura republicana, sob a chefia de Deodoro.

No dia seguinte, por iniciativa de Menna Barreto e Bandeira, a officialidade do 1° e 9° Regimentos de cavallaria, constituida de capitães, tenentes e alferes, foi incorporada á residencia de Deodoro visital-o, do que deram noticia o "Paiz" e o "Diario de Noticias". Os visitantes foram recebidos pela esposa de alguns amigos do marechal, que se achava acamado.

Desenvolveu-se, em seguida, activa e secreta propaganda nos quarteis, tendo em vista a mudança radical de fórma de governo, por iniciativa da força armada. Nesse labor, além dos dois officiaes acima citados, muito se salientou o alferes do 9° Regimento de cavallaria Joaquim Ignacio Baptista Cardoso, cujo temperamento trefego e exaltado o levava a desenvolver uma acção continua e infatigavel.

A esse tempo, tomava corpo o franco entendimento entre os officiaes arregimentados, fomentadores de sublevação, e a mocidade das Escolas, tenentes, alferes-alumnos e cadetes, com iguaes titulos na iniciativa, impulsionada pela confiança sem limites, que lhes merecia a pessoa do chefe mental do movimento, Benjamin Constant.

Nas columnas de certos jornaes appareciam artigos inflammados, em que vibravam as pennas amestradas de Quintino Bocayuva, Ruy Barbosa, Sampaio Ferraz, Aristides Lobo, Lopes Trovão, e outros. Eram lidos com avidez e largamente commentados os energicos editoriaes do "Paiz", "Diario de Noticias" e "Correio do Povo". Essa imprensa foi uma poderosa alavanca de demolição, nas mãos de alguns proceres do partido republicano, antigos signatarios do celebre manifesto de 1870. Afinal de con-

tas, era uma acção que se juxtapunha aos processos dos velhos partidos monarchicos, quando na opposição ou no ostracismo, verberando o poder dictatorial da corôa e o vicio das instituições. Conluiados um dia, magnatas da grei dirigente, como Zacarias, Ottoni, Octaviano, Sousa Franco, Nabuco e outros, já haviam bradado por urgentes reformas, propondo a suppressão do poder moderador e erigindo em termos claros o dilemma: — "ou a Reforma ou a Revolução".

Agora, os factos iam demonstrar que não era mais tempo para inocuas reformas; a marcha da revolução se impunha, celere e fatal.

*
* *

No dia 23 de Outubro, achando-se em visita á Escola Militar da Praia Vermelha os officiaes do couraçado chileno **Almirante Cockrane,** o Dr. Benjamim Constant pronunciou vibrante discurso, discorrendo sobre a missão dos exercitos modernos, particularmente na America do Sul, como architectos de uma obra de paz e confraternisação. Tivera palavras de ardor apostolico, relativas ao congraçamento dos povos, "o mais bello ideal das aspirações humanas, para o qual se encaminha com crescente rapidez o verdadeiro progresso geral, submettido em sua evolução a leis irrecusaveis demonstradas pela sciencia real, hoje completa em tudo quanto ella tem de essencial e confirmada pela sã philosophia da historia".

Referio-se em termos incisivos, aos desagradaveis conflictos occorridos entre o Exercito e o Poder civil, rebatendo as accusações de insubordinadas dirigidas ás forças armadas.

Em phrases energicas, embora respeitosas, censurou os propositos de diffamação, os actos arbitrarios e violentos exercidos contra as corporações militares.

Esse discurso, pronunciado na presença de altas autoridades, entre as quaes o ministro da Guerra, conselheiro Candido de Oliveira, despertou calorosos applausos, enthusiasticos vivas, especialmente por parte da mocidade academica.

Tres dias depois, aos 26 de Outubro, recebia Benjamim Constant na Escola Superior de Guerra, em S. Christovão, onde leccionava, estrondosa manifestação de apreço, em que tomaram parte officiaes do 2.º regimento de artilharia, 1.º e 9.º de cavallaria, bem como os alumnos da citada Escola. Em plena aula, o digno Mestre acolheu os manifestantes com desvanecimento e mal disfarçada emoção. Fizeram-se ouvir diversos oradores.

Em nome dos officiaes do 2.º regimento fallou o 1.º tenente Saturnino Cardoso, pelos officiaes do 1.º e 9.º o capitão Menna Barreto e em nome dos alumnos da Escola o alferes alumno Tasso Fragoso.

Em extremo commovido, respondeu Benjamim a essa manifestação, insistindo sobre o papel dos exercitos na sociedade moderna "cuja marcha progressiva é feita em virtude de leis naturaes, que a nenhum individuo, estadista ou quem quer que seja, será dado obstar, tendendo a Humanidade para uma geral confraternisação no meio dos beneficios da paz".

Affirmou que, quanto á sua pessoa, pertencia á Familia, ao Exercito e á Patria, por quem se sacrificaria; queria ver o Exercito respeitado e respeitador, como garantia da ordem, trabalhando para o engrandecimento da Patria; respeitando os Poderes publicos, desde que estes cumprissem a lei, e reagindo si preciso fosse, na praça publica, contra os desmandos dos governos, fóra da lei, attentorios dos direitos e brios do Exercito.

Tudo quanto se passou nessa reunião foi largamente divulgado pela imprensa no dia seguinte. Inteirado do facto, determinou o Governo que o brigadeiro graduado Antonio José do Amaral, commandante da 2.ª brigada, censurasse a officialidade em ordem do dia. Ao mesmo

tempo, dispensava da direcção da Escola Superior de Guerra o tenente-general barão de Miranda Reis, por não haver reprehendido os alumnos que tomaram parte na manifestação ao Dr. Benjamim Constant.

Tratou o Governo de conhecer mais minuciosamente as circumstancias em que se realisára a manifestação e os nomes dos manifestantes. A tal respeito, o brigadeiro Amaral, em officio reservado ao ajudante general do Exercito, dizia, em certo trecho:

"Os officiaes do 1.° Regimento de cavallaria, sempre ordeiros e disciplinados, porém, com os do 9.°, especialmente o capitão Menna Barreto e o alferes addido Joaquim Ignacio, sempre revolucionarios e exaltados, vão participando da mesma exaltação. Assim convém a retirada immediata desses officiaes".

Cumprindo a ordem do general commandante da brigada, prestaram informações sobre a occorrencia os commandantes interinos dos tres regimentos: major Frederico Solon Sampaio Ribeiro, do 1.° de cavallaria; major João Carlos Lobo Botelho, do 2.° de artilharia; capitão Antonio Carlos Fernandes Leão, do 9.° de cavallaria.

Nos meios civis propicios ao movimento revolucionario, o discurso de Benjamim Constant causou enorme repercussão. Em palestra com o Dr. Almeida Pernambuco, no dia subsequente á manifestação, julgou Lopes Trovão azada a opportunidade de agir, dirigindo-se á procura do Dr. Aristides Lobo, que se achava no escriptorio de Saldanha Marinho, sito á Rua do Rosario.

Travando-se discussão sobre o assumpto de tal relevancia, declarou o Dr. Aristides Lobo que, na sua opinião, só existia um chefe no seio do Exercito de sufficiente prestigio para arcar com a tarefa de proclamar a Republica, — Deodoro da Fonseca.

Ficou, então, resolvido que Lopes Trovão fosse confabular a tal respeito com o chefe do partido, que era Quintino Bocayuva, emquanto Aristides Lobo procuraria entender-se com Benjamim Constant, afim de que esse

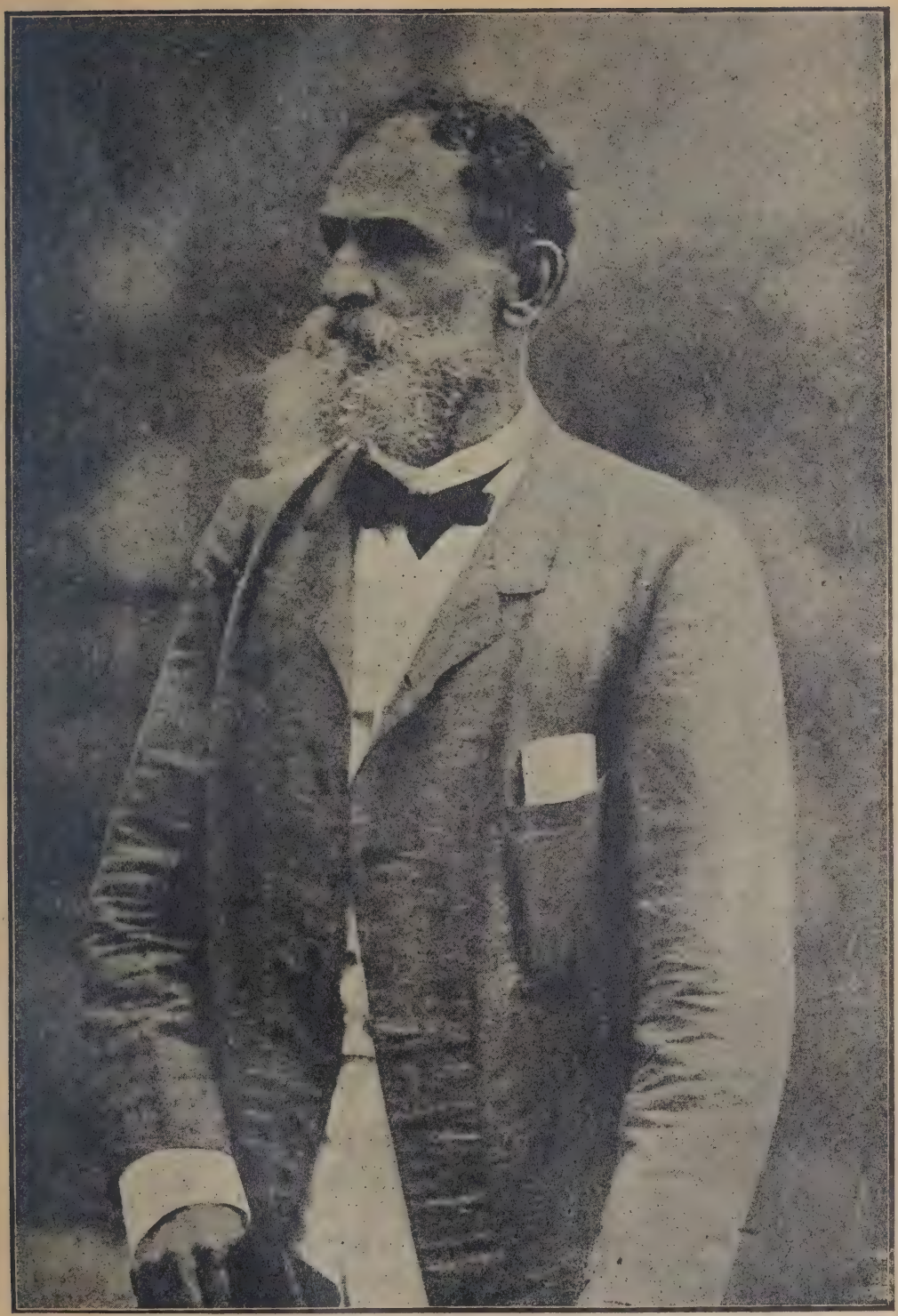
promovesse as necessarias conferencias e entendimentos com o marechal.

Essas resoluções se effectivaram, tendo assim inicio, nessa occasião, a interferencia do elemento civil na conjura que deveria explodir durante a manhã de 15 de Novembro. A bem da verdade historica, de accordo com os documentos mais insuspeitos, é licito affirmar que a iniciativa e todos os passos preliminares da projectada revolução, tiveram lugar nos meios exclusivamente militares. Por certo, muito concorreu o influxo da propaganda republicana, intensificada na imprensa e nos comicios populares, em que por ultimo se destacava, com extraordinario relevo, o intemerato e resoluto Silva Jardim, para o exito do golpe politico premeditado. Faltavam, porém, ao partido republicano, os elementos de força organisada e prestigio do numero, para os fins de uma acção prompta e decisiva, independente da intervenção armada.

Não occultava Quintino Bocayuva a sua opinião sobre o estabelecimento de um 3.° e 4.° reinados no Brasil, se o Exercito não se abalançasse a operar, quasi de surpresa, a mudança do regimem.

*
* *

A esse tempo, com pleno conhecimento e autorisação de Deodoro, estendia-se a propaganda sediciosa pelos corpos da 1.ª brigada, tendo varios officiaes promettido o seu apoio á causa da revolução, que a 2.ª brigada já havia patrocinado. Na Escola Militar da Praia Vermelha, como na Superior de Guerra, affirmava-se de momento a momento a intima convicção de que não estava longe o dia da luta suprema, pelos symptomas de toda sorte claramente percebidos e os graves compromissos prestados em secretos conciliabulos. Tudo se encaminhava para um desenlace, ainda mysterioso.



DEODORO NO PALACIO ITAMARATY — 1890

Não existia, porém, nesses varios nucleos militares, aquiescencia geral e completa para que se pudesse emprehender a manobra, sem perda de tempo, com as mais fortes probabilidades de pleno exito.

Como sempre, em taes casos, diz-nos a psychologia das revoluções, notavam-se á frente os exaltados e impulsivos, aquelles a respeito dos quaes já se disse que sem elles não são viaveis os movimentos subversivos, mas tambem com elles não é possivel governar. Em seguida, o grupo dos ponderados, partidarios convictos, serenos, de poucas palavras e acção efficiente.

Por fim a grande massa amorpha, incolor, dos timoratos, opportunistas, hesitantes, irresolutos, adhesistas e ventoinhas, de ordinario os que mais alto blasonam dos grandes feitos gloriosos, após o triumpho.

Passaram-se os ultimos dias de Outubro e os primeiros de Novembro, em conferencias e preparativos, para conjugar todas as forças disponiveis numa resultante unica, em vista do impulso decisivo, sem delongas, que se fazia mister imprimir á causa revolucionaria. Quer em torno dos chefes militares, que assumiam as responsabilidades do commando, quer junto aos elementos civis da propaganda radical, já inteirados da marcha dos acontecimentos, delineavam-se planos, firmavam-se ajustes, promoviam-se accordos, sondavam-se os animos, na previsão de todos os obices que naturalmente se opporiam á acção dos conjurados.

Deodoro, com a saude compromettida, continuava recluso em sua residencia.

No dia 30 de Outubro, recebeu a visita de um pequeno grupo de officiaes, entre os quaes se encontravam o capitão Menna Barreto e o alferes-alumno Tasso Fragoso.

Da conversação entabolada, resultou para os visitantes a certeza de que poderiam proseguir no projectado emprehendimento, á vista das demonstrações de aquiescencia que receberam do marechal.

Foi por essa época que se pronunciou o concurso de um official, sobre o qual pairavam duvidas, o major Frederico Solon Sampaio Ribeiro, depois activo e prestante nas mais difficeis emergencias.

A sessão do Club Militar, solicitada para se tratar do incidente na guarda do Thesouro, fôra adiada, conforme vimos, por não julgal-a Deodoro conveniente naquelle momento.

Por fim, no dia 9 de Novembro, quando se realisava o sumptuoso baile da Ilha Fiscal, em homenagem aos chilenos, reuniram-se os socios do Club Militar, em concorrida sessão de Assembléa Geral, sob a presidencia do Dr. Benjamin Constant. Desde o dia 3 ficára resolvida a convocação.

Nessa memoravel sessão, que assignala um ponto capital na génese dos successos daquelle periodo atormentado, assume Benjamin, expontaneamente, o solemne compromisso de solucionar, de modo digno e definitivo, dentro do praso maximo de oito dias, a grave crise que assoberbava a classe militar e o paiz.

As palavras do reputado Mestre são acolhidas com viva satisfação pela assistencia, que vibrou, unanime, por entre palmas e calorosos applausos. Depois de se fazerem ouvir alguns oradores, em breves considerações sobre o assumpto, volve Benjamin a reiterar, com a maxima firmeza e segurança, as declarações anteriôres. Suspensa a sessão, foi lavrada a respectiva acta, que mais tarde teve larga divulgação.

Depois dessa reunião, que não deixava a menor duvida sobre os intuitos radicaes da revolução, teve inicio uma nova phase, a culminante, caracterisada por actos peremptorios, decisões rapidas, entendimentos categoricos, pactos solemnes, entrelaçando todas as vontades e energias para o supremo combate.

Logo no dia seguinte, 10 de Novembro, entende-se o Dr. Benjamin Constant com o marechal Deodoro, na residencia deste, ficando assentada a perfeita conformida-

de de idéas entre os dois preclaros chefes, para os fins de uma completa transformação de nosso regimem politico, consoante a formula republicana.

Os naturaes escrupulos do nobre soldado, educado na rigida escola da disciplina e da obediencia ás autoridades constituidas, iam se dissipando aos poucos. Despia-se dos velhos preconceitos que forravam a sua alma de puritano, para integrar-se na avassaladora corrente das novas idéas. Na sua idade, na sua posição, quasi pinaculo da carreira, sem ambições, não havia de ser facil romper, de um momento para outro, com um passado opulento de relevantes serviços ás instituições e á patria. Pezava as responsabilidades, media as consequencias, pois não era um impulsivo, desses nevropathas allucinados, cujos exemplares se encontram em certos caudilhos hispano-americanos. Seria incapaz de comprometter a sua classe em aventuras equivocas, mas tambem estava prompto para defender-lhe os brios offendidos, os direitos espesinhados pela inconsequencia dos partidos politicos, torpidos e esgotados.

Além disso, preoccupava-o a sorte do velho monarcha, acabrunhado por insidiosa enfermidade, sem forças para aparar o golpe prestes a ser desferido contra o throno em que durante meio seculo se assentára, como numa curul democratica.

Havia sido sempre monarchista, segundo confessava, embora desgostoso e pouco satisfeito nos ultimos tempos. Convencera-se, por fim, não haver mais salvação possivel para a Patria e para o Exercito, com as instituições que ahi estavam, irremissivelmente condemnadas a fatal decadencia.

"E demais, — dizia elle em expansão intima ao tenente-coronel Jacques Ourique, — a Republica virá com sangue se não formos ao seu encontro sem derramal-o".

Approximava-se, pois, o momento de concertar as medidas definitivas, tendo em vista a organização do novo governo, que dentro em breves dias deveria substituir ra-

dicalmente o antigo. Para isso, foi aprazada uma reunião na residencia do marechal, devendo a ella comparecer alguns representantes mais classificados das novas idéas no elemento civil.

Com effeito, no dia 11 de Novembro, effectuou-se essa reunião, a ella comparecendo Quintino Bocayuva, Aristides Lobo, Ruy Barbosa, Francisco Glycerio, Benjamin Constant e o major Solon.

Após a permuta de algumas idéas, foi adoptado definitivamente, com inteiro assentimento do marechal, o plano geral da insurreição republicana.

Accordaram todos em conferir a Benjamin amplos poderes para dirigir o movimento, de modo que a explosão se désse no dia 16, quando da conferencia dos Ministros com o Imperador.

Deodoro se conservaria em diligente espectativa, conforme lhe permittissem as alternativas do seu estado de saude.

Affirma o tenente-coronel Jacques Ourique, em sua narrativa, publicada no "Jornal do Commercio" de 4 de Janeiro de 1890, que "o marechal Deodoro no dia 13 mandou chamar o Ajudante General do Exercito, marechal de campo Floriano Peixoto, e confiou á sua lealdade a posição em que se achava o Exercito. Tendo ponderado o general Floriano Peixoto que, a seu vêr, os actos do governo não autorisavam ainda semelhante extremo, que talvez fosse preferivel fazer uma ultima tentativa junto ao gabinete, o marechal Deodoro declarou categoricamente ao seu velho amigo que o movimento era irrevogavel, e que elle já se achava á frente de seus companheiros".

O proeminente papel representado por Benjamin Constant na organisação do movimento, a par de Deodoro, já é do dominio da Historia.

Tratando-se dos factos que conduziram á proclamação da Republica, não é possivel fallar num sem fallar no outro.

MARECHAL MANOEL DEODORO DA FONSECA — 1889

Como o estado de saude do marechal continuasse precario, coube a Benjamin encaminhar a serie de providencias e medidas para o exito final da projectada insurreição.

"Deodoro era, de facto, o general mais popular e então de maior prestigio no Exercito, — escreve um contemporaneo, — e Benjamin, por sua vez, era o idolo da mocidade, principalmente da militar, tendo espalhados por todos os corpos e por toda parte antigos discipulos, para os quaes o seu nome aureolado representava um oraculo sagrado".

Para se aquilatar da importancia que adquirio o papel de Benjamin na revolução, é sufficiente observar que a maioria ou quasi totalidade dos compromissos e pactos de sangue, dos corpos como das Escolas, foram a elle dirigidos.

E' que todos sentiam que elle actuava sob a acção de um impulso superior, de uma predestinação irresistivel, para exercer a gloriosa missão de guia e mentor na grave crise de regeneração de um povo.

Ninguem mais que Deodoro, fazia a devida justiça aos excelsos predicados do seu grande irmão de armas, na defesa da causa nacional, em que ambos empenharam a vida, a saude, o renome e as mais sobrehumanas energias.

No momento critico do maior perigo, nenhuma discrepancia separou essas duas almas heroicas, que unidas gravitaram, com igual intensidade, para o pólo ideal da regeneração patria.

*
* *

Numa época de tão graves apprehensões, como a que atravessava o paiz, é natural que fervilhassem os mais insistentes e desencontrados boatos. Ao governo não passava despercebido o movimento que se operava, na ap-

parente calmaria reinante, não obstante o sigillo guardado pelos conjurados afim de evitar o malogro da insurreição. Varios ministros haviam recebido cartas anonymas denunciando a conspiração, sem todavia precisar pormenores.

A presciencia de um provavel levante militar acudia a certos espiritos, nos meios officiaes, que, aliás, não comprehenderam logo o que havia de melindroso na situação, aggravada pelo proprio governo, em virtude da falta de tino conciliador. Já se havia pensado nas medidas urgentes destinadas a conjurar o perigo, que se accentuava a todo instante. Propalava-se que o governo decidira a transferencia de certos corpos suspeitos, notadamente o 1.º e 9.º de cavallaria e 2.º regimento de artilharia, todos da 2.ª brigada. Verdade ou balela, corria.

No dia 12, reassumiu a pasta da guerra, o visconde de Maracajú, della afastado durante cerca de dois mezes, por enfermo. Comparecera, nesse mesmo dia, á conferencia ministerial realisada na secretaria do Imperio, da qual nada resultara de positivo a respeito das medidas repressivas contra officiaes do Exercito, conforme se assoalhava.

Na verdade, o governo começava a inquietar-se, embora vagamente, sem ter ainda em suas mãos os fios do trama que se entretecia na sombra para o audacioso commettimento, a surpreza do dia 15.

Dia a dia, mais intensa e multiforme se pronunciava a actividade dos conjurados.

Percorriam os quarteis, asseguravam-se da firmeza dos officiaes, entendiam-se com os sargentos e praças, agiam, reservados e enigmaticos, no mysterio das confidencias secretas, arregimentando, emfim, todos os elementos, na concentração dos ultimos instantes.

Alguns officiaes de marinha já se achavam tambem compromettidos na conspiração. Pelo proprio marechal Deodoro, haviam sido indicados ao Dr. Benjamim e ao Almirante Wandenkolk, para incorporal-os ao movimen-

to, os capitães de fragata Frederico Lorena e João Nepomuceno Baptista, bem como o capitão-tenente Garcez Palha.

Sentindo que o seu estado de saude peiorava, o marechal Deodoro resolvera mudar de ares, pelo que se achava no dia 14 em casa de seu irmão Dr. João Severiano, no Andarahy.

A' noite espalhara-se no centro da cidade a noticia de que o ministerio se achava reunido, no empenho de intervir energicamente para subjugar o movimento, tendo mesmo resolvido a prisão immediata de Deodoro. Foi o rastilho que precipitou a deflagração do petardo.

Levado aos quarteis da 2.ª brigada o grito de alarma, comprehenderam todos que não havia tempo a perder, pois de um momento para outro poderiam ser atacados pelas forças do governo.

A maioria dos officiaes compareceu aos seus postos, providenciando para que os 1.º e 9.º de cavallaria e 2.º de artilharia estivessem promptos á primeira voz de marcha. Os alumnos da Escola Superior de Guerra accorreram, do mesmo modo, em sua totalidade, afim de cooperar com os camaradas arregimentados.

A's 10 horas da noite, chegou ao quartel do 1.º regimento o commandante tenente-coronel João da Silva Telles, que declarou achar-se informado de tudo, aconselhando calma e prudencia.

Por sua vez, o Dr. Benjamim Constant, ao anoitecer, dirigio-se á residencia do marechal Deodoro para prevenil-o da marcha dos acontecimentos, que pareciam precipitar o momento da acção decisiva. Recebido pela esposa e uma sobrinha do marechal, avisou-as do que se passava e que era necessario mandar alguem chamal-o, sem perda de tempo. Dessa commissão encarregou-se o capitão Percilio da Fonseca.

Deodoro foi encontrado, já em preparativos para deitar-se. Ao receber o chamado, em nome dos camaradas, sem proferir palavra, vestio-se de novo, e, na companhia

do sobrinho, partio em demanda da residencia, onde chegou pouco depois das dez horas.

O estado de saúde do bravo soldado continuava pouco satisfactorio, porém no olhar brilhava a chamma ardente das resoluções inabalaveis.

Tudo nelle respirava a indomita bravura dos campos de batalha, a epica coragem dos verdadeiros conductores de homens.

Com os officiaes que o cercavam, entre os quaes Benjamim, examinava os meios de acção, concertava planos, expedia ordens.

Infelizmente, os accessos da enfermidade que o atormentava, pareciam querer inutilizar, no momento, os esforços daquella natureza energica e emprehendedora.

Nos quarteis da 2.ª brigada, os corpos mantinham-se em armas, promptos para obedecer á primeira voz de commando. Emissarios foram expedidos ao marechal Deodoro e Dr. Benjamim, ante os rumores de um possivel adiamento.

Uma certa perplexidade não deixou de alarmar os espiritos, pela incerteza do que se passava naquellas horas atribuladas. Noite de vigilia, noite de sobresaltos, de boatos e noticias alarmantes, passada nos quarteis de S. Christovão, na ansia do romper do dia, para que a situação de todo se esclarecesse.

Pela madrugada, ás 5 1|2, mais ou menos, apresenta-se na 2.ª brigada o tenente-coronel Dr. Benjamim Constant, acompanhado pelo 2.º tenente Lauro Muller. Ao saltar do carro, exclama: "Estou entre os meus amigos! Chegou o momento de vêr quem sabe morrer pela Patria".

Dirigindo-se em seguida á secretaria do 1.º regimento, vestio a farda e disse aos presentes:

"Ainda ha dignidade na classe militar".

Informados de que chegára o instante das resoluções supremas, accorreram todos aos seus postos e forma-se

O Generalissimo Deodoro da Fonseca no momento de proclamar a Republica no Brazil

Copia do quadro de H. Bernardelli, gravura de M. Brocos.—Feita no Rio de Janeiro.

a columna de marcha ,sob o commando do tenente-coronel Silva Telles. Em direcção á cidade seguem na ordem seguinte:

1.° Regimento de cavallaria, composto de clavineiros e lanceiros, sob o commando do major Solon; companhia de guerra composta de officiaes alumnos da Escola Superior de Guerra, sob o commando do capitão Vespasiano de Albuquerque; junto a essa companhia achava-se o tenente-coronel Benjamin Constant, tendo a seu lado o 2.° tenente reformado Pedro Paulino da Fonseca, ambos a cavallo; seguia-se o 2.° regimento de artilharia de campanha, com 16 boccas de fogo, commandada pelo major Lobo Botelho; formava a cauda da columna o 9° regimento de cavallaria, commandado pelo capitão Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto.

Pela manhã, cedo, o 2.° tenente Lauro Muller e o alferes alumno Antonio Brasil tinham ido avisar o marechal Deodoro de que as forças revolucionarias já estavam em marcha, não o encontrando, porém, em sua residencia.

Deodoro, movido pela grandeza da causa e a força da solidariedade que o prendia aos companheiros de classe, já havia seguido de carro, no proposito de assumir o commando geral das forças.

Foi encontral-as nas proximidades do Gazometro, do lado da rua Senador Euzebio, sendo logo reconhecido e acclamado calorosamente.

Em seguida, descendo da caleça, montou a cavallo, num esforço admiravel da vontade, á vista da doença que tanto o enfraquecera.

Eram bem de ver, então, o porte marcial do inclyto lidador, o perfil aquilino, o gesto electrisante, firme nos estribos, a attitude intrepida e serena de estar exercendo naquelle momento, de pleno direito, um dos maiores commando, que a Historia do Brasil registra em seus Annaes.

A' frente daquelle pugilo de legionarios do idealismo politico, sonhadores da liberdade, arautos do esforço heroico, Deodoro assumia as proporções de um Cyclope aus-

tero, cimentando com a espada gloriosa os alicerces de uma Patria nova.

Confiante e resoluto, com a alma povoada de sonhos generosos, segue o guerreiro indomavel a via triumphal, para chegar, por fim, ao Capitolio.

Attingido o campo de Sant'Anna, tomam as forças revolucionarias a posição que lhes determina o commandante em chefe, em frente ao Quartel General, onde se achava reunido o Ministerio, sob a presidencia do Visconde de Ouro Preto.

Entre a estação da estrada de Ferro e o Quartel General, formava a força sob o commando do general Almeida Barreto, constituida de Imperiaes Marinheiros e parte do Corpo Militar da Policia. No pateio interno do Quartel General estavam o 7.° batalhão de infantaria, o corpo de marinheiros, força do 1.° batalhão de infantaria, bombeiros e companhias de policia.

Obedecendo ás ordens do chefe revolucionario, o general Almeida Barreto rectifica a sua formatura e toma a posição que lhe é prescripta, de pleno accordo com os intuitos da insurreição.

O apparecimento no campo, do eminente chefe republicano Quintino Bocayuva, a cavallo, despertou vivas demonstrações de intenso jubilo. Era a prova flagrante da perfeita harmonia de vistas entre os chefes militares do movimento e os representantes civis do partido republicano. Alli estava o director espiritual da propaganda, o jornalista emerito, o evangelisador do novo Credo, digno expoente das classes civis, naquella vigilia das armas que ia decidir da sorte de uma dynastia.

Poucos momentos após, é reconhecido o barão de Ladario, ministro da Marinha, que vinha de carro, do Arsenal, afim de reunir-se aos seus collegas de ministerio.

Recebe vóz de prisão, porém resiste, disparando um tiro de pistola contra o tenente Pena. Nessa occasião,

avançou o marechal Deodoro, contra o qual o barão ainda atirou. As balas erraram o alvo, felizmente.

Em resposta, recebe o temerario ministro um ferimento por arma de fogo, sendo recolhido ao palacete Itamaraty, onde lhe dispensaram os primeiros curativos.

A revolução segue a sua marcha victoriosa, por entre os varios incidentes que assignalaram aquelle dia memoravel.

Pouco depois dos nove horas, o marechal Deodoro approxima-se do portão central do Quartel General e, num gesto irresistivel de arrojo e temeridade, por elle penetra no pateo interior, a galope, com o bonnet na mão.

Na fronte obstinada do audacioso libertador, em suas pupillas ardentes, na bocca energica, de labios imperiosos, liam-se as resoluções irrevogaveis de uma vontade pertinaz "posta em defeza de sua nobre classe, anteparando-lhe os melindres com o gesto dominador de leão, e intimidando os governos com a contracção irritada de seu bello perfil de aguia".

Ao vêl-o, nimbado dessa luz estranha do prestigio pessoal, inato, a força alli estacionada para defeza do governo e garantia da autoridade, deixa-se possuir de irreprimivel enthusiasmo, acclamando o seu heroe predilecto.

Não ha delongas nem hesitações; os batalhões e demais contingentes armados obedecem, radiantes, á vóz energica e imperativa de um commando soberano. Marcham, logo após, em demanda do campo, onde vão engrossar as fileiras revolucionarias.

Tudo se encaminha para o almejado desenlace, já agora no luminoso prenuncio de um proximo triumpho, absoluto e esmagador.

Deodoro, enfeixando em suas mãos a grande somma de autoridade que, á de sua propria pessoa, accrescera a adhesão unanime dos companheiros de classe, dirige-se para o pavimento superior do Quartel General, onde se achava reunido o ministerio.

Diversos officiaes, entre elles Benjamin, o acompanham nessa ascenção, que iria levar o nobre soldado aos actos peremptorios de deposição do gabinete, simples preludio da proclamação da Republica.

Impressionantes minutos, esses, em que se defrontam aquellas duas personalidades de maximo relevo em tão grave emergencia, — o marechal Deodoro da Fonseca e o visconde de Ouro Preto.

O primeiro, general de insuperavel prestigio no seio do Exercito, era o chefe supremo daquelle movimento de radical transmutação politica, destinado a completar a obra da independencia, emancipar a patria dos archaicos moldes coloniaes e integrar o Brasil na grande familia republicana da livre America. Trazia pendente dos labios um "ultimatum" inappelavel. E'co poderoso das antigas reivindicações, em que se distinguiam os martyres e precursores da causa nacional, a sua vóz tinha sonoridades bellicas, evocadoras, vingativas, galvanizando os corações numa suggestão hypnotica de glorias triumphaes.

O outro, guardando a serena compostura de quem procurára cumprir o seu dever até o fim, altivo e orgulhoso, via escapar das mãos os derradeiros vestigios de uma autoridade ha muito periclitante. Procura, antes, expedir ordens, appella para os chefes que o cercam, intima o titular da Guerra a organisar o ataque aos rebeldes, lembra ao ajudante-general providencias que julga exequiveis, consulta varios generaes, como Rio Apa e Almeida Barreto, ouve todos os ministros em ultima conferencia, convencendo-se, por fim, de que a partida estava irremediavelmente perdida.

Declara, então, ao chefe victorioso, que fica sciente do resolvido a seu respeito e, na impossibilidade absoluta de resistir, submette-se á força.

Quando Deodoro volve de novo a occupar sua posição á frente das forças, já era notavel a agglomeração de povo no campo. As acclamações atroam os ares, soam vivas a Deodoro e á Republica, a artilharia saúda com

uma salva de vinte e um tiros a aurora do novo regimen, sonho dos antepassados, que a espada gloriosa de um general insigne acabava de realisar.

Por entre os rumores e manifestações de applauso que se multiplicavam, de momento a momento, o heroico soldado procura conservar uma certa circumspecção, de quem media com justo criterio todas as responsabilidades que lhe estavam pesando sobre os hombros.

Clarividente e ponderado, aguardava que a grande massa popular désse largas ás suas expansões em pról da Republica, para não parecer que esta surgia como uma simples imposição da força armada.

A sua propria opinião, decisiva e explicita, as suas iniciativas ostensivas, todas as revelações decorrentes de seus actos e palavras naquelle dia assignalado, demonstram o firme proposito em que se achava de proclamar a Republica. Já estava organisado, desde o dia 11, o novo governo, após acceita a preliminar de ser adoptada a formula republicana, com inteira aquiescencia e animo resoluto do marechal Deodoro.

Acima de todas as considerações particulares, havia collocado os supremos interesses da nacionalidade e da patria, que exigiam aquelle rompimento definitivo com o passado, o repudio de absoletos compromissos, para se instituir de vez uma nova éra de prosperidade, grandeza e harmonia continental.

Crenças monarchicas, sympathias pessoaes pela dynastia, apêgo aos preceitos disciplinares de sua classe, receio das aventuras equivocas e pronunciamentos prematuros, perspectiva dos dias tranquillos em que se escoava a sua senectude enfermiça, tudo sacrificára nas aras de um patriotismo exhuberante, emprestando o braço forte á magna conquista liberal do novo regimem politico.

Heróe de epopéa, na regeneração de um povo, sem elle, sem a sua mascula attitude, sem o seu gladio affirmativo e justiceiro, não se comprehendem os clamores da victoria naquella refulgente manhã de Novembro.

Proclamada a Republica, por actos de indiscutivel evidencia, entre manifestações de enthusiasmo ardor, toda a força, formada em columna de marcha, sob o commando do invicto marechal, desfila em direcção ao Arsenal de Marinha.

A esse tempo, a Escola Militar da Praia Vermelha e o 10.° batalhão de infantaria já se haviam incorporado ás forças revolucionarias.

Junto ao Arsenal, recebem as forças vóz de alto, e a uma interrogação do almirante barão de Santa Martha, que se achava no portão, responde Deodoro: "Venho trazer os seus marinheiros que acabam de coadjuvar-me na salvação da Patria".

*
* *

Organisado o Governo Provisorio da Republica, tendo como chefe o marechal Deodoro da Fonseca, appareceram os seus primeiros actos, dando contas á nação de como se lhe haviam orientado os novos destinos.

Como peças historicas, de caracter fundamental, para aqui trasnladamos a proclamação e o **Decreto numero 1,** de 15 de Novembro de 1889.

Proclamação: — "Concidadãos: O Povo, o Exercitc e a Armada Nacional, em perfeita communhão de sentimentos com os nossos concidadãos residentes nas provincias, acabam de decretar a deposição da dynastia imperial e consequentemente a extincção do systema monarchico representativo. Como resultado immediato desta revolução nacional de caracter essencialmente patriotico, acaba de ser instituido um governo provisorio, cuja principal missão é garantir com a ordem publica a liberdade e os direitos do cidadão. Para comporem este governo emquanto a nação soberana, pelos seus orgãos competentes, não proceder á escolha do governo definitivo, foram nomeados pelo Chefe do Poder Executivo os ci-

dadãos abaixo assignados. O governo provisorio, simples agente temporario da soberania nacional, é o governo da paz, da fraternidade e da ordem. No uso das attribuições e faculdades extraordinarias de que se acha investido para a defeza da integridade da Patria e da ordem publica, o governo provisorio por todos os meios ao seu alcance promette e garante a todos os habitantes do Brasil, nacionaes e estrangeiros, a segurança da vida e da propriedade, o respeito aos direitos individuaes e politicos, salvas, quanto a estes, as limitações exigidas pelo bem da Patria e pela legitima defeza do governo proclamado pelo Povo, pelo Exercito e pela Armada Nacional.

"As funcções da justiça ordinaria, bem como as funcções da administração civil e militar ,continuarão a ser exercidas pelos orgãos até aqui existentes, com relação ás pessoas, respeitadas as vantagens e os direitos adquiridos por cada funccionario. Fica, porém, abolida desde já a vitaliciedade do Senado e bem assim o conselho de Estado. Fica dissolvida a Camara dos Deputados.

"Concidadãos: O governo provisorio reconhece e acata os compromissos nacionaes contrahidos durante o regimem anterior, os tratados subsistentes com as potencias estrangeiras, as dividas publicas externa e interna, contractos vigentes e mais obrigações legalmente estatuidas. — Merechal **Manoel Deodoro da Fonseca,** chefe do governo provisorio. — **Aristides da Silveira Lobo,** ministro do interior. — Tenente-coronel **Benjamin Constant Botelho de Magalhães,** ministro da Guerra. — Chefe de esquadra **Eduardo Wandenkolk,** ministro da Marinha. — **Quintino Bocayuva,** ministro das Relações Exteriores e interinamente da Agricultura, Commercio e Obras Publicas".

"Decreto N.° 1 — de 15 de Novembro de 1889.

O Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil decreta:

Art. 1.° — Fica proclamada provisoriamente e decre-

tada como fórma de governo na nação brasileira — a Republica Federativa.

Art. 2.° — As provincias do Brasil, reunidas pelos laços da federação, ficam constituindo os Estados Unidos do Brasil.

Art. 3.° — Cada um desses Estados, no exercicio de sua legitima soberania, decretarão opportunamente a sua constituição definitiva, elegendo os seus corpos deliberantes e os seus governos.

Art. 4.° — Emquanto, pelos meios regulares, não se proceder á eleição do Congresso Constituinte do Brasil, e bem assim á eleição das legislaturas de cada um dos Estados, será regida a nação brasileira pelo Governo Provisorio da Republica, e os novos Estados pelos Governos que hajam proclamado, ou na falta destes, por governadores delegados do Governo Provisorio.

Art. 5.° — Os governos dos Estados fedrados adoptarão com urgencia todas as providencias necessarias para a manutenção da ordem e da segurança publica, defeza e garantia da liberdade e dos direitos dos cidadãos, quer nacionaes, quer estrangeiros.

Art. 6.° — Em qualquer dos Estados, onde a ordem publica fôr perturbada e onde faltem ao governo local meios efficazes para reprimir as desordens e assegurar a paz e a tranquillidade publicas, effectuará o Governo Provisorio a intervenção necessaria para, com o apoio da força publica, assegurar o livre exercicio dos direitos dos cidadãos e a livre acção das autoridades constituidas.

Art. 7.° — Sendo a Republica Federativa Brasileira a fórma de governo proclamada, o Governo Provisorio não reconhecerá nenhum outro governo local contrario á fórma republicana, aguardando, como lhe cumpre, o pronunciamento definitivo da nação, livremente expressado pelo suffragio popular.

Art. 8.° — A força publica regular, representada pelas tres armas do Exercito e pela Armada nacional, de que existam guarnições ou contingentes nas diversas pro-

Escola Superior de Guerra
S. CHRISTOVÃO

vincias, continuará subordinada e exclusivamente dependente do Governo Provisorio da Republica, podendo os governos locaes, pelos meios ao seu alcance, decretar a organisação de uma guarda civica, destinada ao policiamento do territorio de cada um dos Estados.

Art. 9.° — Ficam igualmente subordinadas ao Governo Provisorio da Republica todas as repartições civis e militares até aqui subordinadas ao Governo Central da nação brasileira.

Art. 10.° — O territorio do municipio neutro fica provisoriamente sob a administração do Governo Provisorio da Republica e a cidade do Rio de Janeiro constituida, tambem provisoriamente, séde do poder federal.

Art. 11.° — Ficam encarregados da execução deste, na parte que a cada um pertença, os secretarios de Estado das diversas repartições dos ministerios do actual Governo Provisorio".

No dia 16 de Novembro era dirigida ao monarcha desthronado D. Pedro II, a seguinte mensagem:

"Senhor: os sentimentos democraticos da nação, ha muito tempo preparados, mas despertados agora pela mais nobre reacção do caracter nacional contra o systema de violação, de corrupção, de subversão de todas as leis, exercido em um gráo incomparavel pelo ministerio 7 de Junho; a politica systematica de attentados do governo imperial, nestes ultimos tempos, contra o exercito e a armada, politica odiosa á nação, e profundamente repellida por ella; o esbulho dos direitos dessas duas classes que em todas as épocas têm sido, entre nós, a defeza da ordem, da Constituição, da liberdade e da honra da patria; a intenção, manifesta nos actos dos vossos ministros, e confessada na sua imprensa, de dissolvel-as e aniquilal-as, substituindo-as por elementos de compressão official, que foram sempre, entre nós, objecto de horror para a democracia liberal, determinaram os acontecimentos de hontem, cujas circumstancias conheceis, e cujo caracter decisivo certamente podeis avaliar. Em face desta

situação, peza-nos dizer-vol-o, e não o fazemos senão em cumprimento do mais custoso dos deveres, a presença da familia imperial no paiz, ante a nova situação que lhe creou a revolução irrevogavel do dia 15, seria absurda, impossivel e provocadora de desgostos, que a salvação publica impõe a necesidade de evitar.

"Obedecendo, pois, ás exigencias urgentes do voto nacional, com todo o respeito devido á dignidade das funcções publicas que acabaes de exercer, somos forçados a notificar-vos que o governo provisorio espera do vosso patriotismo o sacrificio de deixardes o territorio brasileiro, com a vossa familia, no mais breve tempo possivel. Para esse fim se vos estabelece o prazo maximo de 24 horas, que contamos não tentareis exceder. O transporte vosso e dos vossos para um porto da Europa correrá por conta do Estado, proporcionando-vos para isso o Governo provisorio um navio com a guarnição militar precisa, effectuando-se o embarque com a mais absoluta segurança de vossa pessoa e de toda vossa familia, cuja commodidade e saude serão zeladas com o maior desvelo na travessia, continuando-se a contar-vos a dotação que a lei vos assegura, até que sobre esse ponto se pronuncie a proxima Assembléa Constituinte. Estão dadas todas as ordens afim de que se cumpra esta deliberação. O paiz conta que sabereis imitar, na submissão aos seus desejos, o exemplo do primeiro imperador, em 7 de Abril de 1831. — **Manoel Deodoro da Fonseca**".

Pela madrugada do dia 18 de Novembro, levantava ferros da Ilha Grande o paquete "Alagôas", conduzindo para o exilio o imperador e toda a familia imperial, como consequencia da revolução victoriosa que instituio a Republica.

Foram empregados, da parte do novo governo, todos os meios para não aviltar ou humilhar o monarcha deposto, grande e digno brasileiro. O que sempre se combateu nelle, em nome dos principios e das idéas, foi a dynastia, incompativel com os destinos da livre America,

respeitando-se, porém, o imperante e, sobretudo, o compatriota.

Não seria de esperar outra cousa do marechal Deodoro, de seu coração compassivo e magnanimo, do elevado espirito de justiça que animava todos os seus actos. Secundado nesse empenho por todos os auxiliares do novo governo, pelos mais ardorosos e exaltados revolucionarios, como pelos adhesistas de ultima hora, conseguiu o eminente chefe manter a ordem, a calma e esse caracter de benignidade que fez da revolução brasileira um movimento unico na historia do mundo inteiro.

As violencias e ferozes vindictas, as perseguições e excessos sanguinarios, as coleras desbordantes das turbas em delirio, não macularam a revolução brasileira, não comprometteram os nossos fóros de povo civilisado, graças, em grande parte, ao prestigio, aos elevados dotes moraes do judicioso e incomparavel Deodoro.

Todos aquelles horrores, que em tantas nações da Europa e da America caracterisam as revoluções politicas, em diversas épocas, foram evitadas em nossa patria, pela opportunidade do movimento e civismo dos elementos dirigentes.

Assim o reconheceu e proclamou a grande maioria dos mais notaveis homens publicos da extincta monarchia, cuja adhesão á nova ordem de cousas tornou patente o fragil apêgo que dispensavam ao throno.

Principalmente, aquelles antigos estadistas, liberaes ou conservadores, que tinham sufficiente criterio para não se julgarem servos do rei e sim servidores da nação, não occultavam a sua franca opinião de plena aquiescencia á obra revolucionaria de 15 de Novembro.

Ao Dr. Almeida Nogueira escrevia, poucos dias depois, o conselheiro Paulino de Souza uma carta em que, entre outras cousas, affirmava:

"Não ha quem possa contestar que está de vez firmada no Brasil a fórma de governo republicana: a transformação se fez sem regresso possivel; o que importa

hoje é a reorganisação politica da nação, como a esta aprouver em sua soberania".

Em telegramma transmittido da Bahia ao Dr. Ulysses Vianna, aos 20 de Novembro, assim se exprimia o conselheiro José Antonio Saraiva:

"A Republica é um facto consummado. Devemos adoptál-a e servil-a lealmente. A imprensa deve dedicar-se a obter a ordem e a liberdade".

Roborava este asserto o conselheiro Duarte de Azevedo, escrevendo: "Em vista da refórma, definitivamente realisada, das instituições fundamentaes, e do gravissimo inconveniente de promover-se a restauração da monarchia no Brasil, devemos, pelas mais imperiosas exigencias do patriotismo, aceitar o facto consummado e empenhar-nos em vêl-o robustecido e aperfeiçoado pelo acto da soberania nacional".

O ex-presidente do conselho Manoel de Souza Dantas se pronunciava da seguinte fórma:

"Chegadas as cousas ao ponto em que as vemos, é minha convicção que o patriotismo nos aconselha a todos — que nos conformemos ao regimem de facto estabelecido no paiz e que lealmente o auxiliemos na direcção mais util á paz interior e á união nacional".

....

"Qualquer idéa de restauração monarchica seria chimerica; razão demais, portanto, para evitar o governo provisorio a minima demora na reunião da constituinte e para entregar á sua decisão soberana a constituição do paiz pela organisação dos poderes nacionaes no sentido que os representantes do povo mais conveniente julgarem aos interesses da republica e á sua consolidação".

Do mesmo modo, affirmativo e categorico, nos seguintes termos exarava o seu modo de ver o ex-senador Manoel Francisco Corrêa, que tão relevantes beneficios prestára á instrucção publica:

"Tenho para mim que, nas presentes circumstancias do Brasil, não aproveitará á causa publica a restauração monarchica; é consequencia: que nós, brasileiros, temos que conformar-nos com o actual estado de cousas. Na pacifica annuencia que por toda parte se nota não vejo acto de pusilanimidade; seria dar ao caracter nacional feição repugnante... Essa annuencia exprime a esperança de que o regimem republicano não será desfavoravel ao engrandecimento da patria, que assenta na integridade nacional; e esta reclama a reunião, no mais curto prazo que fôr possivel, de uma assembléa constituinte, por meio da qual a nação manifeste a sua vontade quanto á organisação definitiva da republica".

Muitos outros proceres monarchistas, embora guardando no momento cauteloso e pudico silencio, mais tarde prestaram ao paiz, em plena pujança das normas republicanas, culminantes serviços, como bons brasileiros, que sempre foram.

*
* *

Normalisado o governo provisorio, deu-se logo inicio ao mais proveitoso labor que era licito esperar da criteriosa orientação e boa vontade dos homens collocados á testa da administração publica. As grandes reformas realisadas, em virtude da excepcional autoridade de que se achava investido, constituirão eterno padrão de gloria para o marechal Deodoro e seus dignos companheiros de faina remodeladora, os ministros do governo provisorio.

De indiscutivel alcance politico e social foram, sem duvida alguma, as opportunas disposições de lei decretadas na vigencia desse governo e mais tarde approvadas pelo Congresso Constituinte.

Traduzindo real e verdadeiro progresso, salientaram-se os decretos relativos á grande naturalisação, casamento civil, separação da Igreja do Estado, divisão e demar-

cação das terras particulares, abolição da pena de galés, creação de serviços novos em varios departamentos da administração publica, etc. Lamenta consciencioso historiador, que não se tivesse aproveitado o ensejo para fixar os limites entre os Estados, principalmente entre aquelles que traziam litigios antigos.

Na minuciosa e documentada exposição apresentada ao Chefe do governo provisorio, o ministro da fazenda, Dr. Ruy Barbosa, punha a nú o estado em que a monarchia deixára as finanças do paiz. Alludindo aos processos empregados para manter a prosperidade financeira, nos ultimos annos do segundo reinado, mostra como a febre do agio, o delirio das especulações da Bolsa, o jogo, emfim, constituiam o principio gerador desse movimento em que o derradeiro gabinete da monarchia exultava, e punha o futuro de seus planos, vãos e aleatorios, como a base onde assentavam. Quanto á alta do cambio, excedendo os limites do padrão monetario, librando-se acima do par, affirmava o citado ministro haver sido ella necessariamente anomala, transitoria, insustentavel, desde que não se firmava na expansão economica do paiz, mas nas operações momentaneas do mercado e no jogo ephemero dos recursos de praça utilisados pelos agentes officiaes.

A respeito da somma do debito nacional, que nos havia deixado em herança a monarchia, alinhava o secretario da fazenda os respectivos algarismos, concluindo montar a dita somma a mais de um milhão de contos de réis, o que exigia a superposição de sete orçamentos para vencer a altura desses compromissos.

"Vem esta lição a ponto, — adduzia o eloquente relator do balanço financeiro, — para servir de advertencia á republica nascente, e com especialidade aos seus fundadores, cujo exemplo não póde deixar de influir no typo dos nossos futuros costumes afim de que saibamos evitar esse escolho da prodigalidade, que tão profunda e fatal attracção parece exercer, em nossos tempos, sobre a politica das democracias".

Era fatal que ao governo provisorio se antolhassem graves embaraços e serias difficuldades no exercicio de sua ardua missão. As exigencias de uma situação nova, ainda não sufficientemente comprehendida que o advento da republica creára, viam-se aggravadas pelo açodamento dos interesses, pelas hostilidades ao governo, da parte de certa imprensa reaccionaria, e, ao mesmo tempo, por falta de inteira harmonia de vistas entre os occasionaes dirigentes da politica nacional.

No dia 15 de Janeiro de 1890, realisou-se uma manifestação popular ao chefe do governo provisorio, em frente ao palacio Itamaraty, sendo Deodoro acclamado generalissimo das forças de terra e mar, por proposta do major Serzedello Corrêa. Na mesma occasião foram investidos, por igual fórma, nos postos de general de brigada e vice-almirante, respectivamente, os ministros da guerra e da marinha, Benjamin Constant e Eduardo Wandenkolk.

Prestigiado pelo consenso de seus concidadãos e companheiros de classe, detendo em suas mãos grande somma de poder, empregado nos melhores desejos de acertar, pugnando pela manutenção da ordem, respeito ás autoridades, acatamento ao poder constituido, sente, entretanto, o generalissimo, todas as afflicções de um governo atribulado, na phase de transição que o paiz atravessava, após a crise revolucionaria.

O nobre e generoso soldado, por entre os tropeços do exercicio de suas escabrosas funcções, sentia subir de ponto a mal contida irritação contra os abusos e excessos da imprensa opposicionista.

Partidario convicto da liberdade de manifestação do pensamento, julgava, todavia, ser necessario aos que o atacavam guardar certo decoro, e não ultrapassar os limites das conveniencias sociaes.

Propugnava, em consequencia, pela adopção de medidas repressivas contra as exorbitancias dos jornaes, cuja

linguagem inconveniente era tão prejudicial ao socego publico e á livre acção do governo.

Os seus desgostos e atribulações chegam um dia ao extremo de querer entregar os poderes de chefe do governo provisorio ao Dr. Ruy Barbosa.

Entre Deodoro e Benjamin accentuavam-se tambem as divergencias, sobretudo a proposito de assumptos concernentes á pasta da guerra.

Com intuitos apaziguadores, foi adoptado o alvitre de transferir o Dr. Benjamin Constant para a pasta da instrucção publica, correios e telegraphos, recencreada, entrando para a guerra o general Floriano Peixoto.

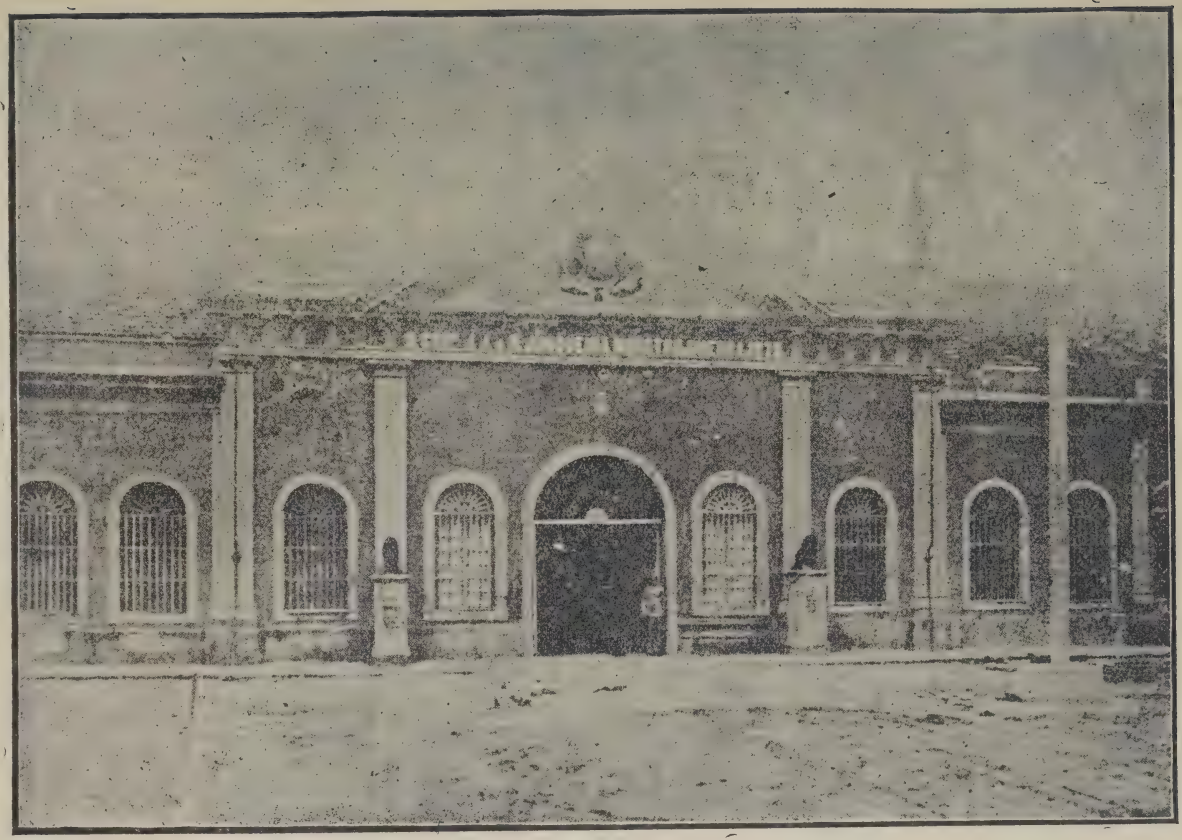
A crise, porém, persiste ,e o attrito mais serio entre Deodoro e os seus ministros se pronuncia, no correr do mez de Junho, por motivo dos projectos relativos ás barras do Rio Grande do Norte, de Sergipe, do Rio Grande do Sul, do Porto das Torres, neste ultimo Estado, e do saneamento da cidade do Rio de Janeiro.

Ao mesmo tempo, Deodoro continúa a deplorar os abusos da imprensa mal orientada, que chega a ponto de estimular a indisciplina e rivalidade nas classes armadas.

A situação complicou-se, no correr do mez de Novembro de 1890, devido ao assalto e empastellamento da typographia onde se imprimia a "Tribuna", orgão monarchista, transformação apparente da "Tribuna Liberal", do Visconde de Ouro Preto. O facto produzio grande sensação e o ministerio chegou a apresentar pedido de demissão collectivo, que Deodoro recusou.

Lamentando o chefe do governo provisorio que se procurasse transformar um facto policial em questão politica, declara "que não concede a demissão ao ministerio porque este tem de dar conta dos seus actos ao paiz".

Porém, apenas adiada foi essa solução ás difficuldades de accordo, pois surgem, logo no começo do anno seguinte, divergencias mais irreductiveis entre Deodoro e



1.º Regimento de Cavallaria — S. Christovão

seus ministros, a proposito ainda das concessões do Porto das Torres e das obras hydraulicas do Rio de Janeiro.

Insistindo o generalissimo no seu ponto de vista favoravel a essas medidas, cujo caracter urgente preconisava, contra a opinião unanime do ministerio, tornou-se impossivel dilatar por mais tempo a explosão da crise.

A esse tempo, achava-se reunido o Congresso Constituinte, que já approvára em primeiro turno o projecto da Constituição republicana.

Julgaram os ministros azada a opportunidade, e, no dia 20 de Janeiro de 1891, resolveram apresentar a renuncia collectiva do gabinete, que ao chefe do governo provisorio já não ficava bem recusar.

Por traz dos pretextos invocados mais de uma vez, vislumbravam-se os manejos de uma opposição desenfreada, lançando mão de processos nem sempre leaes, para expor Deodoro a todos os transes da malquerença nacional.

A tal proposito, escreve autorisado publicista:

"Si culpado era o dictador por se deixar arrastar pelo coração teimando em conceder injustificavel favor a um amigo, não menos criminosos se haviam tornado aquelles que, ao seu lado, distribuiam centenas de concessões semelhantes, afogando, logo no berço, a Republica nesse regimen desgraçado das largas derramas de papel-moeda e das maios odiosas e inqualificaveis indemnisações".

Ao ministerio demissionario, succedera o gabinete organisado pelo barão de Lucena.

*
* *

Solemnemente promulgada a Constituição, aos 24 de Fevereiro de 1891, tratou-se de proceder á eleição do presidente da Republica. O marechal Deodoro estava naturalmente indicado para exercer essa suprema magistratu-

ra, no primeiro periodo de vida constitucional em que entrava o paiz.

Ninguem, mais do que elle, fizera jús á conquista desse alto posto, como reconhecimento dos inexcediveis serviços prestados á genese da era republicana no Brasil.

Anteriormente, em sessão realisada no Club Militar, no dia 9 de Novembro de 1890, Benjamin Constant, em discurso que então proferio, já havia recommendado a candidatura do marechal Deodoro, nos seguintes termos:

"Acho que deve ser elle o futuro presidente da Republica Brasileira. Si pudesse enfeixar na mão todos os votos do Congresso, dal-os-ia ao general Deodoro. Conheço-o bem e fallo com convicção. Si não fôr elle o eleito, temo que se vá ensanguentar o sólo da Patria, e sinto-me capaz de tudo sacrificar para que tal facto não se realise".

Infelizmente, o beneficio influxo que Benjamin poderia ainda exercer sobre a marcha dos acontecimentos, suspendera-se de modo brusco e pungente, com o fallecimento, aos 22 de Janeiro de 1891, do grande patriota, insigne propulsor da transformação de nosso regimen politico e um dos primaciaes agentes das profundas reformas sociaes realisadas pelo governo provisorio.

Correm os dias, agora anuviados e prenhes de alarmantes presagios concernentes ao futuro da Republica.

Contra Deodoro existia uma densa athmosphera de animosidades e desconfianças, que dera em resultado a formação de uma corrente adversa, gyrando em torno da candidatura de Floriano Peixoto.

A opposição entre esses dois homens de grande merecimento e real prestigio no seio da classe, fomentada pelos politicos e forjadores de uma campanha ingrata, deu origem a um estado de cousas lamentavel, sob todos os pontos de vista.

Por entre as tortuosidades de uma politica subterranea, fallava-se tambem na possibilidade de um candidato civil á presidencia, que nesse caso seria Prudente de Moraes.

Finalmente, após confabulações e entendimentos nas rodas influentes, correram os tramites eleitoraes no Congresso, sendo eleitos presidente o marechal Deodoro e vice-presidente Floriano Peixoto.

Desde o acto da posse, ficou patente o antagonismo, com tendencia a aggravar-se, entre o Congresso e o Presidente, de modo o despertar nos espiritos previdentes uma dolorosa espectativa de graves acontecimentos.

A recepção de Deodoro, ao penetrar no recinto da Assembléa, fôra pouco animadora, resentindo-se de certa frieza, ao passo que Floriano era recebido com inequivocas demonstrações de jubilo.

O ministerio, que havia succedido ao de 15 de Novembro, não obtivera lisongeiro acolhimento da opinião publica, principalmente entre os elementos radicaes, visto ser constituido de politicos do antigo regimen, embora idoneos e respeitaveis, porém, suspeitos ao espirito republicano dominante. Com especialidade, sobre o barão de Lucena, no seu caracter de presuppposto chefe do gabinete, faziam recahir todas as culpas, como principal responsavel pela condemnavel orientação politica que adoptára o governo constitucional da Republica.

Em vão tentou-se introduzir uma alteração no ministerio, fazendo entrar para elle dois republicanos historicos, pelo menos, que desfructassem de indiscutivel influencia no Congresso.

Nenhum alvitre de conciliação foi possivel aceitar, no estado em que se achavam os animos, principalmente nas hostes opposicionistas.

De modo que os attritos entre os poderes executivo e legislativo continuaram a augmentar, creando incompatibilidades nocivas, a ponto de compellir o chefe de Estado a lançar mão de uma medida immoderada, extra-constitucional, que foi a dissolução, aos 3 de Novembro de 1891, do Congresso Federal, assembléa inexperiente e ingovernavel.

Desferido esse golpe politico, dirigio o marechal Deodoro um manifesto á nação, em que procura justificar as razões do seu acto contra o Congresso, promettendo, entretanto, governar de accordo com os preceitos constitucionaes.

E' decretado o estado de sitio para o Districto Federal e a cidade de Nictheroy, proseguindo a ingrata luta, cujos prenuncios se manifestaram desde os primeiros dias da Constituinte.

A principio, recebe Deodoro varias adhesões ao seu gesto dictatorial, da parte de alguns governadores, guarnições militares e politicos em evidencia. Porém, pouca duração teve a esperança de que se accentuasse mais geral assentimento no vasto ambito do territorio patrio.

Em breve, a opposição adquire notavel incremento, em diversos Estados, principalmente do sul, assumindo algumas forças federaes attitude contraria ao governo.

Na capital da Republica, a reacção procura alliciar o concurso do Exercito e da Armada, sob a inspiração, velada ou ostensiva, de certos chefes militares, entre os quaes Floriano Peixoto, José Simeão, Custodio de Mello e Wandenkolk.

Evidentemente, tudo se preparava, com o fito de emprehender activas operações de guerra contra o governo, que se collocára fóra da lei.

Deodoro contava com muitos elementos de resistencia, sem fallar naquelles que á ultima hora se decidiram a seu favor. Com o prestigio e os recursos de que sempre dispõe o poder, não seria difficil ao presidente manter durante algum tempo ainda a posição, prolongada a luta e, indifferente, deixando correr o sangue dos seus compatriotas.

Decorridos vinte dias, após o acto da dissolução do Congresso, comprehendem os adversarios em presença haver chegado o momento critico das ultimas decisões. Demonstrações positivas, insophismaveis, de franca hos-

tilidade começam a tomar corpo, na capital como nos Estados.

Na manhã do dia 23 de Novembro, a esquadra, sob o commando do almirante Custodio José de Mello, move-se na bahia de Guanabara, ameaçadora, e intima a deposição do governo com um trovejnte disparo de canhão, attingindo a cupola da Candelaria.

Apezar de tudo, nas espheras governamentaes ainda se conserva a esperança de efficaz resistencia, e o proprio Deodoro, em communicação telephonica com as fortalezas, intenta assegurar os derradeiros meios de defeza.

Assalta-lhe, porém, o espirito atribulado duvidas cruciantes, ácerca das resoluções mais acertadas a tomar em tão grave emergencia.

Uma visão temerosa obscurece-lhe o cerebro nesses minutos tragicos, — é o quadro sombrio dos desesperos, das agonias, da morte e do luto no seio da familia brasileira.

A consciencia freme de indignados e mudos protestos, e a sua alma, compassiva e generosa, revolta-se ante a possibilidade de afogar em sangue a Patria idolatrada.

E' a guerra civil, com todo o cortejo de horrores e consequencias funestas, que se apresenta ante seus olhos, em lugubres perspectivas mais desoladoras do que aquellas por elle presenciadas nos campos inhospitos do Paraguay.

Não, em seu peito não se aninham velleidades de crueis vindictas, o coração não pulsa nos impetos de immolações inuteis.

Preferia beber o calice da amargura até o fundo, sopitar o orgulho do amor-proprio ferido, amordaçar os entonos da autoridade intimidada, subir até o cimo o Gólgota de seus atrózes soffrimentos, a ter de macular a sua obra redemptora de 15 de Novembro com a sangueira da luta entre irmãos.

Então, num gesto varonil, impregnado dos mais puros sentimentos altruisticos, redimido de erros e fraque-

zas, conscio da hombridade e intrepidez com que sempre affrontára todas as vicissitudes da sorte, Deodoro delibera renunciar ás funcções de supremo magistrado da nação.

"Não quero augmentar o numero de viuvas e de orphãos em meu paiz, — exclama; — mandem chamar o Floriano; não sou mais Presidente da Republica".

No manifesto que publicou por essa occasião, rememorando os seus serviços ao paiz, dava os motivos da retirada e fazia votos pela prosperidade e crescente florescimento do Brasil.

Assim findou a carreira politica do integro marechal Manoel Deodoro da Fonseca, tendo exercido por espaço de dois annos apenas, a contar de 15 de Novembro de 1889, o alto cargo de chefe do governo no regimen republicano, para cuja instituição tão fundamente concorrêra.

Não chegou a viver um annos após á renuncia, pois falleceu a 23 de Agosto de 1892, em consequencia da torturante enfermidade que lhe minára o organismo, aggravada por intensos soffrimentos moraes.

Depois do triumpho incruento na campanha em pról da implantação do novo regimen, conhecera de perto o travo abominavel das injustiças e ingratidões, até mesmo entre os proprios companheiros de classe. Assim nos instrue a logica dos embates sociaes, em todas as épocas.

Ao lado dos beneficios que as revoluções pódem porventura produzir, chegára a perceber e sentir, igualmente, os males que de ordinario acarretam, em vista da persistencia das desordens e intuitos demolidores de suas origens.

Transitando pelas cumiadas do poder, bem avaliára o marechal Deodoro das difficuldades que se antolham ao exercicio de um governo regular, após victoriosa insurreição, quando continúam a imperar as praticas anarchicas revolucionarias. Quantas vezes pensára em rigorosas medidas de repressão para conter os excessos dos pruridos

criticos sem continencia, e as attitudes irrequietas dos subordinados.

Apenas no inicio de sua suprema magistratura, na phase constitucional, tivera que arrostar com os dissidios das facções e a opposição das Assembléas inconsequentes.

Brilhára, por um momento, com os vivos lampejos de fugaz meteóro, no scenario da politica nacional, para logo obumbrar-se nas sombras crepusculares de uma agonia serena.

Não poupára sacrificios, no ultimo quartel da vida, para servir aos legitimos interesses da corporação a que pertencia e aos culminantes destinos do amado Brasil. Legou-nos os mais bellos exemplos de ardor patriotico, impulsionando o progresso da nacionalidade com o gesto decisivo da prclamação da Republica; exemplos de abnegação e desprendimento, renunciando ao poder para não subverter a ordem e derramar sangue innocente.

Nesta data, que assignala o centenario de seu nascimento, occorreu-nos relembrar, a largos traços, os extraordinarios successos, na transição do antigo para o novo regimem, em que scintillou a gloriosa e redemptora espada de Deodoro da Fonseca.

Prestando sincera homenagem de veneração e respeito á sua insigne memoria, como inapagavel tradição da nossa existencia de povo livre, façamos ardentes votos para que, desde já, a justiça da Historia saiba integral-o definitivamente na galeria dos heróes nacionaes e enthronisal-o para sempre no coração da Patria immortal.

Marechal J. Marques da Cunha.

Rio, 5 de Agosto de 1927.

DEODORO

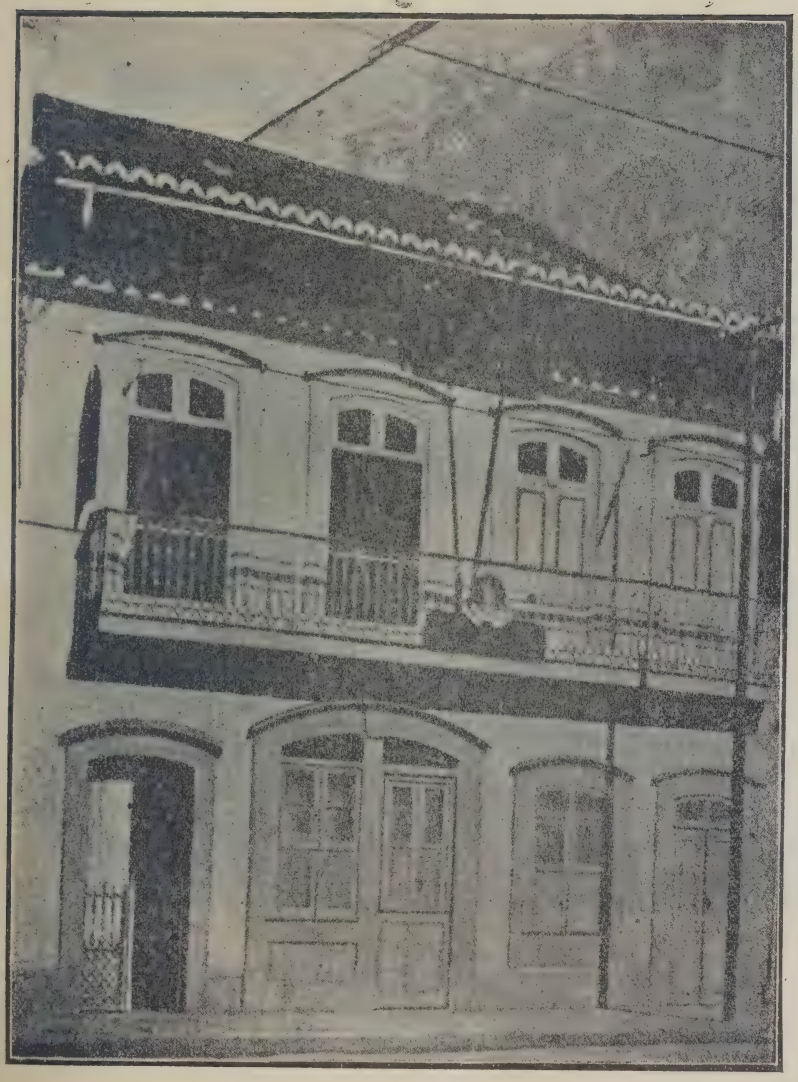
De quinze de Novembro a madrugada
Viu-o, com o olhar em fogo e a face cheia
Dessa expressão estranha, que alardeia
A conquista da gloria cobiçada.

Nunca mais viva lhe brilhou a espada
Do que nessa manhã, em que a cadeia
Quebrou, do mal, sem mancha, escura ou feia,
Saiu a alma da Patria libertada.

Nunca missão mais alta foi cumprida,
Nem nunca, a luz de um refulgente dia,
Dourou mais nobre feito uma aurea vida.

Tyranno! Dictador essa alma pura!
Foi de piedade a sua tyrannia,
E foi de amor a sua dictadura.

Leoncio Correia.



Residencia do Marechal Deodoro, em 15 de Novembro de 1889, actualmente Prytaneu Militar

PRYTANEU MILITAR
(Antiga residencia do Marechal Deodoro)

CENTENARIO DE DEODORO

Na figura militar de Deodoro o que resalta á primeira vista, é a intrepidez do grande soldado nas guerras externas que alvoroçaram a nacionalidade na metade do seculo passado.

Mas esse traço admiravel do legendario cabo de guerra das luctas da Banda Oriental e da triplice alliança, tem sido sobejamente explanado por todos quantos se occupam da nossa historia e não o julgamos opportuno relembrar aqui nestas linhas. No centenario do natalicio de Deodoro, o que cumpre á avançada republicana do Brasil assignalar, é a sua valiosissima contribuição civica ás memoraveis campanhas liberaes pela liberdade do negro e pela implantação da Republica.

Sob este ponto de vista, a personalidade do marechal Deodoro ficou em fóco nos conflictos que perturbaram as relações de poderio e obediencia entre a autoridade civil e as forças armadas do Brasil.

Foi, de facto, no ardor daquelles dias agitados da questão militar, que a prestigiosa figura de Deodoro surgiu nas luctas dos partidos, contrariando os designios da corôa. A sua nobre e destemerosa attitude na questão Senna Madureira traçou-lhe o perfil, deu-lhe um posto de direcção na campanha contra os excessos do ministerio Cotegipe. Ao receber uma commissão de officiaes do Exercito, da guarnição de Porto Alegre, que lhe ia solicitar consentimento para a defesa da classe, respondeu o bravo marechal:

"Já estou na avançada, tiroteiando com o governo".

Desde esse momento, soldado coberto de glorias, com o peito marchetado de medalhas, ganhas nos charcos paraguayos, nas ilhas do Passo da Patria e de Tuiuty, não pertencia exclusivamente a esse Exercito que o viu debaixo do fogo das baterias de Paysandú e ao clarão vermelho da artilharia Mallet.

Seu nome, a sua valorosa figura de brasileiro, acompanhava o surto magnifico da idéa nova, da Republica que se annunciava nas linhas levantinas, aos golpes da critica severa, através da imprensa e da tribuna de propaganda.

Com o desenvolvimento das idéas democraticas, que ganhavam terreno nas fileiras do Exercito, e no seio da mocidade civil, caminhava violenta, tenaz, com o impeto de uma caudal, a generosa campanha abolicionista, na qual Deodoro foi um dos grandes pregoeiros.

Em Deodoro recordemos a formosa lucta pela liberdade do negro, e o seu grande e inolvidavel auxilio, que se tornou depois direcção, no movimento glorioso de 15 de Novembro de 1889.

Deodoro trouxe á jornada de 89 a força das baionetas e Benjamim Constant congregou a "elite" intellectual das classes militares e civis, todas trabalhadas pela acção dos propagandistas.

Ambos patriotas, assim o disse Lopes Trovão, "um de instincto — o outro de razão".

Fôram estes dous homens que se completaram naquelle momento historico, realizando o sonho de varias gerações no esforço heroico com que souberam vencer ou morrer em pról da liberdade nestas plagas da livre America.

Elles se completaram na acção decisiva daquella manhã alvinitente de luz de 89. Ambos possuiam qualidades tão raras, que foram precisamente aproveitadas no caminho da evolução brasileira. A logica serena dos acontecimentos nos deixa hoje vêr na personalidade de Deo-

doro o braço vigoroso, a cujo aceno seguiram velhos soldados para a proclamação da Republica.

Sem o seu concurso o movimento civico de 89, talvez encontrasse sérios impecilhos, que o retardassem ou fizessem periclitar a revolução.

Nos dias em que o segundo reinado agonisava com a depreciação organica do soberano, ao lado do atordoamento dos partidos constitucionaes da corôa, surgiam outras aspirações que, ao impulso das idéas democraticas, nos conduziram á revolução triumphante.

Noronha Santos.

DEODORO

« dono da memoria
Que, do sepulcro, os homens desenterra ».

(Lusiadas, III, 118).

Deodoro!

Como os proprios sons destas syllabas cadenciadas ecôam aos nossos ouvidos, qual se tivessemos ferido, com os copos de uma espada, um escudo de bronze! Se o nome é uma voz com que se dão a conhecer pessôas e cousas, o do grande soldado resume, á maravilha, seu vulto e seu perfil moral. Olhar aquilino, cenho dominador, impetuoso e leonino na acção e no gesto, possuia um facies de leão a que nem mesmo faltava, a emmoldurar-lhe o rosto energico, á guiza de juba, a barba varonil.

Quanto mais o recúo do tempo interpõe entre o passado e o presente, a distancia que dá perspectiva aos actores do drama historico, mais cresce, aos nossos olhos, o vulto do valoroso soldado, cuja espada, nimbada de gloria, rasgou, ao sol inaugural de 15 de Novembro, nos horizontes do nosso futuro, um roteiro de luz. Não será, portanto, a fria lage de um tumulo que ha de abafar nome de tanta altura moral. Bem ao contrario, através della, elle se refractára, em feixes de luz, para a immortalidade.

Elle foi o homem catalysador, o homem dynamo, que, numa das etapas decisivas de nossa evolução, soube nortear os rumos das forças que concentrava em suas mãos, afim de resolver, no campo raso da honra, os destinos de

nossa nacionalidade. Se Euclydes da Cunha pôde affirmar, com inteira justiça, que a "espada de Caxias fôra a escóra de um reinado", força é convir, tambem, que a de Deodoro foi, muito justificadamente, a sua catapulta.

Graças, sobretudo ao seu desmesurado prestigio pessoal no seio da tropa, para quem fazia o papel de iman sobre a limalha de ferro, pôde elle, no grande dia decisivo, desfechar o gesto que fez o povo brasileiro vencer mais um marco na estrada do progresso, sem effusão de sangue. Graças a elle, podemos hoje proclamar que as tres etapas decisivas de nossa vida nacional, — a independencia, a abolição e a republica — foram transpostas sem derramarmos sangue irmão — facto virgem nos fastos da historia humana! Se, posteriormente, tem corrido esse sangue de irmãos, isso prova que só os nossos desgraçados dissidios partidarios, eivados de tão ferrenho personalismo, logram dividir os brasileiros, e não as grandes causas nacionaes. Para patentear esse caracter personalissimo de taes contendas, verdadeiros pugilatos eleitoraes, basta attentar no nome de baptismo das facções que as promovem, derivados elles de nomes proprios, mediante o suffixo "ista"...

Se uma simples demonstração militar, uma verdadeira parada de tropas montadas que, com meia duzia de tiros nos armões, assestaram tranquillamente suas boccas de fogo a dois passos do Quartel General, bastou para fazer baquear uma instituição quasi secular, duas causas concurrentes explicam o extranho phenomeno. Uma, é a fascinação empolgante do chefe sobre a tropa que, dos dois lados, se poderia enfrentar; outra, é o descredito em que tinham cahido as instituições monarchicas. Muito se tem confundido, na apreciação deste facto, as convicções monarchicas, que nunca existiram no povo brasileiro, iconoclasta por temperamento americano, com a deferencia, a veneração pela pessoa do monarcha então reinante, cujas mãos, aliás, segundo o depoimento do Sr. Oliveira Vianna, só "nominalmente detinham o sceptro"... Essa

é que é a pura verdade. Arruinado physicamente, pela molestia e pela idade, sua vontade amollecera a tal ponto que a irreverencia da época lhe cunhára, mesmo, a grosseira antonomasia pejorativa pela qual era elle designado no seio do povo. A inviabilidade do terceiro reinado, que era uma convicção quasi unanime na opinião publica, demonstra que a manutenção do segundo, era, no fundo, uma questão "pessoal". "O sentimento mais generalizado, observa ainda o Sr. Oliveira Vianna, não era a "crença" na republica, mas, sim, a "descrença" nas instituições monarchicas, taes como existiam na Carta e eram praticadas nos centros do governo". E, Euclydes da Cunha, numa daquellas phrases lapidares, que definem uma época, diz que, já em 1840, "percebia-se a infiltração do arthritismo monarchico no corpo fatigado do paiz". Os estadistas do Imperio, embora grandes e próbos varões, soffriam do veso, proprio ao regimen perlamentar, de pretenderem governar, apenas, "eleitoralmente", o organismo industrial da sociedade humana de nossos dias. Confundiam a "falação" com a "acção". Era o regimen solenne da sobrecasaca e da rhetorica. Suppunham resolver os grandes problemas materiaes, que incumbem ao poder temporal, mediante bellos discursos. Desse geito, olhando a estagnação daquelle longo marasmo, só divisamos, a rigor, dois altos pincaros luminosos e propheticos: o "solitario" e genial Tavares Bastos e o grande, o immenso Mauá, o qual, como se achasse pequeno o immenso Brasil para nelle exercer o seu dynamismo de cyclope, ainda se espraia até ao estuario do Prata... Por isso mesmo, esse ultimo, tendo enfrentado de modo concreto e pragmatico, todos os nossos verdadeiros problemas economicos ,sómente óbices e desconfianças encontrou da parte da corôa e da maioria dos maioraes que a serviam. A parte mais importante do seu grande plano de estadista pratico, que visava organizar o arcabouço de nossa actividade industrial, só aos estadistas republicanos coube realizar.

Não me proponho, porém, a fazer aqui, nestas rapidas linhas, o necrologio do passado regimen, tão caro, ainda, a um certo nucelo de "saudosistas" e de descontentes, que, em vez de trabalharem para melhorar o presente, com os olhos no futuro, timbram em inverter a ordem natural da evolução, só enxergando no passado o bem, e esquecendo o mal.

O que me proponho é, apenas, traçar, com algumas pinceladas, o perfil do grande soldado, cujo centenario, hoje commemoramos.

O seu gesto, penetrando pelo portão do Quartel General, em cujo interior se achava o grosso da tropa que se suppunha fiel ao governo, é um desses rasgos de destemor pessoal e de despreso pela vida, que enthusiasmam, e decidem uma situação. E, note-se, que se tinha elle levantado, a custo, do leito de soffrimento, das garras de dyspneia, com o corpo coberto de causticos e com o figado de tal modo dolorido que nem pudéra afivelar o talim, tendo, assim, levado comsigo um simples revolver. Ergueu-se do leito de dôr e a elle voltou, depois da sua cavalgada triumphal pelas ruas da cidade, sendo que foi, ainda, deitado no mesmo, e sobre seus travesseiros, que teve de assignar o decreto numero 1, do Governo Provisorio, que declarava proclamada a Republica dos Estados Unidos do Brasil!

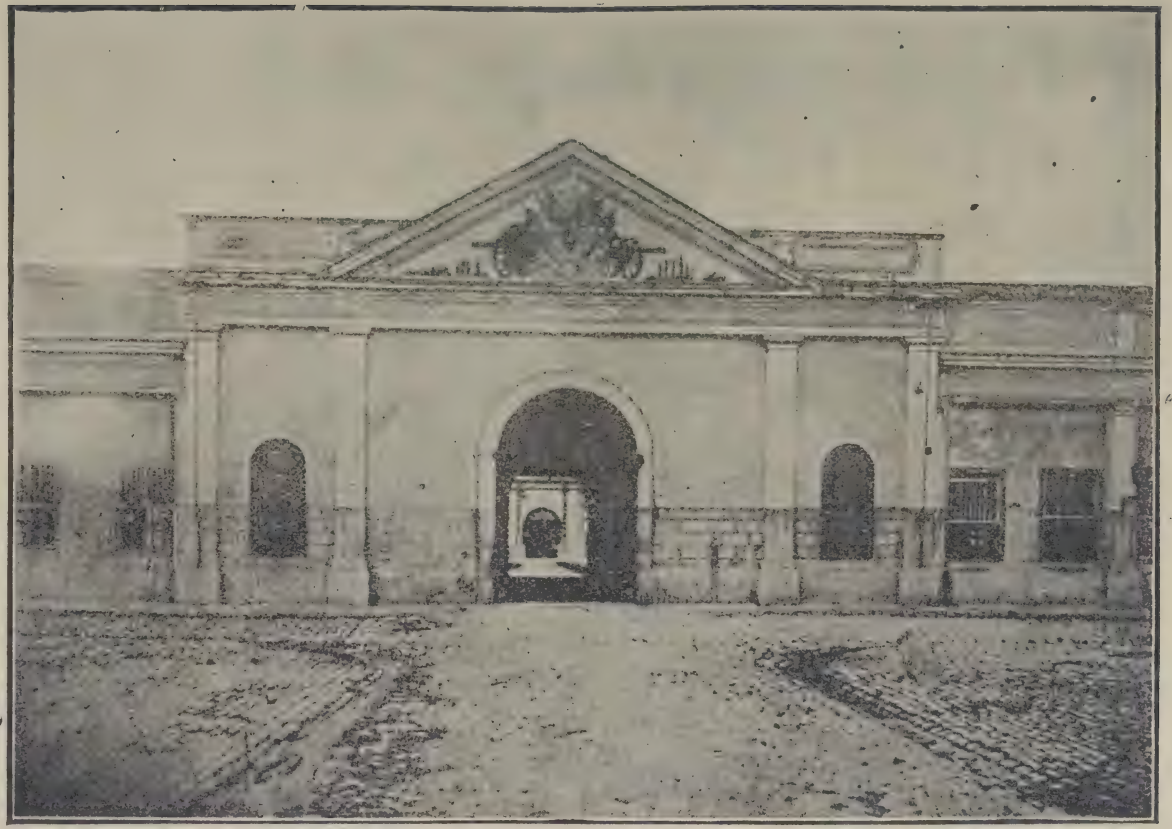
Extraordinario o dominio que sobre o physico exercia o seu moral; singular fortaleza a desse homem, a respeito de quem podemos reeditar a celebre "boutade" attribuida a um general valetudinario, momentos antes de entrar em combate: "Treme carcassa, que mais tremerias se soubesses onde te levo hoje"! "Os minutos de incerteza que passei em frente do Quartel General (é elle proprio quem o diz), valeram por todos os annos de minha vida!" Tal era, porém, a confiança em si proprio, a fascinação que elle tinha consciencia de exercer sobre a tropa, que não hesitou um momento e, num gesto dramatico, a Cyrano de Bergerac, atirou-se, portão a dentro, expondo a

vida sua e a da causa que abraçára, pondo-se ao alcance da bala do primeiro tresloucado, a exemplo do que, momentos antes, acontecêra ao bravo Ladario.

E tudo se faz com a tropa rigorosamente em forma, como no aprumo de uma parada. O seu rigido feitio de chefe militar, procura, mesmo depois de haver deposto o ministerio, impedir, com outro gesto imperativo, que a iniciativa proclamatoria das novas instituições viésse, de roldão, do seio da tropa que commandava. Sua compostura de soldado, em quem era innato o pudor da disciplina, espéra que a fulgurante decisão parta das ondas encapelladas do oceano popular, do coração estuante do povo, o que, depois, realmente acontece, quando o verbo inflammado de Patrocinio, arasta a massa ululante até ás saccadas de sua residencia, á beira do seu leito, de agonizante. Até lá chegam os ribombos das acclamações. Mas elle nem mais consegue erguer-se, e é por intermedio de Benjamin Constant, que manda communicar ao povo que sua vontade será executada. Não desejava elle, é evidente, que a proclamação da Republica, viésse com o caracter de uma imposição da caserna, nos paroxismos de um motim militar, mas, sim, que fôsse sagrada pelo banho lustral das acclamações populares.

Caracter austero, coração magnanimo, consciencia recta, bravura innata, prudencia sabia, civismo sem par, não fôra elle forjado no metal malleavel que se faz mistér para vencer, tambem, nos contubernios da politicalha. Era homem de, antes quebrar, que torcer. Por isso, só lhe poderia ser fatal a incursão pelo cipoal, em que se enredam e degladiam os subtis interesses e intrigas da politica partidaria, que tantas energias estióla e consomme.

O seu desprendimento pessoal ,indicando, desde começo, a Benjamim Constant, para chefe do governo, e depois, a 23 de Novembro, quando, cercado de dedicações, depõe sua espada, ainda nimbada de prestigio, para não derramar sangue fraterno, é um desses clarões que illuminam uma vida para todo sempre. Elle, o soldado des-



Quartel do 2.º Regimento de Artilharia — S. Christovão

timido e orgulhoso, que nunca se curvára a ninguem, e que, tantas vezes, afrontára desafiadoramente a morte, estaca deante da perspectiva de uma luta fratricida em que, por sua causa, sangue brasileiro iria, dahi a momentos, correr... E, estoico na sua resignação, vencendo-se a si mesmo, exclama: — "Não quero augmentar o numero de viuvas e de orphãos em meu paiz. Mandem chamar o Floriano. Não sou mais Presidente da Republica e vou pedir a minha reforma".

Não sei se não será esse gesto de humanidade e de altruismo o maior de sua vida, e aquelle que mereceria ficar vincado, para sempre, na face do bronze que eternizará sua memoria!

Ha muito que aprender na vida do grande homem. Não ha, porém, voz mais autorizada para erguel-o deante de nós, como um authentico padrão moral, digno de imitação, do que a desse outro grande homem de nossa historia, o impolluto Benjamim Constant. Assim é que, por occasião da entrega, aos alumnos da Escola Militar, da Bandeira Nacional bordada pelas mãos de suas proprias filhas, assim os exhorta Benjamim Constant:

"Elevai-a bem alto em honra e glóra do prestigioso general libertador, Manoel Deodoro da Fonseca, estrella de pura e brilhante luz que fulgurará, para sempre, no céo moral de nossa Patria, guiando-nos e aos nossos vindouros, para elevarmos essa Patria querida aos altos e brilhantes destinos que o futuro sorridente lhe offerece".

E adeante, accrescenta:

"Dito isto em relação a mim, peço-vos ao terminar que, constantemente guiados pelo santo amôr da Patria, vos inspireis no exemplo do general invicto, Manoel Deodoro da Fonseca, cuja espada gloriosa firmou a Republica em nosso paiz, tornando-se, assim, para sempre, benemerito. Para elle vos pediria, se fôsse preciso, toda a vossa veneração".

Nada mais póde ser accrescentado a essa consagração oracular, que eleva o grande cidadão soldado como um dos numes tutelares da Nação, desses que accendem, nas altas almenáras de nosso civismo, os eternos luzeiros da esperança, e assim,

por obras valerosas
Se vão, da lei da morte, libertando!

(Lusiadas, III, 118)

Major Alfredo Severo.

DEODORO

HYMNO

CANTO E CORO

DEODORO

HYMNO

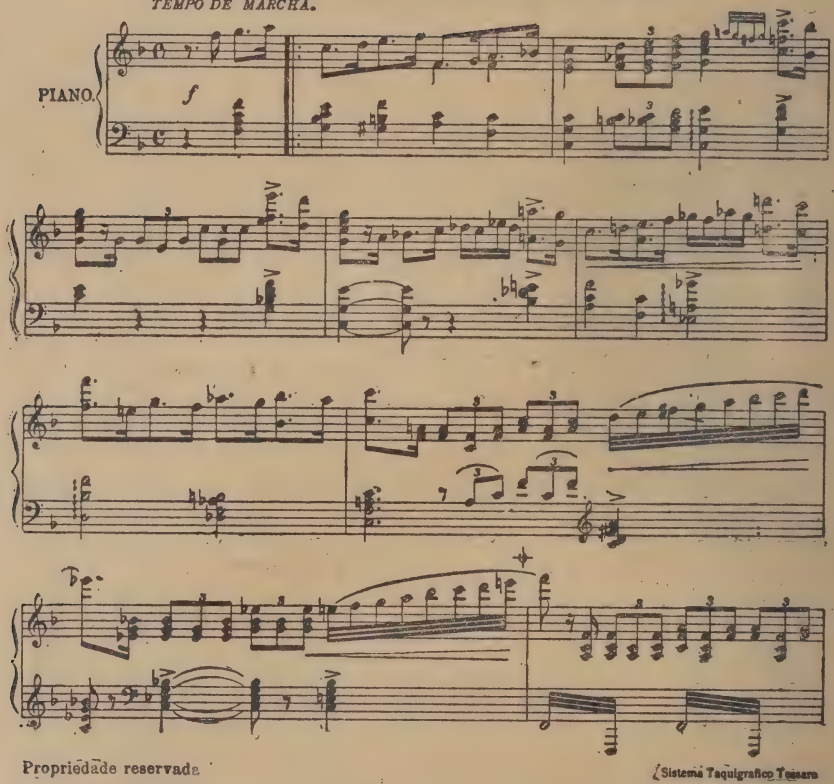
Letra de Leoncio Corrêa.

Musica de Francisco Braga

TEMPO DE MARCHA.

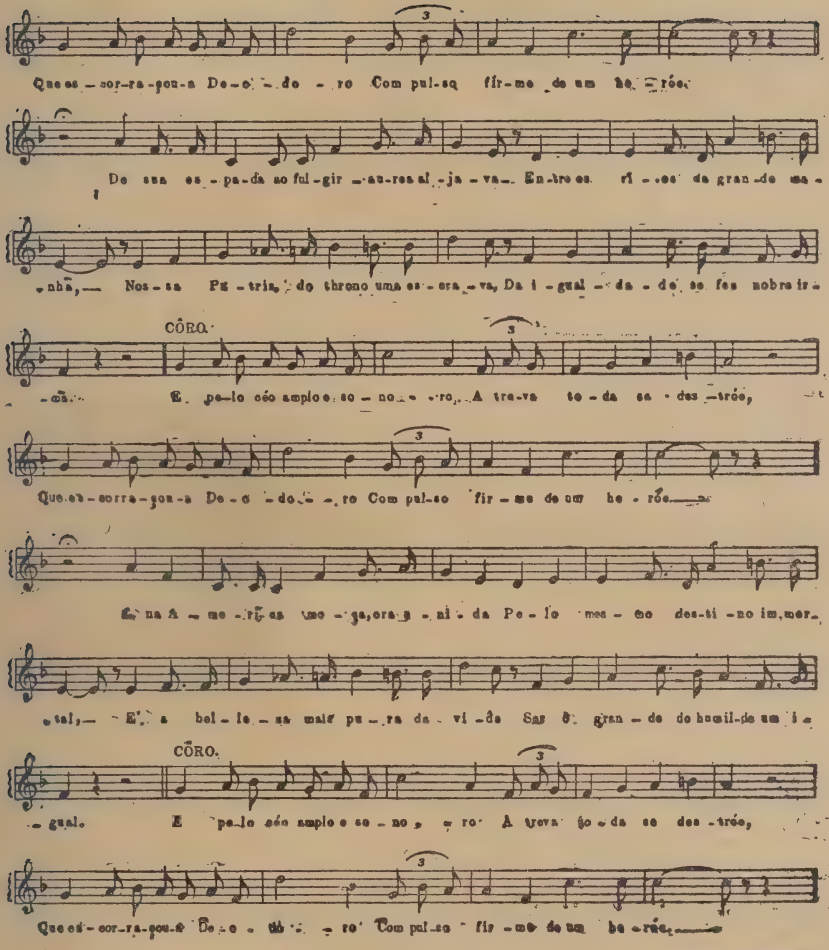
PIANO.

f



Propriedade reservada.

Sistema Taquigrafico Tassaro



Typographia, Zincographia
da Casa Bevilacqua
Rio de Janeiro.

9080

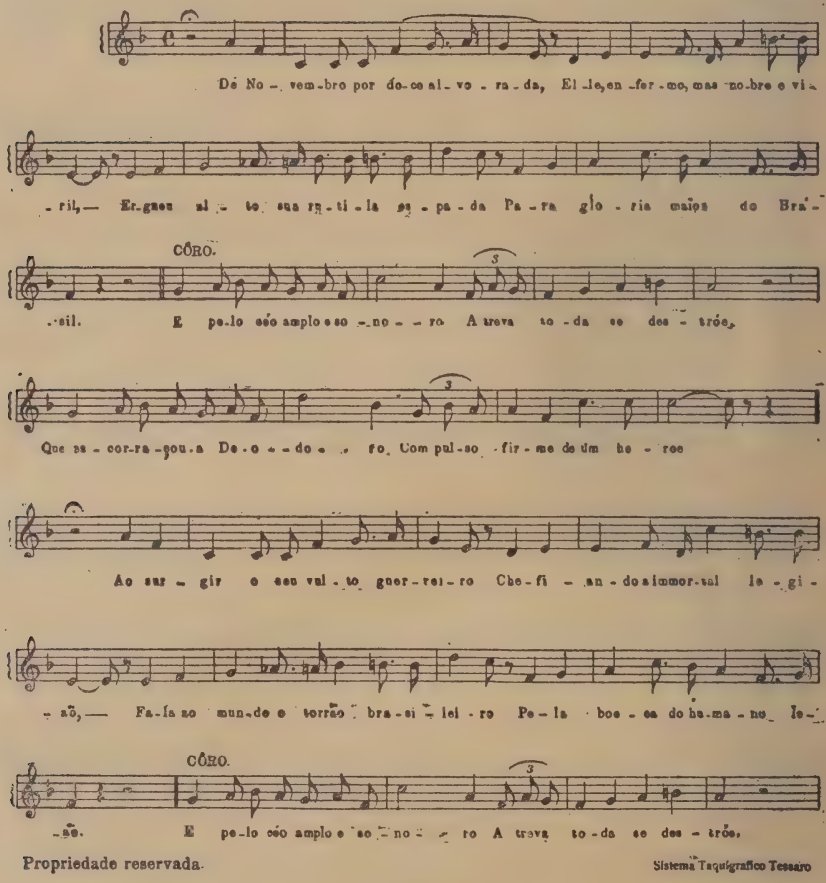
DEODORO

HYMNO

Letra de Leoncio Corrêa.

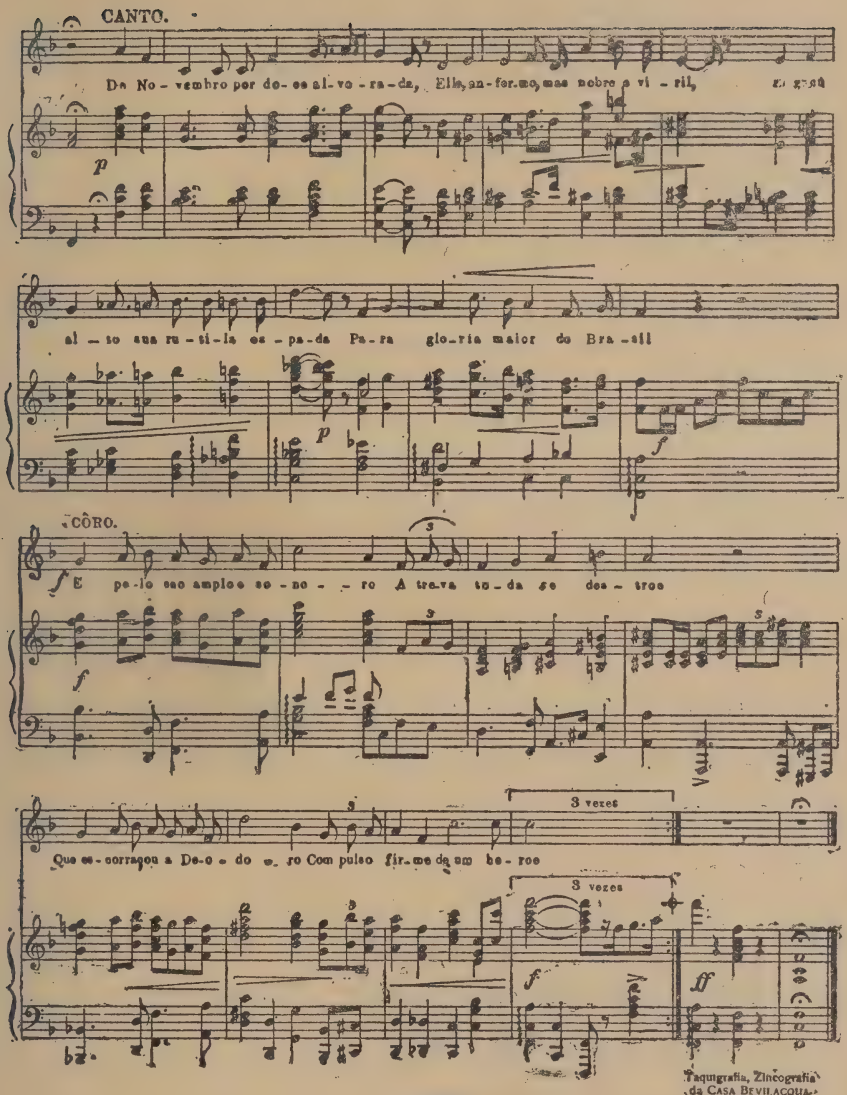
CÔRO.

Musica de Francisco Braga.



Propriedade reservada.

Sistema Taquigrafico Tessaro



Taquigrafia, Zincografia
da CASA BEVILACQUA
Rio de Janeiro.

HYMNO A DEODORO

Letra de Leoncio Correia — Musica de Francisco Braga

De Novembro por doce alvorada,
Elle, enfermo, mas nobre e viril,
Ergueu, alto, a sua fulgida espada
Para gloria maior do Brasil.

Côro:
E pelo céo amplo e sonoro
A treva toda se destróe,
Que escorraçou-a Deodoro
Com pulso firme de um heróe.

Quando surge o seu vulto altaneiro,
Chefiando a immortal leġião,
Fala ao mundo o torrão brasileiro
Pela bocca do humano leão.

Côro:
E pelo céo, etc.

De sua espada ao fulgir aurea — aljava —
Entre os rios da grande manhã,
Nossa Patria, do throno uma escrava,
Da igualdade se fez nobre irmã.

Côro:
E pelo céo, etc.

E na America moça, ora unida
Pelo mesmo destino immortal,
E' a belleza mais pura da vida
Ser o grande do humilde um igual.

Côro:
E pelo céo, etc.

Recordando...

Vivi aquelles formosos dias da Abolição e da Proclamação da Republica. Vivi aquêles grandiosos dias que puzeram na Historia do Brasil novos clarões, deslumbrando até hoje a atenção da Humanidade.

Extincta a escravidão que maculara o Brasil ,o Brasil entrou a pensar, logicamente, na propria liberdade: Realeza, Monarquia, Imperio, Dinastia eram nomes que o americanismo repudiava, e que á luz de novos ideaes já pareciam obsoletos.

Jornaes irreverentes, como alguns que ainda por ahi ha, desacatavam diariamente a familia imperial; ao passo que a Nação a respeitava... tacitamente.

As inconveniencias politicas foram, porém, dando realce ao exotismo do regime, foram dando curso aos conceitos da irreverencia, foram minando o espirito nacional, foram reduzindo o prestigio da Corôa: Os sólos de Benjamim Constant e de Quintino Bocayuva — que tantas vozes em côro glozavam, repetiam, renovavam e propagavam — puzeram a esperança republicana no animo popular; e, para os desgostos que, multiformes, penalizam, atormentam, sempre, as gerações, a idéa de Republica tornou-se o Santelmo promissor de inumeras, de inumeraveis felicidades.

Quando, como se realizaria a transformação politica no Brasil, este vasto paiz que abolira o cativeiro dos negros e se conservava no cativeiro monarquico? O Imperador andava enfermo: Esperar-se-ia o fim do Imperador;

mas á Princesa caberia, então, o Trono... força era contrariar a successão.

A perspectiva era, pois, de luto e de lutas.

Salvou-nos desse negrume o coração de Deodoro.

Saltando do leito de dores para o duro dorso de um fogoso corsel, poz-se á frente de corpos militares descontentes que em atitude reclamante saiam á praça publica; e unificou as armas brasileiras num só pensamento — Livrar o Brasil da convulsão e do desmembramento.

Ao desembainhar-se a espada de Deodoro esboroou-se, de subito, o trono bragantino.

Então, o intrepido patriota assumiu o Governo do Brasil, e assignou, com os patriotas que o acompanhavam e lhe mereciam confiança, o Decreto da Proclamação da Republica.

E a familia imperial? considerou elle... Não podia ficar no Brasil... Não quereria ficar no Brasil... Impunha-se desterral-a!... Sim, ordenou; mas com todas as deferencias devidas á sua respeitabilidade.

*

* *

Atéqui Deodoro. Atéqui o heroe. Atéqui o espirito generoso, fascinado pelas idéas de independencia, rectidão e de paz. Daqui por deante a vaga incoercivel de homens e de circumstancias.

Atéqui o heroe que habitou esta casa onde está o Pritaneu, dela saindo para a Historia na madrugada historica de 15 de Novembro de 1889. Atéqui o alto espirito de Manoel Deodoro da Fonseca.

Nascido num lar religiosamente patriotico, o seu amor irrompeu do berço para a bandeira nacional. O seu maior empenho — estudando, combatendo inimigos da Patria, comandando tropa, assumindo o Poder, renun-

ciando o Poder — foi, sempre, manter bem alta a bandeira nacional: Que ela se desfraldasse imaculada; que o povo a tivesse como simbolo puro de sua honestidade civica, e o mundo a visse como signal brilhante de uma nação honrada.

Tal foi Deodoro, o imortal brasileiro cujo centenario natalicio saudosamente celebramos — os velhos restantes da sua geração e a mocidade que tem já ouvido o bastante para acreditar na beleza moral do fundador da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Ferreira da Rosa

(Do Collegio Militar)

UMA SPARTANA BRASILEIRA

A MÃE DE DEODORO

Ha familias que, por uma serie de factos, tornam-se alvo da attenção nacional.

E' o caso da familia Fonseca, oriunda do Estado de Alagôas.

O proclamador da Republica e um dos seus maiores auxiliares, e que depois foi o consolidador do novo regimen, eram alagoanos, Deodoro e Floriano — e ambos foram os primeiros presidentes da Republica.

A familia Fonseca vem, desde a época colonial, figurando na scena politica do Brasil.

O seu chefe foi o major Manoel Mendes da Fonseca, valoroso militar, e intransigentemente adepto da causa monarchica, considerando o imperante como um ente sagrado. Em todos os movimentos revolucionarios que explodiram pela causa republicana, em 1817 e 1824, em Pernambuco, e que tiveram ramificações nas provincias limitrophes, sempre o governo constituido contou com a espada de Mendes da Fonseca, para sustentar e defender a sua causa.

Quando na noite de 6 de Abril de 1831 o povo brasileiro, em franca revolução, reunido na actual Praça da Republica, exigiu de Pedro I a demissão do ministerio dos "marquezes", e forçou-o a abdicar, o major Mendes da Fonseca, ao ter conhecimento do facto, em Alagoas,

Hermes, Severiano, Deodoro, Affonso, Hypolito, Pedro, Paulino e Eduardo da Fonseca

poz-se ao lado dos partidarios do despota e sanguinario Pedro I, por julgar que esse acto feria o principio monarchico. Suspeito aos patriotas, foi denunciado pela Sociedade Federal de Maceió e processado como conspirador, pela restauração do principe estrangeiro.

Absolvido o major Mendes da Fonseca, que viera preso para o Rio, regressou para Alagôas a commandar o 11.° batalhão de infantaria.

Annos depois, em 1839, presidia a Provincia de Alagôas o dr. Agostinho da Silva Neves, e o major Mendes da Fonseca accumulava os cargos de Chefe de Policia e Juiz de Direito interino.

Aqui, permitta-se-nos um parenthesis para estranhar as funcções antagonicas exercidas por esse militar. Alem de commandante de um batalhão, era elle Chefe de Policia e Juiz de Direito, isto é, representava funcções de dois poderes — o executivo e o judiciario —; prendia e julgava! Coisas do "saudoso" regimen.

O governo resolvera transferir a Thezouraria de Fazenda da capital, que então era a cidade de Alagôas, para a villa de Maceió, sabendo-se que essa transferencia era o primeiro passo para a projectada mudança da capital para Maceió.

Como era natural, os habitantes da capital protestaram e pediram que não fosse effectivada a transferencia da Thezouraria. Esse pedido sendo recusado pelo governo central, deu causa a que o povo se revoltasse, e á frente do movimento collocou-se o major Mendes da Fonseca, e depoz o Presidente da Provincia, acto esse que se realizou em 15 de Novembro de 1839.

E' digno de nota recordar a ironia do Destino. Seu filho Deodoro, 50 annos mais tarde, na mesma data, depoz, não um simples Presidente de Provincia, mas o Imperador e com este o regimen monarchico.

O filho de um intransigente monarchista derrubou o throno imperial, dando mão forte e emprestando a sua valorosa espada, para que se tornasse em realidade a as-

piração de um pugillo de homens que, desde 1870, se vinham batendo pela republica, e incutindo na mocidade de então as mesmas idéas.

Mendes da Fonseca, vencido pelas forças que marcharam de Pernambuco e da Bahia, fugiu para Sergipe, entregando-se ao commando militar dessa Provincia em 3 de Dezembro de 1839.

Submettido a Conselho de Guerra, no Rio de Janeiro, foi absolvido, em Maio do anno seguinte. Em 1846 foi reformado no posto de tenente-coronel, fallecendo em 24 de Agosto de 1859.

Eis quem foi o chefe da familia Fonseca e o marido de D. Rosa Paulina da Fonseca, a Spartana brasileira, nascida tambem em Alagôas .

*

* *

D. Rosa Paulina da Fonseca era o verdadeiro typo da mulher brasileira.

Casando-se com Manoel Mendes da Fonseca, ligou intimamente o seu destino ao do marido. De caracter varonil, nunca o desanimou nas suas resoluções e, sempre intemerata, acompanhou o marido nos transes da vida.

A respeito de tão digna matrona encontramos no "Brasil Illustrado" as referencias que se seguem:

"Dotada de clara intelligencia, robusta memoria e invejavel reminiscencia ,referia, com precisão, a historia dos acontecimentos politicos do seu tempo.

"Mudando-se para a Côrte, com toda sua familia, era sua residencia mui frequentada por seus comprovincianos, com os quaes conversava, entre varios assumptos, a respeito dos acontecimentos das Alagôas".

Declarada a Guerra como dictador do Paraguay, seis de seus filhos marcharam para o sul, e, não obstante, consentiu ella que um outro, o mais moço delles, de nome

Affonso, fosse compartilhar da sorte dos outros seus irmãos.

Uns conquistaram postos, pela bravura e pericia militar nos diversos combates, emquanto outros morriam gloriosamente, victimados pelas balas inimigas.

Durante a guerra, embora sua alma estivesse enlutada pela perda de alguns de seus filhos, quando ouvia fallar em ajuste de paz com dictador do Paraguay, ella, cheia de indignação e de patriotismo, dizia aos seus amigos:

"Prefiro não ver mais meus filhos!

"Que fiquem antes todos sepultados no Paraguay, com morte gloriosa no campo de batalha, do que enlameados por uma paz vergonhosa para a nossa Patria".

Logo no principio da guerra, quando tinha nella seus sete filhos, recebe a dolorosa noticia da morte de dois delles, o capitão de infantaria Hyppolito e o alferes Affonso, do 34.º batalhão de Voluntarios da Patria, tombados ante as muralhas de Curuzú e de Curupaity. Impensado e mallogrado ataque este, a uma posição que não fôra previamente batida pela artilharia, para facilitar o assalto valentemente feito e mandado sustar quando a victoria viria para o nosso lado, erro esse que nullificou os esforços e sacrificios dos abnegados e valorosos soldados brasileiros que entulharam os fossos de Curupaity.

O alferes Affonso foi morto quando já galgára o alto da muralha de Curuzú.

Essa noticia, que acabrunharia o espirito de qualquer Mãe, foi recebida, pelo menos exteriormente, com a maior serenidade, perguntando ella, sómente, se ambos tinham morrido gloriosamente, com o rosto voltado para o inimigo. E ao saber que o seu caçula, o alferes Affonso, com 21 annos de edade, rolara do alto da muralha, os seus olhos luziram de satisfação e orgulho, dizando apenas: O meu Affonso!

E' certo que, ao se retirar o mensageiro da lutuosa noticia, as lagrimas borbulharam de seus olhos, e, ternamente abraçou-se com sua nóra, D. Guilhermina Dutra da Fonseca, esposa do capitão Hyppolito.

Todas as vezes que chegavam as noticias das victorias do nosso heroico exercito, mandava ornamentar a fachada de sua casa com bandeiras e flores, e, á noite, fazia illuminar, com lanternas de vidro, como então era uso, toda a frontaria de sua residencia.

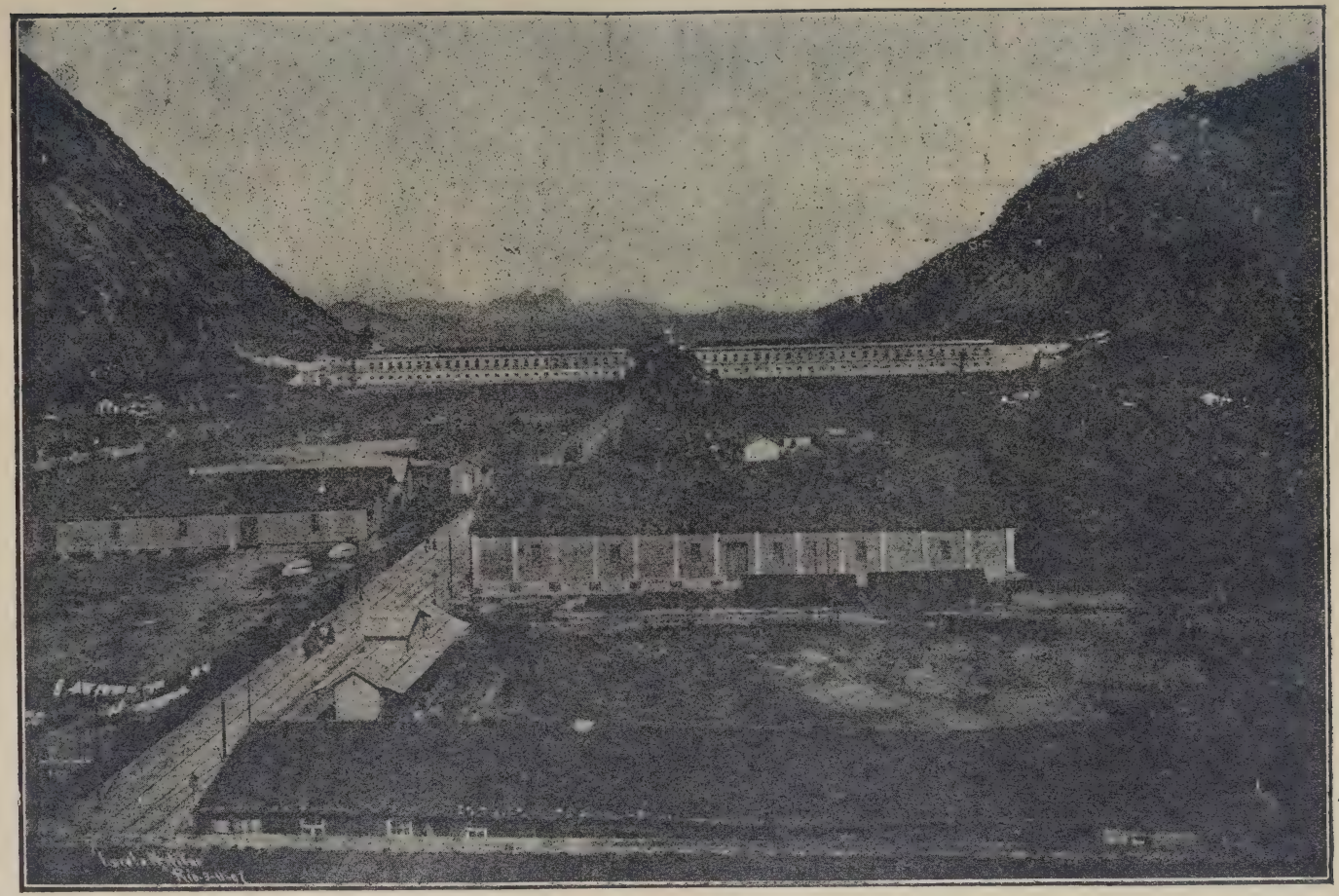
*

* *

O duque de Caxias, para evitar as fortificações de Piquiciry, fizera abrir a celebre estrada do Chaco, na qual foram empregados mais de 30 mil troncos de palmeiras para estivas, construidas oito grandes pontes ,muitos pontilhões e alguns kilometros de picada em floresta virgem, audacioso e gigantesco trabalho executado pelos nossos engenheiros militares chefiados pelo coronel Rufino Enéas Gustavo Galvão, depois Visconde de Maracajú.

Transportado parte do Exercito brasileiro para a margem direita, palmilhou este a improvisada estrada sobre o Chaco, e, em frente a S. Antonio, passou-se, de novo, para a margem esquerda. Reconhecido o terreno, viu-se que o caminho era aberto em um desfiladeiro, pouco além do arroio Itororó, atravessado por uma pequena ponte de 3 metros de largura. Ahi, no dia seguinte, 6 de Dezembro de 1868, trava-se uma memoravel batalha. Essa ponte é atravessada por varias vezes, e os nossos são repellidos pelas forças paraguayas, que occupam excellentes posições preparadas durante a noite.

Nesses ataques, já hvaiam sido mortos ou feridos tres generaes Fernando Machado, bravo catharinense, Argollo e Gurjão.



Antigo edificio da Escola Militar na Praia Vermelha — Photographia tirada em 1907

Demorando-se a decisão da batalha, pela falta de noticias de Osorio, que partira para atacar o inimigo pela retaguarda e temendo Caxias que o desanimo se apoderasse dos seus combatentes, toma uma resolução heroica. Apezar dos seus 65 annos, Caxias arranca da espada e grita, apontando para a ponte: "Sigam-se os que forem brasileiros", e esporeando o cavallo, arremette-se contra o fogo do inimigo, seguido pelo seu estado maior e por tres dezenas de lanças rio-grandenses de sua escolta. O enthusiasmo é indescriptivel, os vivas estrugem nos ares, confundindo-se com o fragor da batalha, e centenas e centenas de homens seguem as pegadas o velho soldado, e os paraguayos, sob aquella avalanche de bayonetas, sabres e lanças, a tiros, cutiladas, pontaços e lançaços, recuam de roldão e fogem desbaratados.

Caxias, que, quando alferes, aos 15 annos de idade, fôra, em 16 de Novembro de 1822, o primeiro official porta-bandeira do novel pavilhão brasileiro, creado em 18 de Setembro desse anno, nunca na sua longa e gloriosa vida militar, perdera um unico combate, quer nas pacificações das Provincias de Pernambuco, Maranhão, S. Paulo, Minas Geraes, Rio Grande do Sul, quer em toda a campanha do Paraguay.

Foi, póde-se dizer, um soldado vencedor, nuca vencido.

Parece que o Destino, designando-o par ser o official que recebesse a primeira bandeira brasileira entregue á guarnição do Rio de Janeiro, em 1822, incumbio-o de, onde elle estivesse, levantal-a bem alto e de leval-a sempre á Victoria. E' um facto digno de registo.

Esse feito glorioso, a passagem do Itororó, as chamadas Thermopylas paraguayas, repercutiu festivamente na capital do então Imperio, e a cidade engalanou-se toda, estrugindo os ares com o estampido de centenas de foguetes, repiques de sino e os alegres sons das bandas marciaes, que percorriam as ruas, em signal de jubilo, por mais esse

heroico feito do Exercito, que bem o estava merecendo da Patria.

No emtanto, no meio de toda essa alegria, de todo esse regosijo, milhares de corações se apertavam, se confrangiam, temendo pela sorte dos maridos, paes, filhos, irmãos e amigos que combatiam sob a espada fulgurante e victoriosa de Caxias, que nunca teve o seu Waterloo.

De novo, o coração materno de D. Rosa Paulina da Fonseca teria de ser lanceado por acerba dôr. Nessa batalha, perdera ella um de seus filhos, o terceiro, o major de infantaria Eduardo Emiliano da Fonseca, e soube que outros dois, Hermes e Deodoro, foram gravemente feridos, sendo que este ultimo recebera tres ferimentos por bala de fuzil.

Em 11 do mesmo mez, Caxias punha o terceiro galão duplo nos punhos da farda de Deodoro, por actos de distincta bravura.

Como das outras vezes, empavezara-se a fachada da casa da heroica matrona, de bandeiras e flores e, á noite, nas janellas ostentavam-se os globos illuminativos.

Nessa casa, residiam com ella uma filha solteira e tres noras. Os soluços e os gemidos da irmã, que chorava a morte de Eduardo, e a sorte, ainda desconhecida de Hermes e de Deodoro, e os das esposas destes, uma já viuva, e as outras receiando que naquelle momento, talvez, já o fossem, eram de enternecer o mais duro coração. Sómente D. Rosa Paulina, com stoica resignação: "andava no meio dellas, consolando-as, e, por sua vez, em seu quarto, a chorar de joelhos, orando, tendo deante dos olhos os retratos de seus filhos, aos quaes beijava limpando depois as lagrimas, para, de novo, volver a confortar as filhas".

A' noite, annunciavam a visita de um official que, em nome do imperador, ia apresentar pezames áquella senhora, que vira partir para a guerra sete de seus filhos varões. Recebendo, calma e impassivel, o enviado do Governo, e ao demonstrar este a sua admiração, por encon-

trar a casa toda embandeirada e illuminada, quer exteriormente, como o salão de visitas, respondeu que: **"a victoria que a Patria alcançava, e que todos tinham ido defender, valia muito mais que a vida de seus filhos".**

O official curvou-se ante aquelle caracter forte e diamantino e visivelmente commovido, beijou a mão daquella excelsa senhora, que lhe parecia a encarnação da propria Patria.

De seu consorcio com o tenente-coronel Manoel Mendes da Fonseca, tivera os seguintes filhos:

1.° — Hermes Ernesto da Fonseca, marechal do exercito, ex-presidente da Provincia de Matto Grosso, commandante das armas do Pará e Bahia, Governador da Bahia, conselheiro de Guerra, grão-cruz da ordem de Aviz, dignatario da Ordem do Cruzeiro e da Rosa e cavalleiro da de Christo. Fallecido em 1891. Era literato, poeta e musico.

2.° — Severiano Martins da Fonseca, marechal de campo, barão de Alagôas, ex-director da Escola Militar de Porto Alegre, Grande do imperio, Conselheiro de Guerra, do Conselho do imperador, veador da imperatriz, commendador das Ordens de Christo e da de Aviz, official da Rosa e do Cruzeiro. Fallecido em 1889.

3.° — Manoel Deodoro da Fonseca, marechal do exercito, generalissimo de Terra e Mar, Proclamador da Republica e Chefe do Governo Provisorio e 1.° Presidente Constitucional da Republica dos Estados Unidos do Brasil. Grão Cruz das Ordens de Aviz e do Cruzeiro. Grande dignatario da Rosa. No tempo do imperio recusou todos os titulos de nobreza que lhe foram offerecidos. Nasceu em Anadias, Alagoas, em 5 de Agosto de 1827 e falleceu a 23 de Agosto de 1892.

Está sepultado no Cemiterio de S. Francisco Xavier ao lado esquerdo da entrada, no quadro n. 5.

A sua sepultura é coberta com uma lapide de marmore negro, lendo-se em letras de bronze dourado:

DEODORO

"Non desit, existat et semper manebit".

4.º Pedro Paulino da Fonseca, tenente reformado do exercito, coronel honorario do exercito, ex-governador de Alagôas, senador federal pelo mesmo Estado, literato e um dos melhores estatisticos. Marchou com Deodoro, em 15 de Novembro de 1889, para proclamar a Republica.

Nascido em 1829.

5.º — Hyppolito Mendes da Fonseca, capitão de infantaria, nascido em 1831, e morto heroicamente em Curupaity, em 1866.

6.º — Eduardo Emiliano da Fonseca, major de infanfantaria, nascido em 1833, e morto gloriosamente em Itororó, em 1868.

7.º — João Severiano da Fonseca, doutor em medicina, medico militar e literato. Fez toda a campanha do Paraguay. General Chefe do Corpo de Saude do Exercito. Nascido em 1835.

8.ª — Emilia Rosa da Fonseca, casada com Balbino Furtado de Mendonça, que era republicano, combatendo francamente o regimen monarchico, pois foi director do Club Tiradentes, fundado em 1881.

9.ª — Amelia Rosa da Fonseca, nascida em 1839, casada com o capitão Raymundo Ribeiro do Amaral, que fez a campanha do Paraguay.

10.º — Affonso Aurelio da Fonseca, alferes do 34.º batalhão de Voluntarios da Patria, unico nascido no Rio de Janeiro, em 1845, pois os outros todos nasceram em Alagôas, e morto heroicamente, em Curuzú, em 1866.

O marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, que foi o 8.º Presidente da Republica, é filho do Marechal Hermes Ernesto da Fonseca. Dos seus quatro filhos, tres são officiaes do exercito.

Os dois filhos do Marechal Severiano Martins da Fonseca (barão de Alagôas), Olympio e Percilio de Carvalho Fonseca falleceram generaes de brigada.

Do Coronel Pedro Paulino da Fonseca é filho o general Clodoaldo da Fonseca, que já foi governador de Alagôas, como seu pae.

O unico filho de D. Rosa que não marchou para a guerra foi o tenente Pedro Paulino; este ficára para tomar conta da familia.

Eis a singela e edificante historia de D. Rosa Paulina da Fonseca, fallecida em 11 de Julho de 1873, aos 70 annos de idade, matrona respeitada e admirada por todos os brasileiros, mulher de militar, mãe de oito filhos, todos militares, tronco da illustre familia Fonseca.

A' mãe do grande e inolvidavel Deodoro, cujo primeiro centenario de nascimento, nós, os republicanos de antes de 89, commemoramos, o nosso maior respeito e admiração.

Agosto de 1927.

F. Pereira Lessa.

(Do Club Tiradentes)

DEODORO E A ESCOLA MILITAR

A vida dos homens, que tiveram a felicidade de encontrar situações favoraveis á revelação das suas qualidades superiores, fornece casos dignos de imitação em circumstancias analogas áquellas em que elles occorrêram. Esses casos transformam-se com o decorrer do tempo em verdadeiros modelos de conduta, que devem ser recordados com o fim de se enaltecerem áquelles que foram felizes por os haverem podido resolver dignamente.

Corria cheio de apreensões sobre o futuro proximo do Brazil o ano de 1889, que evocava a tomada gloriosa da Bastilha, levada a cabo pela população entuziasta de Paris á qual aderiram as guardas nacionaes francêzas, abrindo com chave de ouro uma nova era na evolução humana do Ocidente.

Estava anunciado o regresso de Deodoro, que por ser indesejavel aos politicos metafizicos dominantes de então havia sido escolhido para comandar o Corpo do Exercito, reunido em Corumbá, fronteira da Bolivia, por cauza de uma divergencia secundaria com essa Republica, que havia sido aproveitada para se poder mandar para bem longe aquele general prestigiozo. Ele havia cahido no desagrado dos influentes metafizicos da época por se haver tornado solidario com a reinvindicação de garantias civicas aos militares, que passou á Historia com a denominação de "Questão Militar". Aquele dezagrado havia aumentado de intensidade depois que Deodoro assinou o requerimento de 26 de Outubro de 1887, feito em nome do Club Militar, para pedir á Princêza Regente que poupasse

ao Exercito Nacional a triste incumbencia de capturar nêgros escravos, fugidos de Campinas e acoutados na Serra do Cubatão, atitude oportuna e nobilissima, que concorreu sobremodo para a abolição da escravatura pela fórma decretada por ordem daquella Princeza.

Ao gabinete reacionario, de fato, embora liberal de rotulo, que se supunha onipotente e perpetuo, dezagradaria que Deodoro fosse recebido pomposamente na Côrte pelas massas sociaes e, especialmente pela classe fardada. Providencias foram tomadas para impedir as manifestações esperadas á chegada do prestigiôzo Cabo de guerra, dentre as quaes se destacava a prohibição da Escola Militar tomar parte nas referidas manifestações. Essa ordem deveria ser dada na manhã do dia da chegada de Deodoro ao Rio. Avizados os Alunos Militares na véspera de que a ordem já havia chegado á Escola, pelo Alferes aluno de dia, hoje o inclito general reformado Sabino Barrozo, deliberaram sair da Escola na Praia Vermêlha, na madrugada do dia da chegada. E isso realizaram no maior silêncio, todos saindo uniformizados e descalços dos alojamentos respectivos, levando as botinas pêlas alças, dirigindo-se ao baluarte, pulando para a Praia de Botafogo, onde se calçaram, evitando a sentinella do portão da Escola e se dirigindo para a cidade, havendo sido fretada uma barca das de Niteroi, todos os Alunos nella embarcaram e se dirigiram ao encontro do paquete onde vinha Deodoro, que já havia transposto a barra.

Fundeado o paquete e nele embarcadas as diversas commissões e pessoas que iam saudar a Deodoro, entre as quaes se encontrava o seu irmão General Severiano, Commandante da Escola Militar, a barca atracou por sua vez, e todos os alumnos passaram-se para o paquête e se aproximaram de Deodoro, que foi saudado pelo Alferes-aluno Lauro Muller, em nome da Escola! O General Severiano, que havia deixado ordem prohibindo que os Alunos tomassem parte nas manifestações a Deodoro e que não sabia como a sua ordem havia sido burlada, reti-

rou-se do paquete sem dizer uma palavra e, em chegando á Praia Vermêlha, remeteu ao Ministro da Guerra o seu pedido demissão de Commandante da Escola Militar. O indesejavel aos dominantes metafizicos do momento, foi recebido pomposamente como havia feito jus, pelas suas atitudes civicas anteriores. havendo tomado parte saliente nas manifestações os alunos da Escola Militar. O General Severiano obteve a sua ezoneração e nenhum inquerito foi aberto para apurar o ato de civismo dos jovens militares. Alguns mêzes depois êles se haviam tornado uma das colunas da Republica nacente, assediada manhozamente pelos mêsmos metafizicos já decahidos, que, por isso, pensavam de modo diametralmente opôsto quanto ao direito de manifestação aos patriotas do seu credo.

Dois ensinamentos se colhem do epizodio, que acabou de ser narrado sucintamente:

Que a farda do soldado não abafa o coração do cidadão, como Ozorio havia proclamado muito tempo antes e Deodoro havia demonstrado praticamente durante a "Questão Militar" e a "Abolição dos Escravos" em nossa Patria, tornando-se embora indezejavel aos dominantes metafizicos da época.

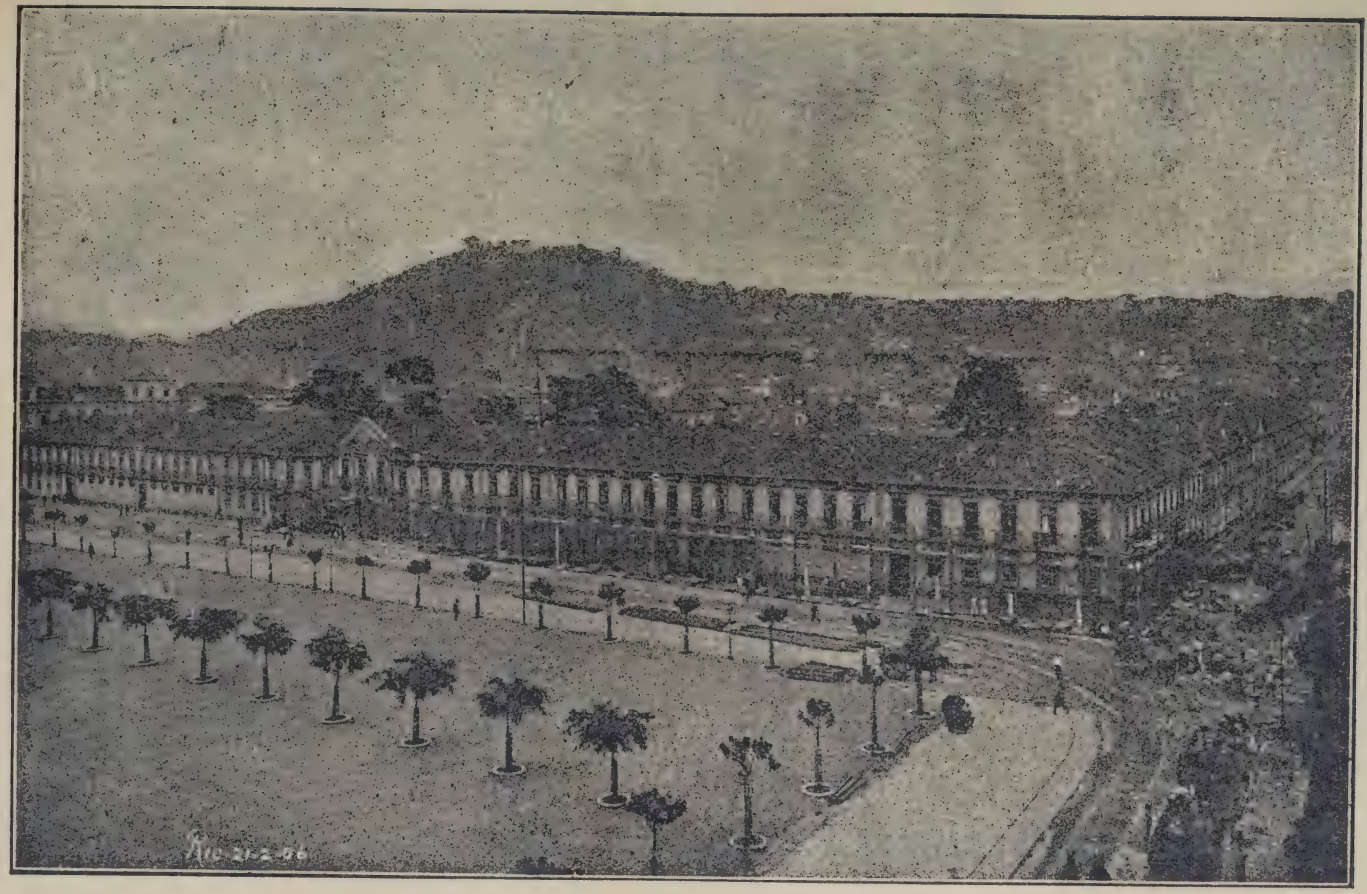
Que o ser indezejavel aos influentes metafizicos em épocas de tranzição é o atestado solene de conduta civica e a chave de ouro, embora circulada de espinhos, com que se abrem as portas da imortalidade subjectiva no Panteon da Historia para os perseguidos ou desprezados no Prezente, gloriozos e honrados no Futuro.

Americo Silvado.

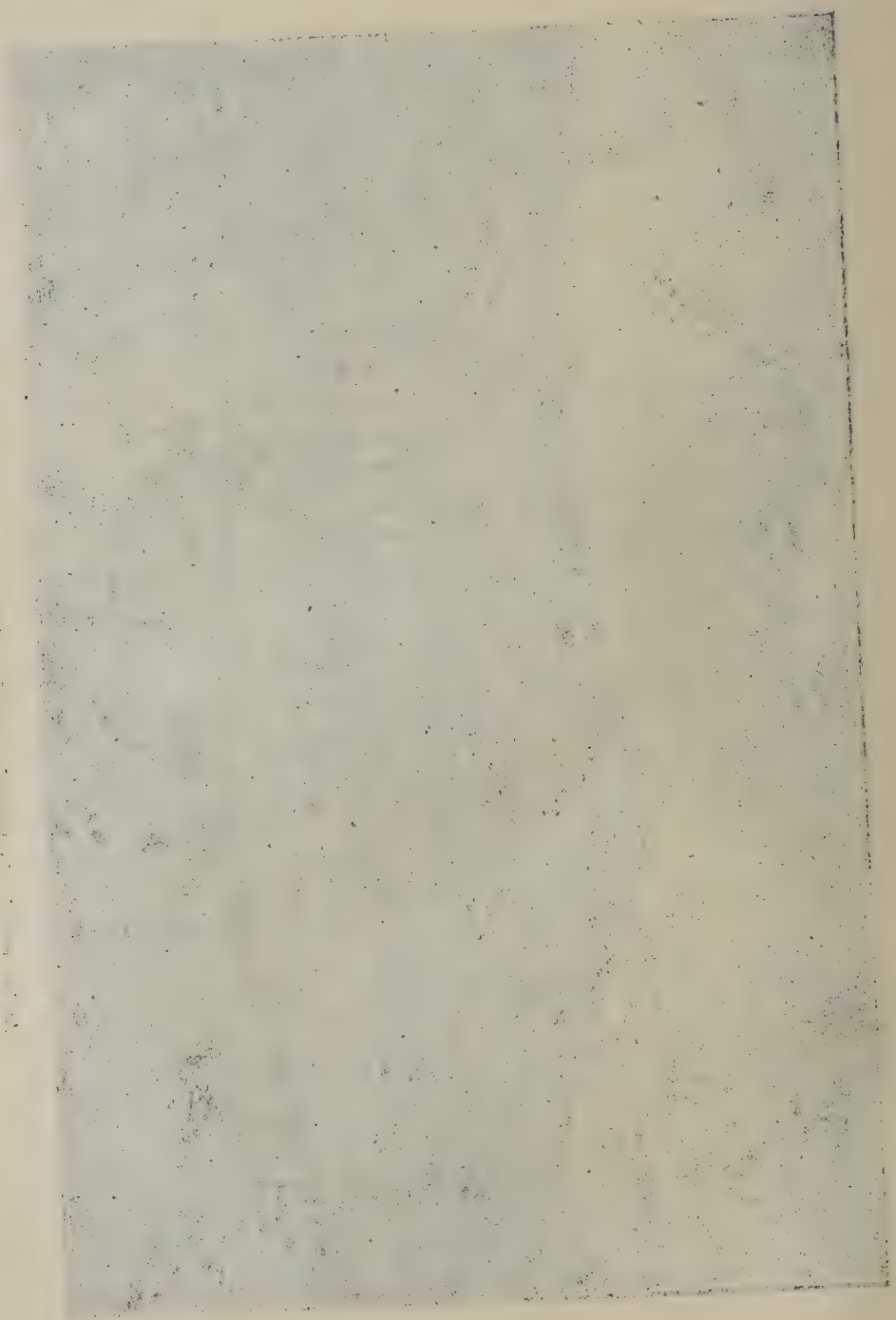
—— **Nota** — Os detalhes relativos aos Alunos Militares me foram fornecidos pêlo falecido Marechal Odilio Bacellar, quando, embora gravemente doente, alegrava aos que o iam vizitar no Hospital Militar, narrando cazos passados na gloriosa Escola Militar da Praia Vermelha, no seu tempo de Aluno.

A. S.

387, 1.



Antigo edificio do Quartel General — Photographia tirada em 1906



Manoel Deodoro da Fonseca

"Deixae pagar o tributo,
Que mais falla ao coração,
Aguia sem rapacidade,
Grande heróe sem ambição!".

Tobias Barreto

E' nobilitar uma penna escrever algumas linhas sobre Deodoro da Fonseca.

Transcorre hoje um seculo do seu nascimento, na pittoresca villa de Anadia, da então provincia de Alagôas. Oriundo de uma familia de militares que faz honra ao Brasil, tocou ao insigne soldado uma formidavel missão entre nós. Quem quer que haja de escrever a historia da Revolução de 15 de Novembro de 1889 e da proclamação da Republica, ha de juntar sempre o seu nome ao do não menos notavel Benjamim Constant.

O primeiro representa o heroismo e a força que executou a Revolução; o segundo, a intellignecia que a dirigiu. Deodoro da Fonseca era o valor em pessôa, a coragem, a decisão, a firmeza, o denodo feito homem. Era o general de mais prestigio e o mais popular do exercito, foi, pois, quem arrastou a classe militar para a luta contra a monarchia. Sua biographia revela-nos a vida do puro e completo soldado.

Em 1843, aos dezesseis annos de idade, matriculou-se Deodoro da Fonseca na Escola Militar. Em 1845 assentou praça no 4.º batalhão de artilharia a pé. Em 1847 terminou o curso de artilharia e no seguinte anno começou a sua carreira de lutas, indo combater a revolução de Pernambuco, a chamada "Revolução praieira" de 1848, dirigida pelo illustre Nunes Machado.

No combate de 2 de fevereiro de 1849, em que morreu o celebre chefe pernambucano, Deodoro da Fonseca teve a sua primeira prova de fogo, merecendo elogios e sendo promovido a 2.º tenente.

No posto de capitão vemol-o seguir em 1846 para fazer a campanha do Estado Oriental e, logo no anno immediato, encontramol-o no posto de major e commandante do 2.º corpo de "voluntarios da patria" a fazer a campanha do Paraguay onde permaneceu durante os cinco annos de guerra.

Não é preciso acompanhar o futuro fundador da Republica em todos os seus memoraveis feitos bellicos. Em "Estero Bellaco, Tuyuty, Itororó", onde foi gravemente ferido, fez prodigios de valor, nomeadamente nas batalhas de "Pirebebuy" e "Campo Grande". Fallando nelle, as ordens do dia da campanha dizem: "está acima de todo o elogio", phrase singela e expressiva que constitue a synthese da vida militar do grande guerreiro.

Em seguida á guerra do Paraguay, onde a Armada e o Exercito nacionaes conquistaram gloria immorredoura admirada em todo o mundo civilizado, começou a propagar-se entre os militares uma tal ou qual desconfiança e antipathia a respeito do governo civil, que, não sendo habilmente curada desde o principio, foi gradativamente avolumando-se, até que, afinal, produziu a queda da monarchia.

O governo monarchico pouco cuidava do exercito, consoante o insuspeito testemunho de Eduardo Prado, nos "Fastos da Dictadura Militar": "Existia no Brasil um exercito esquecido, mal organizado, mal instruido, e mal

pago; um exercito onde havia um official para 13 soldados; onde o numero de officiaes e uma longa paz dificultavam as promoções; onde o pobre soldado vivia fóra da vida do regimento, destacado em pequenas guarnições de 20, 10, 5 e até 2 homens pelas villas do interior, situação dissolvente de toda a disciplina e destruidora de todo o respeito".

Dois factos principaes vieram precipitar o advento da Republica, a "questão militar" que vinha agitando o paiz desde 1870 e a "abolição".

A partir de 1880, pelo menos, as tendencias liberaes dominam de maneira impressiva todas as classes.

Dir-se-ia que entrava em crise decisiva a tenaz collisão em que vinham desde muito o sentimento geral e as instituições.

O ponto negro inicial dessas divergencias, entre as classes armadas e a autoridade civil, culminou desde quando em 1886, surgiu, de novo, a chamada "questão militar". O ministro da guerra Alfredo Chaves, expediu um aviso mandando repreender o coronel Cunha Mattos e o tenente coronel Senna Madureira, prestigiosos officiaes do Exercito, pelo facto de terem elles rebatido pela imprensa as accusações formuladas da tribuna da Camara por um deputado contra o primeiro. A attitude energica assumida pelos dois officiaes repercutiu célere em todas as fileiras do Exercito, levantando grande agitação de sympathia e adhesões em todos os corpos da guarnição das diversas provincias do Imperio. O Marechal Deodoro da Fonseca, que, no Rio Grande do Sul, desempenhava os cargos de 1.º vice-presidente em exercicio e de commandante das armas, esposou resolutamente a causa dos seus companheiros, e, tanto pelo seu prestigio como pela profunda estima de que era alvo, teve naturalmente o commando da temerosa campanha. Travou-se então entre o Exercito e o governo da monarchia o irreconciliavel antagonismo, que prendeu por tanto tempo a attenção geral

do paiz, conservando em constante agitação as classes armadas.

Tendo logo depois o governo submettido á apreciação do conselho supremo militar de justiça a questão da legalidade dos avisos ministeriaes de que se tratava, o Tribunal declarou que, "segundo a constituição, os officiaes tinham, como outros quaesquer cidadãos, o direito de manifestar suas opiniões pela imprensa".

Decisão esta sobremodo honrosa, pela independencia da magistratura daquella época. Comtudo o governo recusou cancellar as notas infligidas aos dois officiaes mencionados, nem quiz acceder ao pedido do tenente-coronel Senna Madureira para justificar-se perante um conselho de guerra. Resolveu, portanto, o Marechal Deodoro convocar uma reunião dos officiaes da guarnição da capital, para, deste modo, exercer uma certa pressão sobre o governo, acto este, diz Anfrisio Fialho, "de uma ousadia nunca vista no já longo reinado de Pedro II".

O Marechal, que havia insuflado e dirigido toda a questão militar, não hesitou, por fim, ante a responsabilidade de um pronunciamento contra a monarchia.

Tinha elle, com apoio do visconde de Pelotas, que se lhe associára, dado já ao governo todos os avisos. Pelotas chegou no Senado a fazer sentir ao proprio presidente do conselho que "foi uma revolução que obrigou D. Pedro I a abdicar"...

Não era Deodoro desses que se aquecem ao sol do favoritismo imperial. Tinha a tempera rija demais para aulico. Possuia elle profunda convicção inquebrantavel, alliada a uma nobre dedicação irreductivel: a convicção da ordem e devotamento á liberdade.

Estas nobres virtudes doiravam-lhe a existencia com um brilho jámais empanado, não sendo por isso possivel precisar qual o maior prestigio, por que elle tanto se impoz ao respeito e admiração dos seus contemporaneos: si pela pureza immaculada da sua vida e pela dignidade imperterrita do seu caracter, si pelo poder fascinador da

sua coragem que fez vibrar de enthusiasmo todos os seus camaradas.

De tal guiza temperava a gravidade com a delicadeza e embrandecia a auctoridade com o affecto, que desarmava todas as aggressões e obviava todas as inconveniencias e todas as incompatibilidades.

*

* *

A idéa de republica constituia uma aspiração antiga do povo, genuinamente nacional. E demais, toda a America era republicana e a excepção, que era a monarchia, não se justifica por nenhuma excellencia.

Povo nascente, só podiamos ter anhelos, e baldos totalmente de tradições, havendo recebido um throno de emprestimo, a elle não nos prendiam fortes laços de arreigados interesses, e dahi a sua natural instabilidade, que lhe occasiona a quéda ao mais leve perpassar de um sopro revolucionario.

Consequente a esse fundamento historico da nacionalidade, devera fatalmente, na organização dos partidos politicos, surgir a legião arregimentada dos apostolos da nova fé, visando encaminhar pela moderna trilha a evolução de seu paiz, a despeito de quaesquer exitos alcançados pelo regimen da corôa.

De facto, firmados os grandes grupos sociaes, em que se vieram arrolar os mais eminentes estadistas, que tripularam por tantos annos a náo do Estado, os elementos revolucionarios, até então esparsos, começam por sua vez a se constituir, e data propriamente de 1870 a organização do partido republicano como corporação politica militante.

Guilherme Ferrero, com a perspicuidade de historiador philosopho, com a nitida idéa da cultura e dos destinos humanos, assim se refere a essa agitada phase da nossa

historia: "Que as raizes de uma monarchia se debilitam quando são continuamente irroradas pelo orvalho da graça divina, nenhuma historia o prova melhor que a do Brasil. D. Pedro era um imperador voltairiano; mas na philosophia e no saber, elle havia perdido por fim a consciencia do monarcha. Elle proprio sentia-se homem semelhante a todos os seus concidadãos, e aos seus amigos dizia ser o primeiro republicano do Brasil. E resignou-se á republica com uma serenidade que prova como elle mesmo não estava persuadido de ter o direito de exercer uma tão desmedida auctoridade".

Na sua historia mais recente, a aspiração democratica renasce com a fundação do "Club Republicano" e a criação do orgam a "Republica" (1871), onde se reunem varios elementos liberaes da politica monarchica. Já agora, como escreve Joaquim Nabuco, no seu livro — "Um Estadista do Imperio", "são os proprios monarchistas que hostilizam a monarchia, por impaciencia de subir, susceptibilidade offendida, e incapacidade de tolerar que os outros tivessem a sua vez".

Todos exigem novas reformas; sem precisar, porém, nenhuma idéa, porque parece que dentro dos moldes do regimen já não ha idéa que satisfaça á anciedade nacional.

A abolição deu-lhe extraordinario vigor e foi o ultimo golpe. A Republica é a fórma politica definitiva.

Os brasileiros viram o occaso da monarchia racionalista effectuar-se no paiz tranquillamente, sem sangue, como bella tarde placida e luminosa.

Nessa historia resplende, numa etherea luminosidade, o campo santo em que repousam os seus maiores servidores: Deodoro, Benjamim Constant, Saldanha Marinho, Floriano e Quintino Bocayuva.

Deodoro, a espada legendaria que rutila, como um sol, nas chronicas da nossa bravura; o patriota, que depois de ter trazido dos campos do Paraguay o penhor immorredouro da sua coragem e da sua grandeza, foi ainda

duas vezes grande, quando, a 15 de Novembro, confundiu as forças armadas e a consciencia popular numa só aspiração de liberdade, e quando, a 23 de Novembro, compreendendo que seu coração, aberto como o templo da christandade, asylára em seu seio a legião faminta dos mercadores da patria, preferiu refugir á uma explosão de sangue, que macularia a alvura luminosa de sua gloria e volver á tranquillidade da sua velhice, aureolada pela refulgencia de tantos triumphos.

O maior elogio que se póde fazer ao inclyto soldado, é que sendo o detentor discricionario desta faustosa Republica, morreu pobre! O mesmo se poderá articular dos honestissimos governos de Floriano e Hermes da Fonseca.

Melhor do que o velho Horacio, Deodoro da Fonseca pôde dizer — "non omnis moriar", não morrerei "todo". A historia é uma ressurreição: nella fica inscripto, perennalmente, em caracteres de ouro o nome do benemerito soldado.

João Vampré.

DEODORO - O Magnanimo

Ha na vida dos povos, como na vida do homem, momentos de indecisão e de extraordinaria indifferença. Nesses momentos os lances politicos, ou sociaes da mais transcendente importancia, são recebidos sem demonstração de enthusiasmo! Foi assim, sob o influxo de uma tal athmosphera que a população da Capital do Imperio, despertou surpreza na aurora do memoravel dia 15 de Novembro de 1889, ao troar dos canhões que annunciavam a fundação da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Poucos eram os elementos bellicos de que dispunha Deodoro, para realisar tão estupendo fieto, pois, apenas tinha elle sob suas ordens uma pequena fracção do Exercito, impulsionada pelos mais puros sentimentos de liberdade, alguns civis, vantajosamente conhecidos na propaganda republicana e varios academicos cheios de fé e de amor á democracia.

Com esse punhado de fervorosos crentes politicos, poude o egregio Marechal, pelo seu prestigio militar e pelo valor moral do seu nome, abolir a monarchia exercida por D. Pedro de Alcantara.

O povo recebeu a transformação politica que se operava, do mesmo modo que receberia a abdicação de Pedro II em um dos seus descendentes, o que motivou a phrase que se tornou celebre, de Aristides Lobo, que o povo ficára "bestialisado".

Esse estado da alma de um povo, em momento de tamanha magnitude, exuberantemente demonstra a ausencia de sua educação civica.

Casa onde nasceu o Marechal Deodoro da Fonseca, na RUA DOS MORTOS, na cidade Velha das Alagôas

Si o Imperador, com a sua displicente philosophia não soube crear a casta de fidalgos para garntia de seu throno, os sentimentos de liberdade que explodiram em 1817, em 1825 e em 1835, não foram cultivados de modo a constituir um partido forte, capaz de impor-se pelas suas idéas. Havia, é certo, republicanos de grande valor, partido efficiente, porém, não existia. Nem Deodoro, nem Benjamim eram Republicanos.

Benjamim, caracter impolluto e independente, embevecido no estudo das sciencias que professava e nos cuidados da familia, não cogitava de politica, abraçou a causa da republica, dias antes de seu advento, por interferencia de Quintino Bocayuva. Deodoro, caracter energico e respeitavel por todos os seus actos era dedicado ao Imperador, dizia-se filiado ao partido Conservador, mas nunca votára, tornou-se republicano fortuitamente por effeito dos acontecimentos em que se viu envolvido. A questão militar, foi o seu primeiro passo de approximação dos propagandistas do ideal republicano. Prezando com grande ardor a farda que vestia, recusou a cadeira de Senador e titulos nobiliarchicos, que lhe foram offerecidos pelo Presidente do Conselho de Ministros, Barão de Cotegipe, para ficar ao lado dos seus camaradas de classe, offendidos em seus brios pelos politicos de profissão.

O abandono das senzalas das fazendas pelos escravos, forneceu-lhe ensejo para um outro passo, na róta dos arraiaes republicanos. Sendo então Presidente do Club Militar, foi elle o interprete do pensamento dos seus companheiros de armas, por meio de petição escripta dirigida á Princeza Imperial Regente, na qual implorava a graça de não ser o Exercito empregado na captura dos escravos refugiados nas mattas, em busca de liberdade.

A esse tempo, a propaganda republicana intensificava-se e fazia grande progresso no seio da força armada. Na imprensa, salientavam-se Quintino Bocayuva, o chefe laureado, que de longa data se vinha batendo pelo ideal de uma Patria livre, Julio de Castilhos, o polemista vigo-

roso, que o secundava com grande brilho, Venancio Ayres, José do Patrocinio, Ubaldino do Amaral, Assis Brasil, Lauro Sodré, Villeroy, Simões Lopes, Alcides Lima e varios outros; e pela palavra, em conferencias publicas, Lopes Trovão, o tribuno do povo, Silva Jardim, o grande demolidor, Glycerio, Aristides Lobo, Campos Salles, Prudente de Moraes, Americo Brasiliense, Pinheiro Machado, João Pinheiro, Coelho Lisboa, Sampaio Ferraz e muitos outros.

O Governo, attentando nos factos, que aqui na Capital e nas Provincias se desenrolavam, julgou de boa politica afastar Deodoro para longinquas paragens do lugar onde mais viva era a propaganda. E assim, foi elle nomeado para commandar uma Divisão em Operações na Provincia de Matto Grosso, que se organisaria em Corumbá. O pretexto que serviu ao Governo para mascarar o seu acto, foi o de uma guerra, que dizia provavel, entre duas nações limitrophes com o Brasil, convindo impedir que o territorio nacional fosse invadido pelos belligerantes. Mezes depois da estadia de Deodoro, em Corumbá, houve mudança de situação politica, subindo ao poder o partido Liberal, com o Visconde de Ouro Preto, na Presidencia do Conselho de Ministros, tendo como titular da Pasta da Guerra, o General Visconde de Maracajú. Entre os primeiros decretos do novo Governo, figurou a nomeação do Coronel Cunha Mattos, para Presidente da Provincia de Matto Grosso, a dissolução da Divisão em Operações e a nomeação de Deodoro para Commandante das Armas da referida Provincia. Era esse acto governamental, uma affronta aos seus brios e que elle repellio in-limine, dando por finda a sua commissão e recolhendo-se a esta Capital. Mas, não o fez sem um protesto compativel com a sua alta patente e dignidade de seu caracter, fazendo-se acompanhar por um dos Batalhões de Infantaria que d'aqui levara, e que, segundo as ordens do Ministro da Guerra, alli deveriam permanecer; e o mesmo teria feito com o

outro Batalhão, que tambem havia levado, si não fosse a falta absoluta de transporte na occasião.

Antes desse facto, que bastante o aborreceu, já Deodoro em conversa com officiaes de sua amizade, deixava ás vezes transparecer o proposito de pôr a sua espada ao serviço dos ideaes republicanos; e na cidade do Rio Grande, onde se achara, a 7 de Setembro de 1889, respondendo aos cumprimentos dos officiaes da Guarnição, disse que, talvez dentro em breve, se pudesse festejar uma data de maior importancia para o Brasil, do que aquella que dava lugar ao jubilo do dia.

Ao chegar a esta Capital, recolheu-se á sua residencia, após as apresentações obrigatorias, e ahi só compareciam officiaes amigos e pessoas de suas relações intimas, não sendo visitado pelas altas patentes do Exercito e da Armada, nem tão pouco pelas pessoas que, embora de suas relações, tinham ligações, com o governo ou delle dependiam. Este facto deve ter, provavelmente, actuado em seu espirito fortalecendo as ideias que nelle se agitavam. De sorte que, ao appello dos seus camaradas elle accedeu promptamente, ficando Benjamim Constant auctorisado a agir junto aos officiaes da Guarnição e aos republicanos de maior relevo; e assim tambem para presidir a sessão do Club Militar na noite de 9 de Novembro, em que foi definitivamente decidida a sorte da Monarchia.

Na reunião em casa de Deodoro, onde compareceram varios vultos republicanos, Benjamim, dando conta do trabalho feito, mostrava-se preoccupado com a acção que podessem ter os Batalhões de Infantaria, por não haver conseguido entender-se com os seus Commandantes. Deodoro teve então esta phrase: "Guardem-me o corpo até o Campo de Sant'Anna, que alli a um aceno meu, virão os Batalhões por-se ás minhas ordens".

Tal era a confiança do prestigio que elle tinha entre os seus camaradas!

A 14 de Novembro ficara resolvido que o golpe politico seria dado ao alvorecer do dia seguinte, porém, á

noite, Deodoro fôra acommettido de dyspnéa tão fórte e com symptomas tão alarmantes, que os amigos e conjurados, julgando-o com algumas horas de vida apenas, resolveram adiar o movimento. As forças aquarteladas em S. Christovão, já se haviam posto em armas, e sabendo do estado de saúde de Deodoro, reclamaram a presença de Benjamim, que pela madrugada para alli partiu. Ao defrontar-se com ellas, impresionado, talvez, pelo seu reduzido numero disse: si Deodoro podesse ao menos ir ao Campo de Sant'Anna!... Lauro Muller que o ouvira, offereceu-se para ir saber si o estado de saúde de Deodoro lhe permittiria collocar-se á frente das forças.

Chegando á sua casa, foi informado que Deodoro, redivivo, havia já partido em carro para São Christolvão, levando o sellim da sua montaria dentro de um sacco. Debaixo de vivas acclamações foi Deodoro recebido pelas forças que vinham sob o commando do Tenente-Coronel João da Silva Telles, ladeado por Benjamim. Ahi, tendo um official lhe offerecido o seu cavallo, mandou arrêal-o com o sellim que trouxera, e em seguida assumiu o commando das forças, dirigindo-se para o Campo de Sant'-Anna, onde, depois de tomadas as providencias que julgou convenientes, ordenou que lhe abrissem o portão do Quartel-General em cuja area se achavam os batalhões, com os quaes contava o governo, sendo por elles acclamado com forte enthusiasmo. Estava, pois, feita a Republica, que foi saudada por uma salva de 21 tiros com os canhões do 2.° Regimento de Artilharia á Cavallo.

Nesse instante, sob o commando do intrepido republicano, major Marciano de Magalhães, chegavam ao Campo de Sant'Anna os alumnos da heroica e tradicional Escola Militar, que em estrepitosos vivas á Republica, jogavam com enthusiasmo os kepis para o ar.

Algum tempo depois da fundação da Republica correu a versão de que Deodoro viera de Matto Grosso com o intento de fazer a revolução na Provincia do Rio Grande do Sul, de combinação com Julio de Castilhos. Essa

versão tem, de certo, fundamento, porquanto o general Ricardo Fernandes affirmou-me mais tarde ter sido elle enviado como emissario de Castilhos, junto a Deodoro, para tratar desse assumpto; e de facto, bem me recordo de que por occasião da estadia de Deodoro em Corumbá alli estivera Ricardo Fernandes, que nessa época era capitão.

Dizia-se tambem, e ainda hoje ha quem o repita, com o proposito, talvez, de diminuir a acção de Deodoro, na fundação da Republica, que o seu intento era depor o Ministerio, sómente.

A esse respeito posso dar o meu incontestavel depoimento, pois, ao cahir do dia 13 de Novembro, estando com Deodoro, disse elle, respondendo a uma pergunta que eu lhe fizéra: "A Republica é a nossa unica sahida, é a salvação do Exercito; depois indo ao encontro da propaganda republicana, talvez possamos evitar o derramamento de sangue". Quintino Bocayuva, conversando commigo certo dia, disse sobre esse boato: "Si se tratasse de uma deposição de Ministerio, a minha presença junto a Deodoro não teria justificação".

Deodoro era um espirito inteiramente desprendido de ambições, não queria posição alguma na Republica, e foi depois de grande relutancia que acceitou a chefia do governo provisorio, cargo para o qual indicara Benjamim; este, porém, como os outros companheiros, que formaram o primeiro governo da Republica, declararam que a elle, com mais direito que todos, cabia o lugar de Chefe Supremo.

A inteireza do seu caracter corria parelha com a bondade do seu coração. Quando depois de haver sido suffocada a revolta de uma parte do 2.º Regimento de Artilharia, em Dezembro de 1889, em reunião ministerial, convocada para tratar desse assumpto, disse elle que, de accordo com as leis militares, os rebeldes deveriam ser passados pelas armas, mas, tratando-se de assumpto de tão grande importancia, desejava ouvir a opinião dos compa-

nheiros de Governo. Os ministros unanimemente se pronunciaram em favor do perdão. Deodoro, com aquelle seu olhar de aguia, fitou-os, e respirando fortemente, lhes disse, com a physionomia radiante de jubilo: "Os senhores, me alliviaram a alma de um grande peso, pois me seria muito doloroso ter de mandar executar esses pobres soldados, explorados em sua ignorancia".

E foi, animado desse sentimento de bondade que o caracterisava, que elle, para não levar o lucto aos lares patricios, preferiu abandonar a Presidencia da Republica, certo, embora, que pelos vigorosos recursos de que dispunha, facil lhe seria a victoria sobre os rebellados.

Afastado do governo, em sua modesta vivenda, se comprazia em dizer, aos raros amigos que o visitavam, que tendo, não obstante, recursos bastantes para julgar a revolta, abandonára o governo para não fazer viuvas nem orphãos.

A heroicidade do guerreiro se casava bem com a bondade do seu coração.

Que sublime lição de civismo deu Deodoro, abandonando o governo para evitar effusão de sangue!

Governar não é impor-se pela força sob o pretexto de manter o prestigio da autoridade; esta se faz respeitada pela justiça e pelos bens que um poder outorga aos seus jurisdiccionados; pune com a lei, porém, submette-se á voz da razão.

A palavra de Deodoro era como um Evangelho, não faltava quando promettia, e disso deu a prova maxima na jornada de 15 de Novembro de 1889.

Conhecida embora a acção decisiva de Deodoro para a proclamação e fundação da Republica do Brasil, não posso furtar-me á satisfação de assignalar os juizos insuspeitos das testemunhas participantes tambem do grande facto.

"Sem elle, disse Benjamim, nada fariamos". E Quintino: "sem a acção decisiva de Deodoro, ainda hoje estariamos em propaganda republicana dentro das muralhas do 3.º reinado". E Glycerio: "A espada de Deodoro foi

o elemento capital da victoria". E Aristides: "nas forças armadas do paiz só havia um soldado com envergadura capaz de emprehender com exito a proclamação da Republica, e sse era Deodoro da Fonseca". E Trovão: "é preciso dizel-o bem alto, para que todos o ouçam, francamente, porque é a verdade; com segurança, por que é de justiça, que a Republica, não estaria feita, si não fôsse Deodoro da Fonseca". E Sampaio Ferraz: "Deodoro ordena a abertura do grande portão do centro e por ahi penetra a cavallo para o vasto circulo interior do Quartel General, onde em quadrilatero se estendia uma divisão inteira do Exercito.

Essa entrada de Deodoro fôra um acto heroico e decisivo. Os commandantes vacillavam no primeiro momento. Foi quando Deodoro, fulgurante olhar e com uma coragem de leão — alçou a espada relampejante e bradou: Apresentar armas! Toquem o hymno!

Foi o segundo mais emocionante da nossa jornada! Immediatamente as forças se perfilaram e jubilosas rendiam homenagem ao glorioso e intrepido soldado, ouvindo-se ao mesmo tempo as notas suggestivas do hymno nacional — tocado por todas as bandas. Estava feita a Republica!

O mais que se seguio foi a passeata militar pelas ruas da cidade, victoriando o povo ao valente cabo de guerra que em poucas horas havia transformado a situação politica do ultimo paiz americano ainda submettido ao regimen monarchico".

Com a opinião destes notaveis propagandistas republicanos, amparada pela affirmação sincera de Benjamim, está o meu pensamento, assim como estará tambem o de todos aquelles que de perto acompanharam os factos, porque a verdade se impõe a despeito dos julgamentos apaixonados e de mal contidos despeitos.

Dedicado em extremo á memoria de Deodoro, como sincero fui na amizade á sua pessoa, não posso deixar de apreciar em elevada consideração o concurso de Benja-

mim como um dos mais esforçados auxiliares de Deodoro para o triumpho do regimen republicano no Brasil.

O conhecimento de sua adhesão ao movimento republicano foi recebido com indescriptivel alegria por todos aquelles que bem o conheciam. Fui seu alumno, admirava-o pelo seu saber e respeitava-o pela nobreza de sentimentos e virtudes do seu caracter.

Si tenho manifestado rebeldia, não acceitando como bom um acto attinente á fundação da Republica, essa rebeldia visa exclusivamente ao acto iniquo e ingrato da maioria do Congresso Constituinte de 1891, que fez de Benjamim o fundador da Republica, unicamente para ferir Deodoro em seu amor proprio, pelo aborrecimento que lhes causava o Barão de Lucena, como titular de uma das pastas do Ministerio.

A Republica se fez no Campo de Sant'Anna com a espada gloriosa de Deodoro e o valor do seu prestigio no Exercito.

Deodoro era bastante altivo, conscio do seu valor e da sua auctoridade para não se deixar ficar no plano secundario que aos apaixonados Congressistas aprouve em querer collocal-o.

A Historia, porém, no seu julgamento imparcial, não poderá deixar de proclamar Deodoro, magnanimo, — O Fundador da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Gloria a Deodoro!

Rio, 5 de Agosto de 1927.

Marechal Ilha Moreira.

Ex-Ajudante de Pessôa do Generalissimo.

Antigo retrato do
Coronel Deodoro da Fonseca

Projecto de um sello
postal que não chegou
a circular,

O Grande Brazileiro

Sou admirador da personalidade de Deodoro, grato á sua memoria, como brazileiro e como republicano. Como brazileiro, por ter elle cumprido o seu dever de soldado, e com bravura, nos campos do Paraguay. Tambem não é isso para admirar, pois, quem conhece o elevado gráo de sentimento affectivo de que é dotada a mãi brazileira, é que pode aquilatar do gesto sublime de sua mãi, entregando ao exercito nacional a vida de sete dos seus oito filhos varões: Hermes, Deodoro, Severiano, Dr. João Severiano, Eduardo, Hypolito e Affonso, estes tres ultimos mortos nos combates de Itororó, Curusu' e Curupaity. A attitude dessa benemerita alagoana, cujo nome deve ser conhecido e venerado por todos os brazileiros — **Maria Paulina da Fonseca** — foi superior á mãi dos Gracchos. Tal mãi, taes filhos.

Como republicano historico, sou gratissimo á sua memoria, por ter elle concorrido de modo decisivo e incruento para a proclamação do meu ideal politico, a Republica.

Rio, 5 de Agosto de 1927.

Annibal Thompson Esteves.

(Membro da Commissão de Glorificação, representando o Club Tiradentes)

ANNEXOS

Os documentos adeante publicados fôram copiados do proprio «dossier» organisado pessoalmente pelo Marechal Deodoro, o qual está hoje sob a guarda do Sr. Marechal Clodoaldo da Fonseca. Alguns desses preciosos documentos vão estampados em «fac-simile», bem como dois outros que fôram gentilmente enviados pelo Sr. Coronel David Carneiro, de Curytiba :: ::

Questão Militar

1886

Achava-se o Marechal de Campo Deodoro da Fonseca no exercicio da Presidencia e do Commando das Armas da Provincia do Rio Grande do Sul quando a 2 de Setembro, á noite, recebeu o seguinte telegramma do Ajudante General do Exercito, Visconde da Gavea.

DOCUMENTO N. 1

"Telegramma do Ajudante General, datado de 2 de Setembro de 1886, perguntando se o tenente-coronel Madureira teve licença para publicar o artigo na "Federação" de 16 de Agosto.

No dia immediato, 3, o marechal respondeu em telegramma:

DOCUMENTO N. 2

"Tenente Coronel Madureira não teve licença para publicar artigo 16 de Agosto. Em officio desta data tratarei da questão".

Minuta do officio a que se refere o marechal no telegramma acima, datado de 3 de Setembro de 1886.

DOCUMENTO N. 3

"Ao Ajudante General. Em additamento ao telegramma de hoje datado, com que respondi, ao de V. Ex., hontem á noite recebido, sobre o artigo de 16 de Agosto publicado pelo tenente-coronel Antonio Senna Madureira na "Federação", devo informar:

1.º — Que nenhuma licença houve para tal publicação.

2.º — Que os avisos de 4 de Outubro de 1859, 27 de Agosto de 1878, 9 de Dezembro de 1882 e 26 de Dezembro de 1884, publicados nas ordens do dia ns. 156, 1418, 1.714 e 1937, são referentes a questões de serviço, a censuras, conflictos, provocações, quer entre superiores e inferiores, quer entre pares; o aviso de 5 de Agosto do corrente anno, de que trata a ordem do dia n. 2.021, nada innova, recommenda o cumprimento de disposições anteriores; o regulamento disciplinar de 9 de Março de 1875, em seu artigo 5.º §§ 9.º e 10º, trata do assumpto: é claro, pois, que os militares não pódem, nem devem pela imprensa, tratar de questão alguma em que envolva superiores, camaradas e inferiores.

Aos membros da Assembléa geral, salvo os ministros da guerra e da marinha e os officiaes militares, não tem applicação os preceitos daquelles avisos, e portanto sem responsabilidade em seu acto, o tenente-coronel Madureira pela publicação do artigo a que se refere o telegramma de V. Exa. é o que pode alcançar minha fraca intelligencia.

Conheço de longos annos esse official superior como muito distincto por sua extremosa dedicação e actividade no serviço, por sua intelligencia illustrada, por sua disciplina e subordinação e por seu valor: a primeira divisão de Exercito em operações contra o governo do Paraguay, onde elle, e eu servimos por muito tempo, foi testemunha desses dotes que, com abundancia, patenteara o referido tenente-coronel, pelo que nella só deixou sinceras affeições e saudades.

Na propria questão tão ventilada e repetida pelo Exmo. Sr. Senador Franco de Sá, não ha, como querem fazer crer, o menor ponto de descortezia ao venerando e muito estimado chefe Visconde da Gavea, a quem, com o maior respeito e subida consideração, submetto o expedido".

DEODORO.

Correspondencia trocada entre o Marechal e o Presidente do conselho de Ministros, Barão de Cotegipe:

DOCUMENTO N. 4

— 2 de Dezembro de 1886 — Telegramma — Ao presidente do Rio Grande do Sul.

"Reservado. Um diario publica telegramma de hontem dessa capital annunciando que em uma reunião militar houve protestos contra actos do governo e outras demonstrações inconvenientes. Estas noticias tem causado impressão e para tranquilidade dos espiritos informe V. Exa. o que se passou".

BARÃO DE COTEGIPE.

DOCUMENTO N. 5

Telegramma:

Ao Barão de Cotegipe

"Justo e geral sentimento do Exercito muito offendido. Officiaes pedirão reunião calma: approvei e consenti. Resolveu-se actos de inquestionavel direito".

DEODORO.

DOCUMENTO N. 6

3 de Outubro de 1886 — Telegramma — Ao presidente do R. Grande Sul.

"Reservado—Recebi em resposta telegramma de hoje, exercendo V. Exa. duplo cargo de Presidente da Provincia, Commandante das armas, e que

mostra a confiança do governo, era prudente não autorisar reuniões e deliberações collectivas, que podem trazer consequencias imprevistas. A erronea interpretação a actos já existentes, e que em nada offendem aos brios e direitos do Exercito, que o governo é o primeiro a manter como elemento de ordem publica, mostra que ha exploração politica. V. Exa. como primeiro dos militares na provincia e responsavel pela disciplina podia e pode representar ou pedir explicações. Recommendo a V. Exa. como exercendo presidencia que empregue sua autoridade e influencia para pôr termo a essa agitação dos espiritos. Aguardo communicação official do occorrido, cujos pormenores o governo ignora".

BARÃO DE COTEGIPE.

DOCUMENTO N. 7

4 de Outubro de 1886 Reservado — Minuta do Telegramma

"Exmo. Barão de Cotegipe — Corte.

Não ha exploração politica nem exaltação de animos. Todos officiaes, generaes e outros, se mostram muito sentidos, inclusive eu, com a nova e vexatoria imposição de os privar de prompta e immediata defeza e tem para isso sobeja razão. Todos reconhecem porque são disciplinados a conveniencia da judiciosa prohibição de discussões, pela imprensa, sobre factos de qualquer natureza, mesmo particulares, em que envolvem superiores, collegas e inferiores. Ser, porém, privado e punido por discussões com pessoas alheias á classe e que não estejão revestidas do caracter superior pelo mando administrativo, é duro, humilhante e prejudicial. Peço leitura meu officio de 3 Setembro ao Ajudante General. Justa é a dôr pela imposição com que querem amesquinhar o Exercito, sempre subordinado e sempre prompto. Soffre a dôr o que tem o callo pizado e não aquelle que piza. Se como Presidente e commandante armas tenho deveres, como soldado offendido pela ingratidão para com a classe os tenho tambem porque assim exige a disciplina, moralidade e brio dos **soldados que defendem a Monarchia**. Affiança a V. Exa. que ha calma e affiança tambem que **será uma desgraça** a imposição illegal com que se quer opprimir o Exercito. Devo uzar de clareza nesta communicação. A corporação militar da provincia deposita em mim como seu interprete suas justas queixas e pede o valimento de V. Exa.

DEODORO.

DOCUMENTO N. 8

6 de Outubro de 1886.

Minuta do officio

Ao Barão de Cotegipe

"O aviso do Ministerio da guerra de 4 de Setembro findo, com que S. Exa. o Sr. Ministro da guerra reprehendeu o tenente-coronel Antonio de Senna Madureira, causou a todos os officiaes, superiores, capitães e subalternos, profundo desgosto, manifestado calma e respeitosamente em voz unisona.

A imposição de S. Exa. o Sr. Ministro da guerra sobre os militares em relação á questão Madureira, levantou, de uma só vez e sob o mesmo pensamento a classe militar existente nesta capital, pronunciamento esse que, immediata e successivamente, teve adhesão nas guarnições do interior: a todos os momentos, chegão tambem a dos generaes que se achão fóra desta cidade, e nem era de esperar, Exmo. Sr., outro procedimento de officiaes que sentem violados os seus direitos e ferida sua dignidade.

Sou, por minha honra e dever militar, solidario, e se não tomei a iniciativa na questão foi por que os cargos com que me honrou o Governo Imperal mandarão que eu, só por mim, dirigisse ao governo as justas queixas; se tambem não tomei parte integrante na reunião foi porque a minha presença tirava a virtude do acto, fazendo desapparecer-lhe a espontaneidade da classe: não fiz, pois, minhas queixas por que o pronunciamento rapido, calmo e respeitoso, e sellado pela consagração de todos, nullificou-as.

Em data de 3 de Setembro findo tratei da materia em officio, junto por copia, dirigido a S. Exa. o Sr. Ajudante General e no dia 4 do corrente mez tive a honra de passar ás mãos de V. Exa. o telegramma tambem junto por copia.

Não ha a menor exaltação de animos, mas sim solidariedade na defesa dos direitos e esperança de que V. Exa. providencie fazendo-lhe justiça.

A' illustrada e judiciosa consideração de V. Exa., tenho a honra de submetter o expedido".

DEODORO.

DOCUMENTO N. 9

8 de Outubro de 1886 — Telegramma — Ao Presidente Commandante Armas:

"Tomando em consideração o que V. Exa. expõe no seu telegramma de 4, e o appello que no final faz a mim particularmente, o governo acaba de resolver que o Conselho Supremo Militar apresente com urgencia um projecto de instrucções que regule claramente a materia que tem motivado as reclamações contra o rigôr da doutrina dos avisos (aliás antigos) quando os militares tiverem de recorrer á imprensa.

Por este facto ficam de facto suspensos os ditos avisos menos na parte que se refere á prohibição da discussão pela imprensa entre militares sobre objectos de serviço. Convém, pois, que V. Exa. faça cessar quaesquer reuniões collectivas de militares, podendo fazer publica a primeira parte deste telegramma. Confio que a ordem será mantida, conforme V. Exa. affirma".

BARÃO DE COTEGIPE.

DOCUMENTO N. 10

8 de Outubro de 1886.

Ao Barão de Cotegipe

Minuta do telegramma

"Agradecido e satisfeito telegramma V. Exa., hoje".

DEODORO.

DOCUMENTO N. 13

10 de Outubro de 1886 — Telegramma

Ao Marechal Deodoro

Urgente:

"Recebi seu telegramma, que muito me satisfez pelo que V. Exa. me communica. Pessoas inimigas da ordem que procuravam agitar a opinião em proveito proprio ou de suas opiniões politicas, contrariadas pelo effeito da deliberação do governo passam telegrammas para as provincias dizendo que ha aqui agitação, que a casa do Ministro foi atacada e etc. E' tudo falso. Apenas os alumnos da Escola publicaram uma correspondencia contra o deputado Candido Oliveira e senador Gaspar e consta que hoje (dia da sahida) fazem uma reunião. Aqui, como ahi, militares satisfeitos".

BARÃO DE COTEGIPE.

DOCUMENTO N. 16

Confidencial — Carta

Rio de Janeiro, 1 de Novembro de 1886.

Illmo. e Exmo. Sr. Marechal M. Deodoro da Fonseca.

A' excepção dos telegrammas trocados entre mim e V. Exa. durante o mez proximo passado só tive officialmente a communicação que em 6 do mesmo mez fez V. Exa. das occorrencias originadas pela execução das ordens existentes sobre a discussão na imprensa entre militares, ou sobre objecto de serviço. V. Exa. em o seu officio procura justificar os promotores das manifestações collectivas contra a doutrina das referidas ordens e diz-se solidario do pronunciamento provocado pelo que V. Ex. chama imposição do Snr. Ministro da Guerra sobre os militares em relação a questão — Madureira; mas que se nelle não tomára a iniciativa fôra porque os cargos com que o honrou o Governo Imperial mandavam que só por si dirigisse a este as justas queixas dos militares. Não quero apreciar as razões que levaram V. Exa. a collocar-se á testa de taes manifestações para encaminhal-as convenientemente.

Apenas observarei que, quaesquer que fossem as intenções de V. Exa. (e estou persuadido que foram as melhores) a gravidade de deliberações tomadas em commum pela força armada é de tal natureza que não póde deixar de influir de modo prejudicial na disciplina do Exercito. Hoje protesta-se contra actos da primeira autoridade militar, que é o Ministro da Guerra; amanhã: protestar-se-ha contra os dos chefes, ou sejam generaes, ou commandantes de corpos: teremos portanto um exercito deliberante, o que é incompativel com a liberdade civil da nação.

Reflicta V. Exa. e reconhecerá, que os generaes assumiram uma immensa responsabilidade — provocando ou approvando taes manifestações.

Até onde iriam ellas? A circumstancia de achar-se V. Exa. investido do cargo de Presidente exigia, como V. Exa. reconhece, que fosse V. Exa. o in-

terprete de quaesquer reclamações; e estou que teria a força moral necessaria para conter impaciencias. Assim não aconteceu, e eu lastimo que o Governo só tivesse o primeiro conhecimento dos factos por telegrammas extra-officiaes, privado assim de dar instrucções ao seu delegado, que consentira e approvara as reuniões militares. Esse consentimento e essa approvação foram o rastilho de polvora que ateou a chama a todos os pontos da provincia e alguns do Imperio. Quando o General Deodoro revestido da mais alta confiança do Governo assim pensa e assim procede, o que não fariam os seus subordinados? A politica e especialmente os partidos extremos apossaram-se da questão, e enxergaram no Exercito um instrumento a seus planos e paixões. Veja-se qual a côr dos jornaes — que mais exaltados se mostram, e V. me dirá si a politica tem ou não parte no movimento.

Eu, e o gabinete commigo sentimos, que V. Exa. a que demos somma de confiança maior do que a qualquer outro funccionario nos creasse tão serios embaraços. Não obstante, nomeando um presidente — que ora para ahi segue, esperamos que V. Exa. o coadjuvará em tudo — quanto depender de suas attribuições, e contribuirá — para que césse de uma vez essa agitação, que não pode ser tolerada e muito menos em uma provincia fronteira, exposta de um momento para outro, a necessitar do emprego da força — para sua defesa.

Aproveito a occasião para apresentar a V. Exa. os protestos da muita consideração e estima com que sou

De V. Exa

Amg.º e att.º crdo.

BARÃO DE COTEGIPE.

DOCUMENTO N. 17

Minuta de carta

16 de Novembro de 1886

Barão de Cotegipe

A carta confidencial com que V. Exa. em data de 1.º do corrente mez, se dignou honrar-me, está em minhas mãos.

Me vejo em difficuldades para bem responder a carta de V. Exa. por que, para isso, seria necessario transcrevel-a integralmente afim de, com precizão, tratar de ponto por ponto e assim justificar, buscando um longo e enfadonho escripto, o procedimento do exercito: não ha, pois, necessidade de tal escripto, nem V. Exa. dispõe de tempo para entregar-se á leitura de tamanha exposição, pelo que me limitarei ao seguinte:

O thema em questão é "Reuniões indisciplinares — tumultuosas — sediciosas — por parte dos Militares".

Se bem que houvesse, pelas forçosas e especiaes circumstancias, justo motivo pura reuniões assim qualificadas, todavia os militares, por disciplinados e criteriosos, bem patentearão os seguintes attributos caracteristicos do soldado — União fraternal, ordem, respeito, calma, firmeza e amenidade — e limitarão-se, como lhes cumpria pelo assentimento, a uma reunião pa-

cifica, sem discussões, com o fim de pedirem providencias sobre seus direitos.

Houve motivos para tumultuosas reuniões porque os militares não podem, nem devem, estar sujeitos a offensas e insultos de Francos de Sá e de Simplicios, cuja immunidade não os autoriza a dirigir insultos, nem os isenta da preciza e conveniente resposta.

E o que houve, Exmo. Snr., por causa desses insultos dirigidos por elles contra militares?

Por parte do governo, permitta-me V. Exa. dizer, muita consideração aos insultantes, e assim, não só approvou os insultos, como foi além — offendeu ainda mais, com publica reprehensão, para conhecimento do mundo, a um velho servidor, homem criterioso, homem decente, homem correcto e homem distincto, sómente por satisfação a quem nenhuma autoridade tinha sobre militares!

Achará V. Exa. nisso cousa de pouca monta? Não será amesquinhar-se o exercito; tirar-se-lhe o brio, a dignidade e o amor proprio, requisitos esses sem os quaes não haverá soldados, mas sim vis e despresiveis escravos?

Por parte do exercito — uma reunião calma, respeitosa e pacifica pedindo a reparação de direitos violados e da dignidade offendida.

A ferida foi forte, cruel e mortal e com justa razão sangrará emquanto Madureira e Cunha Mattos estiveram sob a pressão da injustiça de que forão victimas.

Transcrevo o seguinte trecho da carta de V. Exa. — "Hoje protesta-se contra actos da 1.ª autoridade militar, que é o ministro da guerra; amanhã protestar-se-ha contra os dos chefes, ou sejão generaes ou commandantes de corpos: teremos, por tanto, um exercito deliberante, o que é incompativel com a liberdade civil da Nação".

Assim parece, Exmo. Sr. em theoria, mas, condicionalmente, não na pratica.

E por que a sugestão que motivou a materia desse trecho?

Por uma cousa que não lhe tem completa applicação. Pelos repetidos factos, Exmo. Sr., tendentes á humilhação da classe pelo seu enfraquecimento moral, para o que hoje offende-se gravemente, sem motivo para isso, a um official superior, amanhã offender-se-ha um brigadeiro e depois ao da ultima patente e assim conseguir-se-ha aquillo que é notorio, que é sabido desde muitos annos.

Se ainda vivesse Caxias factos de tal natureza certamente não se darião.

E o que motivou o castigo a dous officiaes superiores, ambos bem conceituados? A repulsa que fizerão aos insultos de um deputado e de um senador! Foi o quanto bastou.

Não teremos, Exmo. Sr., exercito deliberante e assim incompativel com a liberdade civil da Nação, nem V. Exa. quererá exercito desbriado e assim facil á acção de qualquer especulador para atiral-o contra a liberdade civil da Nação.

Acredito que, pela amizade e dedicação de meus camaradas, teria força moral para conter impaciencias; mas tambem acredito que o meu valimento não seria de tal ordem, nem o governo tão condescendente, que com facilidade obtivesse a nullificação dos castigos injustamente infligidos aos dous officiaes.

A politica não influiu nem interveio na questão — toda especial e militar —, cuja classe nada tem com o que estranhos dizem e escrevem.

O exercito é o que sempre foi — leal e subordinado —: não cuida de politica e tem em vista, antes de tudo e por tudo, a grandeza da patria, e o que mais é — quando ella sugeita a sorte das armas.

Muito se falla em exercito, em disciplina, em patriotismo; e se bem que, competentemente, disso se trata no parlamento, todavia entre seus membros figurão, infelizmente, vultos que, sem a faculdade de distinguir simples datas, se mettem a questionadores, julgando-se bons censores e melhores legisladores: verdade é que, para maior gloria, ficarão seus feitos perpetuados nos respectivos annaes.

E fallão em exercito e em disciplina!

Sabe precisamente o que é exercito, o que é disciplina, sómente aquelle que pertence ás suas fileiras; aquelle que comparte de seus duros e rigorosos sacrificios; aquelle que toma parte activa em suas glorias; aquelle, emfim, que esquece mãe, mulher e filhos para lembrar-se, dentro das fileiras militares, sómente a Patria e que para felicidade della offerece o corpo ao ferro inimigo.

Sabe precisamente o que disciplina militar, sómente aquelle que, no horrivel do combate, tem a responsabilidade — a mais elevada a mais difficil — a incomprehensivel — que é a do soldado: e se a este faltar brio, dignidade e amor patrio o que restará?

Vis e cobardes escravos vergonhosamente surrados!

Se a sorte determinar o rebaixamento da classe militar, no dia em que eu desconfiar que na frente de soldados não passarei de um commandante superior da Guarda Nacional — especial — e simples vulto politico, quebrarei minha espada, e envergonhado, irei procurar, como meio de vida e exemplo de muitos, uma cadeira de deputado para tambem poder insultar a quem quer que seja.

Sou eu o unico culpado de toda questão actualmente levantada, por que se em Março de 1884, quando o Sr. Franco de Sá, assumindo a direcção dos negocios da guerra, offendeu brutalmente os officiaes, na occasião da apresentação, com grosseiras allusões a Apulchro de Castro, não tivesse abafado o calor dos officiaes consequente de injuria que lhes foi lançada em rosto, privando assim de levar-se a effeito a bem merecida repulsa, certamente elle, no parlamento não daria motivo para os factos que hoje tanto encommodão o exercito.

Concluindo, Exmo. Sr., direi: é fora de toda duvida que os officiaes, ao 1.º insulto, ultimamente dado, tiverão resignação tal que forão sopitados seus sentimentos de dôr; que calaram-se ao 2.º, convictos de que outra reclamação não seria acceita, importaria baixeza e darião a mais exuberante prova de que abandonarião o companheiro distincto, o digno irmão, no campo da batalha, onde difficil é a protecção, como o abandonarão na paz, deixando só e entregue aos embates da injustiça e da perseguição.

E é, Exmo. Sr., o governo do Brasil que, ás glorias de ter, com o maximo sacrificio de dinheiro e sangue, libertado um povo que gemia por causa da propria inacção e tyrania de seu chefe, quer hoje juntar o acto inglorio de escravisar homens illustres — seus concidadãos — aos destemperos e fatuidade de Simplicios, cujos sentimentos, pelas galas do poder,

fizerão explosão ferindo a quem tinha direito incontestavel ao respeito; é, porém, verdade que a farda brasileira do soldado torna-o immerito da paz.

Pelo que fica expendido, conhecerá V. Exa. que prefiro ser desagradavel levado pela verdade e lealdade, do que agradavel pela reserva ou mentira: são os sentimentos de quem, com a maior consideração e subido respeito, é

De V. Exa.

Atto. e Ven. amgo. e cro. obro.

DEODORO.

DOCUMENTO N. 18

Rio, 5 de Dezembro de 1886.

Exmo. Sr. Marechal M. Deodoro da Fonseca

Recebi a carta de V. Exa. sem data em resposta a que dirigi a V. Exa. em o 1.º do proximo passado mez.

Deixando de parte, por extemporaneas, as razões, com que V. Exa. justifica o procedimento official que teve da questão qualificada — militar — porque não tenho esperança de convencê-lo (meu principal fim na correspondencia trocada com V. Exa.) devo declarar a V. Exa. que a divergencia entre o pensamento do Governo, e o do seu Delegado de confiança é tão profunda, que nenhum dos dous pode permanecer nessa posição — prejudicial em todo o sentido ao serviço do Estado. Pelo que tenho o pesar de prevenir a V. Exa. de que V. Exa. é substituido, e virá occupar o cargo que exercia nesta Côrte. O Sr. Presidente communicará a V. Exa. as disposições do Governo para que sejão guardadas as attenções e conveniencias devidas á pessoa de V. Exa.

A interrupção de nossas relações officiaes em nada prejudicará, espero, as de perfeita estima e consideração, com que sou

De V. Exa.

Amgo. e atto. e obdo.

BARÃO DE COTEGIPE.

Minuta de Carta

Exmo. Snr. Barão de Cotegipe

27 de Setembro de 1887.

Os diarios de hontem dão noticia de que 42 alumnos da escola militar do Rio Grande estão presos e respondem a conselho de investigação por terem passado um telegramma de congratulação ao Dr. Nabuco.

Nesse telegramma que, apenas, faz conhecidas as crenças politicas de seus autores, não ha menor offensa ao governo, nem a ninguem deste mundo.

Sómente espirito partidario mui feroz, ou o que é mais triste, o baixo desejo de agradar e chamar a attenção, podião enxergar crime nesse acto que, permittido a todo o cidadão, não foi ainda prohibido ao soldado.

Rio 6 de Fevereiro de 1891

Deodoro

Aproxima-se a eleição do Chefe e Vice Chefe do Estado. Estamos em duvida sobre a escolha deste ultimo. Preciso que diga com franqueza o que tem resolvido a respeito. Respondam-me

Seu mano

Pedro

Não tenho nem devo ter candidato á cousa alguma no congresso: eleja elle a sua livre vontade, o presidente e Vice presidente da republica

Teu

Manoel

F.º 91

N.º 32 Rio de Janeiro, 16 de 8bro de 88

Clodoaldo

Sua carta n.º 32 de 30 de 7bro findo e os n.os da Federação de 18, 19 e 21, bem como o da Folha da Tarde de 27, tudo do mesmo mez, forão recebidos hoje.

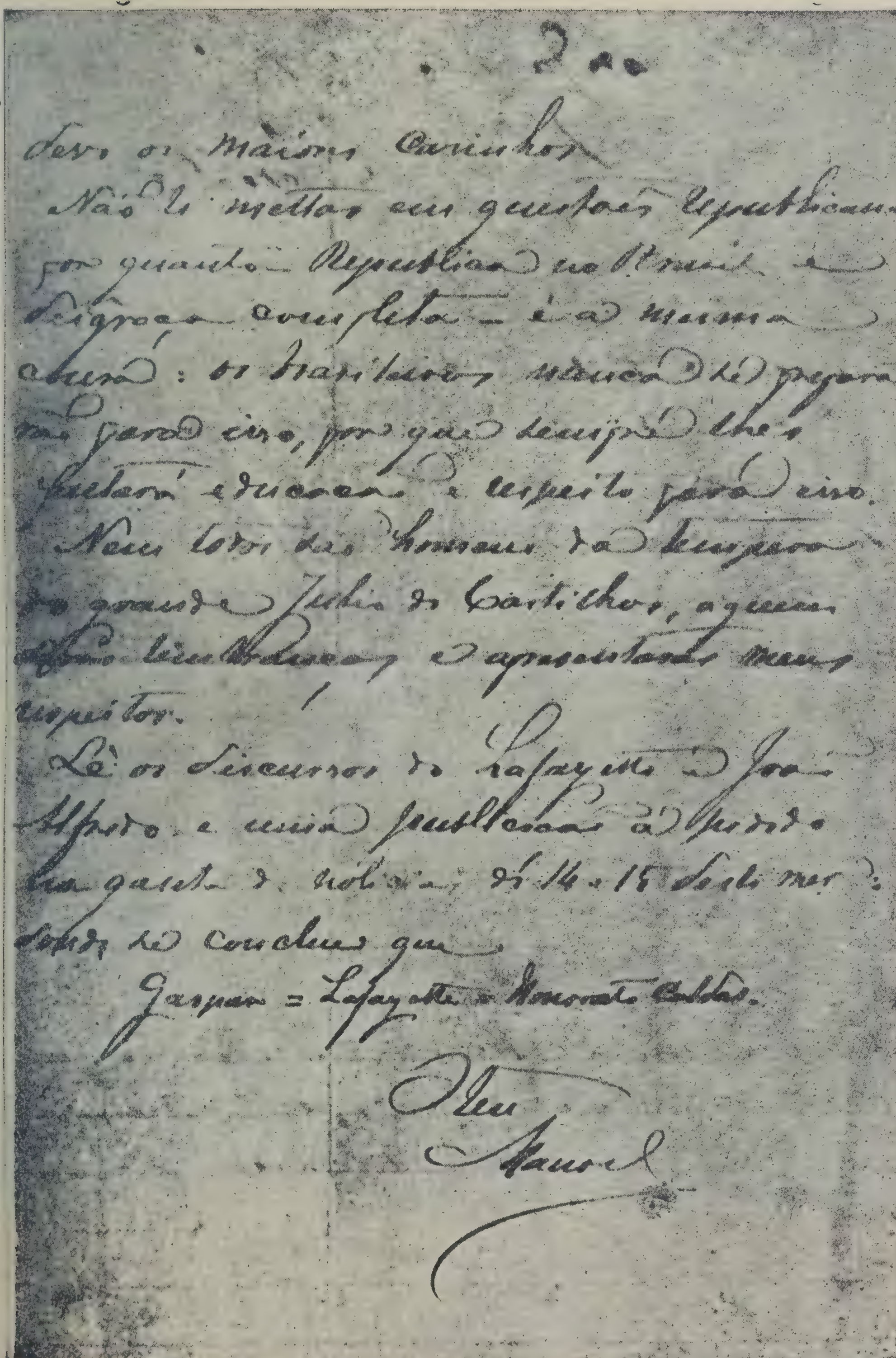
Todos da familia passão sem a menor novidade.

Não me consta que Severiano pedisse a exoneração do Pedro Bittencourt: contudo elle chê perguntarei a respeito.

O Paiz de hoje publica uma promoção que se fará: me parece que é historia antecipada, sobre o que fallarei a Severiano.

Estimo que o = Auxilio = progrida e que passe a má impressão do seu principio que foi pessimo pela referencia de occasião.

Porque não procuras a familia do Trajano, toda nova dedicada e a quem



2..

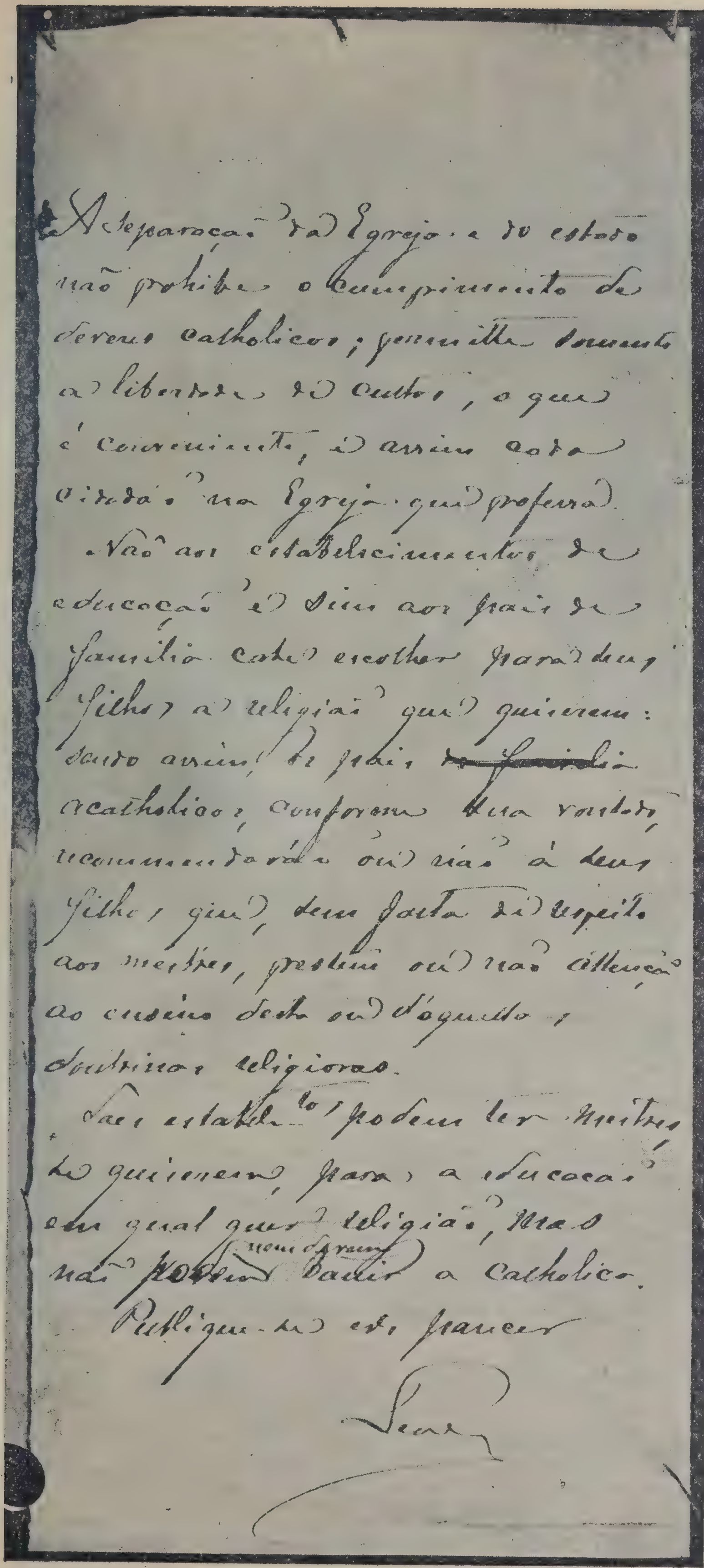
deve os maiores carinhos
Não te mettas em questões republicanas
por quanto a Republica no Brasil é
desgraça completa — é a mesma
cousa: os brasileiros nunca se prepara-
rão para isso, porque sempre lhes
faltarão educação e respeito para isso.
Nem todos tem homens da tempera
do grande Julio de Castilhos, a quem
[illegible] e apresentarás meus
respeitos.
Lê os discursos do Lafayette e José
Alfredo e uma publicação a pedido
na gazeta de noticias, de 14 e 15 deste mez:
todos se concluem que
Gaspar = Lafayette = Honorato Caldas.

Teu
Manoel

Eleição Senatorial

Companheiros de armas e Amigos exigem de Mim a aceitação publica de seus serviços efectuados a proxima eleição Senatorial pelo Rio de Janeiro: muito embora esteja convencido de que meus companheiros e amigos não alcançaram, por falta de precisa votação, levar-me ao resultado desejado, todavia a diversidade do offerecimento obriga-me á minha manifestação publica de gratidão e ao dever de não recusar a graça com que, cheios de benevolencia, me quizeram honrar.

Rio de Jan.º 30 de Junho de 1858.



A separação da Egreja e do estado
não prohibe o cumprimento de
deveres catholicos; permitte somente
a liberdade de cultos, o que
é conveniente, e assim cada
cidadão na Egreja que preferir.

Não aos estabelecimentos de
educação e sim aos paes de
familia cabe escolher para seus
filhos a religião que quizerem:
sendo assim, os paes ~~de familia~~
acatholicos, conforme sua vontade,
recommendarão ou não á seus
filhos que, sem falta de respeito
aos mestres, prestem ou não attenção
ao ensino desta ou d'aquella
doutrinas religiosas.

Taes estabelec.tos podem ter mestres
se quizerem, para a educação
em qual quer religião, mas
não ~~possam~~ nomearem padre a catholico.

Publique-se se parecer

Leão

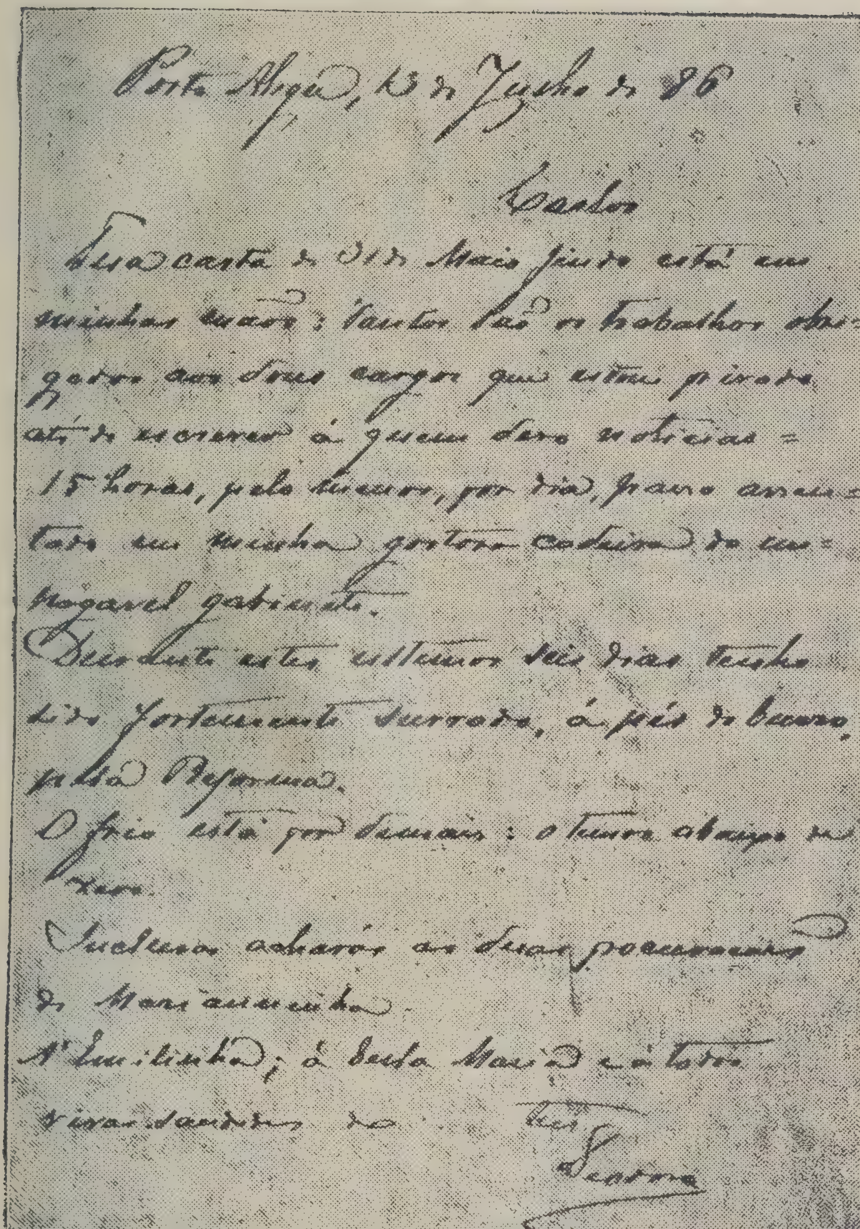
O Generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisorio constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear o Cidadão Joaquim Ribeiro de Carvalho e Silva para o cargo de primeiro Vice-Governador do Estado do Paraná.

Sala das sessões do Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brazil, em 16 de abril de mil oitocentos e noventa, segundo da Republica.

Manoel Deodoro da Fonseca

José Cesario de Faria Alvim

Cumpra-se e registre-se.
Curityba, 6 de Junho de 1890.
Francisco Lobo



Porto Alegre, 13 de Junho de 86

Carlos

Tua carta de 31 de Maio findo está em minhas mãos: tantos são os trabalhos obrigados aos teus cargos que estou privado até de escrever-te a quem dar noticias = 15 horas, pelo menos, por dia, passo assentado em minha gostosa cadeira de im-negavel patriota.

Durante estes ultimos seis dias tenho sido fortemente cerrado, á pés de barro, pela Reforma.

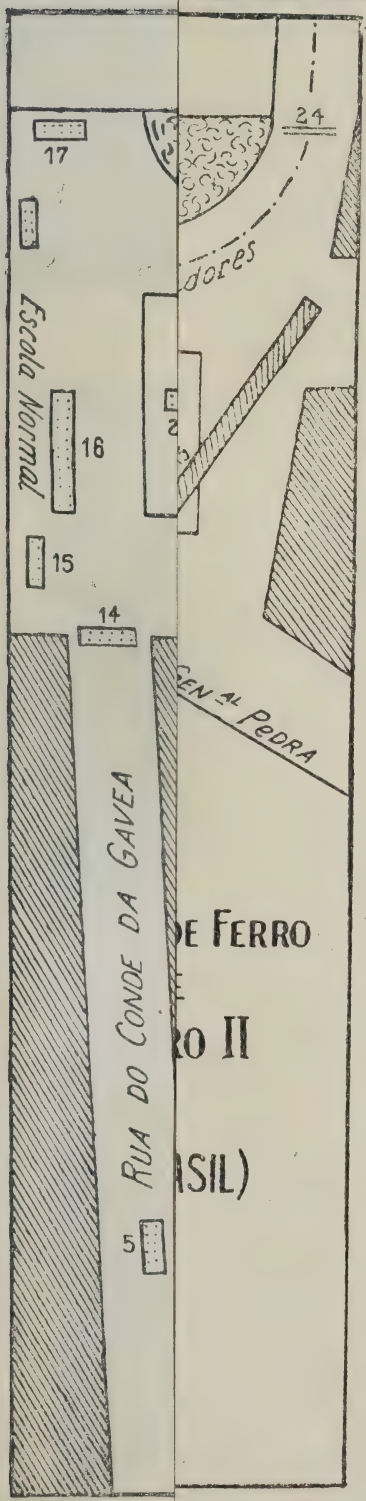
O frio está por demais: o termo abaixo de zero.

Muitissimos abraços aos teus pae e mãe de Manoelzinho.

A Emilinha, á bella Maria e a todos visas saudades do teu

Seabra

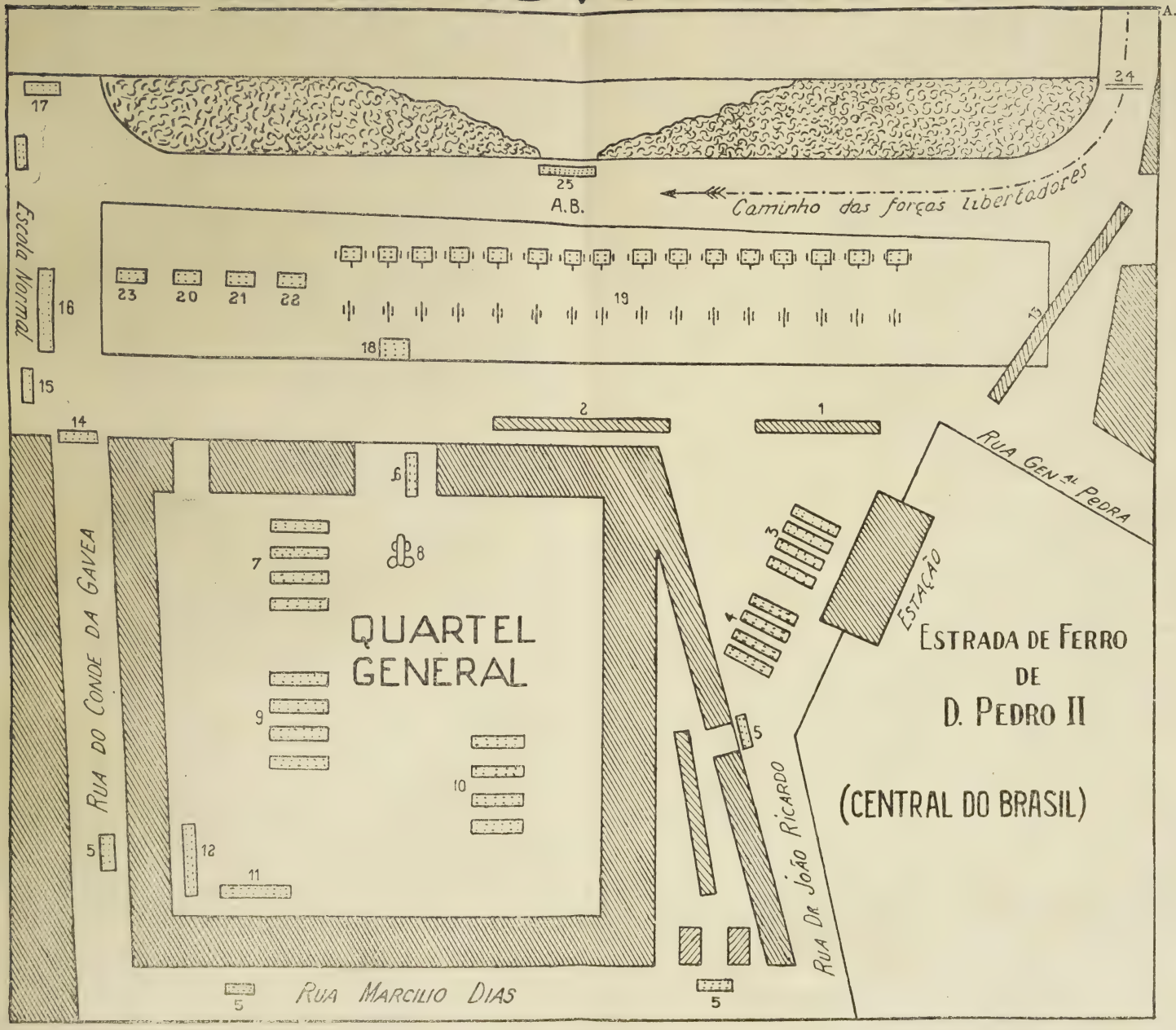
1889



A. B. — Posição em que ficaram o general Deodoro e o tenente-coronel Benjamin Constant, quando as forças tomaram posição no Campo.

1 — Imperiaes marinheiros.
2 — Fuzileiros navaes.
3 — Policia da Côrte, infantaria, commandada pelo major Valladão.
4 — Policia da Côrte, cavallaria, commandada pelo major Cicero Galvão.
5 — Guardas.
6 — Guardas do 1.º batalhão de infantaria.
7 — 7.º batalhão de infantaria.
8 — Metralhadoras guarnecidas por imperiaes marinheiros, sob o commando do tenente João da Silva Retumba.
9 — Corpo de marinheiros.
10 — Companhias de policia, sob o commando do coronel Andrade Pinto.
11 — Força de bombeiros.
12 — Força do 1.º batalhão de infantaria.
13 — 50 praças do 1.º batalhão.
14 — Piquete do general Deodoro.
15 — Guarda do 10.º batalhão de infantaria.
16 — 1.º regimento de clavíneiros.
17 — Guardas de clavineiros do 1.º regimento.
18 — General Deodoro, seu estado maior e piquete, antes de entrar no Quartel.
19 — 16 canhões Krupp, de 7,5 do 2.º regimento.
20 — 9.º regimento de cavallaria.
21 — Companhia de policia do Estado do Rio.
22 — Guardas do 7.º batalhão de infantaria.
23 — Escola Superior de Guerra.
24 — Guarda de lanceiros do 1.º regimento.
25 — Guarda de infantaria nos quatro portões do jardim.

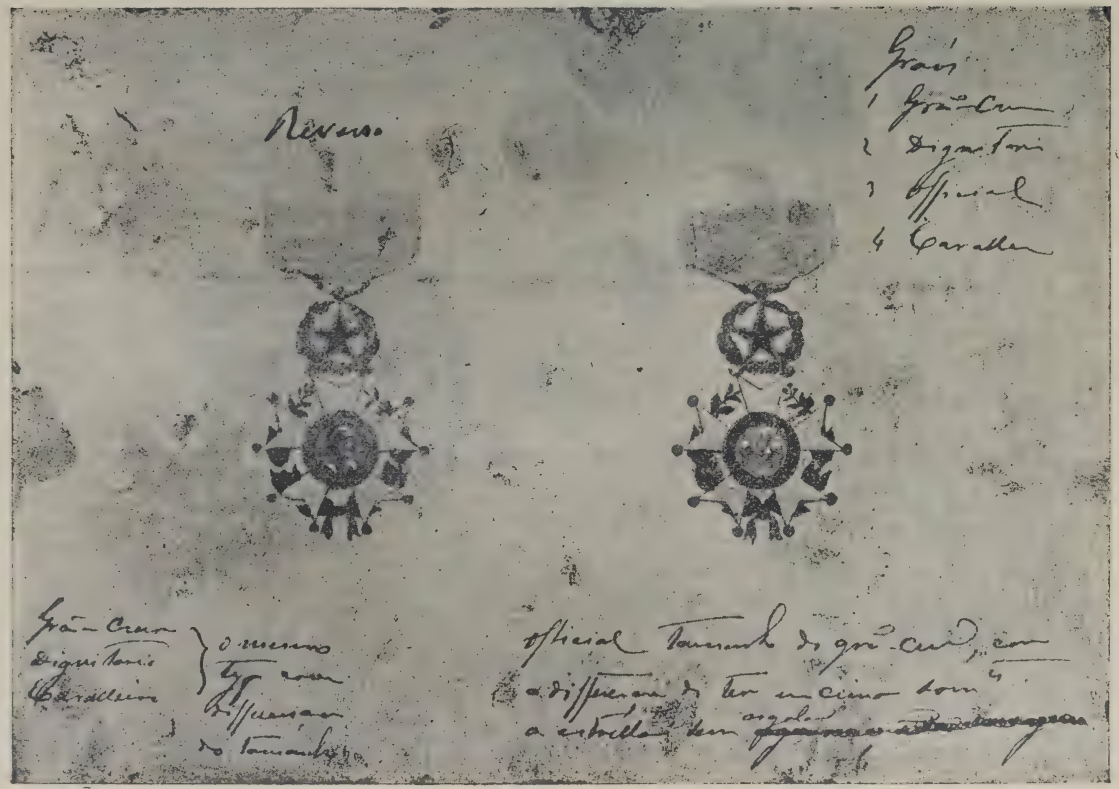
15 de Novembro de 1889

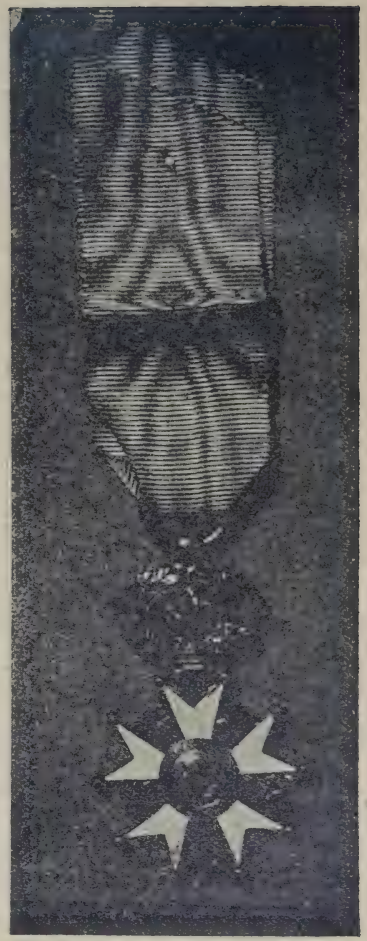


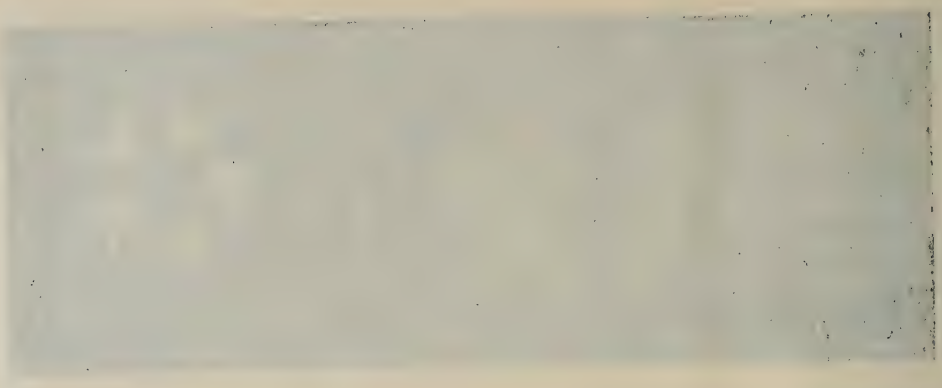
A. B. — Posição em que ficaram o general Deodoro e o tenente-coronel Benjamin Constant, quando as forças tomaram posição no Campo.

1 — Imperiaes marinheiros.
2 — Fuzileiros navaes.
3 — Policia da Côrte, infantaria, commandada pelo major Valladão.
4 — Policia da Côrte, cavallaria, commandada pelo major Cicero Galvão.
5 — Guardas.
6 — Guardas do 1.º batalhão de infantaria.
7 — 7.º batalhão de infantaria.
8 — Metralhadoras guarnecidas por imperiaes marinheiros, sob o commando do tenente João da Silva Retumba.
9 — Corpo de marinheiros.
10 — Companhias de policia, sob o commando do coronel Andrade Pinto.
11 — Força de bombeiros.
12 — Força do 1.º batalhão de infantaria.
13 — 50 praças do 1.º batalhão.
14 — Piquete do general Deodoro.
15 — Guarda do 10.º batalhão de infantaria.
16 — 1.º regimento de clavineiros.
17 — Guardas de clavineiros do 1.º regimento.
18 — General Deodoro, seu estado maior e piquete, antes de entrar no Quartel.
19 — 16 canhões Krupp, de 7,5 do 2.º regimento.
20 — 9.º regimento de cavallaria.
21 — Companhia de policia do Estado do Rio.
22 — Guardas do 7.º batalhão de infantaria.
23 — Escola Superior de Guerra.
24 — Guarda de lanceiros do 1.º regimento.
25 — Guarda de infantaria nos quatro portões do jardim.

CONDECORAÇÕES DO MARECHAL DEODORO







Crente de que V. Exa. já estará aborrecido do modo menos digno com que uns tantos suppõem melhor servi-lo, ouso esperar que attenderá a minha justa reclamação.

Sou, com a maior consideração e subido respeito.

De V. Exa.

Atto. Ven. amgo. e cro. obro.

DEODORO.

Decreto 277 F. de 22 de Março de 1890.

Declara abolidos todos os titulos, fóros de nobreza e ordens honorificadas estabelecidas pelo antigo regimen, com excepção das ordens de Aviz e Cruzeiro.

O marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituido pelo Exercito e Armada em nome da Nação:

Attendendo a que são incompativeis com a indole de um governo democratico distincções que não exprimam remuneração de serviços prestados á Patria.

Attendendo a que taes distincções só podem ser admittidas como recompensa de actos de caracter excepcional e grande relevancia, devendo em outros casos cada cidadão contentar-se com a satisfação intima de ter cumprido o seu dever e com a consideração publica que dahi lhe deve provir:

Decreta:

Art. 1.º Ficam abolidos todos os titulos, fóros de nobreza e ordens honorificas estabelecidas pelo antigo regimen, com excepção das ordens de Avis e do Cruzeiro, as quaes permanecem com todas as honras, direitos e isenções indicadas na legislação que as creou.

Art. 2.º Na ordem militar de Avis haverá os tres gráos seguintes: cavalleiro, official e gran-cruz.

Art. 3.º Na ordem civil do Cruzeiro continuarão os quatro gráos: cavalleiro, official, dignatario e gran-cruz.

Art. 4.º As insignias desta ordem serão conforme os modelos annexos ao presente decreto.

Art. 5.º Subsistem as condecorações, titulos nobiliarios e de conselho conferidos durante o regimen monarchico, supprimidas ao ultimo as palavras do Imperador.

Sala das sessões do Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil, 22 de Março de 1890, 2.º da Republica.

MANOEL DEODORO DA FONSECA.

JOSE' CESARIO DE FARIA ALVIM.

Ordem do dia n. 73 de 15 de Junho de 1890.

Decreto n. 456 de 6 de Junho de 1890.

Institue uma ordem militar e civil com a denominação de — Ordem de Colombo.

O Generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação decreta:

Art. 1.º Em homenagem á memoria do descobridor da America, fica instituida uma ordem militar e civil com a denominação de — Ordem de Co-

lombo — Serão nella admittidos nacionaes e extrangeiros, estes sem limitação de numero em qualquer dos respectivos gráos e sem dependencia de promoção.

Art. 2.° Compõe-se a ordem...

Art. 3.° A medalha da ordem será: uma estrella como a do cruzeiro, esmaltada de branco, assentada sobre raios de prata e ensimada por uma de ouro, tendo no centro, em campo azul ferrete, as letras CC de ouro, entrelaçadas.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 6 de Junho de 1890, 2.° da Republica. —

MANOEL DEODORO DA FONSECA.

JOSE' CESARIO DE FARIA ALVIM.

NOTA — Os desenhos correspondentes encontram-se na proxima gravura (Condecorações do Marechal Deodoro), bem como o modelo que lhe foi offerecido.

Ordem do Dia n. 95 de 20 de Agosto de 1890.

Regula a concessão da ordem de Avis.

O Generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação decreta:

Art. 1.° A ordem de Avis, que pelo decreto n. 277 F. de 22 de Março do corrente anno, foi declarada permanecer com todas as honras, direitos e isenções indicadas na legislação que a creou, é exclusivamente destinada a remunerar serviços militares.

Palacio do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, 18 de Agosto de 1890, 2.° da Republica.

MANOEL DEODORO DA FONSECA

FLORIANO PEIXOTO

*

* *

Minuta de uma carta:

Illmo. Exmo. Snr. Marechal de Exercito Visconde da Gavea.

Não é tanto pela vóz da caridade, da humanidade, da justiça e da razão que o Club Militar, de quem sou orgão, dá esse passo. Não é tanto pela redempção dos captivos que, hoje, oppor barreiras á forte corrente abolicionista, é imprudencia, hoje que se faz ouvir a vóz da Igreja do Christo, hoje que os supremos ministros do Deus Homem, do Deus da caridade, afinal, fallam o que desde ha muito deviam clamar. Não é tanto pela injustiça clamorosa do morticinio decretado a homens que buscam a liberdade sem combate, sem reprezalias: é pelo papel decorôso, menos digno que se quer dar ao exercito.

O exercito é para a guerra leal, na defeza do throno e da patria: para outros affazeres que necessitão força armada, ha a policia, que alistou-se para esse fim.

A V. Ex., pois, venho pedir que se digne dar andamento ao requerimento junto, que tendo a honra de passar ás mãos de V. Exa., porquanto o serviço — pega de negros fugidos — pelo exercito, se para uns é facil e agradavel, para outros é repugnante e pode tornar-se improficuo: neste segundo caso, cuja verdade é o não cumprimento de ordens, embora salva a apparencia, ha prejuizos, perda de força moral e inconveniencia á disciplina, comquanto seja a falta commettida de difficil senão impossivel prova.

O serviço pega de negros fugidos —, é congenere, em tudo por tudo, ao antigo, — captura de negros novos —, em que tambem não havia cumprimento de ordens, sendo a differença unica, essa de que então as ordens erão dadas no sentido de falhar a deligencia, e o resultado quasi sempre era o contrario — fazia-se a captura: hoje quer-se a captura e o resultado será a falha.

Dir-se-ha que nada temos com isso: é um engano, porque somos soldados e vemos as mesmas inconveniencias disciplinares e perseguições como as que se davão antigamente, quer em relação ao não cumprimento de ordens, quer sobre a acção contra o official que fazia a captura não desejada.

V. Ex. tenha paciencia e acceite o requerimento, onde aproveito a occasião para patentear a adhesão e fidelidade ao nosso bom e desejado Imperador e á sua Dymnastia, que sómente comnosco, com o exercito e a armada, póde e deve contar.

E é com o maior respeito e veneração que me assigno.

De V. Exa. Atto. amigo e criado muito grato.

Rio de Janeiro 25 de Outubro de 87.

DEODORO.

Minuta de uma carta:

1888

10 de Dezembro. Illmo. Snr. Conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida.

Propoz-me V. Ex. para o cargo de commandante das armas de Matto Grosso, e eu que desejo corresponder com o maior interesse á delicadeza e cavalheirismo com que V. Ex. me tem tratado, e mais ainda dar-lhe provas de apreço pelo interesse e dedicação que tanto me tem mostrado pela corporação a que pertenço, acho de dever apresentar-lhe estas considerações:

Presentemente que as republicas do Paraguay e da Bolivia estão em litigio armado, que pode trazer como consequencia a intervenção da Argentina por causa do territorio do Chaco, e complicações com aquella provincia por invasão de territorio, o commando das armas de Matto Grosso assume outra importancia que ora não tem, por isso que tendo de se operar será obrigado a fazel-o quasi independente do governo central, por ficar quasi completamente separado da côrte.

Esse commando, em circumstancias normaes, até agora tem sido exercido por coroneis e tenentes coroneis, quasi sempre cumulativamente com a presidencia da provincia: não parece bem que em circumstancias extraordinarias o seja por um marechal sem a presidencia.

Nestas circumstancias, que sua responsabilidade se enormisa, é de todo o interesse que haja accumulação.

No primeiro caso é um commando somenos e sem importancia, muito aquem da minha posição e com a aggravante de ser quasi conjunctivamente com a nomeação de outro presidente, jovem intelligente e criterioso e meu affeiçoado, mas a quem terei de ficar subordinado e dependente.

No segundo caso, o de forças em observação ou operações, longe ou completamente separado da côrte, o presidente nem sempre é um soccorro, antes sempre um tropeço.

Ainda, dado o caso de necessidade desse commando de forças em Matto Grosso, está implicito o levantamento de forças no Rio Grande e no Paraná; e então, o commando de Matto Grosso será uma especie de destacamento, um corpo avançado operando isoladamente como já o fez no Paraguay e de importancia tão pequena relativamente, que seus commandantes forão sempre coroneis, e isso em circumstancias muito mais graves, pois ião combater duas invasões e conquistas, — as do Rio Paraguay e as do territorio de Miranda.

E, nesse caso, vou tirar a 16 brigadeiros o direito desse commando; e eu não quizera roubar-lhes occasiões de apparecer.

Entretanto, sr. Conselheiro, para corresponder aos intuitos e bons desejos de V. Ex., acceitarei tal cargo cumulativamente com a administração da provincia e poderes para orpanisar 3 brigadas, que tantas são necessarias para, uma em Nioac ou Miranda, guardar a fronteira do Apa; outra em Caceres para guardar a fronteira aberta da Corixa, e a terceira, que será tambem apoio ou suporte, em Corumbá, guardando o rio e a fronteira de Sudoeste.

Não convirá que essas brigadas sejão, desde sua origem, commandadas pelos commandantes de corpos e sim por seus chefes de direito.

No segundo caso apresentado, creadas as forças de observação ou operações no Sul, essas commissões que sem duvida alguma são de maior importancia que as de Matto Grosso, deverão ser exercidas por generaes superiores meus; o contrario, como V. Ex. bem o pode avaliar, me desautorará. Nessas circumstancias satisfarei ao zeloso empenho de V. Ex., sem abatimento moral de minha parte, indo eu para o Sul e para Matto Grosso um dos nossos 16 brigadeiros.

E aproveito a occasião para assignar-me de V. Ex. am. affec. e criad. obrig.".

1889

Achava-se o general Deodoro no exercicio do commando das forças de mar e terra e das armas da provincia de Matto Grosso quando a 30 de Julho chegou a Corumbá o coronel Ernesto da Cunha Mattos nomeado presidente da mesma provincia.

O coronel Cunha Mattos foi portador de uma carta e do seguinte officio do ministro da guerra visconde de Maracaju' e datado de 22 de Junho.

Illmo. Exmo. Snr. — Tendo cessado os motivos que determinaram a permanencia de maior força do Exercito na provincia de Matto Grosso e que motivaram a expedição do Aviso de 22 de Dezembro do anno proximo passado, resolveu este Ministerio fazer regressar á Côrte os corpos que daqui seguiram e se acham á disposição de V. Ex. que providenciará préviamente para que sejão completados todos os corpos ahi de guarnição com as praças

de pret tiradas dos que são mandados regressar, embora estes voltem em casco.

Em vista desta providencia é concedida a V. Ex. exoneração do commando de todas as forças de observação da mencionada provincia e opportunamente o Governo Imperial lhe concederá a do das armas; do que nesta data dou conhecimento ao Ministerio da Marinha.

. . . . . .

O que declaro a V. Ex. para os devidos effeitos".

Nessa mesma data, 30 de Julho, o general Deodoro deu publicidade á seguinte Ordem do Dia n. 15:

Publico as seguintes disposições e occurrencias para conhecimento das forças em guarnição nesta provincia.

Tendo de retirar-me com as forças que, sob meu commando expedicionarão para esta provincia, cessa hoje, por isso, a minha autoridade de commandante das armas e das forças de mar; conseguintemente ficão dissolvidas a 2.ª e 3.ª brigadas, as quaes deverão recolher seus archivos á secretaria do commando das armas.

S. Ex. o Dr. Coronel Ernesto Augusto da Cunha Mattos assumiu o commando das armas e o Dr. Capitão de mar e guerra José Nolasco da Fontoura Pereira da Cunha, com a flotilha sob seu commando, se considere desligado do commando das forças de observação.

. . . . . .

Manoel Deodoro da Fonseca — Marechal de Campo.

O jornal "Corumbaense" de 6 de Agosto de 1889 publica a lista dos passageiros chegados a 30 de Julho no paquete "Ladario" ,na qual se encontra, em primeiro lugar, o nome do Coronel Ernesto da Cunha Mattos e familia.

PROGRAMMA das solennidades civicas e militares que foram prestadas á memoria de Deodoro no dia 5 de Agosto do corrente anno, centenario de seu nascimento.

Ás 8 hs. da manhã — Alvorada por bandas combinadas de musica e de cornetas da guarnição.

Ás 8 1/2 horas — Desfile pelo portão historico do Ministerio da Guerra, Prytaneu Militar, onde se achava o Chefe da Nação, face da Praça Republica onde está situado o predio que foi residencia de Benjamin Constant. Inauguração da placa-escudo no Prytaneu Militar.

Ás 10 hs. — Missa na Igreja da Cruz dos Militares.

Ás 11 hs. — Visita ao tumulo de Deodoro no Cemiterio de São Francisco Xavier.

Ás 12 1/2 hs. — Almoço no Collegio Militar, offerecido aos veteranos do Exercito e da Armada.

Ás 15 hs. — Concerto no Theatro João Caetano.

Ás 17 hs. — Sessão no Instituto Historico.

Ás 21 hs. — Sessão solenne no Club Militar.

A alvorada foi tocada no Quartel General da Praça da Republica.

Na solennidade do Prytaneu foram oradores o Deputado Simões Lopes, o Professor Leoncio Correia e o General Jonathas Barreto.

Para a visita ao tumulo houve bondes na Praça 15 de Novembro, logo depois da missa.

O almoço no Collegio Militar foi presidido pelo Ministro da Guerra. Foram oradores: o representante da mocidade militar e um alumno do Collegio.

A resposta ao offerecimento do banquete coube a um dos homenageados.

No theatro, além da execução musical, foram oradores o Deputado Humberto de Campos e o Professor Leoncio Correia.

Na sessão do Club Militar, foi orador o Marechal Marques da Cunha e foram entregues as duas medalhas Conde de Linhares e Conde de Anadia, creados pelo Instituto dos Docentes Militares para serem annualmente conferidas aos dois alumnos da Escola Militar e da Escola Naval que mais se distinguiram.

Julho—1927.

Como foi feita a commemoração do Centenario do Marechal Deodoro

DISCURSO PROFERIDO PELO DR. LEONCIO CORREA AO FAZER ENTREGA DA PLACA DEODORO AO DIRECTOR DO PRYTANEU MILITAR

Aqui estamos para o culto sagrado. A mais alta funcção civica dos posteros é esta: a de nunca perder de vista os que nos abrem e illuminam os caminhos. Esses representam a opulencia do nosso patrimonio historico. De taes figuras tudo é significativo. Nellas tudo é grande. Dellas nos aproveitam a galhardia dos movimentos e os proprios gestos.

E quanto a esta, que no dia de hoje, avulta em nossos corações, como poderia dizer-vos em poucas palavras? Seria mais ligitimo, talvez, que ficasse aqui mudo, á frente desta casa; porque tudo o que se disser é nada é mesquinho, é quasi sem significação. Penso, portanto, não ser este o momento mais propicio para dizer-vos: o silencio do extase e da admiração é mais eloquente do que a palavra. Esta hora não é a hora de dizer-se, porque é a hora de sentir-se. Limito-me, pois, a uma instantanea suggestão, para que as almas que se acham aqui afundem neste minuto de quasi quarenta annos e meditem, caladas, no motivo desta solemnidade.

Se estas paredes falassem — ellas é que deviam dizer-vos daquella vida. Ellas é que reproduziriam, nos corações de toda esta geração, o que se passou dentro dellas, ha trinta e oito annos, quando Deodoro, a agonisar, se erguera do leito de dôr, como se quizesse no ultimo suspiro, dar á Patria o que lhe restava de força vital. Sentindo que se lhe aproximava, no meio de afflições, a derradeira angustia, dir-se-ia que elle fez questão de affrontar a morte: levantou-se para, num appello ás poderosas reservas de suas energias patrioticas e, vencendo-se a si mesmo, proclamar a grande causa!

Ha de o historiador futuro parar assombrado, diante deste homem, que morria, e que reviveu á voz dos Brasileiros e do chamamento da Patria!

E não é menos que este prodigio de acção moral que ora se celebra com o signal, que vamos aqui deixar, para que a posteridade não esqueça de que este edificio é para ella um como templo, onde se ha de sempre cultuar a bravura a serviço das grandes causas humanas.

Esta placa ficará como a voz da geração presente proclamando ás gerações futuras o encanto mysterioso do ninho, do

qual alçou vôo para a gloria esse intrépido e magnanimo Manoel Deodoro da Fonseca — "aguia sem rapacidade, grande heróe sem ambição!"

DISCURSO DO DIRECTOR DO PRYTANEU MILITAR AO RECEBER A PLACA DEODORO

Sejam as minhas primeiras palavras de agradecimento ao Exmo. Snr. Dr. Washington Luiz D. Chefe da Nação pela honra a todos nós dispensada vindo presidir esta solemnidade, preito de homenagem e de glorificação á memoria de Deodoro da Fonseca, hoje que transcorre o seu 1.° centenario natalicio no mesmo logar donde, na manhã de 15 de Novembro de 1889, elle partira para proclamar a Republica dos Estados Unidos do Brasil.

O Prytaneu Militar recebe com enternecida gratidão, com desvanecido orgulho, promettendo guardar com carinhosa estima a preciosa dadiva concretisada neste primoroso escudo, emblema mythologico de Marte e de Minerva, que a Nação aqui representada pela commissão glorificadora do 1.° centenario natalicio de Deodoro lhe vem confiar. Forte e rigido, como o bronze no qual, com acentuado cunho de expressão, soube o artista esculpir, em vivo relevo, as letras que singelamente lhe constituem o nome — Deodoro, — assim a imagem palpitante dos sentimentos nobres que constituiram sempre seu perfil moral, a sua estructura de varão eminentemente superior. E do conjuncto de taes qualidades corporificando a sua inconfundivel individualidade, radiosamente ante nós nesta hora de efusivas e justas homenagens que a Patria lhe presta, glorificando a sua memoria, emergem do vasto scenario de sua atuação no meio social, as eloquentes manifestações de um espirito profundamente lucido e acentuadamente rectilineo. Dentre os valorosos feitos por elle praticados, destaca-se, sem par, o perpretado em momento angustioso para a Patria, momento de salvação nacional, graças ao valor do gladio indomito de intrepido guerreiro transformando o movimento de decomposição do velho regimen no de recomposição do novo e dando como resultante a actual organisação politica, vazada em moldes geometricamente liberaes. Não é este, bem o sinto, numa solemnidade que apenas comporta ritual definido o momento propicio a esplanações historicas e nem é esta tão pouco a minha missão na hora actual. Director do Prytaneu Militar, Instituto de educação que por uma feliz inspiração do Governo transacto, foi nesta casa, por varios titulos historica, installada em 1918, tendo Deodoro como patrono, incumbe-me missão tambem definida, missão de profundo reconhecimento imposta pela gratidão de quantos sob este tecto hospitaleiro se abrigam sedentos de instrucção, tecto donde o velho soldado guerreiro famoso por estirpe, numa bella

e radiante manhã de Novembro, deste acanhado compartimento em que nos achamos, visivelmente torturado por pertinaz e grave enfermidade, sem que lhe fosse dado siquer cingir o talim, por se oppôr a isso dorida chaga que o affligia, daqui partiu, para, á frente de destimidos patriotas emprehender a grande obra de regeneração politica. E foi assim que, auxiliado por uma junta revolucionaria constituida de homens politicos os mais eminentes, tomou sobre seus hombros a tarefa ingente, quiçá arriscada que elles consideravam necessaria de demolir o imperio porque nelle haviam descoberto o germen propulsor da ruina material e politica de sossa Patria, convencidos que estavam de que o mal residia principalmente nas instituições. E Deodoro foi inquestionavelmente o pioneiro intelligente, destemido, intrepido e denodado desta jornada gloriosa que á alvorada de 15 de Novembro de 1889 veiu encher de luz, descerrando, na phrase feliz do primeiro historiographo que é Dunche a cortina que se enterpunha entre o imperio e a republica. Sim foi Deodoro o braço forte que derribou o throno, porque a sua espada gloriosa e fulgurante havia conseguido fanatisar com seu brilho immarcessivel o Exercito Nacional, que por entre a fumarada espessa das batalhas se acostumara a ver no pavilhão auriverde o imperio confundido com a Patria, como hoje vê esta mesma Patria ardorosamente irmanada e estreitamente vinculada á Republica que foi a sua grande obra, cercada das bençãos de toda a Nação.

Ao receber este escudo que o emerito professor Dr. Leoncio Corrêa em nome da commissão glorificadora do 1.º centenario de Deodoro acaba de entregar ao Prytaneu Militar duas palavras eu quero dirigir aos jovens alumnos deste Instituto.

A vós, meus jovens alumnos, de preferencia eu confio este escudo, para que nelle tenhaes sempre embebidas as vossas vistas, nelle haurindo lições de civismo e de amor á Patria de que foi Deodoro o fecundo exemplo.

A esta hora todo o Brasil freme de enthusiasmo festejando a data centenaria que hoje transcorre; ella significa para a alma republicana ephemeride de redempção por isso mesmo deve ser eternamente recordada, pois na phrase de notavel escriptor a recordação que a posteridade concede aos grandes sacrificios é ordinariamente a sua unica recompensa. Instrui-vos pelo Amor da Patria, para serdes sempre, sem desfallecimento os defensores da Republica dos Estados Unidos do Brasil, sempre abrazados pela chamma viva desse enthusiasmo civico que zelosamente como ninguem a mocidade sabe alimentar, procurae sempre pela disciplina acatar e respeitar as instituições que nos regem e pela cultura aprimorar a vossa educação e as luzes do vosso espirito e nunca esqueçaes nas vossas horas de poesias e de saudades os nomes dos gloriosos brasileiros que tanto contribuiram para o engrandecimento da Patria, dos quaes sem favor manda a justiça que se destaque, como o de um predestinado o de Deodoro o magnanimo.

MENSAGEM APRESENTADA, EM NOME DA COMMISSÃO EXECUTIVA DOS FESTEJOS, PELO DEPUTADO SIMÕES LOPES

"Exmo. sr. presidente — Meus senhores.

E' hoje o dia de Deodoro, o valoroso soldado, de bravura inexcedivel, em cuja fé de officio palpita o heroismo dos guerreiros de raça.

As suas promoções podem ser representadas por um traço de sacrificios e de sangue, marcando batalhas memoraveis, como Tuyuti, 24 de Maio, Taji, Itororó, Perrebebuhy e outras que lhe cobriram o peito de medalhas e o nome de eternas glorias.

O seu lar materno foi um viveiro de civismo authentico. Dali partiram para a guerra, oito combatentes e, ainda quando algum dos seus filhos tombava nos combates, d. Rosa da Fonseca, muito bem cognominada a Cornelia Brasileira, não deixava de illuminar a fachada de sua casa, e, coberta de luto, ia rezar perante o altar da Patria, as suas orações de dôr.

A temeridade de Deodoro era tradicional na fileira.

Conta-se que, um dia, o visconde de Itaparica, general Argollo, acclamado pela serenidade com que recebeu o fogo de metralha que varria a mesa em que escrevia, respondeu, de prompto, áquelles que o cercavam: "Valente, eu, não! Valente é Deodoro".

E não era facil empolgar assim, a admiração de seus camaradas, em cujo meio refulgiam espadas como as de Caxias, Osorio, Tiburcio, Porto Alegre, Floriano, Andrade Neves, Bernardo Vasques, Menna Barreto e outros.

Terminada a guerra do Paraguay regressou Deodoro á Patria e o seu nome foi sempre para as classes armadas um symbolo de lealdade, de sympathia e de respeito.

Depois do desapparecimento de Caxias e de Osorio, não houve quem melhor representasse as nossas tradições guerreiras.

Questões militares surgiram posteriormente, ás quaes não se poude alheiar o marechal Deodoro, como figura central da classe que tão legitimamente representava.

A sua attitude foi de grande energia, consubstanciada no celebre manifesto dirigido ao Parlamento e á Nação, em 1887.

Mais tarde, a morte do general barão de Alagôas, seu dilecto irmão, deu-lhe o ensejo de pronunciar uma phrase da maior significação politica e que caracteriza o pensamento do velho cabo de guerra ao desapparecer a pessoa que exercia, sobre o seu espirito, grande ascendencia moral: "Quebraram-se os ultimos élos que me prendiam".

Em novembro de 1889, em memoravel sessão do Club Militar, presidida, a pedido de Deodoro, pelo grande Benjamin Constant, houve uma agitação formidavel em torno das idéas propugnadas pelo marechal no alludido manifesto.

Esses dois factos historicos tiveram a maior influencia sobre a marcha dos acontecimentos politicos que precederam o grande movimento republicano, já largamente irradiado pelo paiz e cujo ponto de maior apoio estaria, como era de prever, nas proprias classes armadas.

Não obstante quaesquer divergencias por parte de alguns dos nossos historiadores, o certo é que o velho soldado estava ultimamente solidario com o pensamento geral da Nação, contrario ao advento do 3.° reinado; e, em meio dos evidentes symptomas de desaggregação a sua figura teria de surgir, um dia, como o expoente maximo das aspirações collectivas do povo brasileiro.

E foi o que se deu.

Sabe-se que houve entendimentos prévios entre civis e militares e que a revolução esteve preparada para o dia 9 de novembro.

A conspiração lavrava em reuniões secretas, á rua do Carmo, nas quaes tomavam parte Aristides Lobo, Quintino Bocayuva, o chefe do Partido Republicano e outros proceres da maior responsabilidade. O movimento era vigorosamente propellido pelos alumnos das escolas superiores civis e militares do Rio de Janeiro, os quaes — deve-se dizer — formavam a muralha de cujas ameias partia o raio da palavra candente de Silva Jardim, o mais impetuoso tribuno de toda aquella jornada.

A propaganda republicana, ganhava terreno nas provincias e avultava nesta capital, onde já se não podiam conter as manifestações populares.

Cento e tantos jornaes, agitavam as novas idéas, que achavam, tambem, desassombradamente, no proprio parlamento.

A' prohibição dos comicios e dos vivas, respondia a mocidade com ardorosas explosões dos seus ideaes republicanos.

O paiz inteiro presentia o novo ambiente politico que se approximava. Só não o enxergava o venerando monarcha, inconscientemente tranquillo, como Luiz XVI, de França.

A' meia noite de 14 de novembro, quando irrompeu a revolução, Deodoro teve uma syncope, precisamente neste local em que estamos.

Daqui partiu, então, o capitão de mar e guerra Frederico G. Lorena, levando instrucções para o adiamento do movimento combinado. Desse facto dou testemunho pessoal, como membro de um pugillo de estudantes civis, postos já em marcha para São Christovão, á 1 hora da madrugada e que, das proximidades deste campo, regressaram ás suas casas, a conselho de Frederico Lorena.

Era tarde, porém, para sustar-se o movimento iniciado; e, ainda uma vez, surge a figura do velho soldado, a quem foram buscar, mesmo doente, para assumir o commando geral das forças que marchavam para o campo de Sant'Anna.

E não ha duvida de que a luta ter-se-ia dado sangrenta junto aos portões do Quartel eneral, se outro qualquer militar tentasse forçar-lhes a entrada.

O entendimento prévio do marechal com alguns companheiros de armas e, sobretudo, a attitude de Floriano Peixoto, evitaram a ecclosão de sangue; e, apesar da nobreza varonil de Ouro Preto e a dignidade militar do barão de Ladario, ambos heróes da historia e da nossa raça, o Gabinete Imperial, sem elementos de resistencia, capitulou e as tropas percorreram as ruas da cidade por entre hymnos e palmas.

Em ordem do dia do Exercito, de n. 1, de 23 de novembro, foi Deodoro proclamado chefe do governo provisorio da Republica Federal dos Estados Unidos do Brasil, a 15 de novembro, visto ter sido nesta data pela mesma proclamação decretada a deposição da dymnastia imperial e consequentemente a extincção do systema monarchico.

A 15 de janeiro de 1890 foi promovido a marechal do Exercito e acclamado pelo povo brasileiro, Armada e Exercito Nacional, generalissimo das forças de terra e mar. Senhores! E' verdente o papel primacial do marechal Deodoro na implantação do novo regimen.

Ha mais de um seculo foi feita a nossa Independencia politica e, ainda hoje, ha quem pretenda arrebatar a José Bonifacio a palma das maiores glorias.

Os objectivos politicos da grande revolução franceza sempre foram, tambem, controvertidos.

Parece uma fatalidade historica a contenda eterna em torno das origens e fins dos grandes movimentos civicos dos povos.

Só mesmo o tempo consegue apagar os sulcos e as caracterizações pessoaes, deixando de pé os factos nos seus lineamentos superiores. Ainda não fugiu, porém, a luz dos olhos de alguns dos contemporaneos, que se extaziam com o panorama que revive, hoje, engrandecido pelas projecções do tempo, na majestade deste mesmo parque, testemunha de dois notaveis acontecimentos civicos do povo brasileiro.

Piquetes de commando, guardas, companhias, batalhões, regimentos, resurgem á nossa vista, reconstituindo o emocionante quadro do ultimatum lançado por Deodoro ao chefe do gabinete; e a sua varonil entrada naquella praça d'armas, saudado por todas as bandeiras, o troar dos canhões, o clangor das cornetas, o ruido impressionante das acclamações populares repercutem na abobada do nosso Panthéon, o brado de triumpho das gerações passadas, que dentro de um seculo consummaram as suas duas maiores aspirações — a Independencia e a Republica.

Independencia, que foi o nosso primeiro vôo para o convivio das nações organizadas.

Republica, meus senhores, o regimen dentro do qual se tem engrandecido a Patria, ao influxo de uma constituição liberrima, ampliando sem violencia as suas fronteiras, agitando nos conselhos do mundo, as mais consagradas theses do direito e da justiça, abrindo indistinctamente as suas portas ao capital e ao trabalho; Republica, sr. presidente, cujos indices de progresso tão nitidamente descrevestes, na vossa ultima mensagem, pondo em destaque a superioridade do regimen vigente e a sua adaptação dfinitiva á obra das realizações nacionaes.

Senhores! A alma dos patriotas vibra neste instante dentro da casa de Deodoro, incorporada já ao patrimonio das reliquias publicas e onde vieram buscal-o pela madrugada de 15 de novembro, para commandar a revolução militar que fundou a Republica no Brasil.

Exmo. sr. presidente — Esses inolvidaveis serviços ainda não estão pagos. O povo ainda não cumpriu o seu dever de honra, mandando esculpir no bronze, a figura desse grande heróe.

A antiga commissão popular encarregada de angariar donativos para a realização dessa obra não conseguiu até agora obter os necessarios recursos.

Uma lei do Congresso, de 1923, generalizando a idéa, autorizou a abertura do credito de 3.000 contos para a execução de um monumento aos fundadores da Republica. O governo passado, para a execução dessa lei, mandou abrir concurrencia, á qual compareceram diversos artistas exhibindo projectos e maquettes. Os premios aos seus respectivos autores, no montante de 100:000$000, foram pagos, a pedido do ministro da Justiça, pelos cofres da Commissão Deodoro.

As leis orçamentarias subsequentes não mais revalidaram o alludido credito. Interrompeu-se assim a acção do Executivo, ficando a Commissão Deodoro desfalcada da referida quantia.

No dia 4 de junho do corrente anno, os srs. Alvaro Paes e outros deputados, apresentaram projecto autorizando o governo a dispender para esse fim até a quantia de 1.500 contos de réis.

Exmo. sr. presidente —

CONSIDERANDO:

1.° — Que o marechal Deodoro da Fonseca, depois de haver defendido, com brilho, a Patria, na Guerra do Paraguay, prestou serviços de excepcional relevancia, como chefe da Revolução Militar que fundou a Republica no Brasil;

2.° — Que a presente data não se fez nenhum monumento consagrado á sua memoria;

3.° — Que está em andamento na Camara um projecto apresentado pelos srs. Alvaro Paes e outros deputados, concedendo um credito de 1.500 contos para o alludido fim.

Esta Commissão popular depõe nas mãos de v. ex. a presente mensagem, solicitando o apoio de v. ex. para esse projecto, que traduz os desejos geraes da Nação de ser prestada merecida homenagem aos inolvidaveis serviços do grande brasileiro".

DEODORO E A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

Concidadãos:

Deploremos, de inicio, a generosidade menos avisada, mercê da qual os promotores destas grandiosas homenagens ao inolvidavel marechal Deodoro da Fonseca, delegaram ao humilde orador a honra insigne de seu interprete.

O silencio magestoso da necropole, a propria magestade de sua significação impressionante, estavam a exigir alguma voz oracular, que, falando aos vivos, pudesse, ao mesmo tempo, revestir-se do condão mysterioso de traduzir as idéas dos grandes mortos e a longaminidade creadora de seus sentimentos.

A significação dominadora deste instante memoravel, que se atravessa em nossa vida colectiva, impunha, outrosim, que o verbo inflammado ou a palavra consagrada de um "sacerdos magnus" do civismo, ao advertir de caminho as urzes da trilha incerta, indecisa, brumosa que se nos antolha, aqui se fizesse ouvir convincente, compassando com os olhos do patriotismo a excelsitude do luctador prostrado e a belleza peregrina de uma existencia devotada á felicidade da Patria e ao bem da Republica.

Nestes dias grandiloquentes, consagrados aos feitos valorosos e ás attitudes patrioticas de Deodoro da Fonseca, em que figuras illustres de homens do Parlamento, de homens das letras e de homens de civismo falaram, tocados por sublimada emulação de justiça enaltecedora, que mais poderia dizer aos meus concidadãos, que já não tivessem ouvido, com transbordantes emoções de patriotismo?

Mas o que nesta hora e neste espectaculo empolga a alma de todo brasileiro, é que na vibração de seus enthusiasmos, ostenta-se a cada passo o culto dos seus homens proeminentes, levando a todos os espiritos sombreados pelo scepticismo enervante a esperança consoladora de que nossa antiga e professada religião do civismo não caiu em desmemoria.

Concidadãos. Não perpetrastes e não consummaremos jámais aquelle feio crime, tantas vezes registrado outr'ora e de que já tinha falado, nos extravasamentos de sua critica flageladora, o autor da lucta pela vida, quando evocara contristadores ensinamentos de athenienses, que haviam dado a morte

a Socrates, condemnado Themistocle, expulsado Aristides, mas já quando o primeiro tinha alumiado o mundo com a sua sabedoria, o segundo engrandecido a patria com as suas victorias e o terceiro com a prudencia e profundeza de seus conselhos, parecendo delatarem essas violencias que, sómente, por fórma tal e mediante tão desmedida ingratidão, os povos progridem.

Não. Os povos que esquecem a magnitude do esforço creador de seus eleitos, esquecendo-se de si proprios, são povos que se suicidam, mas a alma nacional sóe lembrar, nos estos de seu indestructivel reconhecimento, os nomes de seus bemfeitores benemeritos.

A respeito de Deodoro da Fonseca, o bravo batalhador de epopéas, tambem em assignaladas luctas externas, as palavras não serão bastantemente exalçadoras, quanto á apologia perfeit não serão bastantemente exalçadoras, quanto á apologia perfeita de sua galhardia, de seu pundonor, de seus impetos transbordantes de bravura militar, de sua heroicidade generosa, de sua longanimidade disciplinadora, de sua abnegação inconspurcavel de cidadão-soldado, sómente igualada pelo seu devotamento de patriota ou de seu espirito de renuncia, como supremo governante.

Mercê de sua lealdade incorruptivel legou-nos, sublimadas, as noções admiraveis de Patria e de Republica: a primeira por tel-a amado até a temeridade; a segunda por havel-a proclamado e por ella haver tido gestos de irrefragavel desprendimento civico.

E' a Republica que nesta hora glorifica o patriotismo de quem, como os puritanos heroes antigos, *não soube prezar honras, mas só estimar a honra*, e que, num momento de incomparavel inspiração feliz, realizou, incruentamente, ao raiar daquella immarredoura e faustosa manhã de 15 de novembro, as aspirações generalizadas de seus compatriotas.

Elle se não impoz, como o braço indomito de uma classe, numa tentativa frustranea de uma estratocracia, entre nós, mas como a expressão impetuosa e creadora, a justo tempo e logar preciso, de uma vontade pertinaz que, indormida, trabalhava secularmente o espirito da nação pela grandeza patria, com a implantação de um regime, que alliasse ao liberalismo de fórmulas governamentaes democrticas a realidade confortadora de uma fiel execução liberal e cujo transumpto, por excellencia, é o da Republica presidencial federativa.

Eis porque a todos os espiritos, imbuidos de vero republicanismo, e que jámais admittiram que um systema politico imperial se pudesse aclimar nas terras livres e republicanizadas da America, repugnou, invariavelmente, o conceito desprimoroso de que 15 de novembro repontara, na evolução social brasileira como consequencia subitanea, e não desejada, de um motim de quarteis, ao qual o povo teria assistido, inerte e despreoccupado, numa sombria indifferença de inconscientes ou de vencidos,

avergoados pelo imprevisto dos acontecimentos. Como se lhe cumprisse, exclusivamente e em relação aos mesmos, o applauso endeosador aos vencedores em rebeldia impudente contra o paiz, tal qualmente amenistas inveterados, estadeando arrebatamentos suspeitosos, como obra confrangedora do medo e da covardia da nação.

Mais uma vez e ininterruptamente saibam repellir, os que cultivam a Republica, como uma expressão liberal e civilizadora de governo e os que reverenciam a memoria sacrosanta de seu magnanimo proclamador, entre nós, avilta desmoralizadora, com que se tentou menoscabar da dignidade daquella e lapidar a estatura descompassada de seu heróe. Pois que, mesmo por um processo comprehensivel de exclusão, e visto a inadaptabilidade do regimen imperial ao espirito continental amercano, impõe-se a convicção de que a Republica seria suffragada pela sua propria força avassaladora e incoercivel. Era o que, de resto, estava na logica irreprimivel dos acontecimentos.

Concidadãos. As questões militares, através dos episodios Cunha Mattos, Mallet, Carolino, do respeitante ao desejo insinuado de se transformar soldados de linha em caçadores de fugitivos do captiveiro, acoitados nos serros de Cubatão, do pertinente ao protesto de Benjamin Constant, quando foi da visita da officialidade do almirante Cochrane á Escola Militar, para citar unicamente os casos preponderantes, questões virtualmente solucionadas com a gloriosa parada militar de 15 de novembro, despontaram, no theatro dos acontecimentos politicos daquella época, não com o pensamento preconcebido de se provocar o surto da Republica, mas como frutos maleficos de um regimen pernicioso, e tão atazanado pelas verberações de seus proprios partidistas, cuminando nas apostrophes de Ferreira Vianna, em plena Camara bragantina ao synthetizar a politica imperial "como 40 annos de reinado, 40 annos de mentiras, de perfidias, de prepotencia, de usurpação".

Era esse desgoverno desgabado como a lazeira de uma época, fulminada pelos seus thuriferarios dutr'óra, e que, nas vesperas de 89, outros tantos ensaiavam galvanizar, na obduração de propositos menos liberaes, originando, dest'arte violencias sem nome e sem conta aos brios militares.

Contrapunha-se a semelhantes desconcertos do systema de governo bragantino, a predica reaccionaria e ao mesmo tempo evangelizadora de Benjamin Constant, quando, na apostolização de seus intentos regeneradores, congregava legionarios para uma cruzada bem fadada, por isso que: "Queria ver o exercito respeitado, mas inteiramente respeitador, como garantia da segurança, da manutenção da ordem e tranquilidade publicas e trabalhando condignamente para o engrandecimento da Patria.

Se era como patriota que essa legião affirmava taes convicções, impressionaos seus propugnadores, em revolta, pelos muladares da politicagem de aulicos do imperio, como se não ad-

mittir o gesto de força regenradora, ante as expansões insuspeitos de sabedores de habitos cortezões e usanças politicas palacianas, no estylo da revelação impressionante de Silveira Motta, ao exclamar ter chegado á convicção de que "o vicio não estava nos homens, estava nas instituições".

Se esse era o mal, a therapeutica a applicar para erradical-o consistiria, indissimulavelmente, na mudança saneadora do regimen.

A tão imperioso dever de patriotismo não poderiam fugir os militares, como a elle se não excusou o imperterrito marechal Deodoro.

Não despontou, consequentemente, a Republica, como um golpe de força, através de uma passeata militar victoriosa, desarmando a nação estarrecida pelo imprevisto da occurrencia. Sobre consistir em uma injuria incommensuravel, irrogada ao civismo do grande marechal e ao dos pioneiros denodados da cruzada redemptora, em cuja vanguarda se destaca, mercê da austeridade de uma actuação beneficamente integra e orientadora, a personalidade recta de Benjamin Constant, seria, tambem, essa crendice, deslustre, indelevel para as nossas altivas tradições, firmadas por tantos heróes e tão glorificados martyres, numa tendencia insopitavel para o liberalismo e para a Republica, do que nos dão certeza alentadora a evidencia de provas sobreinnumeraveis.

Estaremos, porventura, e relevae-me a impertinencia da repetição sobre assumptos de notoriedade, deslembrados da rutilancia da historia de movimentos continuos, constantes, reiterados e que se desdobram, por parte da nossa brasilidade, querendo integrar-se, pela conquista da Republica, no liberalismo republicano implantado em toda vastidão da America.

Synthetizemos os acontecimentos, na auscultação de tendencias inequivocas, pois que vai na critica que lhe é implicita, o tributo palpitante de civismo á memoria do redivivo marechal, expoente de uma jornada excelsa e expressão altiloquente, definitiva e triumphante de tantas campanhas e de tantos martyrios.

Partamos do Maranhão de 1684, com a proclamação da junta dos tres Estados; lembremos Bernardo Vieira de Mello, no seu appello ao senado de Olinda; a Inconfidencia, na belleza commovedora de tantos martyrologios, em que expurge a incomparavel nobreza d'alma de Tiradentes, dando do tôpo do patibulo glorificador o testemunho de abnegação desmedida, na phrase immorredoura, com que se annucia aos posteros, para penetrar definitivamente os humbraes da historia: "Jurei morrer pela liberdade, cumpro a minha palavra".

Oh! manes memoraveis dos illuminados prégoeiros e sacrificados artifices da Confederação do Equador e de 1824, na briosa terra pernambucana; do decennio épico das farrapos, dessa outr'ora gente de grandezas inultrapassaveis, da revolução

praeira, em que domina sobranceiro o vulto soberbo de Nunes Machado, da Sabinada, e de todos quantos, sómente no decurso do espaço limitado, mas sugestivo, pela pujança da seiva idealista revelada, que vai de 1824 a 1844, batalharam em tantos quantos vinte e quatro movimentos revolucionarios, como o indicam successos summariados por commentador sizudo, e dos quaes repontava, aqui, ali, acolá, como faúla crepitante, o ideal republicano.

Arrostaram estes precursores de 15 de novembro o poderio da força organizada em oppressão legitimada, e contra elles freneziaram os rancores exterminadores dos aulicos e asselvajaram-se ás liberticidas iras imperiaes. Mas os milhafres do despotismo daquella éra, com os seus processos frios, calculados e eliminadores, outra coisa não conseguiram senão caldear a tempera dos luctadores: — mataram os homens, mas a idéa não feneceu.

Organizam-se, arregimentam-se e já em 1870 protestam, através de notavel manifesto, contra os sequestradores da liberdade politica e commentam incisivamente o espectaculo que se lhes antolhava "da liberdade apparente e o despotismo real; da fórma dissimulando a substancia; do absolutismo pratico sob as vestes do liberalismo apparente".

Avança indomita e em marcha accelerada a legião dos combatentes indefessos, dentre os quaes são figuras de remarcada ascendencia — Quintino Bocayuva, na imprensa; Lopes Trovão e Silva Jardim, na tribuna. Silva Jardim, mercê de uma predicação tenaz sobremaravilha, pelo enthusiasmo agremiador e pelo ardor proselytista, chegando, na sua convicção de vidente, a desvendar os arcanos da historia nestas palavras impressionantes: "A' revolução brasileira está destinada a cidade do Rio de Janeiro. E deve estalar pujante e victoriosa em torno dos paços ministeriaes, no anno de 1889. O anno de 1889 vai ser para o Brasil o anno excepcional".

Conclama todos os brasileiros para aquelle vibrante compromisso de se não deixar a princeza Isabel subir ao throno, bem ante dos brados propheticos do padre João Manoel em inapagavel instante do parlamento imperial, o qual fizera evocar passagens agitadas e altisonantes da convenção franceza, e, finalmente, abraça pressuroso, e empolgado pela antevisão do resultado redimidor, a celebre moção da Camara Municipal de S. Borja.

Não irroguemos, portanto, tão grave injuria ao patriotismo do marechal e ao civismo das forças militares do paiz: a Republica não constituiu um emprehendimento nefario da prepotencia armada, pois era uma idéa que sobre estar nas nossas tradições historicas, pertinentes a reivindicações de liberdades publicas, impuzera-se, num fragor de victoria, á consciencia esclarecida da parte moça da nação, sob cuja responsabilidade deveriam correr os destinos collectivos.

Concidadãos! — Se o caracter é a vontade do homem puro, na lição conceituosa de psychologo illustre, o patriarcha da proclamação das instituições republicanas na nossa patria, pela pureza de sua vontade e pela inteireza de sua actuação, mostrou-se o caracter impolluto da dictadura benemerente, que assegurara ao Brasil a preexcellencia de uma nova e salutar fórma de governo, dotando, de prompto nosso paiz, mercê da corresponsabilidade dos maioraes da propaganda, com as conquistas liberaes que fazem honra á nossa cultura politica, por seguirem a trilha já evidenciada, como o comprova a legenda de nossa formosa bandeira, da civilização em progresso, visando fortalecer nossa crença na universidade da ordem e da lei, conforme o ensinára na Historia da Civilização da Inglaterra o genio politico de Thomaz Buckle.

Senhores: — Nós, os do Rio Grande do Sul, não sómente cultuámos os nomes preclaros da nossa Patria, como timbramos em tributar o culto da gratidão civica aos obreiros emeritos da grandeza nacional. E eis porque o immortal Julio de Castilhos, e ambos já se conheciam da terra riograndense, surgiu como o pioneiro estrenuo da candidatura do marechal Deodoro á suprema governança da Republica, considerada um acto de reconhecimento da nação, jámais deslembrado o republico dos pampas e jámais menosprezando o que o regimen então incipiente, devera ao insigne concidadão, mesmo por occasião de memorando dissidio, em que o patriarcha riograndense soube divergir, nobre, cavalheirescamente, do amigo austero, mas que se transviára.

Senhores: —Nas sombras de certa hora aziaga da nova ordem de coisas, um erro lamentavel é perpetrado, producto, quiçá de tendenciosa interpretação daquelles que não souberam aquilatar da lidima significação de cortezia, do gesto do generalissimo e chefe do governo provisorio, na sua mensagem á Constituinte, entregando nas mãos do Congresso os destinos da Nação, quando os acontecimentos estavam, por sem duvida, a aconselhar que a dictaudra cessasse, unicamente, quando a nação estivesse constitucionalmente organizada, interpretação tendenciosa esta, aggravada por sucessos ulteriores. Erro funesto resgatado com um desprendimento de superioridade sem par.

Faltou na magnitude daquelle momento historico a serenidade magnifica de heroe authentico que sempre fôra o marechal Deodoro. Ao seu espirito desanuviado de pensamentos depressivos deveria ter acudido o conselho indeslustravel do legendario genio militar gaulez, que foi Hoche, perseguido e encercerado pelos suspicazes e exaltados do Terror, ponderando que — "Na historia das republicas antigas verás a maldade dos homens atormentar todos aquelles que, como eu, bem serviram sua patria".

Mas com que perfeição moral o generalissimo redime a propria culpa, ao exclamar, no abraço effusivo ao seu irmão

de armas e companheiro de glorias, o marechal de Ferro, passando-lhe o supremo mando de um governo já renunciado, que estava em jogo a Patria, ao que lhe responde Floriano, com o reconhecimento de que fôra Deodoro sempre patriota.

Prevenindo uma phase angustiosa e tragica para os destinos da Republica, com o desencadear de luctas fratricidas e talqualmente o balmacedismo no Chile, recordava Deodoro da Fonseca, através da scena commovedora de seu desprendimento inexcedivel, aquelle episodio sugestivo da historia hellenica, em que os panegyristas de Pericles não falavam no que elle possuia de mais grandioso e bello, em sua fulgida existencia. E', declarava o proprio heroe grego, que eu jámais fiz tomar vestes de lucto a qualquer atheniense".

Concidadãos: — Pelo muito de esplendente que ouvistes, memorizado pela cultura de outros, sobre a vida de Deodoro da Fonseca, certo de que no vosso espirito robusteceu-se a crença de que dois legados aprimorados nos transmittiu o legendario alagoano — o culto da Patria e o amor á Republica; eis o que justifica soberanamente a vibração tocante dessas homenagens.

Se quizermos honrar-lhe a memoria reverenciada, força é respeitar a pureza inconspurcavel desse precioso patrimonio.

Attentemos, pois, para os tempos que correm, em que, na apotheotica sobreexcelencia de uma archi-democracia, espiritos envaidecidos pela missão de intrepidos conducticios de legiões, apregoadamente innumeraveis, quiçá pelos effeitos enganadores de doce miragem, descuidosos da finalidade de seus propositos, deslembram-se dos males imminentes que podem affligir a Patria e infelicitar a Republica.

Embriagados pelos vapores entorpecedores da lisonja, esses espiritos menos precatados se deixam arrastar, sobremaravilhados por um néo republicanismo que, mercê de uma hemeneutica especiosa, chega a tolerar que se invoque a Constituição para melhormente destruil-a.

Extremam-se no culto pagão dessa archi-democracia e não meditam esses ideologos, a bem da Patria e de um abençoado espirito de fraternidade que nos deve unir indissoluvelmente, sobre os meleficios que póde desencadear o surto mais vivaz e deleterio dos "magarefes da democracia feroz", de que falava o genio cyclopico de Ruy Barbosa — "dessa divindade allucinada, antipoda da democracia liberal e culta, disciplinada e humana, progressista e capaz, que vive deglutindo magestosamente a carniça que lhe chacina a matilha de hyenas. O furor diffamatorio, a vesania vituperativa, a impudencia de enxovalhar os adversarios mais limpos, com os aleives mais tôrpes, constituem a sua eloquencia, a sua probidade, o seu patriotismo".

Emquanto se prégа e repréga o combate inconsequente contra a pratica genuina das instituições, naquillo que diz respeito á sua propria vida e substancia, através de um sensacionismo de postura que tráe, não raro, insinceridade de moveis

determinantes; emquanto se faz, numa desenvoltara pasmosa, o preconicio da desordem, o menoscabo da lei e o enxovalhado do principio sobrelevante da autoridade, irrompe uma doutrina insidiosa e fatal, vazadouro de todos os attentados e que, longe de construir, vive á sombra oppressora da ditadura e do despotismo, como numa intermina noite polar, exclusivamente illuminada, e de quando em quando, pelos clarões rubros dos incendios, que unicamente destróem e sómente devastam.

Tal doutrina dissolvente quer abalar em seus fundamentos o conceito multisecular da propriedade, da familia, da patria e da religião, e esses *patriotas por excellencia* não vêem os penhascos á superficie de mares encapelados cujos abysmos de salsugem ahi estão, hiantes, para devoral-os e para devorarnos. Descuidosos dos perigos e das felonias, não percebem, nem vislumbram que o sectarismo pervicaz desses doutrinadores de violencias e prégoeiros de destruição, considera "reservas indirectas os antagonismos e conflictos entre as classes indigenas susceptiveis de serem utilizadas para enfraquecer o adversario e reforçar as suas proprias reservas". Na insania dos seus designios demolitorios, e com a tara de horridas intrigas, tenta essa doutrina alienigena crear incompatibilidades irremediaveis entre nações, tradicionalmente amigas, vizando o escopo deshumano de conflictos cruentos, que possibilitam a sua ascendencia directiva nesses povos, assim alquebrantados pelas consequencias deperecedoras de guerras externas.

E a tudo increpam esses patriotas privilegiados da preconizada archi-democracia, de maleficios intoleraveis, e a todos arguem de violentos e de discrecionarios, como se desvelar-se pela patria e resguardar a Republica devessem constituir delictos inscriptos nas legislações de nações cultas, que se prézam, e, como se taes sentimentos não devessem pairar acima das proprias leis e dos proprios codigos.

Não esquecerão, por certo, os grandes responsaveis pelos nossos destinos, e dentre elles destaco o eminente Sr. Washington Luis, de responder a essas campanhas tormentosas, em nome de mal entendido e mal governado e lamentavel patriotismo, com serenidade dominadora, abroquelando-se ás verdades eternas da vida dos povos e dos seus pró-homens como no conceito admiravel e paradigma modelar daquelle personagem plutarchiano, segundo o qual "é preciso fugir e córar do que é vergonhoso; mas, tambem, recear por qualquer motivo a censura, constitue demonstração de um caracter suave e simples, porém, que se não reveste de grandeza".

Os homens, em cuja sabedoria e probidade repousa a segurança dos destinos nacionaes, saberão deparar nas opulencias de seu civismo, no thesouro inapreciavel de seus sentimentos patrioticos, e quanto ao mais que é tudo para as nossas liberdades publicas, imprescindivel resignação evangelica, para responder ao tom bravejante desses outros que tambem tripudian-

do sobre a verdade excelsa dos acontecimentos, aggridem, nodoam, deturpam, infamam e diffamam, na obduração de propositos tantas vezes inconfessaveis.

Não descurarão, por certo, fortes e desassombrados no cumprimento do inobscurecivel dever publico, a magna missão que lhes foi imposta para o bem da Republica, menosprezando a grita dos accusadores systematicos e gratuitos, como aquelle legendario defensor das liberdades publicas de Syracusa e denodado batalhador, o qual coisa alguma respondia a increpações ferozes de seus coetaneos, contentando-se em agradecer aos deuses terem attendido ás supplicas que lhes dirigira, no sentido de ver os syracusanos no gozo da plena liberdade de tudo dizerem.

E dest'arte, e com serenidade, impressiva e refreadora, terão honrado esses legatarios de Deodoro e supremos responsaveis pelos actuaes destinos da Republica, a memoria sacrosanta que hoje exaltamos.

Eis, concidadãos, o que nos dita, insopitavelmente, o sentimento prevalente da nossa brasilidade.

Pois que, como sul-riograndense, não violamos enigmas de etapas assignaladas da vicissitudinaria existencia republicana, nem exageramos a conspicuidade de conceitos, que se impõem á consciencia illuminada da nação, exclamando, que, nos dias agitados da Republica, tão certos estão todos os brasileiros do civismo do Rio Grande do Sul, ao secundar as attitudes de intrepidez de seus co-irmãos federados, que, quando presentem o desencadear da desordem, olham attentos para o xtremo meridional da Patria, para a terra bemfadada de heroismos sem conta e de lealdade sem jaça. Não, como o mareante receioso que percebesse o ponto negro da borrasca, ou do cyclone que se avizinha, numa ameaça imminente de destruição e de morte, mas como o nauta de bom tempo, ou o fulgor irisado do arco-iris, na polychromia de uma promessa alentadora de bonança.

Senhores. Somos legionarios do partido orientado outr'ora por Julio de Castilhos e guiado nos dias presentes por Borges de Medeiros, um e outro daquella indefessa phalange republicana dos primordios do regimen, que ergueu nos seus escudos, rutilos e potentes, o nome aureolado de Deodoro da Fonseca.

Rejubilo-me, pois, com as sobreexcellentes razões e a coincidencia assignalada, que impediram declinassemos da honra inesquecivel de render o preito de nossa gratidão admirativa ao glorioso proclamador da Republica.

E, com os olhos d'alma quando não os da acuidade devassadora de sentimentos civicos, saibamos observar claramente, numa homenagem justamente tributada, que na lapide do sarcophago encerrando os despojos do luctador egregio, lemos ou poderiamos divisar, como synthese fulgurante, e que a Manoel

Deodoro da Fonseca se ajustam á maravilha, por lhe retraçarem a vida, os admiraveis versetos dedicados, a engrandecido heroe:

Pereceu persuadido de que a felicidade não consiste nem a vencer, nem a morrer, mas em saber fazer gloriosamente uma e outra coisa.

Salve, pois, a memoria de Deodoro da Fonseca.

Viva a Patria! Viva a Republica!"

VIBRANTE ORDEM DO DIA DO GENERAL COUTINHO

"Commemora-se, hoje, o centenario do invicto Marechal Deodoro da Fonseca, o proclamador da Republica. E, relembrando-o, commemora-se um symbolo que, a um só tempo, reune mil virtudes numa alma bem nescida e bem formada, sob os influxos de seus venerados pais.

A elle, deve o Brasil a situação actual de governo do povo pelo povo, com uma politica nova e novos horizontes de progresso.

A elle deve o Brasil todos esses annos de franca actividade e arduo labor em que se tem desbravado as florestas, ligando cidades e levando a civilisação aos pontos mais afastados do paiz. A elle, deve o Brasil o congraçamento de todos os seus filhos em prol dum mesmo ideal, qual seja o de uma patria cada vez mais forte, cada vez mais respeitada, cada vez mais rica, altiva, independente e orgulhosa daquelles a quem serviu de berço e ha de servir de tumulo.

A Republica é uma obra do Exercito, da Armada e do Povo. Frutificou em época opportuna, depois de grande propaganda nas tribunas, nas escolas e na imprensa. Era linda aquella madrugada de 15 de Novembro de 1889, quando Deodoro assumiu o commando geral das tropas. Não ambicionava a gloria e viu-se envolvido nella. Mas só, só Deodoro era capaz de electrisar aquella massa, firme, cohesa, unida, prompta para a luta, prompta para a morte.

Vencedor, não se deixou dominar pela ambição. Logo que sentiu as primeiras difficuldades, restituiu o paiz a um regimen legal que se vem mantendo até hoje e manter-se-á sempre para a gloria desta grande Nação.

A nós, militares, principalmente está reservado, pela Constituição um papel de alto relevo. Com sacrificio da propria vida, devemos velar pela sorte da Republica, defendendo-a em todos os transes. E mercê de Deus, nós o saberemos fazer, porque não nos falta animo nem nos abandona a fé".

EM PROL DA REPUBLICA

Homenagem a Deodoro 1827 -- 5 de Agosto -- 1927

INDICAÇÃO

Considerando que, firmada, como está, sempre e cada vez mais, a orientação republicana deste Conselho no que concerne, particularmente, aos actos do culto civico á memoria sagrada dos que se tornaram benemeritos da Patria;

Considerando que cumpre a este Conselho, como orgão da opinião republicana desta Capital, zelar pelo renome dos gloriosos fundadores do regimen, proclamando os seus feitos para educação das novas gerações, herdeiras necessarias do patrimonio moral e civico da nacionalidade;

Considerando que, na angustiosa hora presente, semelhante dever se impôr mais do que nunca em face de uma insidiosa e minaz campanha monarchista que *"pretende servir hoje ao rei com a mentira, não tendo ousado servil-o em tempo com a vida"*, na justissima phrase de Ruy Barbosa;

Considerando que, a par dessa desfiguração da verdade historica, as novas "rapsodias" envolvem, ao mesmo tempo, extranhas aggressões aos maiores paladinos e defensores da Republica, apresentando-os ora como traidores, com a publicação de documentos que, contraproducentes, só provam a lealdade e a elevação moral de seus egregios signatarios, ora como espiritos indecisos e sem convicções, com a reproducção de narrativas tendenciosas de ha muito desfeitas por testemunhos fidedignos;

Considerando que contrariar directamente essa campanha, restabelecendo, de prompto, a verdade, para que, como até aqui, por mal entendido desprezo ou condemnavel indifferença, não passem em julgado as mais pejorativas versões ácerca dos actos e da vida dos republicanos benemeritos, constitue, aquella contrariedade, uma das mais efficientes modalidades de educação dos costumes sociaes e politicos;

Considerando que o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, por sua fulgente e devotada actuação nos actos que determinaram á proclamação da Republica, tem sido alvo de deprimente aggressão do monarchismo ostensivo ou disfarçado, quando tudo leva a collocal-o, por essa mesma actuação, entre os que mais jús fizeram ás bençãos e á gratidão da Posteridade;

Considerando que o inclito brasileiro, mais do que como soldado, que soube ser galhardo e bravo em asperas pelejas, foi, principalmente, como cidadão, que avultou, com brilho immenso, no vasto scenario da historia patria;

Considerando que, nos instantes mais graves da vida nacional, no surto e no desenvolvimento da evolução brasileira, o seu grande coração, servido por clara intelligencia e cimentado por vigoroso e indomito caracter, sempre esteve ao serviço da melhor causa a que o seu extraordinario patriotismo dava um inconfundivel relevo;

Considerando que, nomeadamente, foi o seu grande gesto, na chamada questão militar, que patenteou a fraqueza moral dos homens da monarchia, inclusive do imperador, e a corrupção do regimen então reinante — com *"arranhões na dignidade"*, na phrase aviltante e caracteristica do proprio chefe do governo imperial;

Considerando que, documentadamente, ao presidente do Conselho, o digno soldado assim falou: — *"Pelo que fica expendido, conhecerá V. Ex. que prefiro ser desagradavel levado pela verdade e lealdade do que agradar pela reserva ou mentira"*; que ao imperador, em duas memoraveis cartas, de 5 e 12 de Fevereiro de 1887, se externou desse modo: *"A cousa é muito séria, Senhor, e sómente quem, por um lado, não tiver a intuição do brio e do pundonor natural e, por outro lado, não cogitar das consequencias a advir, poderá encarar descuidoso a tormenta que se annuncia"*; e, ainda, ao Parlamento Imperial, em 14 de Maio do mesmo anno, avisou, intrepido e inquebrantavel: *"Havemos de ser consequentes, como quem não conhece o caminho por onde se recúa sem honra"*;

Considerando que foi, egualmente, á sua nobre e altiva attitude que se deveu o derradeiro e decisivo golpe vibrado contra a escravidão, tão criminosamente mantida pelo interesse dymnastico, conforme a vigorosa apostrophe do formidavel pamphleto de Joaquim Nabuco — "O Erro do Imperador", cabendo ao glorioso Deodoro, juntamente com o Visconde de Pelotas, em 25 de Outubro de 1887, dirigir á Princeza Imperial Regente a famosa mensagem, em nome do Club Militar, no sentido de não mais ser dada ao exercito a missão de capturar escravos fugidos;

Considerando que, preparada a Nação para o passo final de sua evolução, graças á obra da gloriosa e heroica propaganda republicana de 1870 a 1889, foi para seu incontrastavel valimento militar que Benjamin Constant appellou quando investido da alta missão de organizador da revolução republicana, no decurso da memoravel "semana santa civica", de 9 a 15 de Novembro de 1889;

Considerando que, acudindo á exhortação do seu grande companheiro de armas, a quem votava excepcional estima e consideração, o valoroso Deodoro, primeiro, a sós com elle, em 10 de Novembro, e, depois, no dia immediato, em sua propria casa, na presença de Quintino Bocayuva, Aristides Lobo, Francisco Glycerio, Ruy Barbosa e Solon Ribeiro, abraçou a grande causa da redempção da Patria pelo advento da Republica, de-

clarando peremptoriamente a Benjamin Constant: *"Leve a bréca a monarchia; estou ás suas ordens"*;

Considerando que a nobre fidelidade a esse patriotico compromisso se revelou e se realizou, do modo o mais edificante e commovedor, quando, precipitado o movimento, e apezar de solicitado, então, por Benjamin Constant, por meio de um emissario, para que se não levantasse do leito do enfermo, não soffreu os impetos do seu assombroso patriotismo e, embora excruciado nas mais pungentes dôres physicas, "ergueu-se do leito e de pé, firme, erecto, magnifico no aprumo de sua farda gloriosa de soldado", partiu ao encontro do amigo extremecido que vinha conduzindo a brigada immortal para o campo da honra e, dahi, indefesso e impavido, assumindo o seu commando, continuou a marcha triumphal até á derrocada da monarchia;

Considerando que, desse modo, Deodoro patenteou a segurança de sua convicção, servindo sempre ao regimen, com lealdade e devotamento, e collaborando na organização republicana durante toda a formidavel construcção levada a effeito pelo glorioso Governo Provisorio;

Considerando que aquella lealdade rebrilhou fulgentemente no momento mesmo em que era jogada a sorte do seu governo, em 23 de Novembro de 1891, quando, em face da revolta reivindicadora, recebendo um valioso offerecimento de resistencia, por parte do Almirante Saldanha da Gama, revogou, com espanto geral, a acceitação do mesmo, presentindo, com admiravel intuição patriotica, o solerte designio daquelle que, mais tarde, em 1893, desvendado, viria a ser o campeão armado do monarchismo no ensanguentamento da Patria;

Considerando que, dest'arte, salvou Deodoro, no momento, a obra republicana do planejado golpe, preferindo a abdicação nobilissima ao perjurio da fé jurada nas aras da Patria redimida em 15 de Novembro de 1889, e, desse modo, pôde, cavalheiresco e leal, entregar a Republica, na integridade de sua gloriosa construcção, ás mãos potentes de Floriano;

Considerando, finalmente, que a 5 de Agosto corrente commemora-se o centenario do nascimento do egregio Marechal Manoel Deodoro da Fonseca — benemerito da Patria e glorioso proclamador da Republica;

Indicamos que a sessão de 5 do corrente mez, deste Conselho Municipal, interpretando os sentimentos de todos os verdadeiros republicanos, seja especialmente consagrada, sem trabalhos da ordem do dia, á augusta e veneranda figura do Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, e que a Mesa faça imprimir a presente indicação em avulsos (100.000) para ser distribuida gratuitamente, pela população, naquella data — como homenagem deste mesmo Conselho Municipal áquelle grande vulto da historia patria.

Sala das sessões, em 2 de Agosto de 1927. — *Felisdóro Gaia.* — *Henrique Ladgen.* — *Oliveira de Menezes.* — *Mario*

Barbosa. — João Clapp Filho. — Vieira de Moura. — Nelson Cardoso. — H. Maggioli. — Caldeira de Alvarenga. — Luiz de Oliveira. — Mario Antunes. — Malcher de Bacellar. — Lourenço Méga. — Jeronymo Penido. — Antonio Teixeira. — Mauricio de Lacerda. — Pio Dutra. — Alberto Silvares. — Costa Pinto. — Baptista Pereira. — Mario Crespo.

CONFERENCIA FEITA PELO MINISTRO SR. DR. TAVARES DE LYRA, NA SESSÃO REALIZADA NO INSTITUTO HISTORICO, EM 5 DE AGOSTO DE 1927

Proseguindo em sua nobre missão de commemorar as grandes datas centenarias da patria, incluindo nestas as do nascimento de seus filhos benemeritos, vem o Instituto Historico Brasileiro, que se nutre dos exemplos e dos ensinamentos do passado, recordar no dia de hoje a vida e os feitos de Deodoro da Fonseca, nascido ha exectamente um seculo. Pena é que tenha cabido a mim — u mdos mais modestos obreiros desta companhia — o honrosissimo encargo de dizer desse nosso egregio compatricio. Mas, se assim succede é porque elle não traduz apenas uma distincção pessoal: envolve tambem deveres de ordem politica a que não podia fugir, dadas algumas responsabilidades que tenho tido na vigencia do actual regimen, como parlamentar e homem de Governo.

E ahi tendes, Senhores, a razão que ora me leva a solicitar a vossa generosa e captivante attenção, afim de que, juntos, prestemos a homenagem de nossa commovida saudade á memoria inesquecivel do varão illustre, cujo perfil leonino e heroico avulta e se engrandece á distancia dos tempos.

Manoel Deodoro da Fonseca era filho legitimo do Tenente-Coronel Manoel Mendes da Fonseca e sua mulher D. Rosa Maria Paulina da Fonseca, tendo nascido a 5 de Agosto de 1827 na cidade de Alagôas, então capital da provincia do mesmo nome.

Seus pais tiveram dez filhos, a saber, e pela ordem da idade:

Hermes Ernesto da Fonseca (1824).
Severiano Martins da Fonseca (1825).
Manoel Deodoro da Fonseca (1827).
Pedro Paulino da Fonseca (1829).
Hippolito Mendes da Fonseca (1831).
Eduardo Emiliano da Fonseca (1833).
João Severiano da Fonseca (1835).
Emilia Rosa da Fonseca (1837).
Amelia Rosa da Fonseca (1839).
Affonso Aurelio da Fonseca (1845).

Todos os seus irmãos foram, como elle, militares, inclusive o Dr. João Severiano da Fonseca, que, depois de formado em medicina, entrou para o Corpo de Saude do Exercito, onde attingio á mais alta graduação: a de chefe do mesmo corpo. Hippolito, Capitão, Eduardo, Major, e Affonso, Alferes, todos tres aureolados por actos de inexcedivel bravura, morreram nos campos de batalha do Paraguay; o primeiro e o ultimo em Curupaiti, a 22 de Setembro de 1866; e o segundo em Itororó, a 6 de Dezembro de 1868. Hermes e Severiano, este agraciado com o titulo de Barão de Alagoas, falleceram marechaes do Exercito com uma folha de serviços inestimaveis ao paiz, na paz e na guerra. Pedro Paulino, que era, como seus irmãos, typo modelar de patriotismo e coragem, teria tambem chegado ao generalato se não houvesse requerido sua reforma ainda no posto de tenente.

E no meio desses irmãos, notaveis pelos seus excepcionaes meritos e virtudes, Deodoro foi o maior de todos.

Matriculou-se na Escola Militar, contando 16 annos incompletos, a 6 de Março de 1843, e, quando cursava o terceiro anno, assentou praça, sendo reconhecido cadete a 18 de Abril de 1845. Concluiu o curso de artilharia em 1847. No anno seguinte embarcou para Pernambuco, ao tempo conflagrado pela *rebellião praieira*, e, a 2 de Fevereiro de 1849, tomou parte no combate que se ferio na cidade do Recife, servindo nas forças que defendiam o quartel da Soledade, situado nas proximidades do lugar em que cahio gloriosamente morto Nunes Machado, que encarnava o valor do tradicional liberalismo pernambucano naquella hora tragica de provações supremas. Nesse combate, infelizmente ferido entre Brasileiros, recebeu o baptismo de fogo, affirmando com serenidade e denodo as suas qualidades de soldado brioso e valente e impondo-se á consideração e ao apreço de seus superiores, de tal modo que, pouco depois, a 14 de Março, o Governo premiava os seus serviços, conferindo-lhe o primeiro galão de official. O segundo, concedido por decreto de 30 de Abril de 1852, conquistou-o ainda por merecimento em Pernambuco no desempenho de arduas commissões militares. Regressou ao Rio de Janeiro em 1854; e no anno seguinte, depois de ter servido durante alguns mezes na Fortaleza de Santa Cruz, foi aproveitado como ajudante e secretario do Batalhão de Engenheiros recentemente creado. Promovido a capitão a 2 de Dezembro de 1856, permaneceu cerca de um anno em S. Paulo, em cumprimento de ordens do Ministerio da Guerra. Voltou em 1858, sendo designado para servir novamente no Batalhão de Engenheiros como commandante da primeira companhia de alumnos da Escola Militar.

Em 1859 partio para Matto Grosso, ficando á disposição do Presidente da provincia e depois do commando das armas.

Regressou ao Rio de Janeiro em Julho de 1862 e teve varias commissões até que, em fins de 1864, embarcou para o sul com

o batalhão a que pertencia, o 1.º de artilharia a pé, incorporado ás forças expedicionarias destinadas á campanha do Uruguay, forças que, depois da capitulação de Montevidéo, em 20 de Fevereiro de 1865, e da assignatura do Tratado da Triplice Alliança, em 1 de Maio do mesmo anno, se transportaram para a provincia argentina de Entre-Rios, vindo a constituir o primeiro nucleo do exercito alliado em operações contra o dictador do Paraguay. Foi ahi que, commissionado no posto de major, lhe coube em Agosto, ainda de 1865, o commando do segundo batalhão de Voluntarios da Patria, que formou na vanguarda do primeiro Corpo do Exercito quando este pisou o territorio inimigo, a 16 de Abril do anno seguinte. Communicando a Mitre as occorrencias desse dia, o legendario Ozorio não declinou o seu nome, o que levou João Severiano da Fonseca a escrever, mais tarde, em sua *Viagem ao redor do Brasil*:

"Nesse dia, 16 de Abril de 1866, Ozorio correu serio perigo. Abicando á terra, saltou incontinenti com o seu piquete de lanceiros e soffrego adiantou-se á galope a reconhecer o terreno. Em breve estava cercado pelo inimigo que descobrira a operação do desembarque e marchara rapidamente sobre o ponto. Uma ala do 2.º Corpo de Voluntarios, *mui bem commandada*, como exprimio-se o general na sua participação ao Governo, desembarcou logo após elle, segui-o a marche-marche e chegou a tempo de protegel-o contra as forças paraguayas, que já o cercavam e atacavam com furia. Calando o nome desse commandante, o heroico general pareceu fazel-o propositalmente, como que armando á curiosidade que buscaria saber quem fôra esse chefe a quem elle, nas suas conversações, se aprazia de chamar o seu salvador".

E' certo, entretanto, que Deodoro foi depois nominalmente elogiado em ordem do dia, conforme consta de sua fé de officio:

"Foi especialmente felicitado por S. Ex. o Sr. General commandante em chefe do Exercito em ordem do dia, sob n. 152, de 25 de Abril daquelle anno, pelo sangue frio, valor e actividade que patenteou, dirigindo com denodo a vanguarda composta das fracções de differentes corpos, que já haviam desembarcado, no momento em que o piquete de S. Ex. o Sr. General commandante em chefe se achava em luta com o inimigo no desfiladeiro do banhado, avançando intrepidamente em apoio do mesmo piquete e obrigando o inimigo a bater em retirada, no que prestou relevantissimos serviços na protecção do desembarque das forças do Exercito".

Este documento comprova, na sobriedade da linguagem official, o facto geralmente conhecido e cuja alta significação Rio Branco confirma, com a autoridade que ninguem lhe contesta, em suas *Ephemerides*, nas quaes, aliás, silencia sobre as datas do nascimento e da morte de Deodoro, o que indica que lhe não dedicava sympathias exaggeradas.

Este episodio da guerra valeu como presagio feliz da sua predestinação por entre os fados incertos das batalhas. Dahi por deante e durante cinco annos, a terra extrangeira seria o vasto theatro em que teria de realizar as mais rutilantes façanhas, em prodigios de fé patriotica e em lances extremos de heroismo. E elle as realizou no meio de cortinas de fogo e de fumo, ao sibilo das balas e ao clarão das metralhas, em pelejas memoraveis. Attestam-no as partes de combate, os triumphos que alcançou, os laureis immarcessiveis que o coroaram nos dias da boa e da má fortuna das armas brasileiras. Dizem-no em traços inapagaveis, as paginas de bravura épica que se escreveram em *Itapirú, Estero Bellaco, Tuiuty, Boqueirão do Sauce, Protero Obella, Jaji, Estabelecimento, Angustura, Itororó, Pirebebui, Campo Grande.* Demonstram-no as suas promoções a major (22 de Setembro de 1866), tenente-coronel (18 de Janeiro de 1868) e coronel (20 de Fevereiro de 1869), obtidas por actos de indizivel temeridade e lendaria coragem no fragor da luta, em que sua espada flammejante era gladio que feria e raio que fulminava. Provam-no as condecorações que possuia ou que veio a possuir de Aviz e de Colombo, do Cruzeiro e da Rosa e as medalhas que refulgiam em seu largo peito de heroe: a de merito militar e as das campanhas do Uruguay e do Paraguay.

Terminada a guerra, retornou á patria, a que continuou a servir e honrar cercado da admiração, do reconhecimento e do respeito dos seus concidadãos. Brigadeiro a 14 de Outubro de 1874 e marechal de campo a 30 de Agosto de 1884, exerceu numerosas e importantissimas commissões. Dentre ellas, as de commandante das fronteiras de Quarahim e Livramento, inspector das companhias de cavallaria da Bahia e Pernambuco e das fortalezas do porto desta Capital e das provincias de São Paulo, Paraná, e Santa Catharina, membro da commissão de promoções, quertel-mestre general e commandante das armas do Rio Grande do Sul e de Matto Grosso, lugares em que manteve contacto immediato com todas as tropas arregimentadas, no seio das quaes o seu nome se tornou, no correr dos annos, um dos mais prestigiosos e queridos do exercito nacional. Para isso contribuiram decisivamente as suas attitudes altivas e desassombradas em defesa de sua classe desde o inicio da questão militar, que, a partir do incidente Cunha Mattos-Simplicio de Rezende, em 1886, assumio, a cada dia que passava, caracter mais grave e melindroso, sendo afinal, um dos factos capitaes de nossa historia politica, no crepusculo do Imperio, pelo desfecho que teve com a mudança das instituições.

Essa mudança não surprende aos que investigam o passado, estudando as personagens e reconstituindo o scenario da época em que se desdobraram os acontecimentos. Era natural e inevitavel, sabido, como é e tem sido repetido muitas vezes, que a monarchia foi apenas uma solução provisoria e opportunista do problema politico do Brasil. O que estava em nossas condições

geographicas e em nossos antecedentes, nas nossas aspirações e nos nossos sentimentos particularitas, no proprio instincto democratico do povo brasileiro, era a republica federativa. Mas, sem aquella solução, estariam provavelmente sacrificadas nossa integridade territorial e nossa unidade moral, a primeira assegurada pelo throno quando nos separámos de Portugal e a segunda alcançada graças ao fortalecimento da autoridade do soberano, á sombra do mais asphyxiante regimen centralizador. No ponto de vista economico e administrativo, esse regimen foi, sem duvida, esteril e desastroso, retardando a expansão de nossas riquezas, comprimindo nossas energias creadoras, relegando para plano secundario os avanços de nosso progresso material, matando as iniciativas locaes, viciando a educação das massas, que se acostumaram a esperar do *centro* todos os remedios para os seus males, entregando a direcção das provincias a governantes que, em regra, desconheciam as suas necessidades e, não raro, se deixaram dominar exclusivamente pela preoccupação de levar a bom termo delicadas empreitadas eleitoraes. A sua condemnação é um facto que data dos tempos da colonia. Nem outra foi, entre nós, a razão por que o liberalismo de todos os matizes, procurando illudir os anceios federalistas do paiz, inscreveu sempre a idéa da autonomia provincial em suas bandeiras partidarias.

Ainda não ha muito, Affonso Celso relembrou, em uma serie de artigos publicados no *Jornal do Brasil*, o que occorreu no Congresso Liberal de 1889, a proposito da extensão da reforma que, neste particular, devia ser pleiteada pelo Partido Liberal, quando subisse ao poder. E tal era a certeza de que sem realizar semelhante idéa lhe seria impossivel inspirar confiança á nação que, invertida a situação alguns mezes depois, o preclaro Sr. Visconde de Ouro Preto a incluio no seu programma de governo.

Em todo caso é de justiça assignalar que, apezar de esteril e desastrosa no ponto de vista economico e administrativo, a centralização nos trouxe, politica e socialmente, inestimaveis beneficios, permittindo a formação definitiva de uma consciencia nacional, que penso ser a obra por excellencia do segundo reinado. Cumpre, porém, não esquecer que, para attingir a esse resultado, a Corôa teve de sobrepor-se aos partidos existentes, dissolvendo-os, de facto, conforme eu mesmo já tive opportunidade de affirmar, resumindo assim opiniões e conceitos emittidos por escriptores eminentes:

"O soberano fazia e desfazia á vontade as situações politicas, interpretando, como arbitro permanente do movimento nacional, o pensar e o sentir da grande massa da população, ainda incapaz de inspirar, fiscalizar e alternar, por si só, o jogo regular dos partidos. Estes, formados aos embates da antinomia entre a liberdade e a autoridade, quando amanhecemos para a vida das nações livres, não passavam, nos dias de paz do segundo

reinado, de organismos sem vitalidade; e, nas proximidades do desabamento do throno, eram agrupamentos sem bandeira, cujas linhas de separação se cruzavam, se emmaranhavam, se confundiam, fazendo de liberaes e conservadores, ligados por interesses e não por principios ,meras clientelas congregadas em redor de chefes, installados no Senado vitalicio e no Conselho de Estado".

O que predominava no seio desses partidos, que viviam de renuncias, abdicações e apostazias, era o utilitarismo, politico, sem sinceridade, sem enthusiasmo, sem nobres estimulos. E isto justifica o seu desapparecimento inglorio quando se deu a derrocada do throno.

Estudando as causas proximas dessa derrocada, — o abolicionismo, o republicanismo, o federalismo, o militarismo, — Oliveira Vianna, que é uma das culminancias do Brasil intelectual de nossos dias, fixou como ponto de partida do movimento que as produzio o periodo que vae da ascenção do partido conservador, com Itaborahy, em 1868, ao manifesto republicano de 1870, accrescentando: "O grande processo de desintegração do systhema monarchico data dahi".

Esta asserção é inteiramente procedente. Foi nesse momento que resurgio o nosso velho e tradicional espirito liberal e que se abriram novos e mais largos horizontes á politica brasileira. A partir de então, a alma nacional jámais deixou de vibrar intensamente, agitada por elevadas aspirações democraticas, até á victoria final de 15 de Novembro, precipitada pelo concurso das forças armadas do paiz.

Precipitada, sim, pois, para os homens intelligentes e cultos que foram contemporaneos da geração idealista de 89, era indiscutivel que nada poderia obstar á marcha triumphal da idéa republicana, uma vez desapparecido o Imperador, que já se abeirava do tumulo. A convicção generalizada era a de que com a sua morte consumar-se-hia a completa ruina da dynastia e a republica seria a lei americana. Tudo o indicava clara e inequivocamente. A monarchia, que alienara as sympathias do clero em consequencia da questão religiosa; que perdera o apoio da lavoura após a abolição dos escravos; que se distanciára das forças de terra e mar, de cuja efficiencia militar jámais cogitara seriamente, conservando-as imbuidas da funcção civica libertadora de que nos fallou Nabuco e de que se investiram por mais de uma vez; que nunca vira nos partidos politicos senão instrumentos doceis de sua omnipotencia, usando e abusando do poder pessoal do impetrante, atravez das enscenações espectaculosas do parlamentarismo; não podia contar com elementos de resistencia no instante da adversidade. Estava, effectivamente, isolada dentro da nação.

Junte-se a isto a doença do monarcha, a questão militar, a impopularidade do principe consorte da herdeira da Corôa, além de outras causas secundarias, e facil será comprehender e explicar os grandes surtos que caracterizaram a propaganda

anti-monarchica dos ultimos tempos do Imperio, alimentada por uma elite que, sahida das academias civis e militares, mantinha nos clubs, nos jornaes e na tribuna politica uma effervescente campanha de demolição, que tudo avassalava e destruia.

Não ha fugir á evidencia das cousas. Os dias da monarchia estavam contados. Terminara a phase de formação politica da nacionalidade e o terceiro reinado era absolutamente inviavel.

Em verdade, o que as classes militares fizeram foi antecipar a revolução.

E' possivel que, a principio, ellas tivessem sómente por objectivo a substituição do ministerio. Mas, quando o movimento explodiu, já era franca e accentuadamente republicano. As occorrencias do Club Militar na sessão de 9 de Novembro, bem como a propaganda e a acção desenvolvida nos corpos da guarnição desta capital, antes e depois dessa sessão, pelos officiaes que a ella assistiram ou que eram solidarios com as suas resoluções, não deixam duvidas a respeito. Ha, para comproval-o, documentos que não podem ser illididos.

Nesse sentido, relembrarei apenas dous valiosissimos depoimentos. O primeiro é de Aristides Lobo e foi prestado em banquete politico realizado nesta capital em Setembro de 1890. No discurso que proferio, reproduzio, com applausos de Quintino Bocayuva e Campos Salles, que estavam presentes, as palavras com que Solon e outros officiaes solicitaram a collaboração do partido republicano para o referido movimento.

Eil-as:

"Vimos procurar-vos da parte do exercito; elle está disposto a insurgir-se, não sómente contra o governo, mas contra as instituições existentes para realizar a transformação politica de nossa patria e pede o concurso do partido republicano; não queremos fezar uma bernarda de quarteis; é nossa firme resolução substituir a instituição monarchica pela instituição republicana".

O segundo é de Fonseca Hermes, que, com as louçanias de sua aprimorada eloquencia, disse, ha apenas um anno, o que se passou entre Benjamin Constant e Deodoro:

"A 10 de Novembro tev lugar a entrevista decisiva de Benjamin e Deodoro na residencia deste á Praça da Acclamação n. 89. Não fôra difficil a Benjamin obter a palavra final de Deodoro.

Vacillara este, é certo, no adoptar a deliberação de chefiar o movimento que nos devia conduzir á republica. Soldado por tradição, por educação, por feitio e temperamento, leal nas suas affirmações e em todas as consequencias que dellas decorriam, Deodoro, como os seus irmãos, jurara defender as instituições monarchicas. Por D. Pedro de Alcantara tinham todos elles carinhosa affeição e guardavam o reconhecimento que nelles a pouco e pouco instillaram os actos de deferencia do monarcha

para com sua velha progenitora, essa espartana brasileira, que, ao despedir-se dos sete filhos, um dos quaes ainda menor, que partiam para os campos do Paraguay em defesa da honra da patria, não tivera, por não diminuir-lhes os ardores patrioticos, sequer humedecidas, as faces por uma lagrima de máos presagios ou de penosa e antecipada saudade.

D. Pedro de Alcantara requintava os gestos de delicadeza para com a velha matrona. Ao chegarem-lhe noticias dos successos dos nossos combates, apressava-se em envial-as á residencia que era della e collectiva das familias dos seus filhos, então no theatro da guerra.

Fôra de grande perdas para as armas brasileiras esse combate tremendo da passagem do Itororó a 6 de Dezembro de 1868. Nelle haviam sido feridos Hermes e Deodoro, tombara para sempre gloriosamente Eduardo, que commandava o 24.º de Voluntarios. Recebida por D. Pedro essa noticia fatal, fez elle procurar a mãi dos Fonsecas, por seu camarista, recommendando-lhe a maior discreção e delicadeza na narrativa, por que, preparado o espirito, menor fosse a dolorosa sorpreza de D. Rosa Maria Paulina. O enviado do Imperador, no desempenho de tão triste missão, balbuciava phrases confortadoras, cuja significação attingio, de prompto, o espirito arguto da heroica brasileira.

Ex-abrupto, perguntou-lhe: tive filhos mortos ou feridos?

— Infelizmente, sim, respondeu-lhe o camarista e precisou os factos lutulentos.

Sem que em sua physionomia, masculinizada pelas energias moraes, se denunciassem a angustia e o soffrimento que lhe convulsionavam a alma e torturavam-lhe o coração, inquirio se fôra favoravel ao Brasil o desfecho da batalha.

— Sim, respondeu o enviado do Imperador.

— Ainda bem, disse serenamente, tremula de emoção a voz varonil da nova Cornelia. E, despedindo-se do camarista, Dona Rosa cobria-se de preto, cerrava as portas de sua residencia, em demonstração da dor e do luto intimos; mas fazia illuminar a fachada em honra do Brasil e em regosijo pela victoria de nossas armas.

A corações sensiveis não podiam ser indifferentes esses gestos de delicadeza e deferencia do monarcha; e por isso e porque, modestos, não attribuissem ao seu valor, ao seu merito e ao seu patriotismo a ascenção aos postos da hierarchia militar, senão a actos de munificencia imperial, Deodoro e seus irmãos sobrevivos tinham a prendel-os a D. Pedro esses laços de gratidão, que unem e obrigam corações.

Eis porque assaltavam o espirito de Benjamin os receios de que Deodoro não chegasse, em seus movimentos em favor da classe, até á deposição do Imperador e á proclamação da Republica.

Exilado para Matto Grosso pelo Governo, que, apavorado diante do formidavel prestigio do velho cabo de guerra, quizera

afastal-o do centro onde a sua actuação era uma ameaça permanente para as instituições, Deodoro levava no seu estado-maior João de Siqueira, Clodoaldo da Fonseca, Hermes da Fonseca, Jacques Ourique e outros moços militares republicanos, que junto delle faziam a obra de uma catechese constante. E nessa alma, aberta a todos os sentimentos de fidalga nobreza, não foram indifferentes os argumentos por esses republicanos adduzidos. Regressando Deodoro, mais se intensificou junto a elle a obra de propaganda em favor da implantação do novo regimen. Resolvido a não aceitar o terceiro reinado, vendo que com o Imperador, invalido e irresponsavel, nada se poderia esperar do seu governo, morto Severiano da Fonseca, o irmão que mais directamente influio no seu animo por minorar-lhe os gestos impulsivos de rebeldia, sentindo o espirito predominante na parte mais sadia do Exercito, trabalhado pela palavra ardente dos propagandistas e pela penna admiravel de Quintino, Aristides Lobo, Ubaldino do Amaral, Lopes Trovão, Julio de Castilhos, Rangel Pestana e tantos outros, cedeu Deodoro em favor da Republica; e, em consequencia, consentio em receber, em entrevista secreta, os chefes da propaganda republicana. E na noite de 11 de Novembro reuniram-se em sua casa Benjamin, Quintino, Ruy Barbosa, Aristides Lobo, Francisco Glycerio e Solon Ribeiro".

Nas *Pesquisas e Depoimentos*, Tobias Monteiro, laureado jornalista e publicista illustre, nos informa, em seu estylo leve e elegante, do que houve nessa reunião, segundo o testemunho de Glycerio. O desejo de Deodoro era *acompanhar o caixão do Imperador, a quem muito respeitava;* mas, vencidas as suas ultimas hesitações, acabou por declarar: "Façamos a republica. Benjamin e eu cuidaremos da acção militar; o Sr. Quintino e os seus amigos organizem o resto".

Assentou-se então que o bravo marechal seria o chefe do *governo provisorio* e foi dada *carta branca a* Quintino para combinar os nomes dos ministros, cuja lista Ruy Barbosa diria mais tarde constituir *um rol de condemnados á morte, se a monarchia triumphasse.*

Estes e outros factos de que temos noticia certa traduzem nitidamente os intuitos da revolução. Esta seria, como foi, o duello entre a monarchia e a republica, não obstante a demora que a alguns se tem afigurado indicio da inexistencia de um plano préviamente combinado, entre a occupação do quartel-general e a organização do novo governo.

Para mim é de importancia secundaria essa circumstancia, origem de muitas controversias, e sobre que Max Fleuiss, entre outros, reunio, paciente e conscienciosamente uma preciosa collectanea de escriptos e affirmações na segunda edição de seu opulento e exhaustivo estudo sobre a *Historia Administrativa do Brasil.* Não me proponho examinal-a aqui. Ponderarei, entretanto, de passagem, que as forças que se revoltaram não exce-

diam da quarta ou quinta parte do exercito; que ainda não era conhecida a adhesão da marinha, onde os republicanos não passavam de uma pequena minoria; que entre os vencedores, havia uma corrente que se inclinava pela consulta á nação mediante um plebiscito; que não era para desprezar a hypothese de resistencias possiveis nas provincias, especialmente do Rio Grande do Sul e da Bahia. E qualquer destes motivos poderia ter aconselhado calma e prudencia no encaminhar dos acontecimentos, maximé tendo-se em vista o estado precario da saude de Deodoro cuja vida era o mais seguro penhor da victoria.

Reflectindo-se serenamente sobre os successos que precederam á crise revolucionaria, chegar-se-ha á conclusão de que elles não podiam ter outra finalidade que não fosse esta: a queda da realeza. A questão militar, gerando desconfianças e irritações, tinha cavado fundo as divergencias entre as forças armadas e os partidos constitucionaes; e de Deodoro, pessoalmente, pode-se dizer que se incompatibilisara com elles. Com os conservadores, — que tinham em Cotegipe e João Alfredo dous de seus chefes mais autorizados, — por que o primeiro o exonerara do commando das armas e da vice-presidencia do Rio Grande do Sul, provincia que administrara de Maio a Novembro de 1886, e, ainda, do cargo de quartel-mestre general do exercito, tudo em virtude da attitude que tomara em defesa de sua classe; e o segundo procurara numa commissão a Matto Grosso, apparentemente honrosa, o pretexto almejado para retiral-o desta capital. Com os liberaes, porque conspirara contra Ouro Preto e não tolerava Silveira Martins, os quaes, como Cotegipe e João Alfredo no aggrupamento contrario, eram tambem, entre os seus correligionarios, dous chefes proeminentes.

Em taes condições, seria ingenuidade acreditar que, triumphante a reacção contra o governo, fosse entregue o poder a um ou a outro desses dous partidos monarchicos.

Ser o proprio Deodoro o organisador do novo ministerio era impossivel, por lhe faltarem qualidades de estadista e o necessario preparo para ser presidente do conselho num gabinete parlamentar. E, fóra dahi, só a dictadura, com a submissão do soberano, a exemplo do que succede presentemente em paizes da Europa. Naquelle tempo, porém, ninguem se lembraria disto e muito menos no Brasil.

A unica solução era, pois, a republica.

Ainda hoje, se discute, vez por outra, quem foi o seu verdadeiro fundador, como se um homem, por si só, pudesse transformar as instituições politicas fundamentaes de um povo. Empreza dessa ordem não pertence nem mesmo ao patrimonio de um partido. E' quasi sempre obra de gerações. Entre nós, ella teria necessariamente fracassado, na ausencia das causas proximas ou remotas, a que já me referi, e de algumas outras que todos conhecem, como as que apontou, ha pouco mais de um mez, o nosso querido e prestimoso presidente perpetuo nos ex-

cerptos biographicos de seu pai, — o illustre chefe do ultimo gabinete monarchico, — trabalho que vem escrevendo com carinhosos extremos de filho amantissimo. Instituições vigentes durante sessenta e sete annos não seriam facilmente destruidas por um levante militar, se tivessem raizes na opinião.

Bem andou, portanto, o Congresso Nacional, quando, no decreto legislativo numero 4.478, de 16 de Janeiro de 1922, "auctorizou o poder executivo a mandar erigir nesta Capital, entre o jardim da praça da Republica e a fachada principal do Ministerio da Guerra, um monumento commemorativo da proclamação da Republica e no qual seja lembrada, de fórma adequada, a acção dos seus principaes fundadores, Benjamin Constant, Deodoro da Fonseca e Quintino Bocayuva, bem como os dous grandes movimentos precursores da Independencia Nacional, sob a fórma de governo republicano, em 1789 e 1817..."

Assim procedendo, o legislador praticou um acto de rigorosa justiça historica, desde que a ninguem é licito pôr em duvida que Benjamin foi o creador da mentalidade nova do exercito, o coordenador do movimento, o centro em torno do qual se unificaram propositos e se disciplinaram vontades; Deodoro, o inclito e insubstituivel general, a cujo prestigio e animo resoluto se deve o exito da jornada, porque não havia soldado que resistisse á fascinação de seu olhar e á sua voz de commando; Quintino, o abnegado chefe da propaganda, sempre sincero na pureza de suas crenças liberaes. O primeiro representa a intelligencia que organiza; o segundo a força que domina; o terceiro a idéa que vence. E reunidos symbolizam, effectiva e realmente, em toda sua imponencia e majestade, a conquista maxima da democracia brasileira nos ultimos annos do seculo XIX.

Envolvamos aos tres na nossa admiração, respeitosa e agradecida; mas tenhamos a franqueza de confessar que, no momento da acção, o papel primacial coube a Deodoro.

Infelizmente, as suas qualidades de commando eram unicamente militares. Não tinha o tacto, a flexibilidade, a visão, que, nas épocas revolucionarias, transformam, de improviso, em homens de Estado os politicos de genio, que, embora sem a experiencia e o saber adquiridos no trato continuo dos negocios publicos, galgam as posições por golpes de fortuna ou de audacia, seduzindo, captivando e arrastando as multidões.

Alma grande e generosa, não soube se defender, do interesse e do servilismo que calculavam, e, empolgado pelo adhesismo maneiroso e lisonjeiro commetteu erros gravissimos, muitos delles da responsabilidade directa de seus companheiros de governo, entre os quaes não havia a cohesão que a situação reclamava.

Todos os seus ministros eram incontestavelmente, ao tempo, notaveis expoentes da intelligencia e da cultura brasileiras, tendo cada qual um passado que era padrão immorredouro de

suas aspirações e ideaes democraticos; mas vinham de campos diversos, com affinidades, inclinações e educação differentes. Assumindo os primeiros postos de direcção no novo governo, levavam para elle, a par de seus merecimentos e capacidade, as suas falhas e os seus defeitos. A orientação de cada um os conduzia a processos, ás vezes, diametralmente oppostos. E o amor proprio, os ciumes, as rivalidades acarretaram os primeiros dissentimentos. Dunshee de Abranches assignala factos interessantissimos. Este, por exemplo. Aristides Lobo, que era tido por exaltado, até mesmo por jacobino, revelava-se um moderado ao lado de Ruy Barbosa, que, mais intransigente e radical nessa occasião, continuaria depois o seu grande e fecundo apostolado da liberdade.

Para evitar as consequencias lamentaveis daquelles dissentimentos, adoptou-se a pratica das reuniões collectivas do gabinete, deliberando-se, ao mesmo tempo, que as questões mais graves e as de caracter legislativo seriam resolvidas em conselho por maioria de votos. A medida era boa; mas occultava intenções reservadas e não produzio os effeitos esperados.

A transformação do governo em junta revolucionaria diminuiu a autoridade de seu chefe, sendo uma nova fonte de attritos, uma vez que os ministros continuaram a ser dictadores em suas pastas. Mesmo no tocante a actos que dependiam de decreto, elles se mostraram ordinariamente irreductiveis, recalcitrando em ceder e provocando crises. Uma das primeiras e das mais serias dessas crises foi a que se originou da expedição, á revelia do Ministerio, do decreto de 17 de Janeiro de 1890, regulando as emissões bancarias, conjurada pela intervenção conciliatoria de Benjamin Constant, em cujo vibrante appello aos seus collegas transparece, em irradiações de fé republicana, a grandeza insuperavel de sua abnegação e de seu patriotismo.

Quem lê com espirito desprevenido as *Actas e actos do Governo Provisorio* nesta e em outras partes tem a dolorosa impressão de quanto foi trabalhada de difficuldade a vida desse governo. E até admira como se chegou a concluir a tarefa formidavel de alicerçar em bases solidas as novas instituições politicas do paiz. Os homens que o compunham nem sempre obedeceram ao seu idealismo doutrinario. Vezes sem conta se tornaram presa das paixões que desvairam e transviam. E, por fim, foram ellas que os dominaram ao exporem á maledicencia publica o nome honrado de Deodoro, que era fundamentalmente honesto, fazendo da concessão do porto das Torres a pedra de escandalo para se afastarem do Ministerio, esquecidos de que "se culpado era o dictador por se deixar arrastar pelo coração, teimando e mdar um favor injustificavel a um amigo, não menos criminosos se haviam tornado aquelles que, ao seu lado distribuiram centenas de concessões semelhantes..."

Da heterogeneidade do Governo Provisorio promanaram os dissidios entre os seus membros; desses dissidios as divergen-

cias irremediaveis; dessas divergencias a retirada collectiva dos ministros, alguns dos quaes abandonaram as posições que occupavam para irem chefiar ou engrossar a opposição na assembléa constituinte, onde já se haviam formado duas correntes, promptas a se defrontarem, uma favoravel e outra contraria a Deodoro. Este era um affectivo, mas de temperamento impulsivo e voluntarioso, incapaz de se conter em seus assomos e arrebatamentos de colera, que duravam pouco, permittindo-lhe voltar depressa ao seu natural expansivo e folgasão.

Profundamente resentido e magoado com os seus antigos companheiros de governo e com os que com elles tinham feito causa commum, deu ouvidos ao aulicismo interesseiro e interveio ostensivamente em varios Estados, demittindo governadores e entrando no caminho das reacções.

"Os governos liberaes fazem os povos moderados". Era, nessa época, a licção da Inglaterra. E, como a tolerancia desertara das regiões do poder, os decahidos das posições officiaes, irmanados no mesmo pensamento de defesa commum, se sentiram na obrigação de aceitar o desafio que lhes era lançado, convertendo o parlamento em arena de asperos combates. Aos primeiros choques e conflictos, que se verificaram antes da eleição presidencial, succederam, durante a sessão legislativa de 1891, as dissenções partidarias e, a seguir, as lutas que, dividindo a nação em dous campos adversos tão funestas teriam de ser no periodo accidentado da consolidação das instituições.

Homem franco e leal, Deodoro difficilmente se amoldava ás contemporizações e transigencias da politica, que, não excluindo a firmeza e segurança da acção, são, ás vezes, preciosas virtudes dos que governam; e, confiando demasiado em sua força comprometteu-se, de todo, na aventura criminosa do golpe de Estado, que seria o fim do seu poderio. Vinte dias depois desse golpe de Estado operava-se o movimento que tinha por fim a reivindicação da ordem constitucional, e elle, que ainda dispunha de valiosos elementos de resistencia, preferio renunciar a presidencia, para poupar ao paiz angustiosos dias de luto e de dôr, as crueldades e os horrores da guerra civil.

Em seguida, requereu a reforma, que lhe foi concedida por decreto de 11 de Janeiro de 1892, e, vergado ao peso de indiziveis soffrimentos physicos e moraes, recolheu-se á tranquilidade do seu lar, indo morrer aos poucos nas agruras da solidão e do ostracismo. Já não queria ouvir os écos das acclamações ruidosas dos dias idos, quando, nas praças publicas, o sagravam generalissimo das forças de terra e mar (15 de Janeiro de 1890). Era um vencido, que começava a conhecer, no meio das decepções e desenganos, o que são a hypocrisia e a ingratidão do mundo: "só não decahem no conceito de sua época os heroes mortos na peleja ou logo após o triumpho, sem haver tempo de apedrejal-os".

Falleceu a 23 de Agosto de 1892, sendo enterrado ,de accordo com os seus desejos, sem as pompas e as honras militares a que tinha direito.

Camille Jullian escreveu que a historia ensina a justiça. E esta manda que sejam perdoados os erros de que Deodoro se penitenciou e redimio nobremente.

Elle era um deslocado no governo da sociedade civil. Nascera para o commando e ignorava os manejos e accommodações da politica, que é muitas vezes a arte de transigir, sem prejuizo da causa publica. Para fazel-o recuar de irreflectidas resoluções, seria necessario que os "leaders" parlamentares de maior influencia tivessem contemporizado habil e opportunamente e que os seus auxiliares fossem mais malleaveis. Destes, os do Governo Provisorio, eram muito ciosos de sua autoridade ministerial e os do gabinete Lucena, em regra, avessos a processos de moderação e cordura; e aquelles, os "leaders" politicos, condescenderam nos ataques violentos dos seus partidarios, que aprofundaram, a separação entre os poderes legislativo e executivo e tiveram como remate uma dictadura ephemera e, posteriormente, o triste epilogo das revoltas militares.

O historiador do futuro fixará um dia as responsabilidades de todos que tomaram parte nos factos desenrolados nessa quadra tormentosa da vida republicana, cujo estudo Campos Salles esboçou, com elevado senso politico, no livro notabilissimo que é "Da Propaganda á Presidencia". Mas, seja qual for o seu "veredictum", em nada poderá amesquinhar o relevo inconfundivel da individualidade superior de Deodoro. A sua obra magnifica no serviço das armas e na fundação do regimen actual, os seus fulgurantes brazões de nobreza civica e militar, o seu nome, illuminado por esplendores de gloria, estão, desde muito, definitivamente incorporados ao patrimonio moral da patria. São e serão sempre immortaes em terras brasileiras.

Calorosos e prolongados applausos.

DEODORO

O CENTENARIO DO SEU NASCIMENTO

"Sr. representante do Exmo. Sr. Presidente da Republica, Exmo. Sr. Vice-Presidente da Republica, Exmos. Srs. Ministros, Embaixadores, Addidos Diplomaticos e Generaes, Exmas. Senhoras, meus Senhores:

"Senhores — Assalta-me neste momento justificado temor, ao assumir a grave responsabilidade de supprir, quesi á ultima hora, o fulgurante verbo que hoje deveria erguer esta tribuna ás culminancias de sua persuasiva eloquencia.

Deixando de corresponder ao nosso appello, por motivos superiores de força maior, essa voz, de notavel parlamentar, que na hora presente contavamos resoasse neste recinto em vibrações de phrases lapidares, dilue-se nas tenues resonancias de uma obscura allocução.

Assim o quiz a logica occulta dos factos intercorrentes, na insidiosa orientação de suas intimativas inappellaveis. Assim o quiz, como interprete dessa eventualidade inesperada, o voto lisongeiro de amigos e companheiros de classe congregados para os nobres fins desta commemoração civica.

Submettendo-me ás imperiosas injuncções da directriz que me conduzio aos escarpados cimos desta tribuna, dou-vos testemunho de um claro espirito de ordem e disciplina, tão necessario ao individuo como aos povos no curso normal de sua marcha evolutiva.

Aliás, considero-me feliz por esse acto de obediencia aos superiores dictames do elevado objectivo que collima a presente solemnidade, em homenagem á insigne memoria de um grande vulto da historia patria.

Não obstante as insufficiencias irremediaveis de meus apoucados recursos oratorios, sinto-me empolgado pela grandeza da causa, pela belleza do gesto, pela altura das crenças, pela transcendencia dos factos, decorrentes do extraordinario momento historico que hoje revocamos á memoria numa justa exaltação de ardores patrioticos.

Sim, porque o nome do inclyto e benemerito Marechal Deodoro da Fonseca, evocado a proposito do centenario de seu nascimento, lembra, sobretudo, a génese da éra republicana em nosso paiz e o acto da proclamação do novo regimen aos 15 de Novembro de 1889. Foi, com effeito, ao aceno decisivo de sua gloriosa espada, magnanima e incruenta, que ruiram por terra as decrepitas e veneraveis instituições remanescentes dos tempos coloniaes.

Orgão individual na consecução de fins altamente sociaes, Deodoro resume em sua prestigiosa pessoa, no momento critico, a vasta serie de esforços empenhados pelas gerações transactas em pról de nossas liberdades publicas, de nossa plena autonomia e inconcusso progresso.

O culto prestado á sua conspicua memoria, neste assignalado dia, é dos que mais dignificam um povo e lhe asseguram a plena posse de uma verdadeira alma collectiva. E' de facto, na contemplação do passado, no manuseio da historia, na familiaridade da tradição nacional, que essa alma collectiva tem a fonte perenne de suas mais profundas e nobres inspirações.

E' a tradição que edifica a Patria, é a historia de todo um passado de lutas, revézes e triumphos que nos dá a plena consciencia desse apego, por nós consagrado ao sólo natal.

"Existe no passado — escreve o historiador Lavisse, — uma poesia de que carecemos para viver; é, pois, necessario infiltrar na alma do povo a poesia da Historia".

As grandes figuras representativas de uma nacionalidade, em todos os regimens, os fundadores, os homens providenciaes que fortemente impulsionaram a marcha espontanea da humanidade, chegam até nós escoimados de falhas e defeitos, embellezados pelos atavios da lenda, envoltos na trama poetica de que se urdem por vezes as paginas da historia.

São estes os mortos illustres, proeminentes, dignos de veneração, cuja reminiscencia tanto se presta a consolidar a concordia entre os vivos. Nada mais justo e edificante, pois, que a nossa attitude prosternada, reverente, fervorosa, perante a immobilidade dos tumulos em que se encerram as cinzas dos antepassados. Eleva e nobilita a alma humana essa communhão com o pensamento dos que nos precederam e nos legaram grandes exemplos de abnegação, civismo e devotamento á causa publica.

Delles disse Lamartine, penitenciando-se, talvez, do pessimismo alhures proclamando:

C'est la cendre des morts qui créa la patrie.

Sem contestação possivel, Deodoro fez jús á gratidão nacional por seus valiosos serviços prestados á patria, que o considera, de modo especial, como um dos mortos egregios a que se refere o poeta.

Seriamos por demais prolixos, se pretendessemos pormenorizar todas as circumstancias em que evoluiu a sua vida publica, desde os primeiros campos de batalha perlustrados por sua congenita bravura, até o dia da abnegada renuncia de primeiro presidente constitucional da Republica Brasileira.

Soldado, antes de tudo, ninguem mais do que elle cultivou os nobres e elevados sentimentos da honra, do pundonor, do dever, da intemerata coragem, da franqueza e da lealdade, como attributos inherentes ao seu impolluto caracter, apenas exaltados na rude faina da carreira militar.

Com Deodoro, estiveram pelejando na insana campanha contra o despota paraguayo mais cinco de seus irmãos. Tres succumbiram heroicamente na ardorosa pugna, durante as sangrentas acções de Itororó e Curupaity.

Digna de especiaes louvores tornou-se a attitude mantida pela illustre matrona Dona Rosa Paulina da Fonseca, progenitora dessa esforçada cohorte de combatentes, cheia de abnegação e patriotismo, não se deixando abater pelo infortunio da perda de vidas tão caras e jámais admittindo a possibilidade de uma paz vergonhosa para a nossa patria.

Alma spartana de grande brasileira, quanto é digna a mãe de Deodoro de compartilhar das homenagens prestadas á memoria do filho que mais altas benemerencias conquistou ao serviço da nacionalidade.

Através da fumarada dos combates, por entre o ribombo dos canhões, o estrepito da cavallaria, o impeto dos infantes, os alaridos dos entre-choques, o bravo soldado galga os varios postos da hierarchia militar, até coronel, a golpes de impavida coragem e insuperavel denodo.

Finda a guerra, pela victoria de nossas armas, Deodoro pôde ostentar, com justo desvanecimento, a par dos que mais se distinguiram, o valoroso peito marchetado de rutilas condecorações.

Era o soldado, na extensão da palavra, pelo pórte varonil, intrepidez, decisão prompta, firmeza de caracter, alma crystalina, avessa aos escusos processos de hypocrisia e dissimulação.

O seu amor á carreira que resolutamente abraçára, o constante interesse demonstrado pelo prestigio da classe, a energia de seus accentos na defesa dos camaradas injustiçados, davam-lhe indiscutivel relevo no seio do Exercito.

Em diversas occasiões, mesmo antes de attingir ao generalato, a sua individualidade achou-se em fóco, de maneira a evidenciar a consideração em que era tido por todos.

Quando no dia 6 de Agosto de 1871 se realizou em Porto Alegre a imponente ceremonia para entrega da riquissima espada de honra ao bravo e lendario Osorio, em nome do Exercito que se illustrára nos campos de batalha do Paraguay, foi o então coronel Deodoro da Fonseca o incumbido de interpretar os sentimentos de alta estima e admiração dos commandados para com o chefe eminente, que tantas vezes os conduzira á victoria — o heróe do Passo da Patria, de Tuyuty, de Humaytá e Avahy.

Por entre vibrantes acclamações da tropa e do povo, recebe o invicto Osorio das predestinadas mãos de Deodoro a preciosa dadiva daquelle gladio symbolico, em ouro fino e pedras preciosas.

Decorridos apenas tres annos depois disso, é por sua vez Deodoro galardoado com a promoção ao posto de general de brigada: justo premio aos serviços prestados na guerra e ás brilhantes qualidades militares constantemente reveladas. Commissões de caracter technico e profissional são por elle desempenhadas, na qualidade de chefe competente e prestigioso, zelando sempre pela ordem e boas praticas disciplinares, onde quer que estivesse. Inspector das tropas em varias guarnições, commandante das armas em diversas provincias, quartel-mestre-general, Deodoro manteve sempre bem alto a flammula ovante dos commandos resolutos.

Jámais attrahira para a sua pessoa as prevenções e suspeitas, que de ordinario despertam os temperamentos trefegos e impulsivos, capazes de gestos compromettedores.

Patriota sereno e esclarecido, não occultava a sua fidelidade e dedicação ás instituições e á dynastia reinante, por julgal-as compativeis com os reclamos da vida publica e o gráo de desenvolvimento social a que haviamos attingido.

Nunca, porém, déra demonstrações de aulicismo, recusando sempre honrarias e titulos, além dos conquistados por sua reconhecida e indomita bravura nos asperos campos de batalha.

Entretanto, á vista do crescente prestigio que desfrutava no seio da corporação armada, os partidos politicos procuravam attrahil-o, vislumbrando em sua pessoa o novo Caxias, segundo opinava Cotegipe, o arguto chefe dos conservadores.

Como em outros tempos, desde os primordios do segundo reinado, parecia agora indispensavel, nos ultimos annos do regimen monarchico, o magico fulgor de uma espada para tonificar as energias astheniadas do throno.

Dubio e problematico se annunciava, segundo opinião corrente, o terceiro reinado, cujo inicio não deveria tardar muito, visto o precario estado de saúde do monarcha. Aos homens de escol da grey dirigente não sorria geralmente a perspectiva do futuro para as instituições decadentes, cuja estabilidade estaria de todo compromettida no dia em que deixasse de existir D. Pedro II.

Por sua vez, a infiltração das novas doutrinas, incrementadas a partir do manifesto republicano de 1870, se fazia sentir por toda parte, em todos os meios, quer civis, quer mesmo militares, sobretudo entre os jovens das escolas superiores.

As forças regeneradoras arregimentavam-se com vigoroso impulso, sobresahindo nesse ardor civico as provincias de São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul.

Annos atrás, os assomos de um liberalismo exaltado já haviam fornecido as bases para a solida formação do novo partido, externando ardentes prophecias de radicaes mudanças.

Nesse sentido, avulta, pela vehemencia de seus assertos, o celebre pamphleto *Libello do Povo*, de Timandro, annunciando "a revolução que, consoante os proprios dizeres, se opéra nas idéas e sentimentos da nação; revolução que trará insensivelmente a renovação social e politica sem convulsão e sem combate, da mesma maneira que a natureza prepara de dia em dia, de hora em hora, a mudança das estações; revolução, finalmente, que será o triumpho definitivo do interesse brasileiro sobre o capricho dynastico, da liberdade sobre a tyrannia".

Não era propriamente uma novidade, esse prurido de essenciaes reformas que culminavam aos extremos revolucionarios. Desde as remodelações delimitadas pelo Acto Addicional de 1834, os liberaes propunham a adopção de medidas categoricas, taes como: monarchia federativa, extincção do poder moderador, eleição biennal da Camara dos Deputados, senado electivo e temporario, suppressão do Conselho de Estado, Assembléas provinciaes com duas camaras, intendentes municipaes etc.

Com o correr do tempo, esse programma é notavelmente desenvolvido, reclamando os liberaes historicos mais outras re-

formas, como a abolição do elemento servil, instituições de ensino livre, o suffragio universal, a electividade dos presidentes de provincias, liberdade de associação e culto, responsabilidade e independencia da magistratura, sendo os seus membros escolhidos pelos tribunaes.

Infelizmente, a realização desses objectivos progressistas, inscriptos na platafórma dos partidos, que sobretudo disputavam a posse do poder pelo poder, esteve sempre entravada pelos vicios radicaes das instituições, propensas ao *statu-quo*, os vagos anceios de doutrinas theoricas e os excessos estereis da rhetorica parlamentarista.

As questões de ordem politica e social que assoberbavam a nação foram aggravadas, a partir principalmente do anno de 1884, com a denominada questão militar.

Era simplesmente um novo aspecto, sob o qual se apresentava o grave e momentoso problema da total remodelação de nossas instituições politicas, decrepita herança do antepassado lusitano, completamente desarticulada no ambiente oxygenado do continente americano.

No referido anno de 1884, Deodoro da Fonseca ascende mais um posto na escala hierarchica, sendo então promovido a marechal de campo. Nesse momento, em que já se prenunciavam profundas mutações na vida nacional, o bravo general dispunha de consideravel influencia nos meios militares, sendo, na verdade, um dos chefes de maior prestigio no Exercito. Com elle, destacava-se o General Camara, visconde de Pelotas, que, além do valor profissional, dispunha de uma tribuna no parlamento, pois havia sido eleito senador pelo Rio Grande do Sul.

Sem ser propriamente um politico, Deodoro militava nas fileiras do partido conservador, ao passo que Pelotas estava aggremiado entre os liberaes.

Ao regressar da campanha do Paraguay, as forças armadas do Brasil viram-se menosprezadas pelos governos, que pouco interesse ligavam ás questões attinentes á organização militar do paiz, não obstante as duras lições da experiencia propria e os ensinamentos de guerras posteriores alheias.

Os sacrificios, por demais pesados, as incertezas e protelações na conducta das operações, em face das forças do dictador paraguayo, foram devidas, em grande parte, á nossa falta de preparação e incuria nos aprestos da defesa nacional. Assim o adversario emprehendedor conseguira invadir duas de nossas provincias e dilatar por longo tempo o desenlace da luta.

Não faltaram, entretanto, os avisos no parlamento e na imprensa, concernentes ás difficuldades com que iriamos lutar, na iminencia de um conflicto internacional.

Mal amparada em suas legitimas aspirações de proficuas reformas na estructura do Exercito, a officialidade deixava-se invadir pela quasi geral descrença nas excellencias do regimen vigente.

E' certo tambem que os ideaes republicanos campeavam á larga nos meios militares, principalmente entre os moços, embebidos de sonhos generosos na futura grandeza de uma patria livre das peias dynasticas. As obras dos philosophos emancipados de velhos dogmas e as predicas dos propagandistas radicaes eram lidas nas Escolas Militares com a avidez do mais ardente proselytismo.

Não admira, pois, que certas occorrencias, envolvendo militares em luta com o poder civil, tivessem taes importancia e repercussão a ponto de provocar a quéda de gabinetes ministeriaes, preludiando mais sérias consequencias. Provavelmente, em situações normaes seriam taes assumptos passiveis de soluções conciliadoras, em simples disposições regulamentares.

E' sabido como tomou um aspecto grave a questão provocada pela attitude dos Coroneis Cunha Mattos e Senna Madureira, no correr do anno de 1886. Esses officiaes lançaram mão da imprensa para se defenderem de accusações que lhe haviam sido assacadas do parlamento, ao primeiro pelo Deputado Simplicio de Rezende, ao segundo pelo Senador Franco de Sá, ambos civis.

Certas referencias feitas a actos do Ministro da Guerra, pelos citados officiaes julgadas attentatorias dos preceitos disciplinares, deram lugar a medidas de repressão.

Madureira não se conformou com o acto do Ministro, requerendo conselho, que lhe foi negado. Ao lado do official incriminado achou-se quasi todo o Exercito, ficando em fins do anno de 1886 claramente esboçada a sua attitude tendente á derrocada do trono.

Deodoro exercia a esse tempo os cargos de Presidente e Commandante das armas da Provincia do Rio Grande do Sul. Com a franqueza e denodo que o caracterizavam, tomou logo a defesa de Madureira perante as autoridades superiores da administração militar. Em longo officio dirigido ao Ajudante-General do Exercito, Visconde da Gavea, Deodoro discutia com vantagem o assumpto, citando toda a legislação a respeito e concluindo:

"Aos membros da Assembléa Geral, salvo os Ministros da Guerra e da Marinha e os officiaes militares, não tem applicação os preceitos daquelles avisos, e portanto sem responsabilidade em seu acto o Tenente-Coronel Madureira pela publicação do artigo a que se refere o telegramma de V. Ex.; é o que poude alcançar a minha intelligencia".

Os meios militares agitam-se e os officiaes da guarnição do Rio Grande, onde servia Madureira, effectuam uma reunião em que hypothecam a sua solidariedade ao camarada reprehendido.

Deodoro déra o seu assentimento á realização do comicio. O Presidente do Conselho, Barão de Cotegipe, encetou a tal proposito uma extensa correspondencia com o Marechal Deodoro, entendendo o Ministro que as deliberações tomadas em commum

pela força armada eram de natureza a influir de maneira prejudicial na disciplina do Exercito. Insiste Deodoro no seu ponto de vista, defendendo as prerogativas da classe que julgava offendidas com as injustiças de que haviam sido victimas Cunha Mattos e Madureira.

As profundas divergencias, cada vez mais accentuadas, entre Cotegipe e Deodoro, levam o bravo general a solicitar a sua demissão dos cargos que exercia no Rio Grande.

Em Janeiro de 1887, Deodoro preside uma reunião de officiaes no Theatro Recreio Dramatico, na capital do paiz, no intuito de obter uma solução decisiva para o conflicto que proseguia acceso entre os militares e o governo. Votada uma moção, claramente hostil ao gabinete, o marechal Deodoro ficava por ella autorizado a dirigir-se ao Imperador.

Manda a verdade que se affirme não crear a Constituição de 25 de Março aos militares a restricção constante do aviso ministerial; quando muito ficavam elles cohibidos de levar para a imprensa questões que envolvessem objecto de serviço; desde que se tratasse de polemica entre um militar e um civil a restricção não tinha mais razão de ser.

Em carta dirigida ao monarcha, em 12 de Fevereiro, cumprindo a missão que recebera dos camaradas, entre outras considerações, assim se exprimia: "Attendei, Senhor! O que os militares pedem é tão justo e é tão pouco! o reparo a uma injustiça que os affronta e os vilipendia. E a coisa tem tanto de justa e digna como de grave. E não somos só nós os militares que o sentimos! e o povo tambem comprehende e como que se associa ao nosso desgosto. A cousa é muita seria! Senhor e sómente quem, por um lado, não tiver a intuição do brio e do pundonor natural! e, por outro lado, não cogitar das consequencias á advir! poderá encarar descuidoso a tormenta que se annuncia".

O afastamento do ministro da Guerra Alfredo Chaves não fôra sufficiente para solucionar o litigio, negando-se Madureira e Cunha Mattos a requerer o cancellamento das notas de reprehensão.

O ultimatum firmado por Deodoro e Pelotas, á 14 de Maio, sob a rubrica — *Ao Parlamento e á Nação,* — emprestava aos acontecimentos um grave caracter de franca belligerancia. No Senado, a palavra do visconde de Pelotas tinha vibrações energicas, ameaçadoras, intimando o presidente do Conselho a resolver a questão de um modo honroso e digno "se o não fizer, — accrescentava — não sabemos o que poderá acontecer amanhã, apesar do nobre presidente do Conselho confiar na força armada que tem á sua disposição".

Por fim, uma moção apresentada pelo Senador Gaspar da Silveira Martins, em combinação com o Visconde de Ouro Preto, resolveu pacificamente a questão, adiando apenas as soluções radicaes que a crise estava requerendo.

Logo após, a prisão de um official reformado da Marinha e a questão do 17.º Batalhão de infanteria em São Paulo, com o Chefe de Policia da provincia, concorreram para exaltar de novo o espirito do Exercito. A opposição parlamentar aproveitou-se naturalmente do incidente para criar embaraços ao governo e explorar o animo dos descontentes.

Por essa época, a 25 de Julho de 1887, funda-se o Club Militar, sob a presidencia do Marechal Deodoro, cuja candidatura á senatoria é proclamada, com intenso jubilo de todos os companheiros de classe, presentes á reunião.

O erudito Mestre e inolvidavel patriota, Tenente-Coronel Dr. Benjamin Constant, expõe nessa occasião um programma de idéas que mais agitavam então o espirito publico, taes como: — a abolição da escravatura, as franquias provinciaes e municipaes, o casamento civil, a separação da Igreja do Estado, a secularização dos cemiterios e outras, julgando necessario ouvir antecipadamente a opinião do illustre candidato a respeito.

Respondendo, o Marechal Deodoro affirma que ha muitos annos é adepto das idéas annunciadas pelo Sr. Benjamin Constant; aceita, pois, aquelle programma e aproveita a opportunidade para declarar que não está ligado a nenhum partido politico, nem os comprehende em sua modalidade actual.

Neste interim, o governo procura lançar mão do Exercito para capturar os escravos, que em grande numero haviam abandonado as fazendas na provincia de São Paulo, refugiando-se na serra de Cubatão.

Sobre esse assumpto, dirige o Club Militar uma petição á Princeza Regente, solicitando respeitosamente a dispensa de uma commissão reputada ultrajante para os brios do Exercito.

Juntamente com essa petição, Deodoro envia ao ajudante-General Visconde da Gavea uma carta prenhe de altivas considerações, no sentido de justificar o gesto dos officiaes associados do Club.

"O Exercito é para a guerra leal na defesa do throno e da patria — diz elle — para outros affazeres que necessitem força armada ha a policia que se alistou para esse fim... Vossa Excia. tenha paciencia, e aceite o requerimento, onde aproveito a occasião para patentear a adhesão e felicidade ao nosso bom e desejado Imperador e á sua Dynastia, que somente comnosco, com o exercito e a armada, póde e deve contar".

Nesse documento, Deodoro procura ainda conciliar os anseios de progresso, que se manifestavam no seio da classe, com as suas velhas convicções de apêgo ao regimen monarchico.

Apezar da franqueza, que era um dos attributos de seu caracter, talvez mantivesse em reserva nos arcanos de um espirito sizudo, conscio de suas responsabilidades, o verdadeiro criterio com que julgava em definitivo o estado social e politico do paiz.

Entretanto, não se exteriorisava em manifestações intempestivas, extemporaneas, mais prejudiciaes do que uteis aos fins de uma mudança radical das instituições.

A um parente, alumno da Escola Militar do Rio Grande, a proposito das agitações ocorrentes em 1887, escrevia:

"Não te mettas em questões republicanas, porquanto Republica no Brasil e desgraça completa são a mesma cousa: os brasileiros nunca se preparão para isso, por que sempre lhes faltarão educação e respeito: nem todos são homens da tempera de Julio de Castilhos, a quem darás lembranças e apresentarás os meus respeitos".

Cahindo o Ministerio Cotegipe, em virtude da questão militar, subiu ao poder o conselheiro João Alfredo, aos 10 de Março de 1888. A abolição completa e incondicional da escravatura, decretada aos 13 de Maio desse mesmo anno, esplendida victoria da opinião nacional, acarretou para o throno a animosidade daquelles que se viam despojados, de um momento para outro, dos beneficios da propriedade escrava.

Do mesmo passo, não cessa o litigio que com os representantes do poder publico vinham sustentando os militares. No fundo, nada mais era que a semente da revolução, germinando lenta, porém seguramente.

Mantinha-se a atmosphera carregada de perigosos effluvios, não obstante as expansões de alegria que a abolição despertára nos corações bem formados.

Deodoro era evidentemente uma personalidade suspeita nos meios officiaes, que ao governo convinha affastar, pelo menos por algum tempo, do Rio de Janeiro.

O boato de uma possivel guerra entre a Bolivia e o Paraguay foi o pretexto descoberto.

A 15 de Dezembro era o Marechal nomeado commandante das armas de Matto Grosso e especialmente de todas as forças de terra e mar, recebendo instrucções directas do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

A 30 do citado mez Deodoro chega a Corumbá e na mesma data assume o commando das forças de terra e mar.

Durante a sua permanencia em Matto Grosso, o Marechal Deodoro tivera occasião de ouvir, em reiteradas palestras, as opiniões de varios officiaes favoraveis á mudança do regimen politico. A seu turno, manifesta-se, sem rebuços, contra o terceiro reinado.

Em resposta a uma manifestação de congratulações pela lei abolicionista de 13 de Maio, em que o seu nome era apontado como o salvador da patria, respondeu: "que nada o detinha, e que aquelles que o julgavam preso, enganavam-se: estava preso em teias de aranha, que sem esforço dellas se libertaria".

Em 7 de Junho de 1889 sóbe ao poder o gabinete liberal organizado pelo Visconde de Ouro Preto. Consoante as vehementes declarações de um parlamentar, no dia da apresentação do

novo gabinete á Camara, o novel Presidente do Conselho fôra escolhido para esmagar a cabeça da hydra republicana afogando a idéa nova em villipendios e sangue. O padre João Manoel, num gesto largo de energica revolta, termina a sua objurgatoria com as seguintes palavras:

"Não se illuda o nobre presidente do Conselho. Abolida a escravidão, que nos envergonhava, é preciso abolir o poder que nos opprime e esmaga, esterilizando todas as forças vivas da nação; uma coisa é consequencia natural da outra. Não tardará muito que os brasileiros, jubilosos, saúdem com enthusiasmo o alvorecer da aurora brilhante da regeneração politica e social. Não tardará muito que neste vastissimo territorio, no meio da ruina das instituições, que se desmoronam, se faça ouvir uma voz nascida espontanea do coração do povo brasileiro, repercutindo em todos os angulos deste grande paiz, penetrando mesmo no seio das florestas virgens, bradando energica, patriotica e unanimemente — abaixo a monarchia, viva a republica".

O Visconde de Ouro Preto respondeu com relativa calma defendendo as instituições, no meio do silencio de uma Camara claramente disposta a hostilizal-o, como ficou patente pela approvação da moção de desconfiança apresentada pelo Deputado Gomes de Castro.

Dispensado da commissão que exercia em Matto Grosso, regressa Deodoro ao Rio de Janeiro, onde aporta n odia 13 de Setembro, na occasião em que se deu o incidente entre o Presidente do Conselho e o commandante da guarda do Thesouro, tenente Pedro Carolino.

Exaltam-se novamente os animos na corporação armada, tentando o Club Militar realizar uma sessão de protesto, para o que dirigem aos socios um requerimento nesse sentido ao presidente, que continuava sendo Deodoro. Prudente e calmo, não julgou o Marechal opportuna a reunião solicitada.

Entretanto, mais que nunca, a campanha em pról da implantação do novo regimen, intensifica-se nos quarteis e nos estabelecimentos de instrucção militar. Officiaes moços e ardorosos, como Menna Barreto, Sebastião Bandeira, Joaquim Ignacio, Annibal Cardoso, e outros, procuram entender-se com o Marechal Deodoro, cujo espirito evolue sensivelmente no sentido de aceitar por completo os termos do incandescente problema da insurreição republicana.

A acção de Benjamin Constant avulta de instante a instante, até ao ponto de assumir tão notavel brasileiro o papel proeminente que lhe cabe na fundação do novo regimen, ao lado de Deodoro.

O seu discurso, pronunciado a 23 de Outubro, na Escola Militar da Praia Vermelha, por occasião da visita dos marujos chilenos do Almirante Cockrane, teve uma repercussão formidavel, pela energia com que repelliu as accusações de insubordinadas dirigidas ás forças armadas.

Tres dais após, Benjamin Constant era alvo de estrondosa manifestação de apreço, na Escola Superior de Guerra, em que tomaram parte officiaes dos regimentos da 2.ª brigada e a totalidade dos alumnos da citada Escola.

O governo pretendeu agir contra Benjamin e os manifestantes, resultando apenas uma inocua ordem do dia do commando da 2.ª brigada.

Nesse ponto, accentua-se a interferencia do elemento civil na conspiração, assumindo Quintino Bocayuva, chefe do partido republicano, attitude de grande relevancia para o exito efficaz do projectado movimento. Estamos em plena phase de maturidade dos planos revolucionarios, em que se arregimentam todas as forças disponiveis, de terra e mar, para a obtenção da almejada victoria.

A sessão do Club Militar, realizada no dia 9 de Novembro para se tratar do incidente na guarda do thesouro, constitue um ponto capital na génese dos successos daquelle periodo atormentado.

Nessa sessão, Benjamin Constant, que a presidia, assume expontaneamente o solemne compromisso de solucionar, de modo digno e definitivo, dentro do prazo maximo de oito dias, a grave crise que assoberbava a classe militar e o paiz.

Apezar das vagas declarações contidas em taes phrases, sabiam todos, pelos secretos conciliabulos realizados, que se tratava de uma mudança definitiva e radical nos moldes politicos da nação. Em voz alta não se fallava em republica, com receio do malogro da tentativa, porém, ás occultas, não se falava em outra cousa.

A permuta de idéas entre Deodoro e Benjamin, realizada no dia 10, na residencia do marechal, consolidou a perfeita conformidade de vistas entre os dois preclaros chefes, para os fins de uma radical transmutação de nosso regimen politico, consoante a formula republicana.

"Havia sido sempre monarchista, — confessava, com lealdade, Deodoro, — embora desgostoso e pouco satisfeito nos ultimos tempos. Convencera-se, por fim, não haver mais salvação possivel para a Patria e para o Exercito, com as instituições que ahi estavam, irremissivelmente condemnadas á fatal decadencia. E demais, a Republica virá com sangue se não formos ao seu encontro sem derramal-o".

Foi, em seguida, aprazada uma reunião na residencia do marechal, devendo comparecer alguns chefes civis republicanos. Effectuou-se no dia 11 essa approximação entre Deodoro e diversas personalidades da facção radical. Estiveram presentes Quintino Bocayuva, Aristides Lobo, Ruy Barbosa, Francisco Glycerio, Benjamin Constant e major Solon Ribeiro.

Nessa occasião, ficou combinado claramente o plano geral da insurreição republicana, sendo conferido poderes a Benja-

min para dirigir o movimento, devendo Deodoro assumir o commando supremo das forças no momento opportuno.

Não sendo cabivel neste momento entrar em maiores minucias, diremos que na manhã do dia 15 os corpos da 2.ª brigada marchavam em direcção ao campo de Sant'Anna sob o commando do tenente-coronel João Telles.

Benjamin Constant achava-se junto á companhia formada pelos alumnos da Escola Superior de Guerra.

Deodoro, mortificado por cruel enfermidade, passára mal a noite: porém, ao romper do dia, movido pela grandeza da causa e a força da solidariedade que o prendia aos companheiros de classe, seguira de carro no firme proposito de assumir o commando das forças revolucionarias.

De modo que, quando estas tomaram posição em frente ao Quartel General, onde se achava reunido o Ministerio, assume Deodoro as proporções de um verdadeiro chefe, cheio de vigor e prestigio, unico capaz de congregar naquelle dia todos os elementos de força que alli se achavam, de um lado e outro, para a incruenta victoria da grande causa nacional. E assim foi, com effeito, na hora solemne em que se decidiam os destinos da corôa.

Cavalgando aligero corcél, Deodoro penetra na área interna do Quartel General, arrasta comsigo os batalhões que se alinhavam para a defesa do governo. Apea-se e galga, com juvenil ardor, as escadas que conduziam ao pavimento superior, onde se achavam os occasionaes detentores do poder. Declara deposto o ministerio e volta a assumir o commando das forças que o acclamam. As salvas da artilharia, na sua alacridade trovejante e inofensiva, saudam a aurora do novo regimen, que a espada magnanima de um general prestigioso acabava de cimentar. Deodoro mantem-se circumspecto e sobrio de gestos exaggerados, pois o seu amor á ordem e á disciplina não lhe permittia attitude differente. Além disso, queria deixar á massa popular o livre direito de se expandir, nos arroubos de legitimo enthusiasmo pela obra que a força armada, expressão da vontade nacional, acabava de realizar.

Tudo o que se seguiu depois disso constitue o labor reflectido e serio da organização das bases do governo provisorio e redacção dos primeiros decretos indispensaveis para orientar a nova ordem de cousas. No dia seguinte o "Diario Official" dava contas á Nação de todas as circumstancias que assignalavam o termo do regimen, oriundo dos tempos coloniaes, e o inicio da era republicana. Incontestavelmente, o papel representado por Deodoro foi de primeira ordem, pois nenhum outro General dispunha de tal ascendencia na tropa, de tal prestigio entre os camaradas, de tamanha somma de autoridade e capacidade de commando, para se fazer obedecer em tão grave emergencia. Sómente Deodoro poderia naquella opportunidade convocar a unanimidade das adhesões para uma causa que ainda nas ves-

peras se apresentava aos espiritos cautelosos com a incerteza de uma aventura arriscada.

A' testa do Governo Provisorio, na phase cahotica de organização preliminar, Deodoro soube manter a ordem, conter as paixões e dar mão forte ás grandes reformas elaboradas por seus illustres Ministros, como Benjamin, Quintino e Ruy Barbosa.

Reunida a Assembléa Constituinte e approvada a lei magna da Republica, é Deodoro eleito primeiro Presidente constitucional, cabendo a Floriano a Vice-Presidencia.

Infelizmente, a luta entre Deodoro e o Congresso, que logo depois se esboça em termos irrecusaveis, desde a cerimonia da posse, leva o Presidente a um acto condemnavel de desespero, talvez mal aconselhado, que foi a dissolução daquella assembléa, aos 3 de Novembro de 1891.

Contra esse attentado de lesa-Constituição, que até certo ponto, justificam os excessos de uma opposição desenfreada, levanta-se grande parte das forças nacionaes organizadas para defeza da lei e resistencia aos propositos da dictadura.

Contando com valiosos elementos de terra e mar para se conservar no poder, Deodoro, entretanto, resolve resignar, num largo gesto, impregnado do mais puro desinteresse, abnegação e altruismo.

Para não desencadear a guerra civil em sua Patria, com todo o cortejo de horrores e funestas consequencias, para não augmentar o numero de viuvas e de orphãos no seu paiz, preferia beber o calice da amargura até ao fundo, sopitar o orgulho do amor proprio ferido, amordaçar os impetos da autoridade intimidada, subir até o cimo o Golgotha de seus atrózes soffrimentos, abandonar, por fim, as redeas de um governo que lhe escaldavam as mãos.

No manifésto que então dirigiu ao paiz, lembrava os serviços prestados ao sol de 15 de Novembro, descortinando novos e grandiosos horizontes para a patria livre, alludia ás circumstancias extraordinarias que encaminharam os factos a uma situação excepcional, não prevista, e terminava fazendo votos pelo perpetuo e sempre crescente florescimento do amado Brasil.

Assim findou a carreira politica do benemerito General, alma generosa, coração magnanimo apenas, a contar de 15 de 15 de Novembro de 1889, o supremo cargo de Chefe do Governo no regimen republicano, para cuja implantação tão fundamentalmente concorrera. No dia 23 de Agosto de 1892 passava os umbraes da immortalidade subjectiva, legando-nos bellos exemplos de ardor patriotico na transição pacifica do antigo para o novo regimen, incomparaveis exemplos de abnegação e desprendimento, na renuncia do poder, para não subverter a ordem e derramar sangue innocente.

Curvemo-nos ante sua insigne memoria, neste dia, em que com a alma contricta e o coração reconhecido, solemnemente commemoramos o centenario de seu nascimento. Integremos a

sua conspicua personalidade no pantheon ideal de nossas glorias patrias. Em prol da nossa cultura de povo civilizado, em prol da paz e da concordia no seio da familia brasileira, em prol da futura grandeza nacional, laboremos como os grandes homens que foram no passado os architectos de nossa indestructivel unidade politica e social.

E sem duvida alguma, entre os maiores, Deodoro da Fonseca occupará sempre um logar de inconfundivel relevo, um posto de honra, como perennemente ha de viver na lembrança dos posteros, no bronze incorruptivel da Historia e no coração da Patria agradecida".

MARECHAL DEODORO DA FONSECA

(FUNDADOR DA REPUBLICA)

Todos quantos tiveram a fortuna de conhecer de perto o Fundador da Republica, Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, conservam indelevel recordação do seu caracter liso, leal e abnegado; do seu impulso sempre digno, nobre e sincero e, sobretudo, do culto que elle votava á religião da amizade, do dever e do patriotismo, o qual tomava as vezes os tons de fetichismo.

Assim dotado pela natureza e educado, na verdadeira escola do dever civico, por sua mãe, essa lendaria espartana que pensava não poder conservar junto a si um só filho, emquanto a honra da Patria perigava nos campos do Paraguay, requintou essas qualidades caracteristicas dos grandes Campeadores e, por isso, seu espirito era extremamente sensivel ás ingratidões e perfidias, viessem de onde viessem.

Depois da agitação das paixões politicas e dos interesses subalternos, que o feriram mesquinha e duramente nas questões da responsabilidade presidencial, no abandono acintoso dos seus ministros e na eleição ao cargo de Presidente da Republica, que acabára de fundar á custa dos maiores sacrificios; num momento de calma e dorida revolta contra tanta perfidia, tomou da penna e, com mão firme, escreveu e assignou as *declarações* de que tiramos discretamente alguns trechos, neste momento opportunos, por mostrarem quanto soffre a alma aberta, de um soldado digno desse nome, aos golpes traiçoeiros dos politicos sem coração e sem principios.

Antes, porém, lembremos em traços geraes e rapidos sua gloriosa vida.

Esta approximação torna-se necessaria.

Deodoro da Fonseca é um nome que consubstancia na nossa historia a feição de uma época memoravel.

Empenhara-se o paiz na luta gigantesca a que o provocara, com inaudita selvageria, o tyranno que opprimia uma das republicas da joven America Latina.

O Brasil inteiro, altivo e offegante, derramava nos campos paraguayos o melhor sangue das suas veias e trazia empenhados, na pugna ingente, os mais nobres impetos de seus brios de povo livre e heroico.

Dahi data esse periodo de ebulição, politica do Imperio, no qual elementos accumulados pela desidia e imprevidencia dos governos e pela natural evolução de um povo educado no uso de todas as liberdades, deram em resultado a substituição de um regimen politico por outro radicalmente opposto, sem lutas nem grandes abalos.

Entre esses dois extremos, entre esses dois horizontes, encerra-se o trecho do firmamento azul do nosso passado, onde passou, como luz inapagavel da gloria e do progresso de sua patria tão querida, o vulto homerico do fundador da Republica.

Lancem, embora, sobre sua memoria o véo frio do esquecimento, os politicos que de sua grande obra fizeram em seu proveito, ingratos e eguoistas, o apanagio de glorias e de progressos que não souberam conquistar; tentem, embora, transviados fetichistas empanar o brilho suave e protector, com que sua grande sombra esbate-se sobre a Republica que criou, amparando-a carinhosa, que jámais alcançarão diminuir-lhe a grandeza historica.

Jámais apagarão da veneração do povo — o amor pelo seu leal e dedicado amigo que dentre elle sahira, para subir, sempre modesto e bom, ás cumiadas da gloria nem do coração dos seus velhos camaradas lembrança do grande condestavel que tantas vezes lhes mostrou, heroico e firme, por entre a metralha, o caminho da victoria, quantas outras os acariciou com a lealdade e estima do seu trato intimo.

Quanto ás paixões, gastas pelo tempo, esvairam-se no espaço, como o espesso fumo dos canhões que tanto avulta para em nada se transformar, a imagem do grande brasileiro encherá todo esse periodo de lutas e glorias, reflectindo sobre os companheiros de tantas heroicas jornadas a luz dos seus grandes feitos.

A Campanha do Paraguay, as Questões Militares e o Advento da Republica, são os tres capitulos da vida publica de Deodoro da Fonseca.

Os lances de denodada bravura com que, durante a guerra, alcançou elevar seu nome até pol-o a par dos de Osorio, Andrade Neves, Argollo, Tiburcio e tantos outros bravos e destemidos soldados; a lealdade e cavalheirosa dedicação pela amizade, que constituiam a face, posta em alto relevo na vida dos acampamentos, do seu adoravel caracter, recto e lhano, foram os factores que firmaram, no animo dos seus companheiros de armas, a dedicada estima e alto apreço em que o tinham.

Membro de uma familia de heróes, que a seu lado davam incondicionalmente ao Brasil, todas as actividades das suas intelligencias e de seus corpos, deixando a vida, nos combates ou na paz, a marcar dedicações extremadas pela patria querida, foi por todas estas inestimaveis qualidades que alcançou a grande popularidade que o collocou naturalmente, a frente dos seus camaradas nas "questões militares".

O Exercito abandonado pelos governos, depois da grande phase de sacrificios por que passára e contando em seu seio uma officialidade instruida, sequiosa de reformas, tornara-se o elemento anhelado pela propaganda republicana, como factor imprescindivel ao seu exito.

Com rara habilidade e não menos raro successo, facilitados pela imprevidencia dos governantes, alcançou ella levar ao meio das fileiras as sympathicas doutrinas que propagava, compromettendo o Exercito em alguns dos seus emprehendimentos como a libertação dos escravos.

Arrastar dahi o espirito dos militares, já grandemente viciado, transviado e exaltado pela seducção de tão bellas tehorias e sequioso de reformas liberaes que lhe negavam obstinadamente, até o protesto energico contra injustiças e affrontas recebidas, foi-lhe relativamente facil.

O Exercito desprezado, apesar de suas constantes reclamações e assim convulsionado pelas novas idéas, não se conformou com a posição passiva e humilhante que se lhe queria impor na sociedade e no paiz.

Vieram os protestos, já então francamente inquinados de indisciplina, desculpada e incitada pela impericia dos governantes, e prestigiados por Deodoro obrigaram a capitular a ministros e até ao Imperador, só percebendo e assignalando Cotegipe — que, uma vez postas as coisas nesse pé, a ninguem mais era dado deter a marcha inevitavel dos acontecimentos.

Deodoro, afastado do campo da agitação, após o seu ultimo triumpho, aguardava calmo e altivo o desdobrar dos factos.

Em toda essa campanha de direitos militares nunca o preoccupára a idéa republicana.

Sua grande affeição pelo monarcha, só poderia ser obscurecida pela idéa da salvação da patria, no dia em que se convencesse de que aquella deveria ser sacrificada a esta, como veiu a succeder.

Prestigiar a corporação a que pertencia, a que pertenciam todos os seus, e que tanto amava, era o seu unico empenho.

Ao voltar da Expedição de Matto Grosso veiu cair em plena agitação das fileiras.

"Gravemente doente regressei ao Rio de Janeiro e ainda assim pude, sem reserva, tomar parte nos acontecimentos e dirigir o movimento de 15 de novembro de 1889", diz elle em suas "declarações".

O governo, pelo braço energico de Floriano Peixoto, então o ajudante general, a quem confiara completamente a empresa de chamar o exercito as restrictas regras de disciplina do codigo de Lippe, agia sem vacillações e promptamente.

Tudo demonstrava a decisão firme de afogar no nascedoura qualquer nova tentativa de protesto contra actos seus, na generalidade inquinados de violencia, como a demissão "a bem do serviço", do distincto coronel Medeiros Mallet da Escola do Ceará, a prisão do commandante da guarda do Thesouro, negando-se-lhe violentamente os recursos legaes de justificação, e a remoção acintosa da capital de batalhões julgados suspeitos pela amisade que ligava seus commandantes a Deodoro.

A par disso tornára-se notorio o empenho do oGverno em preparar a Guarda Nacional, apercebendo-a até de artilharia moderna, para contrapol-a ao Exercito.

Convenientemente explorados pelos republicanos todos esses actos, constituiram centelhas esparsas no seio das classes armadas, as quaes em breve deveriam produzir tremenda explosão.

Ao chegar de Matto Grosso, apezar de gravemente enfermo, tornou-se Deodoro o centro de toda essa agitação soturna, latente, mas de uma amplidão e força nunca vistas no Exercito.

O signatario deste estudo foi destacado por Deodoro para o "Diario de Noticias", afim de combater os actos do Governo e ainda mais impopularizal-o entre os militares, sob as ordens de Ruy Barbosa e ao lado de Antonio Azeredo e Aristides Lobo, e como desemepenhou essa missão podem attestal-o os dois sobreviventes dos seus illustres companheiros.

Benjamin Constant e todos esses denodados militares cujos nomes já figuram nos annaes de ouro da Republica, foram encarregados da agitação das fileiras e da organização do movimento; trabalhos que tiveram principal inicio na sessão historica do Club Militar de 9 de novembro de 1889.

O signatario destas linhas foi encarregado de propor, nessa sessão, a entrega a Benjamin Constant, de todos os poderes com relação ao movimento da classe e pedir, em seguida, o encerramento da sessão, para evitar discussões inconvenientes; e assim foi feito.

Aos patriotas civis finou o encargo da agitação da massa popular e da captação de seu auxilio no sentido de secundar o movimento militar.

Quando já muito opprimente pela sua profundidade e amplidão, a irritação das fileiras que não podia ser nem era desconhecida do ajudante-general do Exercito, resolveu Deodoro mandar chamal-o e confiar-lhe, appellando para sua lealdade e para a velha amizade que os unia — *que ia sair para a rua com o Exercito*..

Essa conferencia, como tantos outros factos desse tempo corre mundo ageitada por pequenos interesses partidarios.

Ella, entretanto, não passou de uma conversa entre velhos amigos, na qual Floriano não tomou nem de leve indicou que tomaria o minimo compromisso ou apoiaria, mesmo passivamente, o acto de Deodoro, só lhe dizendo ao sair, em corroboração ás idéas que antes manifestára:

—Manoel, só te digo, que não deves fazer nada antes de tentar um accôrdo com o governo.

Isso contou-nos Deodoro após a conferencia.

Então ainda nao aceitára elle definitivamente a mudança do regimen e só pretendia a deposição do ministerio e garantias para o Exercito.

Só a 12 de novembro resolveu definitivamente Deodoro ir ao encontro da Republica "sem sangue, para evitar que ella viesse derramando muito sangue de camaradas e de compatriotas.

Como é adoravel esta nota intima e sublime, por elle mais de uma vez ferida — de poupar o sangue de irmãos!...

Foi em virtude della que preferiu abandonar o poder a combater o contra golpe de estado, o que lhe seria aliás facil.

Quanto essa nobre preoccupação o approxima de Cesar em Pharsalia e de Napoleão em Eylau, ante a hecatombe das suas valorosas hostes!

Adiado o movimento, na noite de 14, pela crise que o accommetteu, como não teria exultado esse nobre e valente coração ao sair pela madrugada de 15 ao encontro das forças sublevadas da 2.ª brigada, convencido, como deveria estar, de que o adiamento da vespera seria o anniquilamento e a morte de tantos e tão dedicados camaradas!...

A ninguem que tenha uma ligeira noção estrategica, da situação da artilharia da 2.ª brigada, na jornada de 15 de novembro de 1889 mal municiada, sem apoio de forças de infantaria, com a retaguarda aberta, o flanco esquerdo ameaçado pela policia do coronel Valadão o direito pelo contingente da marinha e á frente pelas forças do Quartel General, que dispunham de uma metralhadora; a ninguem de comesinho bom senso parecerá possivel, em taes condições a victoria dos heroicos moços da 2.ª brigada, se tivesse havido combate.

Ao contrario, teria sido uma infructuosa e sangrenta tentativa, que só a presença de Deodoro evitou, provocando a neutralidade do seu velho amigo Floriano Peixoto e o apoio do general Almeida Barreto, ficando, assim, as forças do governo sem commando.

O que venceu, o que proclamou a Republica foi o seu prestigio e, por saberem disso muito bem, o foram os revolucionarios tirar do leito, onde uma forte dyspneia o retinha, tangendo-lhe a fibra intima e sempre vibratil do seu patriotismo e camaradagem e, elle, os acompanhou erecto sobre o seu corcel, tudo dominando e dirigindo com o seu olhar aquillo e incisivo, como nos dias de Tuyuty e Itororó.

Poucas horas passadas estava proclamada a Republica.

Logo depois começou contra esse nobre, leal e cavalheiroso espirito de Cid Campeador, o trabalho covarde da intriga, da inveja e da ingratidão, a amargurar-lhe os poucos dias de existencia que já lhe marcára a morte.

Que outro homem, sob as garras continuamente dilacerantes da afflactiva enfermidade que o empolgára, no meio das lutas de mesquinhas ambições que o cercavam, teria a grandeza de animo e de coração de Deodoro, para conservar-se — calmo, e bom — e com o olhar sereno de um justo que se fina lentamente, acariciar até o ultimo momento a cruz do salvador e a imagem da patria?!...

No seu singelo tumulo negro repousa hoje, entre os cypreste do Campo Santo, o nosso querido morto.

Seu grande espirito passou pelo mundo, sempre heroico e bom.

Bom, heroico e denodado como só pódem ser os eleitos da Providencia.

Entretanto, já houve um momento em que a paixão céga, torpe e vil, armou o braço covarde, que ali na paz dos tumulos foi mutilar as letras de bronze desse sepulcro sagrado.

Foi então que, para consignar na historia da patria a historia dessa miseravel covardia e a feição da politica dominante, erguemo-nos no Congresso Nacional e contra ella protestamos.

Foi então que atiramos ás faces escaveiradas desses epilepticos inconscientes, dessas pantheras que revolvem tumulos na solidão dos cemiterios, esta apostrophe:

— Profanastes o ultimo jazigo do fundador da Republica, arrancastes da lapide negra as letras de bronze que ali puzera a gratidão nacional, porque dellas careceis para aprender a soletrar duas palavras que não conheceis — coragem e patriotismo — unico epitaphio que, com ellas ou sem ellas, brilhará eternamente sobre a memoria do Marechal Deodoro da Fonseca.

Agora a transcripção dos trechos das *declarações* a que nos referimos, até hoje inéditas, feita discreta e convenientemente, para justificar o que affirmamos.

Fala a alma singela e limpida do grande condestavel. Como ella se funde nos mesmos moldes da do patriotico fundador da Republica Norte-Americana!

"Accusações infundadas, adrede caprichosa e injustamente preparadas, tem-me sido feitas por malevolos que sómente cuidam de interesses proprios.

— Minha consciencia me diz e os factos comprovam que bem e lealmente servi ao meu paiz, unico objectivo, em minha vida.

Nem eu, nem meus irmãos tivemos protectores e a posição a que chegamos foi devida a Francisco S. Lopes.

Fui monarchista, isto é, amigo do sr. d. Pedro de Alcantara, mas acima desse sentimento sempre colloquei minha Pa-

tria; o que é natural porque pela patria, se sacrifica pais, mulher, filhos, etc.

Podia se quizesse no tempo da Monarchia, e transigindo, ser titular, com grandeza, conselheiro de Estado e senador e nada disso quiz; tanto mais quanto, marechal de campo, collocado em posição de nada desejar, pois que esse poste militar me levaria, com poucos annos mais de vida, a tenente-general e consequentemente, por acto proprio, a marechal de exercito; o individuo que em sua carreira publica alcança o ultimo posto póde desejar mais alguma coisa? Qual ella?

Dizer-se que sou ambicioso do poder é simplesmente uma invenção, uma injustiça, uma inverdade".

"Os factos da minha vida, desde a questão militar por mim levantada a 3 de abril de 1886, sem que na occasião meus camaradas soubessem e depois em todas as emergencias, nunca occultas e sim publicamente praticadas com a respectiva responsabilidade, sempre constante e firme em minhas intenções, com a calma que felizmente me é propria e a indispensavel moderação para o bom exito; procurando conseguir os fins sem o derramamento de sangue dos meus camaradas e concidadãos; provam que ninguem, com razão póde accusar-me.

Abolicionista, dei carta de liberdade sem onus algum, logo que principiou a propaganda, a duas escravizadas que tinha e por occasião de uma manifestação que me foi feita, no começo de 1867, quando cheguei do Rio Grande do Sul, disse aos manifestantes — que a força armada do paiz tinha obrigação de ser abolicionista: tenho os diplomas de..."

"... Em Matto Grosso quando commandante da Força Expedicionaria me occupei, em conversa entre camaradas, de tal assumpto. (O grave momento politico que atravessava o paiz). Gravemente doente regressei ao Rio de Janeiro e, ainda assim, pude sem reservas tomar parte nos acontecimentos e dirigir o movimento de 15 de novembro de 1889".

General Jacques OURIQUE.

(General veterano da Campanha do Paraguay, secretario militar do Governo Provisorio e membro da Constituinte Republicana)

DEODORO E A REPUBLICA

APONTAMENTOS HISTORICOS DOCUMENTADOS

"A historia é expositiva e não interpretativa; fiel e não condescendente ou apaixonada; e as palavras, os escriptos de personagens protagonistas devem passar a ella inalteraveis, para que o futuro possa tirar a justa medida de seus caracteres". — Dr. Joaquim José de Carvalho.

Clodoaldo da FONSECA.

(Marechal reformado).

Para que possamos escrever com acerto á respeito da acção do general Manoel Deodoro da Fonseca, por occasião da conspiração republicana e no acto da proclamação da Republica, devemos nos reportar á alguns factos anteriores ligados intimamente ao general; e, como não temos intersse outro que não seja narrar a verdade inteira, não nos utilizaremos de artificios de linguagem nem do "ouvir dizer" mas unicamente de declarações escriptas e assignadas e documentos comprobatorios.

Data de 1882 a perseguição ao exercito devido a parte muito activa que alguns militares vinham tomando nas manifestações de propaganda republicana, pois é facto que desde 1878, que um grupo de alumnos da Escola Militar da Côrte, mantinha uma pequena casa em Botafogo — séde do club republicano da Escola Militar — onde secretamente se reuniam, davam as suas sessões e faziam todos os trabalhos de correspondencia com os congeneres.

Dentre os poucos socios fundadores desse Club (20 ao todo), que adheriram desde logo ás idéas contidas no manifesto republicano de 3 de dezembro de 1870, podemos citar com segurança

(1) A historia da proclamação da Republica ainda está dando logar a controversias periodicas porque ninguem ainda se dispoz a colher as necessarias informações no noticiario dos jornaes dos primeiros dias da Republica, bem como nas innumeras publicações que a titulo de subsidios para a historia tem sido espalhadas, confrontando-se, porém, as citações com as datas dos documentos comprobatorios e tomando-se em muita consideração as declarações feitas pelos principaes collaboradores, taes como, Benjamin Constant, Solon Ribeiro, Quintino Bocayuva, Antonio A. Menna Barreto, Campos Salles, Sebastião Bandeira, Francisco Glycerio, Julio de Castilhos e Joaquim Ignacio.

os seguintes: Vespasiano G. de Albuquerque, Francisco Guillon, Lucas de Souza, Salustiano S. Sobrinho, José Siqueira Menezes, Emigdio Dantas Barreto, Luiz Carlos Zamith, Hermes R. da Fonseca, Favilla Nunes, Francisco Paes de Andrade, Rodolpho Paixão, Luiz Antonio Cardoso, Lauro Sodré e João Alves de Castro.

Data tambem dessa época o prestigio que o então Brigadeiro Manoel Deodoro da Fonseca, adquiriu no seio do Exercito, e a confiança que nelle depositavam os seus camaradas de terra e mar, confiança que elle soube sempre corresponder. (2).

No correr dos annos de 1880 a 1889, deram-se algumas questões militares originadas pelas repetidas provocações feitas por alguns politicos e jornalistas aos brios e dignidade dos militares e tambem pelos ultimos governos da monarchia e, em que deixavam bem perceber o plano já de ha muito concebido de abater e humilhar as classes armadas.

DEODORO NO RIO GRANDE DO SUL

A 26 de outubro de 1885, o general Deodoro foi nomeado commandante das armas da provincia do Rio Grande do Sul, e já se achava no exercicio deste cargo quando em 1886, a instancias do seu compadre barão de Lucena, presidente da mesma provincia, aceitou a nomeação de 1.° vice-presidente.

Poucos dias depois, com a retirada de Lucena, o general Deodoro assumiu a presidencia commulativamente com o commando das armas.

---

(2) No "Diario Fluminense", de 2 de setembro de 1884, lê-se:

"Por decreto de 30 do mez findo acaba de ser promovido a marechal de campo o distinctissimo e bravo brigadeiro Manoel Deodoro da Fonseca. Soldado brioso e cidadão de altas virtudes sociaes, publicas e privadas, o general Deodoro, como tidos os seus dignos irmãos, tem de simples filho do povo se elevado até aqui não só pelos seus talentos como pela bravura, por demais comprovada na guerra, de onde (tendo ido como simples capitão), regressou official general, e em todas as demais commissões em que o governo o tem investido.

O general Deodoro é um desses caracteres de fina tempera, como ha poucos no militarismo do Brasil, e que sabendo o quanto valem as dragonas que ornam os hombros de um militar não as conspurga subscrevendo os usares dos mandões de aldeia, nem tão pouco avilta — para ser agradavel a quem quer que seja, — os seus camaradas".

O visconde de Taunay, no seu livro "Recordações da guerra", pagina 59, escreveu:

"Este (Deodoro), não seguiu em frente, mas encontrando picada espaçosa á esquerda, por ella se metteu, levando comsigo uma bateria do 2.° regimento de artilharia, movimento que deu excellentes resultados, horas depois.

De quem a iniciativa? Talvez do proprio Deodoro que se distinguia pela intrepidez e gosto de andar sempre sobre si".

Na série de artigos sob a epigraphe "Reminiscencias", publicada em 1903, no "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro, lê-se:

"Passou então o sr. Lucena a narrar.—Em 1885, quando se inaugurou a situação conservadora, o barão de Cotegipe confiou-lhe a presidencia do Rio Grande do Sul.

Antes de partir, conversou com o presidente do Conselho, ácerca de sua missão e esse perguntou-lhe:

Conhece o Deodoro?

Não.

Pois procure fazel-o seu amigo. Elle é o commandante das armas e será o 1.° vice-presidente, para substituil-o quando você voltar.

E' um homem de valor, será o nosso Caxias. Tenho em mente dar-lhe um titulo em que naturalmente será o de barão de Alagôas e quando vagar um logar no Senado quer nessa, quer em outra pequena provincia, havemos de elegel-o".

O CASO SENNA MADUREIRA

Achava-se o general Deodoro, no exercicio da presidencia e do commando das armas da provincia do Rio Grande do Sul, quando a 16 de agosto o tenente-coronel Antonio de Senna Madureira, director da Escola de Tiro do Rio Pardo, nessa provincia, publicou na "Federação" de Porto Alegre, um artigo defendendo-se das desabridas accusações que lhe foram feitas da tribuna do Senado, pelo ex-ministro da Guerra, senador Franco de Sá. (3).

---

(3) Na serie de ortigos do "Jornal do Commercio" a que acima nos referimos, lê-se:

"Chegado ao Rio Grande, o sr. Lucena ficou em contacto official com o general e algum tempo depois os dois st tornaram amigos. Em 1886 teve s. ex. de deixar a presidencia e vir tomar assento na Camara. Surgiu nesse anno a questão militar. Um deputado pelo Piauhy, sr. Simplicio Rezende, censurou o modo porque se tinha portado o coronel Cunha Mattos, na fiscalização da campanha fixa de infantaria daquella provincia; o coronel respondeu na imprensa com acrimonia, o Ministro da Guerra, Alfredo Chaves, censurou-o por ter discutido em jornaes questões de serviço, em falta identica incorreu logo depois no Rio Grande o tenente-coronel Madureira em relação a quem o ministro procedeu do mesmo modo.

Essa censura foi para ali transmittida em aviso para que o general Deodoro a publicasse. O general recuzou-se a executar a ordem, escrevendo confidencialmente ao presidente do Conselho e dando conta da recusa ao ministro da Guerra, em officio reservado".

NOTA — As relações de amizade entre o general Deodoro e o barão de Lucena mais se estreitaram depois que este convidou, em 1886, aquelle para padrinho de baptismo de um dos seus filhos.

A 2 de setembro, á noite o general Deodoro recebeu o seguinte telegramma do ajudante-general do Exercito, visconde da Gavea:

"Tenente-coronel Madureira teve licença para publicar artigo "Federação", de 16 de agosto?"

No dia seguinte, 3, o general respondeu:

"Tenente-coronel Madureira não teve licença para pubVlicar artigo 16 de agosto. Em officio desta data tratarei da questão".

Eis o officio a que se refere o telegramma acima:

"Exmo. sr. visconde da Gavea, ajudante-general do Exercito.

"Em additamento ao telegramma de hoje datado, com que respondi ao de v. ex., hontem, á noite recebido, sobre o artigo de 16 de agosto publicado pelo tenente-coronel Antonio de Senna Madureira, na "Federação", devo informar:

1.º Que nenhuma licença houve para tal publicação.

2.º Que os avisos de 4 de outubro de 1859, 27 de agosto de 1878, 9 de outubro de 1882 e 26 de dezembro de 1884, publicados nas ordens do dia n. 856, 1.418, 1.714 e 1.937, são referentes a questões quer entre superiores e inferiores, quer entre pares: o aviso de 5 de agosto do commando das armas, de que trata a ordem do dia numero 2.021, nada innova, recommenda o cumprimento das disposições anteriores: o regulamento disciplinar de 8 de março de 1875, em seus artigos 5, paragraphos 9.º e 10.º, trata do assumpto é claro, pois, que os militares não pódem, nem devem pela imprensa, tratar de questão alguma em que se envolva superiores, camaradas e inferiores. Aos membros da Assembléa Geral, salvo os ministros da Guerra e da Marinha, e os officiaes militares, não têm applicação os preceitos daquelles avisos; e, portanto, sem responsabilidade em seu acto, o tenente-coronel Madureira, pela publicação do artigo a que se refere o telegramma de v. ex., é o que póde alcançar minha fraca intelligencia.

Na propria questão tão ventillada e repetida pelo exmo. sr. senador Franco de Sá, não ha como querem fazer crêr, o menor ponto de descortezia ao venerando e muito estimado chefe visconde da Gavea, a quem com o maior

respeito e subida consideração submetto o expendido. (4).

Porto Alegre, 3 de setembro de 1886. — *Manoel Deodoro da Fonseca,* marechal de campo".

O ministro Alfredo Chaves não aguardou o recebimento desse officio do general Deodoro e, em aviso de 4 do mesmo mez, manda reprehender, em ordem do dia do Exercito, o tenente-coronel Madureira.

Este official, logo que teve conhecimento (pelo noticiario dos jornaes), do aviso que mandava reprehendel-o, fez publicar na "Federação", de Porto Alegre, de 23, um artigo protestando contra a illegalidade do acto ministerial.

A QUESTÃO MILITAR

No dia 30, realizou-se em Porto Alegre, uma grande reunião de officiaes da guarnição, resolvendo-se nomear uma commissão para executar algumas deliberações tomadas na occasião e que dependiam do beneplacito dos chefes.

No dia seguinte, 1 de outubro, o visconde de Pelotas e o general Deodoro, declararam por escripto, que adheriam ás deliberações tomadas nessa reunião. Por essa occasião e a partir

---

(4) No jornal "A Federação", de 29 de setembro, lê-se:

"Confirmamos o que hontem dissemos: o sr. general Deodoro, com gloria para si e honra para sua nobre classe, não se presta a ser solidario com o governo no autoritarismo violento com que se pretende deprimir o exercito e impor-lhe o oprobrioso dever de deixar indefesa a dignidade prppria.

Sabemos que em extenso officio, tão honroso para si como para o tenente-coronel Madureira, elle declarou que, em respeito á lei, não póde se tornar solidario com prohibições que importem o cerceamento de direitos essenciaes e impõem aos militares deveres que não estão legalmente definidos".

Anfrisio Fialho, no seu livro "Historia da Fundação da Republica", nas paginas 59 e 60, escreveu:

"Dando-se este conflicto, elle (Deodoro), não hesitou em tomar a iniciativa na defesa de seus companheiros de armas, apesar de exercendo um cargo da mais alta confiança do governo imperial.

Apenas Madureira havia publicado a sua justificação em resposta ao senador Franco de Sá, dirigiu o ajudante-general do Exercito um telegramma ao general Deodoro, perguntando se elle havia dado permissão a aquelle official para publicar o seu artigo justificativo. Deodoro respondeu immediatamente: "Não; em officio desta data tratarei da questão".

De modo que quando alguns officiaes da guarnição de Porto Alegre, informados pelo protesto do tenente-coronel Madureira, foram em fins de setembro pedir ao presidente da provincia e commandante das armas licença para tratarem do assumpto em reunião de officiaes, o general Deodoro, depois de dar-lhes o assentimento pedido, poude dizer-lhes: "E fiquem sabendo que eu já estou tiroteando nos postos avançados".

do dia 2, o presidente do Conselho de Ministros, barão de Cotegipe, encetou uma extensa correspondencia a respeito com o general Deodoro; correspondencia esta, que, para maior destaque, transcrevemos áparte.

No dia 4, por occasião da missa do anniversario do fallecimento do general Ozorio, mandada rezar pela officialidade da guarnição, o visconde de Pelotas, chefe do Partido Liberal, e o general Deodoro, do Partido Conservador, se reconciliaram. (5).

DEODORO E CASTILHOS

No dia seguinte, 6, o general Deodoro recebeu a seguinte carta do dr. Julio Prates de Castilhos, chefe do Partido Republicano Sul-Riograndense.

"Illmo. e exmo. sr. marechal Deodoro da Fonseca.

Saudo mui respeitosamente a v. ex.

Permitta-me v. ex. a liberdade de escrever-lhe estas linhas, afim de desempenhar uma incumbencia honrosa.

Acabo de receber um telegramma do conselheiro Saldanha Marinho incumbindo-me de transmittir a v. ex. em nome delle as mais sinceras felicitações pela attitude nobre e correcta que v. ex. assumiu na questão militar que presentemente se debate.

Associando-me a essa espontanea manifestação de apreço da parte daquelle illustre compatriota, peço a v. ex. para considerar como a expressão sincera do meu respeito e da minha admiração o que na "Federação" tenho tido o prazer de escrever ácerca da honrosissima attitude de v. ex., na defesa da honra da corporação que conta em v. ex. uma das suas mais legitimas glorias. Muito att. admor, e humilde compatriota. — Julio de Castilhos.

AGITAÇÃO MILITAR NO RIO

No dia 7, o senador Silveira Martins, em discurso proferido no Senado, reprovou a attitude dos militares.

No "O Paiz", do dia 9, foi publicado o seguinte protesto con-

---

(5) Nota — Pelo mesmo motivo — uma pretendida falta disciplinar, — fôra preso e reprehendido dias antes, na Côrte, o coronel Ernesto da Cunha Mattos. Esse acto do ministro passou despercebido na guarnição da capital do Imperio, e no sul nem mesmo o visconde de Pelotas, amigo particular do coronel, resolveu tomar a defesa deste official.

tra os discursos do senador Silveira Martins e deputado Candido de Oliveira, assignado por 150 officiaes: (6).

"A hora em que formulamos este protesto, sabemos que no Senado ataca o general Deodoro e todo o Exercito o senador Gaspar Martins.

S. ex. é um homem de todas as épocas: serra fila do sr. Candido de Oliveira, não lhe respondemos, porque já sabemos do quanto é capaz quando opposicionista e quando se trata de um inimigo politico.

Ao illustre general Deodoro nunca s. ex. perdoará o ter-lhe este general infligido a mais tremenda das catastrophes politicas de que se tem exemplo.

S. ex. fala pois como sempre a linguagem do despeito e por isto não lhe respondemos.

Nos excessos da sua furia politica, s. ex. não é responsavel pelo que profere".

Dos jornaes do Rio de Janeiro desse mesmo dia, 9 transcrevemos a seguinte publicação official, sob o titulo "Publicação pela imprensa":

"Ministerio dos Negocios da Guerra — Gabinete do Ministro. — Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1886.

Suscitando reclamações o modo porque é entendida a doutrina dos avisos de 4 de outubro de 1859, 26 de dezembro de 1884 e 9 de julho de 1885, juntos por copia que estabelecera regras segundo as quaes pódem os militares de mar e terra recorrer á imprensa, e convindo que tão importante assumpto seja regulamentado clara e positivamente, manda sua mejestade o Imperador, por esta secretaria de Estado, que o Conselho Supremo Militar, revendo as disposições dos referidos avisos, apresente com urgencia um projecto de instrucções que rejam esta materia. — *Alfredo R. Fernandes Chaves*".

No dia 10, realizou-se no Rio de Janeiro uma grande reunião militar sob a presidencia do almirante barão de Jaceguay.

---

(6) Eis como a "Federação" do dia 5 noticiou a approximação dos dois chefes militares, adversarios politicos:

"A Federação" já cumpriu o grato dever de referir o facto commovente que em presença de toda a distincta officialidade desta capital, occorreu hontem na Cathedral, por occasião de ser celebrada a missa, em honra á memoria de Osorio: o nobre congraçamento entre os dois eminentes cabis de guerra — visconde de Pelotas e marechal Deodoro.

O illustre visconde de Pelotas, encontrando-se hontem, na egreja Cathedral, com o bravo general Deodoro, disse-lhe: — Abraço o meu irmão de armas, pelo procedimento admiravel e altamente honroso que tem tido na questão Madureira que envolve o pundonor e honra do Exercito. O procedimento de v. ex., eleva-o muito alto na consideração dos nossos camaradas".

Nessa reunião foi approvada a seguinte moção, apresentada pelo major Benjamin Constant:

"Os officiaes do exercito e da armada, reunidos hoje, domingo, 10 de outubro de 1886, no salão da Sociedade Franceza de Gymnastica, declaram:

1.° — Sua adhesão completa ao modo digno porque os seus camaradas do Rio Grande do Sul reclamam o restabelecimento de seus direitos.

2.° — Que o exercito e a armada sentem por honra da patria que este conflicto se desse, mas ficam conhecendo que os avisos expedidos atacaram as mais nobres prerogativas dessa classe e vêm de encontro á nossa lei fundamental.

3.° — Que esperam do venerando Conselho Supremo Militar o reconhecimento de seus direitos constitucionaes que não se oppõem, antes se harmonizam, com a dignidade dessa classe e com a disciplina de que tem sempre dado as mais brilhantes provas.

4.° — Que agradecem a imprensa em geral a attitude que tem tomado nesta questão, bem como ao senador Avila e a todos aquelles que lhes fizeram justiça".

Terminada a reunião, o barão de Jaceguay, tenentes José A. Vinhaes e Jayme Benevolo, dirigiram ao visconde de Pelotas e ao general Deodoro o seguinte telegramma:

"Militares de terra e mar, reunidos approvam o modo digno, pelo qual os militares no Rio Grande do Sul reclamam o restabelecimento dos seus direitos. Aguardam satisfeitos a solução com que resolver o Conselho Supremo".

"A Federação", do dia 11, deu publicidade ao seguinte telegramma, da Côrte:

"Os officiaes de mar e terra reunidos hoje, adheriram. Aguarnição da Bahia tambem adheriu. — *Severiano da Fonseca,* correcto".

UMA INTRIGA

Com o evidente intuito de magoar o general Deodoro, provocar a discordia entre os membros de uma familia unida por intimos laços affectuosos, o jornal gasparista "O Mercantil", tambem de Porto Alegre, noticiou o seguinte:

"Do presidente da provincia da Bahia, recebeu o sr. barão de Cotegipe o seguinte telegramma: "O commandante das armas general Hermes, assegura que não ha aqui nenhum receio de agitação. Hontem, á noite, houve reunião particular de militares que passou despercebida e da qual não teve elle sciencia. Consta ter-se passado telegramma

pelo cabo submarino a Deodoro, adherindo ao procedimento delle".

Com o titulo "Marechal Hermes", a "Federação", do dia 15 prestou os seguintes esclarecimentos a respeito:

A carta que o general Hermes, publicou na "Gazeta de Noticias" e que motivou o telegramma que a esse respeito recebemos do Rio de Janeiro, é assim concebida:

"Acabo de ler na "Gazeta da Tarde", na sua noticia, "Reunião Militar", que eu adherira ao movimento militar. Cumpre-me declarar que a noticia é inexacta, porque sómente depois tive conhecimento de tal reunião.

Se bem que reconheça nos srs. officiaes do Exercito o direito de propugnar por aquillo que as leis do paiz concedem a todos os cidadãos, — a defesa de offensas particulares ou a justificação de seus actos, — eu enxergo nos louvores elevados a meu irmão o marechal Deodoro, uma especulação politica, uma exploração entre incautos. — *Hermes.*"

Nota da redacção. — Esta carta appareceu antes de s. ex. ter conhecimento do que se passára nesta provincia, e posteriormente, em telegramma que publicámos, s. ex. prestou sua adhesão ao procedimento dos seus companheiros de classe".

"Um amigo nosso, illustre official do Exercito, desejando conhecer o que havia de rigorosamente exacto sobre a attitude do sr. general Hermes, na questão militar, dirigiu-se por telegramma a um seu camarada que faz parte da guarnição da Bahia, e deste recebeu hoje esta resposta: "O general Hermes adheriu á questão militar".

A seguinte publicação do dr. João Severiano, sob o titulo "Desfazendo as intrigas" e uma carta de um outro irmão de Deodoro — Pedro Paulino — que transcrevemos em seguida, esclarecem este ponto:

O que se deu na Bahia e motivou telegrammas adrede preparados pelos pescadores de aguas turvas, foi o seguinte:

"A 13, publicava este jornal, "Gazeta da Tarde", o seguinte telegramma do presidente da Bahia: "Commandante das armas assegura que não ha aqui receio de agitação militar. Hontem, á noite, houve reunião particular de militares que passou despercebida, e da qual não teve elle sciencia".

E' claro, portanto, que, não tendo Hermes tido sciencia da reunião, não podia ter adherido ás suas manifestações: é clarissimo que acompanha o movimento militar, no sentido de serem nullificados os avisos offensivos á classe e os actos consecutivos.

Do final de sua carta collige-se que houve o que quer que fosse nessa reunião, que destoou-lhe e que julgou con-

veniente profligar: o que de modo nenhum envolve censura a Deodoro.

E saibam mais, que, se Hermes reconhecesse que Deodoro tinha errado, dir-lhe-ia: "Erraste, mas prosegue". E ajudal-o-ia com todo o vigor".

"Saude e felicidade muita é o que te desejo. Sua carta de 15 de outubro está recebida com prazer. Aquelle telegramma da Bahia foi passado de proposito para produzir desanimo, e magoar o teu tio Deodoro, ainda que por poucos dias, e produziu o effeito.

Deodoro deveria ter ficado bastante acabrunhado e eu lastimei não poder avisal-o do occorrido, passado com antecedencia um telegramma.

A questão era do militar não poder ir ao jornal discutir, e seu tio Hermes foi á imprensa desmentir o telegramma, dando o exemplo do contrario, e ao mesmo tempo manifestando dupla adhesão.

O procedimento do seu tio Severiano foi tambem de accôrdo. Houve em tudo isto, a principio, aqui e na Bahia, duvidas e receios. Parecia que os telegrammas eram eivados de falsidades para comprometterem Deodoro que ali era o delegado do governo. Ninguem acreditava que elle como presidente tivesse o procedimento que teve, porque honestidade e altivez é raridade, e só elle, só Deodoro seria capaz de arrostar com o Ministerio (que salvou indirectamente de cair na lama), e collocar-se em posição tão bonita.

Quando o "Paiz" publicou aquelle artigo contra Candido de Oliveira e Gaspar, eu procurei logo o nome de seus primos Hermes, Olympio e Percilio, e fiquei satisfeito por encontral-os: e depois disse-lhes, que se não o tivessem feito e dos primeiros, seria para mim motivo de tristeza.

Hoje seu tio Deodoro deve estar satisfeito com o recebimento das cartas daqui e da Bahia, explicativas do caso.

Hoje está tudo passado e todos só temos que admirar a posição de Deodoro a quem você dará por mim apertado abraço".

No dia 20, toda a officialidade da guarnição de Porto Alegre, inclusive Pelotas e Deodoro, publicaram um protesto na "Federação" e cujo topico final transcrevemos em seguida:

"O poder publico póde dispor dos commodos, da sorte, do sangue, da vida do militar; da sua dignidade, da sua honra não o pódem fazer.

A instituição militar, que existe para a defesa da integridade, da ordem, da honra do pavilhão nacional, não deverá jámais fazer sacrificio de sua propria honra, dos preceitos que a subordinam, da altivez e nobreza que a caracterizam.

Não está em discussão a disciplina.

Ninguem precisa aprender quaes são os espiritos e a letra das ordenanças e dos regulamentos disciplinares.

O que a classe militar reclama é que se mantenham em toda a plenitude os seus direitos.

"Não está em discussão a disciplina.

Os officiaes abaixo-assignados, interpretes dos sentimentos de seus camaradas, que fazem da questão, em que está envolvido o tenente-coronel Madureira, o que ella é, — questão de brio, de pundonor e da honra da classe — adherem orgulhosamente ao protesto dos seus camaradas da Côrte, publicado no "O Paiz", de 9 do corrente, transcripto na "Federação", de 19, e continuam a profias de occasião, proferidas no Parlamento, nas sessões de 5 e 6 do corrente, pelos srs. conselheiros Gaspar da Silveira Martins e Candido Luiz Maria de Oliveira".

Para desfazer os máos intentos o general Deodoro fez publicar na "Federação" de 22, as seguintes declarações:

"A Reforma" e o "Jornal do Commercio", em referencia á reunião militar havida na Côrte, no dia 10 do corrente mez, publicam que o sr. conselheiro coronel Amaral declarára nessa reunião que recebera um telegramma meu, em que me congratulava com o governo.

Declaro que é inexacto o facto noticiado pelo sr. conselheiro Amaral, e autorizo a quem quer que seja a pedir na respectiva estação telegrammas por mim dirigidos ao meu irmão general Severiano e ao mesmo sr. conselheiro".

"Preveniram-me de que o exmo. sr. conselheiro Gaspar Martins faz constar aos seus ouvintes que, na presente questão militar, escrevi ao meu irmão Severiano, dizendo que estava arrependido do procedimento que tive, e outras parvoices, e que a carta fôra por meu irmão entregue ao exmo. sr. ministro da Justiça.

E' para invenção do exmo. sr. Gaspar, que, tendo sómente por objectivo offender a minha pessoa, esqueceu-se de que, directa e calumniosamente, mais ainda offendeu a meu irmão.

Sou sobejamente conhecido por meus camaradas e por isso não preciso, sr. conselheiro Gaspar, de justificação".

OUTRA CARTA DE JULIO DE CASTILHOS A DEODORO

Na mesma data, 22, o dr. Julio de Castilhos dirigiu a seguinte carta ao general:

"Immo. exmo. marechal Manoel Deodoro da Fonseca. — Saudo respeitosamente v. ex. — Recebi sinceramente penhorado a excellente obra que v. ex. teve a summa bon-

dade de offerecer-me, devido á illustração e ao labor do illustre dr. João Severiano da Fonseca.

Este offerecimento constituiu para mim uma distincção especial que me concede v. ex. a quem sou particularmente grato.

Terei occasião de significar pessoalmente os meus agradecimentos.

A nobre declaração que v. ex. enviou-me para ser publicada na "Federação" terá publicidade hoje mesmo. Permitta v. ex. que a "Federação" se contente com a honra da preferencia, pelo que peço licença para devolver a quantia que acompanhou o original da declaração.

Pede e espera sempre as ordens de v. ex. Muito atto. e humilde servo. — *Julio de Castilhos*".

DENUNCIA INFUNDADA

O conselheiro Antonio Eleuterio Camargo, de combinação com o conselheiro Gaspar da Silveira Martins, (vide "A Reforma", de 31 de outubro), denuncia o general Deodoro, "por haver na qualidade de vice-presidente da provincia, commettido desvio de *dinheiros do Thesouro provincial*.

O Egregio Supremo Tribunal de Justiça, não encontrando base para a pronuncia, deixou de tomar em consideração a denuncia apresentada.

Com a data de 3 de novembro, foi publicado o parecer do Supremo Tribunal Militar, sob a questão da legalidade dos avisos do ministro Alfredo Chaves.

No dia 15 o general Deodoro recebeu o seguinte telegramma:

"General Deodoro. — Cumpri dever. Com satisfação fiz justiça aos que souberam prezar sua dignidade. Permittam suas excellencias os abraços agradecidos. — *Saldanha Marinho*".

DEODORO DEIXA A PRESIDENCIA DO RIO GRANDE DO SUL

A 22 de dezembro, o general Deodoro ao passar a presidencia da provincia ao dr. Miguel Calmon Pin de Almeida, recebeu do mesmo os seguintes officios:

"Palacio do governo em Porto Alegre, 22 de dezembro de 1886 — Illmo. exmo. sr. — Transmitto v. ex. o incluso decreto inperial, de 4 do corrente mez, pelo qual foi conce-

dida a v. ex. a exoneração que pediu do cargo de 1.º vice-presidente desta provincia.

Deus guarde a v. ex. illmo. e exmo. sr. marechal de campo Manoel Deodoro da Fonseca. — *Miguel Calmon Pin de Almeida*".

"Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. — Palacio do governo em Porto Alegre, 22 de dezembro de 1886. — Illmo. sr. — Communico a v. ex. que por decreto de 4 do corrente, houve por bem S. M. o Imperador conceder a exoneração que v. ex. solicitou do cargo de commandante das armas desta provincia.

Deus guarda a v. ex. — *Miguel Calmon Pin de Almeida.* Exmo. sr. marechal Manoel Deodoro da Fonseca".

A "Federação", em artigo sob a epigraphe "O marechal Deodoro", assim se pronunciou á respeito da exoneração do marechal, dos dois cargos:

"O nome que encima estas despretenciosas linhas não é o de algum illustre desconhecido, elevado pelo favor á alta posição que occupa na sociedade.

. . . . . .

O illustre militar, enojado do quanto via em torno de si, revoltado contra as exigencias que ouzaram fazer esses famintos de todos os tempos que se acotovelam nos corredores de todos os governos, tentára mais de uma vez deixar a cadeira de espinhos, que, em occasião critica, lhe fôra imposta em nome do dever e da dedicação do soldado á causa do seu paiz.

Todos ainda se recordam das circumstancias excepcionaes em que o marechal Deodoro acceitou o cargo de 1.º magistrado da provincia, para que se torne preciso lembrar as difficuldades da occasião e a necessidade de concentrar nas mãos de um só a direcção civil e militar da provincia. Sacrificou ao governo central a serenidade de animo que o distinguia, o seu zelo inquebrantavel pelo serviço, a sua energia proverbial e quasi a justa popularidade de que goza entre seus camaradas.

Mas não podia sacrificar-lhe os brios e a honra da classe de que é uma das mais importantes figuras!

. . . . . .

O bravo marechal, repellindo a afronta, atirou ás faces do governo a exoneração do alto posto que occupa na provincia. Se este não soube ou não poude cumprir o seu dever, como responsabilizar a quem brilhante impavidamente desempenhou o seu?

O marechal Deodoro tem no respeito e admiração que lhe tributam os seus camaradas e os homens de bem de to-

das as classes, um pedestal de honra tão elevado, que não lhe alcançam os botes da calumnia nem os do despeito partidarios".

De um outro artigo, com o mesmo titulo, reproduzimos os seguintes topicos:

"Sob esta epigraphe haviamos escripto ultimamente algumas linhas, tornando saliente e justificando o nobre e altivo procedimento do illustre general Deodoro.

.....

Deodoro da Fonseca foi sempre apontado no exercito do Paraguay, como o typo da audacia e da intrepidez personificadas. Ao corpo que elle commandava com a maior galhardia foram muitas vezes incumbidas as mais arriscadas missões.

.....

A vida do general Deodoro, durante a paz, é assás conhecida do Exercito cuja estima elle preza acima de tudo para que possam abalar-lhe os fóros de integridade.

.....

O general cumpriu o seu dever de militar brioso; e o ministro da Guerra humilhou-se para não deixar o poder!

Julgae, sem duvida, digno de applausos este ultimo? Tendes razão. São tão raros neste paiz os actos de independencia e honestidade da parte dos funccionarios publicos que provocam não só extranheza como despeito aos que não se julgam capazes de pratical-os".

Em janeiro de 1887, o general Deodoro embarcou em Porto Alegre, e a 26 do mesmo mez chegou á Côrte.

A CHEGADA DE DEODORO AO RIO

Anfriso Fialho, no seu livro, já citado, escreveu:

"A chegada do general Deodoro, a 26 de janeiro, foi caracterizada por um incidente altamente significativo e que devia ter calado profundamente no animo do governo. Era commandante da Escola Militar nessa capital um irmão do general Deodoro, o marechal de campo Severiano da Fonseca. O ministro da Guerra havia ordenado a esse general que vedasse aos seus alumnos a saida da escola, no dia da chegada do general Deodoro, mas não obstante a ordem do commandante, os alumnos sairam em massa e foram receber o defensor de sua classe no cáes de desembarque fazendo-lhe nessa occasião uma ruidosa manifestação de

apreço. Em consequencia deste facto, o general Severiano procedeu correctamente dando a sua demissão, a qual o ministro apressou-se em acceitar".

A 29, o general Severiano Martins da Fonseca, foi, a seu pedido, exonerado do commando da Escola Militar da Côrte.

PROSEGUIMENTO DA QUESTÃO MILITAR

Como ainda perdurassem os effeitos dos avisos inconstitucionaes, por isso que o governo ainda não havia mandado trancar as notas nas fés de officio do coronel Cunha Mattos e tenente-coronel Madureira; a 2 de fevereiro desse anno, 1887, teve logar no theatro Recreio Dramatico, uma reunião militar presidida pelo general Deodoro.

O convite para essa reunião era concebido nestes termos:

"Reunião militar. — São convidados a comparecer amanhã, ao meio-dia, no Theatro Recreio Dramatico, todos os officiaes generaes e mais officialidade de mar e terra, presentes na Côrte, afim de tomaram parte na reunião militar annunciada, e que será presidida pelo sr. marechal de campo Deodoro da Fonseca, servindo de secretario o tenente-coronel Senna Madureira.

Tratar-se-á nessa reunião de interesses da classe militar".

---

(7) No noticiario do "O Paiz", desse mesmo dia, lê-se:

"O brigadeiro Severiano da Fonseca, commandante da Escola Militar da Côrte, deliberou demittir-se do cargo; constando que alguns professores e officiaes da Escola instaram com o digno general para não levar a effeito a sua resolução. S. ex. porém, persiste na sua deliberação, e já hontem deixou de presidir o Conselho Disciplinar a que devia responder o capitão Botafogo t tenente Alcindo, allegando incommodo de saude e retirando-se effectivamente molesto para sua residencia".

NOTA — Com a epigraphe "Manifestação honrosa", a "Federação", de 28 de dezembro de 1886, escreveu: "Pela distincta commissão militar constituida para representar os seus camaradas, foi hontem entregue ao chefe da redacção desta folha, dr. Julio de Castilhos, em nome dos officiaes da guarnição do Rio Grande do Sul, um valioso e delicadissimo brinde; uma escrevaninha de prata, acompanhada de uma elegante caneta de ouro e uma faca artistica propria para cortar papeis. A' escrevaninha, encimada pela imagem da justiça, está annexol um cartão de prata dourado onde estão buriladas estas palavras: — Ao dr. Julio de Castilhos, publicista patriotico, offerecem os officiaes da guarnição desta provincia, que reconhecem o seu patriotismo inexcedivel pela defesa feita aos sagrados direitos, Madureira. Rio Grande do Sul, 1886".

Nos jornaes do dia seguinte, lê-se:

"Presidiu a sessão o sr. marechal Deodoro da Fonseca, tendo a seu lado os srs. general Sergio Marcondes de Andrade, coronel José Simeão, coronel Cunha Mattos, tenente-coronel Senna Madureira e major Benjamin Constant.

O sr. general Deodoro foi vivamente acclamado ao entrar no theatro, e quando, acompanhado dos outros officiaes, compareceu ao palco, foi novamente victoriado, sendo as palavras que pronunciou ouvidas por todo o auditorio em pé.

Estiveram presentes cerca de duzentos officiaes e numeroso concurso de povo. (8).

O sr. general Deodoro disse:

"Foi resolvida esta reunião para tratar-se de assumptos militares referentes a avisos, que, por inconstitucionaes foram annullados por sua majestade o Imperador.

Esses avisos feriram a dignidade e o brio militares; o effeito d'elles ainda subsiste.

A disciplina militar exige o brio e a dignidade da farda do soldado; sem o brio e sem dignidade o soldado não cumprirá o dever que lhe é imposto, o dever de sangue.

Nesta reunião, pois, eu vos peço calma, ordem e respeito que são os apanagios dos militares.

Tenho aqui uma moção que sujeito á vossa apreciação: Eis a moção que foi lida e votada, por artigos:

"1.° — Os officiaes de mar e terra presentes a esta reunião não julgarão terminado com honra para a classe militar o conflicto suscitado entre esta e governo, enquanto perdurarem os effeitos dos avisos inconstitucionaes que foram justamente condemnados pela Imperial resolução de 3 de novembro ultimo, tomada sobre consulta do venerando Conselho Supremo Militar.

---

(8) O então major Serzedello Corrêa, em um artigo sob a epigraphe "Incidente parlamentar", publicado na "Gazeta de Noticias", em 1891, escreveu: "Cumpre o teu dever custe o que custar, e o meu dever agora é dizer a verdade do que sei e do que penso.

Já o disse na Camara que depois da annullação dos avisos mediante consulta ao Conselho Supremo Militar, acto devido sem duvida menos a nossa attitude aqui do que as reuniões do sul e a posição patriotica do marechal Deodoro ao lado de Pelotas e de Madureira, foi que fizemos a grande reunião do Recreio Dramatico, presidida pelo general Deodoro. A essa reunião compareceram os officiaes alumnos, em numero de 180, pouco mais ou menos. Apenas tres officiaes superiores sem commandi de forças lá foram. Eis a verdade; o marechal Deodoro bem viu com quem podia contar e seguramente conheceu por uma ou outra adhesão particular feita em sua casa, que os generaes, os commandantes e muitos dos que hoje o idolatram, lhe faltaram. S. ex. não occultou o seu desgosto e o seu desprezo para aquelles que não sabiam cumprir o seu dever".

2.º — Pensam tambem que só a cessão de qualquer medida tendente a perseguir os officiaes pelo facto de terem adherido á questão militar, poderá calmar a irritação e o desgosto que reina nas fileiras do Exercito.

3.º — Recorrem, confiante á alta justiça do Augusto Chefe da Nação para pôr termo ao estado de agitação em que se acha ainda a classe militar, que só provas de resignação e disciplina até hoje tem dado.

4.º — Resolvem dar plenos poderes ao exmo. sr. marechal de campo Manoel Deodoro da Fonseca, presidente desta reunião para represental-os junto ao governo de sua majestade o imperador no sentido de conseguir uma solução completa do conflicto, digna do governo e da classe militar. (9).

Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1887".

CARTAS DE DEODORO AO IMPERADOR SOBRE A QUESTÃO MILITAR

Finda a reunião, o general presidente declarou que "sentia-se satisfeito pela unanimidade e solidariedade com que foi votada a moção por elle apresentada", e. cumprindo a missão que recebeu dos seus camaradas, no dia 5 do mesmo mez, em que foi apresentar-se ao Imperador, — o que ainda não tinha tido occasião de fazer, depois de sua chegada do Rio Grande do Sul — o general Deodoro depoz nas mãos de d. Pedro II, a seguinte carta:

"Senhor.

Conceda v. m. Imperial permissão a um dos vossos mais respeitosos amantes e leaes subditos, de tomar vossos preciosos momentos em petição de justiça. E não venho só... é, por assim dizer, o Exercito todo, toda a classe militar, que vem por minha voz deprecar a v. m. Imperial.

Senhor! Sabe v. m. Imperial da reprehensão que foi infligida a um coronel do Exercito por uma justa e quiçá franca resposta a insultantes doestos de um deputado da Nação; e da maneira por que se tratou desse assumpto no Parlamento, mesmo por parte do Ministerio, como que se fazendo proposital alarde em desprestigio do Exercito.

Sabe tambem v. m. Imperial da reprehensão infligida a outro official superior do Exercito, chamado a terreiro nessas discussões alimentadas pelo proprio governo, que já não se contentava com o desprestigio da classe militar, que a rebaixava ante cidadãos que, não sendo governo, não podiam ser considerados superiores hierarchicos de classe alguma, e que não sendo militares, com elles não entendem

os preceitos disciplinares sobre discussões na imprensa entre militares.

Sabe v. m. Imperial dessas reprehensões injustas feitas com espalhafato, com publicidade em todos os jornaes, e, por conseguinte, tornadas patentes á Nação e ao mundo intenro, a dois officiaes superiores do Exercito. No Parlamento, que representa a Nação, rejubilavam-se, e quasi sem imputação, pela irresponsabilidade de que gosam, apraziam-se em molestar e insultar os militares!

Senhor, só quem não fôr soldado, só quem não tiver ou não comprehender a menor noção do brio e dignidade militar, só quem julgar que a farda do soldado é libré do servilismo e da baixeza, poderá ver, sem corar de vergonha, sem estremecer de indignação, um tal procedimento, que já não é um desacato da autoridade, mas um insulto á classe militar.

Coube-me, senhor, por minha posição especial no exercito nessa occasião, o dever de solicitar dessa autoridade superior que sobre-estivesse em seus actos reconsiderasse suas decisões e resolvesse-as de conformidade com a razão o direito e bom senso.

Essa resolução seria necessaria em pról daquella classe. E era de razão e de prudencia.

O Exercito, tinha estremecido e ansiava por uma decisão que o libertasse dessa exposição ao menospreço publico, e que o mostrasse respeitavel e respeitado dentro dos limites da lei?

E não são exigencias de um pretenso pundonor; é a propria disciplina que o exige. A disciplina militar não permitte ao soldado receber afrontas e villipendios; a disciplina quer no soldado — e isso no mais alto gráo — brio, dignidade e honra.

A obediencia do soldado não vae até o proprio aviltamento; o soldado é obediente, mas não servil; e aquelle a quem não repugnarem actos de baixeza e servilismo não é digno da farda que veste, farda que é a mesma que v. m. Imperial honra trazendo-a.

O governo Imperial, Senhor, por um acto de reflexão e justiça, mandou estudar a questão pelo Conselho Supremo Militar, tendo por base avisos do Ministerio da Guerra, erroneos ou mal interpretados.

A veneranda corporação não vacillou em seu juizo; velhos generaes, ainda lhes pulsa nos peitos corações de soldados; veteranos, conservam eterno o fogo sagrado do pundonor militar, alliado á hombridade do cidadão.

V. M. Imperial em sua alta justiça concordou com o parecer do venerando tribunal, e mandou executal-o em data de 3 de novembro do anno passado; mas até hoje, Senhor, o Exercito e a Nação esperam essa execução. O Exer-

cito receia ser o ludibrio de uma procrastinação acintosa.

Eis porque, Senhor, eu que sou soldado e me honro em sel-o, mas que no entretanto, sinto-me, como meus companheiros de armas, vexado, envergonhado, sob o peso do villipendio; desilludido da attenção da autoridade, mas não desenganado, recorro á vossa majestade.

E', pois, Imperial, Senhor, com o mais profundo respeito, que venho em nome do Exercito, em nome da classe militar, pedir a v. m. Imperial se digne de attender á questão e resolvel-a com aquella inteireza e justiça que presidem a todos os actos de v. m. Imperial". — Senhor a quem Deus Guarde. — De V. M. Imperial, o mais respeitoso, obediente, leal e amante subdito. — *Manoel Deodoro da Fonseca.* — Rio de Janenro, 3 de fevereiro de 1887. (10).

Tendo o general Deodoro adoecido, no dia 12, por intermedio de um seu ajudante de ordens, dirigiu a seguinte carta a d. Pedro II:

"Senhor, eis-me ainda, e sempre com o mais profundo amor e respeito e a maior lealdade, ante o throno de v. m. Imperial, deprecando por mim e por meus companheiros de armas, a justiça que nos falta.

---

(10) De uma publicação no "Correio da Manhã", de 4 de junho de 1922, transcrevemos a seguinte carta circular, do visconde de Pelotas aos commandantes de guarnições e dos corpos da provincia do Rio Grande do Sul:

"Como deve saber, o nosso distincto camarada marechal Deodoro, proseguiu, na Côrte, com o brilhante procedimento aqui iniciado na questão militar.

O governo, em manhosa attitude, só tem em vista nullificar o nosso pacifico e respeitoso procedimento, para, talvez em época não muito remota, abater ainda mais o pundonor do Exercito.

Já deve tambtm ter conhecimento da importante moção, votado na Côrte, em reunião de 2 de fevereiro ultimo, sob a presidencia do general Deodoro, e apresentada a s. m. o Imperador, como o appello do Exercito, ferido em seus sagrados direitos.

Em 27 do mesmo mez, reunido, em minha casa os chefes militares e os officiaes que constituem a guarnição militar, resolvemos dirigir um expressivo voto de adhesão áquella brilhante moção, o que levamos a effeito com applausos dos nossos camaradas que adheriram á questão militar.

Em 15 do corrente, recebeu o general Deodoro, a nossa adhesão, e em seguida da guarnição de S. Gabriel. E' pois, para essa mição que solicito, não só a sua decidida adhesão como a de todos os briosos officiaes que forem solidarios comnosco na referida Questão.

Estamos privados de communicação telegraphica, e por isso mesmo mais urgente se torna a resposta desta, que, aqui aguardo, afim de endereçal-a ao general Deodoro.

A causa commum que nos liga, isto é, os brios de nossa classe, só se manifestará pela inteira solidariedade militar, e pir ella subscrevo-me. — **Visconde de Pelotas".**

Attendei, Senhor! O que os militares pedem é tão justo e é tão pouco: o reparo a uma injustiça que os afronta e os vilipendia! A coisa tem tanto de justa e digna como de grave. E não somos só nós os militares que o sentimos: o povo tambem comprehende, e como que se associa ao nosso desgosto. A coisa é muito séria. Senhor, e sómente quem, por um lado, não tiver a intuição do brio e do pundonor natural e, por outro lado, não cogitar das consequencias a advir, poderá encarar descuidoso a tormenta que se annuncia!

Senhor, vosso ministerio vos atraiçôa! — pelo menos nesta causa. Eu, nascido e criado, como todos de minha familia, no mais acrysolado devotamento ao Imperador; eu, que me preso de ser fiel, franco e leal; eu, que altamente confio em v. m. Imperial; eu espero de v. majestade justiça, essa justiça que nos nega o secretario de Estado de v. majestade nos negocios da guerra.

Eu me sinto receioso, pesaroso, de incorrer no desagrado de v. m. Imperial... Mas, Senhor, a ser negada a justiça que peço, terei vergonha da farda que visto, eu, que me orgulho de pertencer ao Exercito; e nesse caso ser-me-á uma verdadeira graça, Senhor, minha exoneração do serviço.

De v. m. Imperial. Subdito o mais fiel, devotado e reverente. — *Manoel Deodoro da Fonseca.* — Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1887". (11).

O MINISTRO ALFREDO CHAVES DEIXA O MINISTERIO

Nesta mesma data, o conselheiro Alfredo R. Fernandes Chaves, coagido pelos seus collegas do Ministerio, afastou-se da pasta da Guerra, sendo substituido interinamente pelo conselheiro Joaquim Delfino Ribeiro da Luz.

PARECIA TERMINADA A QUESTÃO MILITAR

Para que se possa julgar do criterio e do desapaixonamento do general Deodoro, durante toda esta questão, transcrevemos do "Correio da Manhã", de 4 de junho de 1922 a seguinte carta datada de 23 de fevereiro de 1887 do general Deodoro ao capitão João de Souza Castello, membro da commissão militar da guarnição de Porto Alegre:

"Castello. — Na cama, ha dias, pouco posso escrever.

Melhor resultado não poderiamos ter — a quéda do ministro da Guerra. Mais do que isso só surra de bacalhão. Se caisse todo o Ministerio, poderiam attribuir a muitas

causas, ao passo que a quéda sómente do ministro da Guerra é bem significativa.

Está, por tanto, terminada a questão militar com honra e dignidade para a classe ,e nada mais ha que fazer.

Ao Frota, Guillon, Vespasiano, Abreu Lima, Barreto Vianna e outros, mostra esta carta. — O amigo e camarada, — *Deodoro*". (12).

Do visconde de Pelotas, o general Deodoro recebeu a seguinte carta datada de Porto Alegre, 27 de fevereiro de 1887:

"Exmo. amigo e collega marechal Deodoro.

O procedimento digno de v. ex. desde que agitou-se a questão militar *tomando a defesa de seus companheiros de armas, nas condições especiaes em que se encontrava,* merece os applausos de seus camaradas, *que reconhecem com gratidão os serviços que prestou-lhes.*

Ainda agora se tornaram elles notaveis nessa Côrte, fazendo conhecer por meios pacificos e *sem ferir a lei,* o desgosto que sentia o Exercito com a desacertada direcção dos negocios da guerra pelo conselheiro A. Chaves, que mostrou-se sempre politico apaixonado e rancoroso, esquecendo-se, infelizmente, que sua missão tinha por fim principalmente, ser imparcial e justo com o Exercito, que não teme a severa disciplina, mas que tem o direito de exigir que o não desprezem nem o aviltem.

Os que fazem o sacrificio da vida pela patria, precisam conservar no mais alto gráo os sentimentos da honra, sem os quaes taes sacrificios se não levam a effeito.

E' sobremodo desanimadora a direcção dos negocios da guerra de certo tempo para cá. O que foi o exercito quando teve ministros como Manoel Felizardo, J. Clemente, Sinimbú, Rego Barros, Jeronymo Coelho, Caxias, Osorio e outros? Foram todos severos na disciplina e o exercito nunca externou uma queixa porque eram justos e não levavam para os conselhos da Corôa os sentimentos mesquinhos da paixão partidaria.

Adeus meu amigo, abraça-o fraternalmente quem é com maior apreço. De v. ex. velho camarada e amigo affectuoso. — *Visconde de Pelotas*".

Da commissão militar do Rio Grande do Sul, o general Deo-

(12) O Imperador recebeu a petição, dizendo com boas maneiras que estudaria a questão mas nada disse com referencia á exoneração do marechal do cargo de Quartel Meste General, cujo decreto havia assignado pouco antes.

O marechal já tinha conhecimento que em conselho de ministros havia sido assentada a sua exoneração e que seria apresentada ao Imperdor, no despacho desse dia.

doro tambem recebeu a seguinte carta, datada de 26 do mesmo mez e anno:

"Illmo. exmo. sr. marechal Manoel Deodoro da Fonseca.

A commissão abaixo assignada, por si e em nome de seus camaradas, que adheriram á Questão Militar, manifesta inteira adhesão ao procedimento que v. ex. nessa Côrte tão gloriosamente continúa a ter.

Subscreve, pois, a moção que com tanto patriotismo foi apresentada e acceita na solemne reunião presidida por v. ex., no dia 2 do corrente mez.

Deixam de mais rapidamente manifestar estes sentimentos pela incerteza e difficuldades de communicação, principalmente por estar prohibida a communicação telegraphica entre militares. Por este mesmo motivo ainda não se manifestaram identicamente os officiaes das differentes guarnições desta provincia, que com tanto brilhantismo e honra para o Exercito tambem adheriram á questão militar, confórme consta dos documentos autographos que existem em poder de s. ex.

Apezar porém destas medidas coercitivas, os nossos camaradas continuam e continuarão, estamos certos, na mesma attitude de adhesão a v. ex. até final, completa e honrosa solução.

O nobre e patriotico procedimento de v. ex. cada vez mais symboliza a honra, o brio e o pundonor de nossa classe.

Somos com o mais profundo respeito e subida consideração de v. ex. Subordinados e amigos. — *A Commissão Militar — Capitão Francisco Peixoto de Abreu Lima — Capitão João de Souza Castello — Capitão Francisco Alberto Guillon — Capitão Vespasiano Gonçalves de Albuquerque — Capitão Thomaz Thompson Flores — Capitão Manoel Theophilo Barreto Viana.*

Ainda, da mesma commissão militar, do Rio Grande do Sul, o general Deodoro recebeu mais a seguinte carta, datada de 9 de março de 1887:

"Illmo. exmo. sr. marechal Manoel Deodoro da Fonseca.

Em 27, a commissão militar tendo a honra de dirigir-se a v. ex., firmou o voto de adhesão a patriotica Moção de 2, por v. ex. apresentada á sua majestade o Imperador.

Aquelle documento registrado a 28, tudo do mez p. findo, deve achar-se hoje em poder de v. ex. bem como as cartas que o acompanharam.

Aguardamos a resposta a este nosso acto, resolvido com certa solemnidade, no palacete do exmo. sr. visconde de Pelotas, quando, pelo nosso camarada capitão Castello, nos foi apresentada a carta de v. ex., de 23 ainda de fevereiro.

Não referindo-se ella a alludida Moção que assumiu caracter de notavel gravidade impressa por v. ex. ainda mais por ter sido submettida, com ostensiva notoriedade, ao Regio criterio, pensamos e suppomos com alguma razão, que, além do máo estado de saude de v. ex., motivos poderosos o inhibiram de dar maior desenvolvimento aquella carta que dá por terminada a questão militar.

Além disto, acha-se em nosso poder uma carta, tambem datada de 23 de fevereiro, firmada pela commissão composta dos srs. coroneis José Semeão, Madureira e Cunha Mattos, pedindo nossa adhesão á dita Moção, visto continuar de pé o respectivo art. I. Este acto da commissão foi presente a v. ex. conforme consta de uma carta dirigida ao exmo. sr. visconde de Pelotas. (13)

Bem comprehendemos o ponto melindroso em que se acha esta questão militar, e por isso mesmo pensamos que ella deve terminar com a mesma publicidade com que começou. Assim é que aguardamos respeitosos as ultimas ordens de v. ex., para, na qualidade de "commissão militar", dizermos aqui aos nossos camaradas a ultima palavra sobre o definitivo resultado de nosso pacifico mais resoluto pronunciamento em prol da honra e brios da classe.

Somos, com o mais profundo respeito, de v. ex. amigos sinceros e obedientes subordinados. — *A commissão militar".*

UMA DECLARAÇÃO DE DEODORO

No jornal "O Paiz", do dia 10, tambem de março, lê-se:

"O sr. marechal Deodoro da Fonseca, autoriza-nos a declarar que na questão militar continua a manter a mesma attitude assumida perante o governo Imperial.

S. ex. aguarda o completo restabelecimento da preciosa saude de sua majestade o Imperador e espera qeu a referida questão terá o desfecho almejado.

Interprete dos seus camaradas na moção que apresentou a s. m. o Imperador, o marechal Deodoro da Fonseca continua unido a elles nos mesmos sentimentos briosos e no mesmo honroso proposito. (14).

---

(13) Tambem existem os autographos da petição e desta carta, com a letra do punho do dr. João Severiano, irmão de Deodoro.

---

(14) Serzedello Corrêa no já citado artigo "Incidente parlamentar", referindo-se ao occorrido por essa occasião, assim se pronunciou:

"Fii depois desta demissão (do ministro Alfredo Chaves), quando o novo ministro da Guerra fez constar que mandaria cancellar as notas se o re-

queressem os officiaes, que o general Deodoro entendeu que não deviamos continuar á questão porque descambava ella para o capricho.

Entendia s. ex. e da opinião de s. ex. havia muita gente, que os avisos illegaes tinham sido annullados e a satisfação ao exercito estava dada com a demissão do ministro e que a retirada das notas devia ser requerida pelas partes".

O coronel Ernesto da Cunha Mattos, na serie de artigos, "Reminiscencias", publicados pelo "Jornal do Commercio", em 1903, escreveu:

"A primeira pessoa que nos falou do trancamento de notas foi o dr. Benjamin Constant, no escriptorio do sr. Alfredo Madureira, á rua do Carmo.

O dr. Benjamin disse-nos (a mim e a Madureira): "Os senhores são uns turbulentos, que querem fazer a republica; devem requerer o trancamento das notas".

O meu finado amigo Madureira acudiu promptamente em termos violentissimos, o que occasionou a dissolução da reunião.

Appello para o sr. dr. Alfredo Madureira, e peço declare se falto á verdade".

O dr. Alfredo Madureira, coagido a intervir na polemica, fez a seguinte declaração, pela mesma folha:

"O facto que s. ex. (coronel Cunha Mattos), referiu hontem é verdadeiro.

Effectivamente Benjamin Constant entendia que os officiaes censurados deviam requerer o trancamento das notas, o que Senna Madureira, a quem ninguem excedia em brio e pundonor, retorquiu que não o faria".

A' vista desta declaração, Serzedello Corrêa teve de, pela mesma folha e serie de artigos, "Reminiscencias", dizer a verdade inteira, como se verifica da seguinte declaração:

"Nessa occasião já o governo, depois da consulta ao Conselho de Estado e em celebre aviso, definira o direito dos militares na imprensa, de tal modo que as censuras ficavam sendo descabidas e contra a lei. Foi então que muitos, entre esses, Deodoro e Benjamin, julgavam que deviam os officiaes requerer o cancellamento das notas".

---

(14) Do já referido artigo "Incidente parlamentar", de Serzedello Corrêa, extraimos os seguintes trechos:

"Houve divergencia; s. ex. (o general Deodoro), mostrou-se contrariado e desgostoso. Dias depois auxiliados poderosamente por alguns parentes do marechal que combatiam juntos de s. ex. a intervenção de amigos, de politicos e mesmo de outros parentes, fizemos uma reunião particular em casa do dr. João Severiano (irmão de Deodoro), e ahi em conversa comnosco, interveiu tambem o almirante Mello, com amizade e a maior consideração ao chefe sem o qual pensavamos convictamente nada poderiamos fazer para ponderar-lhe que ficavamos mal não continuarmos, tanto mais quando Madureira recusava-se terminantemente a requerer o cancellamento das notas. Dessa opinião fomos todos.

O marechal deu nessa occasião mais uma prova do seu amor aos camaradas; ce deu de sua opinião, concordou e fez o honrado general Simião a declaração que foi publicada no "O Paiz". E essa posição nos foi tanto mais agradavel quando é verdade, que tendo referido que certos elementos lhe faltavam, s. ex. contava apenas comnosco em occasião em que s. ex. bem comprehendeu que os acontecimentos podiam nos levar á revolução.

Da já referida publicação do "Correio da Manhã", de 4 de junho de 1922, transcrevemos esta outra carta do general Deodoro ao capitão João de Castello:

"Castello. — A quéda do Chaves me levou a crêr que a questão terminasse. O tio João (barão de Cotegipe), porém, depois de encolher-se, apparece com perseguições suppondo que estamos em debandada.

Fui á imprensa, "O Paiz", com uma declaração de que continuamos na mesma attitude e hoje escrevo ao Pelotas para que faça ahi uma reunião presidida por elle, adherindo ao procedimento que aqui tivemos.

Estou quasi bom. Lembranças aos companehiros. Do amigo velho. — *Deodoro*".

Do visconde de Pelotas e datadas de Porto Alegre, 23 de março e 16 de abril, o general Deodoro recebeu as seguintes cartas:

"Illmo. exmo. sr. marechal Deodoro. — Accuso o recebimento da sua cartinha de 11, estimando que se encontre em franca convalescença.

Vi no "O Paiz", a sua declaração que muito nos satisfaz. Comprehendo bem que não podemos mais parar sem que seja resolvida honrosamente a questão; porque isso importaria em recuar, trazendo como consequencia o nosso anniquilamento moral.

O nobre procedimento que tem tido eleva-o tanto na consideração e respeito dos seus camaradas, que nisso deve encontrar a remuneração dos seus sacrificios.

Delles tem recebido todas as provas de seu reconhecimento, mesmo com o perigo de serem perseguidos por este governo desacreditado, como já o sentiram alguns.

Deve ter recebido a declaração de adhesão á moção que apresentou ao Imperador, não lhe tendo sido de toda a guarnição da provincia pela demora de communicações pelo correio, não podendo ser feita pelo Telegrapho que está ainda trancado aos militares.

Esperando que continue a proceder honrosa e altivamente como tem feito, abraça-o quem é com muito apreço de v. ex. velho camarada e amigo affectuoso. — *Visconde de Pelotas*".

Dada a solução a questão de principios pela annullação dos avisos, e a demissão do ministro como uma satisfação á dignidade do exercito, era natural que o espirito de s. ex. affecto a lei e a ordem, e com a responsabilidade de tudo e até de uma revolução, que s. ex. o chefe entendesse que deviamos parar, e que por uma razão de amor proprio dos dois officiaes que deviam requerer o cancellamento das notas, não fossemos até ás bordas do precipicio.

Do visconde de Pelotas que tão brilhante papel representou ouvi eu, a declaração de que sem (Deodoro), nada poderiamos resolver".

"Illmo. exmo. sr. marechal Manoel Deodoro da Fonseca. Respondo á carta de v. ex. de 3 deste mez, e sciente do procedimento honroso que tem tido, e continuará a ter diante da questão militar, só tenho applausos aos seus actos.

Partirei á WU deste mez, e si até esse tempo nada estiver resolvido, como provavelmente não estará, combinaremos ahi no que convier fazer.

Se a maioria dos officiaes dessa guarnição não se quizerem pronunciar acompanhando-o, que soffram então as consequencias da sua fraqueza, ficando assim provado que merecem bem o despreso com que os vê o governo.

Penso que, tendo-se dado o primeiro passo, não se póde mais recuar, nem parar, sob pena de ficar o exercito em posição falsa e humilhante, que trará como consequencia inevitavel o seu completo desprestigio.

Os ministros insensatos que têm estado na direcção da pasta da Guerra, e infelizmente têm sido muitos, que se compenetram uma vez por todas que o exercito tem consciencia dos seus direitos e deveres, não podendo por tanto consentir que o governo os confunda com os famulos das fazendas de café. Quando este infeliz paiz tiver ministros como foram José Clemente, Caxias, Manoel Felizardo e outros, estas scenas não se reproduzirão. Mas, onde estão elles? Quando apparecerão? Como é triste meu amigo, este presente comparado com aquelle passado!

Esta já vae longe demais. Sou com muita consideração e elevado apreço. De v. ex. velho camarada e amigo affectuoso. — *Visconde de Pelotas*".

CONTINUA A QUESTÃO MILITAR

Logo que o visconde de Pelotas chegou á Côrte, em principios do mez de maio, tiveram começo no Senado longos e vivissimos debates; nem o visconde de Pelotas cedia uma linha de sua reclamação em nome do exercito, nem o barão de Cotegipe, sob a pressão das ameaças, modificaria a resolução do governo. Ambos declaravam que isto era ponto de honra.

No dia 11 desse mesmo mez, o visconde de Pelotas dirigiu a seguinte carta ao general Deodoro:

"Exmo. collega e amigo sr. marechal Deodoro.

Sei que hoje devem reunir-se em sua casa alguns camaradas nossos, para concordarem no que convêm fazer em relação á questão militar, em que está envolvida a dignidade e direitos do Exercito.

Tencionava lá ir tambem, mas estou doente e impossibilitado de caminhar.

Peço-lhe que declare, que estou na mesma posição em que estive sempre.

Deliberem, e estou certo que o farão com todo o criterio e energia.

Sou como sempre de v. ex. velho camarada e amigo affectuoso. — *Visconde de Pelotas*".

No dia immediato á reunião na residencia do marechal Deodoro este e o visconde de Pelotas resolveram fazer, a 14, um ultimo appello, firmando o "ultimatum" "Ao Parlamento e á Nação", que reproduzimos áparte.

Dois dias depois da publicação do "ultimatum", o visconde de Pelotas convocou uma reunião em sua residencia (Grande-Hotel), a qual compareceram Deodoro, Madureira, Benjamin e outros officiaes.

Nesta reunião, combinou-se levar a effeito um movimento militar, caso o governo ainda persistisse em manter a sua teimosia após uma ultima tentativa que seria feita pelo visconde da tribuna do Senado, no dia seguinte, 18.

O barão de Lucena, amigo dedicado do general Deodoro, tendo conhecimento do occorrido, apressou-se em procurar o conselheiro João Alfredo, que nessa occasião já estava sendo lembrado para organizar ministerio em substituição ao de Cotegipe. (15).

---

(15) Na serie de artigos sob o titulo "Reminiscencias", publicados em 1903, o barão de Lucena escreveu:

Quando em 1887 o sr. Lucena, de novo voltou ao Rio para os trabalhos parlamentares, encontrou a situação muito tensa.

No correr dessa sessão, numa quinta feira, fui chamado de parte pelo barão de Cotegipe para receber aviso das inquietações do governo, avisado com muito fundamento de que o general Deodoro tramava com os seus camaradas. O presidente do Conselho pedia-lhe que procurasse o seu amigo e o aconselhasse dissuadindo-o de algum passo perigoso. O sr. Lucena não perdeu tempo e foi procurar o general na praça Onze de Junho, onde elle morava.

Chamou-o ao seu gabinete, abriu uma gaveta e espalhou sobre a mesa uma porção de folhas de papel exclamando: "Leia!"

Eram adhesões de todas as guarnições do Brasil em que as mesmas se punham ás suas ordens e lhe davam poderes para obrar como conviesse. Num relance, o sr. Lucena teve idéa da gravidade da situação.

De volta, o sr. Lucena tudo referiu ao presidente do Conselho e este immediatamente resolveu convocar para o dia seguinte uma conferencia do Ministerio, pedindo que avizasse ao sr. João Alfredo, bem como ao sr. Paulino de Souza.

O sr. João Alfredo logo avaliou a modificação que factos tão graves poderiam determinar e não occultou que dahi poderia resultar a sua chamada ao poder. Mas como aceitar tão pesada tarefa presistindo os motivos que punham o Ministerio em crise?

O que Deodoro e os militares exigiam era que o Ministerio da Guerra retirasse os avisos de censura aos coroneis Cunha Mattos e Madureira. O governo não podia submetter-se a essa humilhação e já transigia promet-

tendo fazel-o se aqueles officiaes requeressem. Era essa a interrogação do sr. João Alfredo. Se esse requerimento fosse feito, seu caminho estaria desbravado. Deferil-oia, como o proprio Cotegipe já estava disposto a fazer.

Pediu então o chefe pernambucano que o seu companheiro de representação se incumbisse de averiguar préviamente esse ponto perguntando ao general Deodoro se os seus companheiros faziam a petição suspirada.

Diga-lhe que sim, respondeu o general. A elle requererão ao Cotegipe nunca.

O conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, pela mesma folha e serie de artigos, "Reminiscencias", assim se pronunciou:

"Tres vezes fui prevenido para organizar ministerio. A terceira foi em 18 de maio do mesmo anno.

A' noite, achavam-se em minha casa alguns amigos, e entre elles o sr. barão de Lucena, quando recebi, por uma ordenança, o seguinte bilhete:

"Amigo sr. João Alfredo. — Peço de comparecer aqui na secretaria. — **B. de Cotegipe**".

Antes de eu ir ao chamado, eu disse ao sr. barãi de Lucena que a situação era gravissima; que o visconde de Pelotas tinha apresentado seu "ultimatum" com uma condição de que não prescendia, e o barão de Cotegipe recusava a todo o risco; qut elle fosse vêr se vencia ou modificava a resistencia de seu amigo e nosso correligionario politico marechal Deodoro. O sr. barão traria á minha casa a resposta que obtivesse".

Eis a resposta do barão de Lucena: — "Alfredo. — Dou-te conta da minha commissão, e não te espero, porque já é tarde e não sei quando voltarás.

O Deodoro assegura que, se fores chamado a organizar gabinete os officiaes requererão o cancellamento das notas, mesmo porque querem provar que o Exercito não é indisciplinado, e que, se se collocou na posição em que se acha, tornando-se incompativel com o actual gabinete, não foi por culpa sua. Assegura ainda que, dada a mudança, o governo deverá considerar terminada a questão, e poderá contar inteiramente com o Exercito. — Adeus, Compadre e amigo. — **Lucena**".

O visconde de Ouro Preto pelo mesmo jornal e serie de artigos "Reminiscencias", escreveu:

A's 6 ou 7 (de 19 de maio), recebi do barão de Cotegipe a carta que abaixo transcrevo e cujo original confio ao redactor.

A's 10 horas, no aposento do sr. visconde de Pelotas, redigimos a moção que submettemos á correcção do sr. Cotegipe, em carta levada pelo portador posto por s. ex. ás minhas ordens. Eis a carta do barão de Cotegipe. — "Confidencial — Chegando a casa perto das 5 horas, por ter-me demorado no Senado, para revisão de discursos, soube por minha filha que v. ex. me havia procurado e deixado um recado que "comprehendi". Agradeço a v. ex. o incommodo que tomou, o que eu faria pessoalmente, se não tivesse de ir á Tijuca, e como não sei a que horas regressarei, julgo conveniente communicar desde já a v. ex. o seguinte: O Ministerio aceita o meio lembrado por v. ex. mas parece-me que devemos accordar préviamente nos termos da moção; e quem melhor a póde redigir do que v. ex.? E' o que lhes peço. Não approvo que della se possa concluir que o Senado se constitua procurador para requerer em nome de terceiros. Zelando tanto a dignidade deste quanto,

O visconde de Ouro Preto e o conselheiro Gaspar da Silveira Martins combinam com o presidente do conselho, barão de Cotegipe, os termos de uma moção, que, votada pelo Senado, no dia 20, resolveu pacificamente a questão.

Na "Gazeta da Tarde", do dia 16 do mesmo mez, com o titulo "Questão Militar", lê-se:

"A Camara dos Deputados negou hoje a urgencia requerida pelo sr. Maciel, afim de que se ouvisse o sr. ministro da Justiça, sobre o manifesto firmado pelos generaes Pelotas e Deodoro publicado, no "O Paiz", de sabbado. Entre os que votaram a favor conta-se o sr. ministro da Justiça. Desta fórma peois, como em aparte disse o sr. Affonso Celso Junior, a maioria deu um chéque no governo".

UMA CARTA DE SENNA MADUREIRA

Ainda, é da mesma publicação do "Correio da Manhã", de 4 de junho de 1922, transcrevemos a seguinte carta do tenente-coronel Senna Madureira, ao capitão João de Souza Castello:

"Presado camarada e amigo. — Recebi a vossa estimada carta de 22 do mez findo.

Comvosco e com os nossos distinctos camaradas da guarnição do Rio Grande do Sul, jubiloso me congratulo tambem pelo brilhante e pacifico desenlace de nossa questão.

E ninguem mais do que essa briosa officialidade de Porto Alegre tem direito á gratidão da classe militar, pela altura a que elevou o pleito de honra que travou com o ex-ministro da Guerra.

A ella deve-se, póde-se dizer, o triumpho da classe.

Peço-lhe que seja o interprete de meus sentimentos junto aos nossos dignos camaradas, de cujas provas de estima e apreço conservarei sempre as mais gratas recordações.

Estou encarregado de, com o general Deodoro e o dr. Benjamin Constant, organizar os estatutos dos centros ou clubs militares, que desejamos fundar aqui e em todas as guarnições importantes, no intuito de unir a classe para a defesa de nossos interesses communs e prepararmo-nos para a luta que teremos de sustentar contra as bécas. Esta já se desenha no horizonte...

---

zelo a do governo, desejo que a de ambos fique intacta. Leu o que diz o "Paiz"? E' natural que "desaponte" e, por isso, já de prevenção ataca os partidos e o parlamento. A razão é clara; perde a moção de embarcar a Republica, "em aguas revoltas". Sou, com particular estima de v. ex. collega e amigo attento — **Barão de Cotegipe**".

Communique e congrace ahi os nossos camaradas no sentido de acolherem favoravelmente a idéa.

Saudações ao Flôres e mais amigos e acceite um reconhecido aperto de mão e um abraço de seu camarada e amigo que muito o aprecia. — *Senna Madureira*".

FUNDAÇÃO DO CLUB MILITAR E A CANDIDATURA DE DEODORO A SENADOR

Sob o titulo "Fundação do Club Militar da Côrte", os jornaes do Rio de Janeiro, de 26 de junho de 1887, noticiaram:

"Hontem, á noite, numa das salas do Club Naval, realizou-se a sessão do Centro Militar, sob a presidencia do general Deodoro. Depois de pequena discussão, foram approvados os estatutos apresentados pela respectiva commissão, nomeada anteriormente. Entre as diversas disposições, esta consignada a seguinte:

O Centro envidará todos os esfor no sentido de obter que os officiaes da armada possam pertencer á Irmandade da Cruz dos Militares; mas, no caso de não conseguir isto promoverá a criação de Monte-Pio.

Por proposta do sr. barão de Jaceguay, foi incluida nos estatutos uma disposição sobre a criação de uma Revista que propugne pelos interesses da classe militar, entre os quaes estão a necessidade de ordenanças para o exercito e armada, a necessidade da abolição da pena de açoites nesta classe, etc.

Depois da approvação dos estatutos, o sr. capitão Serzedello Corrêa propoz que se convocasse uma reunião para organização da chapa militar dos candidatos á senatoria pelo Rio de Janeiro.

O sr. dr. Benjamin Constant fez considerações, no sentido de provar que era necessario ouvir-se previamente a opinião do sr. general Deodoro, já acclamado, sobre as idéas que actualmente mais agitam o espirito publico, as da abolição, e das franquias provinciaes e municipaes, do casamento civil, da separação da egreja do Estado, da secularização dos cemiterios, etc.

Sustentou que esta candidatura não devia ter espirito partidario, mas representando exclusivamente grande somma de interesses publicos abandonados; e accrescentou que, sem nunca ter votado, exerceria pela primeira vez esse direito, suffragando o candidato que acceitasse um programma compendiando aquella série de idéas que apontou.

O sr. general Deodoro disse que só com grande sacrificio acceitaria a posição que lhe era imposta pelos seus camaradas; cumprindo esse dever, antevê o dia que terá

de abandonar a cadeira parlamentar, desmoralizada numa e noutra casa do poder legislativo.

Declara que não é de hoje, mas de ha muitos annos, é adepto das idéas enunciadas pelo dr. Benjamin Constant. Que acceita aquelle programma, e que não está ligado a nenhum partido, nem os comprehende em sua modalidade actual".

NESTE INTERIM, PARTE PEDRO II PARA A EUROPA

A 30 de junho, d. Pedro II, partiu para a Europa, em busca de alivio á cruel enfermidade deixando d. Isabel como regente do Imperio.

O QUE PENSAVA DEODORO DESTA SUA CANDIDATURA

Entre os autographos do punho do general Deodoro, deparamos com a seguinte minuta, datada de 30 de junho:

"Eleição senatorial. — Companheiros de armas e amigos exigem de mim a acceitação publica de meus serviços referentes á proxima eelição senatorial pelo Rio de Janeiro. Muito embora esteja convencido de que meus companheiros e amigos não alcançarão, por falta de precisa votação, levar-me ao resultado desejado todavia, a sinceridade do offerecimento obriga-me a manifestação publica de gratidão e ao dever de não recusar a graça com que cheios de benevolencia, me querem honrar". (17).

---

(17) Na "Gazeta da Tarde", do dia 11 de julho de 1887, lê-se:

"Como se sabe, entre nós o direito do voto ainda está sequestrado; por cem pessoas da população só uma vae depositar nas urnas o stu boletim.

Isto será tudo, menos representação nacional, e sem esta circumstancia alentariamos a esperança de ver amanhã o nome do marechal Deodoro da Fonseca, cingido pela aureola da estima e da confiança dos seus concidadãos, como ha poucos annos em França saiu eleito senador o major Labordére que, pela sua attitude, fizera abortar um gólpe de Estado que se premeditava.

Julgamos, pois, que é um dever de todos os eleitores, que não estiverem com o governo, votar no marechal Manoel Deodoro da Fonseca, que representa as glorias do Exercito e que encarna o civismo de uma nação que quer ser livre e que despreza os governos despoticos, filhos das machinações dos palacios.

Cumpra cada qual o seu dever, pondo a honra e o patriotismo acima dos interesses estreitos dos partidos, e teremos escripto na historia do nosso paiz uma pagina, que honrará a actualidade e que fará jus ás bençãos dos posteros.

DEODORO E A PROPAGANDA ABOLICIONISTA

A propaganda abolicionista, notadamente no seio da classe academica, toma incremento e o governo como que irritado começa a praticar violencias.

O general Deodoro, como se verifica do seguinte documento, toma a defesa dos alumnos da Escola Militar do Rio Grande do Sul:

"Exmo. sr. conselheiro barão de Cotegipe. — Rio, 27 de setembro de 1887.

Os diarios de hontem dão noticia de que 42 alumnos alumnos da escola Militar do Rio Grande do Sul estão presos e respondem a Conselho de Investigação, por terem pessado um telegramma de congratulações ao sr. dr. Nabuco.

O marechal Deodoro é, a todos os respeitos, digno das homenagens dos seus concidadãos, pertençam elles a que partido pertencerem.

A patria e os seus servidores leaes acima de tudo!

Na mesma folha do dia 18 de julho, sob a epigraphe "A Eleição", lê-se:

"O sr. presidente do Conselho não póde estar satisfeito com o resultado da eleição de hontem.

Não podia ser mais significativa a demonstração de hostilidade do seu proprio partido, que abandonou os candidatos officiaes aos interesses da escravidão, e absteve-se de assumir responsabilidade de uma politica sem horizontes patrioticos.

O eleitorado do municipio neutro, por exemplo, é de mais de sete mil eleitores e, no emtanto, a chapa do governo seuniu apenas mil duzentos e poucos votos pasa o candidato mais votado. Ques dizer que sómente uma insignificante minoria entendeu que valia a pena is ás usnas, e isto quando é sabido tsatah-se de om eleitorado na sua maioria compostos de empregados publicos.

Como simples pretexto para uma demonstração civica ao general Deodoro, para aientuar simplesmente que não eram só os seus iompanheiros de armas, porém todos os iidadãos independentes, os que haviam applaudido a attitude patriotiia do soldado brioso ante um governo sem escrupulos, autoritario e vingativo, tão subserviente para com os fortes, como prepotente para com os indefesos, apresentou-se á candidatura do marechal glorioso á ultima hora.

O candidato militar tomou como signa a abolição da escravidão, isto é, a que mais irrita os adversarios e a que mais força dá ao governo.

Sem nenhum trabalho eleitoral, que era impossivel, dado o pouco tempo, a candidatura é aventurada ás urnas e entre o sr. Andrade Figueira, que é o primeiro cardeal do Vaticano Negro, e o sr. general Deodoro, no municipio neutro, a differença é apenas de 300 votos; e entre o general Deodoro e o sr. Pereira da Silva, candidato perpetuo do Partido Conservalor, menina dos olhos mumifícada de todos os governos, a differença é sómente até agora de 91 votos.

A votação do general Deodoro é um symptoma tão grave, que não póde ser levado ao ról das coisas sem valor governamental".

Nesse telegramma que apenas fazem conhecidas as crenças politicas de seus autores não ha a menor offensa ao governo.

Sómente espirito partidario mui feroz ou, o que é mais triste, o baixo desejo de agradar e chamar a attenção, podiam enxergar crime nesse acto que, permittido a todo o cidadão, não foi ainda prohibido ao soldado.

Crente de que v. ex. já estará aborrecido do modo menos digno com que uns tantos suppõem melhor servil-o, ouso esperar que attenderá á minha justa reclamação.

Sou com a maior consideração e subido respeito. De v. ex. Attento venerador, amigo, criado obrigado. — *Manoel Deodoro da Fonseca*".

O EXERCITO SE RECUSA A CAPTURAR ESCRAVOS FUGIDOS

A 25 de outubro, o Club Militar, dirigiu uma mensagem (Petição do Exercito), á princeza Imperial. (18).

Entre os autographos do punho do general Deodoro, encontra-se a minuta do seguinte officio, ou carta, que, juntamente com a petição, foi entregue pelo general ao ajudante general do Exercito, visconde da Gavea:

"Illmo. exmo. sr. marechal do Exercito visconde da Gavea. — Não é tanto pela voz da caridade, da humanidade,

---

(1) A "Federação" de Porto Alegre, em um dos numeros do mez de outubro, escreveu:

"Inseriu hoje o nosso collega do "Jornal do Commercio", um telegramma que, confirmando communicação anterior, noticia que foi publicada a petição apresentada á princeza pelo general Deodoro em nome do Club Militar, afim de que a regente não consinta que os militares sejam incumbidos dos serviços de perseguir escravos fugidos.

Essa petição, que equivale a um respeitoso protesto inspirado pelo sentimento de honra, é a expressiva manifestação de que esse club e seu digno presidente tem consciencia dos deveres que decorrem do serviço militar e não se resignam a ver desnaturadas as funcções da sua classe pelo desempenho da missão degradante que o escravagismo official tenta impor.

Póde-se mesmo dizer que si o barão de Cotegipe, tendo sempre presente ao seu atilado espirito a tremenda humilnação atravez da qual ficou moralmente deposto pelo exercito o seu governo, intentasse exercer uma vindicta não parcialmente como vae fazendo mas de modo geral ou completo de sórte que a desforra abrangesse a honra da colectividade, não poderia se utilizar de um processo mais efficaz do que esse que consiste em transformar o exercito em vasto repositorio de capitães do matto e de caçadores de escravos.

Por isso mesmo, sómente provoca merecidos applausos como faz nonra ao exercito a petição apresentada á regencia pelo illustre general Deodoro em nome do Club Militar do Rio de Janeiro.

da justiça, e da razão que o Club Militar, de que sou orgão dá esse passo. Não é tanto pela redempção dos captivos que, hoje, oppôr barreiras á forte corrente abolicionista é imprudencia, hoje que se faz ouvir a voz da egreja de Christo, hoje que os supremos ministros de Deus-homem, de Deus da caridade, afinal, falam o que desde ha muito deviam clamar.

Não é tanto pela injustiça clamorosa do morticinio decretado a homens que buscam a liberdade sem combates nem represalias; é pelo papel menos decoroso, menos digno que se quer dar ao exercito.

O exercito é para a guerra leal, na defesa do throno e da patria; para outros affazeres que necessitam força armada, ha a policia que alistou-se para esse fim.

A v. ex., pois, venho pedir que se digne dar andamento ao requerimento junto, que tenho a honra de passar ás mãos de v. ex., porquanto o serviço — pega negros fugidos, — pelo exercito, se para uns é facil e agradavel, para outros é repugnante e póde tornar-se improficuo; neste segundo caso, cuja verdade é o não cumprimento de ordens, embora salvas as apparencias, ha prejuizos, perda da força moral e inconveniencia á disciplina, comquanto seja a falta commettida de difficil, senão de impossivel prova.

o serviço — pega negros fugidos, — é congenere, em tudo e por tudo, ao antigo — captura de negros novos, — em que tambem não havia cumprimento de ordens, sendo a differença unica essa de que então as ordens eram dadas no sentido de falhar a deligencia, e o resultado quasi sempre era o contrario, fazia-se a captura; hoje quer-se a captura e o resultado será a falha.

Dir-se-á que nada temos com isso; é um engano, porque somos soldados e vemos as mesmas inconveniencias disciplinares e perseguições como as que se davam antigamente, quer em relação ao não cumprimento de ordens, quer sobre a acção contra o official que fazia a captura não desejada.

V. ex. tenha paciencia e acceite o requerimento, onde aproveito a occasião para patentear a adhesão e fidelidade ao nosso bom e desejado Imperador e á sua dynastia, que sómente comnosco, com o Exercito e Armada, póde e deve contar. De v. ex. atto. amigo e camarada muito grato. — Marechal de campo *Manoel Deodoro da Fonseca.* — Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1887".

O MINISTERIO JOÃO ALFREDO E A ABOLIÇÃO

A 10 de março de 1888, subiu ao poder o ministerio João Alfredo.

A 13 de maio, a princeza Imperial promulgou a lei que declarou extincta a escravatura no Brasil, e, a 17 do mesmo mez, o general Severiano da Fonseca recebeu a seguinte carta do Ministro da Guerra:

"Illmo. exmo. sr. — Sendo v. ex. designado para exercer interinamente o cargo de ajudante general do Exercito, assim o communico a v. ex., afim de que assuma quanto antes o exercicio do mesmo cargo.

Deus guarde a v. ex. — *Thomaz Coelho de Almeida.* — Sr. conselheiro de guerra Severiano Martins da Fonseca".

O IMPERADOR REGRESSA DA EUROPA

A' 22 de agosto d. Pedro II chegou da Europa.

O VOTO DE ADHESÃO" DA OFFICIALIDADE DO 13.° DE INFANTARIA AQUARTELLADO NO RIO GRANDE DO SUL

Quanto mais intensa a propaganda republicana no Rio Grande do Sul, a officialidade do 13.° de Infantaria aquartellado em Porto Alegre, numa publicação nos jornaes do dia 10 de setembro, com o titulo "Voto de adhesão", — dirigiu um appello á população no sentido de angariar adhesão para um album popular que seria offerecido a ss. mm. Imperiaes.

No jornal, "A Federação", do dia 12 do mesmo mez, os alumnos da Escola Militar de Porto Alegre, tambem numa publicação — parodiando o que aquelles escreveram — e com o titulo "Voto de Caridade", dirigiram um appello á população no sentido de angariar donativos para auxiliar uma obra de caridade encetada pelo virtuoso padre Cacique. (I)

VOTO DE CARIDADE

"A commissão abaixo assignada, eleita pelos alumnos da Escola Militar, afim de tratar dos negocios relativos ao "Auxilio" para o Asylo de Mendicidade, deliberou:

1.° — Expedir novas listas que serão rubricadas pela mesma commissão, sendo brevemente indicadas as estações

(1) Domingos do Nascimento, alumno dessa escola, no correr do mesmo anno dirigiu algumas cartas a seus amigos narrando as occurrencias diarias.

onde ellas se acharem á disposição dos habitantes desta capital.

2.º — Depositar na Caixa Economica em nome do padre Cacique de Barros, as quantias que foram arrecadadas, sendo em seguida publicadas pela imprensa os nomes dos inscriptores e as quantias inscriptas.

3.º — Pedir a quem interessar pelo "Auxilio", o favor de dirigir-se a qualquer de seus membros.

4.º — Finalmente: Declarar que para a recepção das quantias angariadas ficam encarregados os membros Clodoaldo da Fonseca e João Maria Macalão.

Porto Alegre, 17 de setembro de 1888.

A commissão — Clodoaldo da Fonseca — João M. Macalão — Aristides Sampaio — Ignacio Camargo".

IMPORTANTES DECLARAÇÕES CONTIDAS EM CARTAS DE DEODORO A SEU SOBRINHO CLODOALDO

Nessa occasião, e com o fim de aconselhar prudencia e moderação, o general Deodoro dirigiu as seguintes cartas ao seu sobrinho, alumno dessa escola:

"Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1888 — Tua carta n. 31, de 15 deste mez, está recebida e assim tambem o "Mercantil", de 12 e a "Federação", de 12 e 13.

O "Voto de Adhesão" do 13.º batalhão é um verdadeiro e refinado disparate; se isso seria em corpo da guarda nacional da roça, quanto mais em um corpo de 1.ª linha!

O "Voto de Caridade", foi uma offensa e insulto a camaradas, a superiores, á uma corporação, militar: Quem tem tanto brio como tu não deve ferir os brios de outrem.

"Republica no Brasil é coisa impossivel, porque será verdadeira desgraça.

Quem quer Republica, quer que o Brasil seja dos Gaspares, Cotegipe, Paulino de Souza, etc.

Os brasileiros estão e estarão muito mal educados para "republicanos": O unico sustentaculo do nosso Brasil é a monarchia; se mal com ella, peor sem ella.

Todos os nossos bons. — Teu Manoel.

"Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1888.

Tua carta n. 32, de 30 de setembro findo e os numeros da "Federação", de 15, 18 e 21, bem como o da "Folha da Tarde", de 27 tudo do mesmo mez, foram recebidos hoje.

Estimo que o "Auxilio" prospere e que passe a má impressão do seu principio, que foi pessimo pela referencia de occasião.

Não te mettas em questões republicanas, porquanto, Republica no Brasil e desgraça completa é a mesma coisa;

os brasileiros nunca se prepararão para isso, porque sempre lhes faltará educação e respeito para isso.

Nem todos são homens da tempera do grande Julio de Castilhos, a quem darás lembranças e apresentarás meus respeitos. — Teu Manoel.

TENTA FUNDAR-SE O "CIRCULO DOS OFFICIAES DO EXERCITO"

Com a data de 20 de outubro, o general Deodoro recebeu a seguinte circular:

"Illmo. exmo. sr. marechal Manoel Deodoro da Fonseca.

Commissionados pelos signatarios das inclusas bases, para a organização do "Circulo dos Officiaes do Exercito", temos a honra de convidar a v. ex. para fazer parte do mesmo "Circulo" esperando a franca adhesão de v. ex. a uma idéa tão salutar aos interesses da nossa classe.

No caso de v. ex. annuir a este convite, pedimos seu comparecimento á sessão de installação, que se effectuará no dia 28 do corrente, ás 11 horas, em uma das salas da Bibliotheca do Exercito ou uma communicação por escripto de sua resolução, afim de poder ser v. ex. considerado desde logo, socio do mesmo "Circulo". — De v. ex. camaradas, attenciosos e obrigados. — Brigadeiro José Clarindo de Queiroz — Coronel Joaquim R. de Moraes Jardim — Coronel João Thomaz de Cantuaria.

Eis a resposta dada pelo general, como se verifica do autographo do seu proprio punho no verso da carta circular:

"Illmo. exmo. sr. Brigadeiro José Clarindo de Queiroz.

Foi-me entregue a carta circular de 20 do corrente mez assignada pela commissão presidida por v. ex. convidando-me para fazer parte do "Circulo dos Officiaes do Exercito", e esperando por minha adhesão e consequente comparecimento á sessão de installação que se effectuará no dia 28 do corrente mez, ou uma communicação por escripto sobre minha resolução á respeito.

Permitta-me v. ex. que em resposta declare que, existindo já o Club Militar cujo objectivo é o mesmo que pretendem, sem necessidade ou razão justificavel os installadores da nova e congenere associação militar, não devo concorrer para sua installação — Rio, 23 de outubro de 1888. — Marechal de Campo Manoel Deodoro da Fonseca".

---

(1) NOTA — Dentre os muitos civis, recordamo-nos de Artnur Josetti e Antonio Mostardeiro Filno, considerados do "Centro" pelo grande auxilio que prestaram: João Vianna. A. Nogueira, Portinho e outros, do alto commercio de Porto Alegre.

Algumas dessas cartas foram publicadas na "A Federaçãi", de Porto Alegre, e das mesmas reproduzimos os seguintes trechos:

"Um dia destes estavamos eu, Lins, Macalão, e mais alguns lendo enthusiasticamente a "Revolta", um jirnal revolucionario de Campinas, e o "Rebate", de S. Paulo, orgão de Julio Ribeiro. Como que todos tivemos ao mesmo tempo esta idéa: criar um jornal mais energico ainda do que aquelles, espalhal-o por todo o Rio Grande, de maneira que os gauchos despertassem e o éco dos nossos canticos de guerra á monarchia fosse ouvido nas casernas, como que fazendo ritinir as armas ensarilhadas e obrigando o soldado a pensar um pouco sobre os destinos da Patria.

Organizamos então um "Centro", jurando todos sustentar o jornal e sustentar a causa republicana em todos os terrenos. Dinheiro para publicar o jornal não havia; precisavamos de espalhar 5.000 exemplares, e o magro soldo de praça de pret era insufficiente. Fizemos então isto: Por portas travessas conseguimos de outros alumnos e paisanos algum dinheiro dizendo em segredi que lá fóra tratava-se de reimprimir a "Revolta" e o "Rebate", para serem distribuidos pela campanha. (1)

Só os do "Centro" sabiam a que fim estava destinada essa collecta. Ha muitos officiaes que concorrem, entre elles o capitão Flores.

Já todo o mundo sabia destas coisas; os commentarios aggravaram a situação; nós estavamos reunidos na typographia da "Federação", corrigindo provas, quando entrou o Ernesto Alves, chamou bruscamente ao Lins, ao Clodoaldo Fonseca e a mim, e nos fez ver o que havia. Disse-nos desesperadamente que todas as recriminações recaiam sobre sua esposa. Estava damnado de raiva contra os que não queriam comprehendel-o ou julgavam-no capaz de mostrar-se rebelde a qualquer acção em favor da Republica.

Neste mesmo dia o commandante das armas ordenou que no domingo (!) houvesse formatura geral para o batalhão (13 de infantaria); consta que chegara a dizer isto na praça da Alfandega, por occasião da retreta: "Amanhã, mando prohibir a conferencia republicana e prender os alumnos que lá forem"

Como constava que a reunião popular ia ser dissolvida pela tropa e capangada a soldo do governo, deviamos ir á paisana policiar os arredores do "Variedades", bem dispostos e bem armados promptos a repellir qualquer ataque aos republicanos.

Pelas 3 horas da madrugada de 4, saimos a destribuir a "Denuncia" por toda a cidade e arrabaldes. O resto dos exemplares já remettemos para o interior. O Eduardo Marques, gerente da "Federação", cobrou-nos apenas as despesas do papel e da impressão, o que nos tem sido de muita vantagem.

Pela manhã apparecia a "Denuncia" por baixo das portas sem ninguem saber como havia apparecido, de onde viera aquillo; e um rumor enorme, prolongado, espalhou-se por todos os cantos da cidade.

Na mesma tarde o "Mercantil" botou-nos a bicca, escrevendo um largo artigo sob o titulo "Pasquim"; vem com uma tempestade de apodos contra os "petroleiros"; pedia ao governo que prohibisse aquelle jornal e demittisse ao promotor publico por inepto e covarde; pedia mais. Que em cada canto de rua fosse erguida uma força para executar os traidores da Patria!

E' voz geral que a "Denuncia" partiu da escola, e já se conta a dedo os seus redactores... mas uns redactores fantasticos".

O INCIDENTE EUCLYDES DA CUNHA, NA ESCOLA MILITAR

No dia 3 de novembro, o alumno da Escola Militar da Côrte Euclydes da Cunha, tentou levar a effeito um movimento revolucionario projectado por alumnos republicanos.

No artigo com o titulo "Euclydes da Cunha visto através Gastão da Cunha" publicado no O JORNAL, de 6 de janeiro de 1925, lê-se:

"Elle me refere o incidente com Thomaz Coelho, na Escola Militar, a 3 de novembro de 1888.

Nunca fôra seu intuito desrespeitar o ministro. O acto que praticara, visava, antes, seus proprios companheiros da Escola.

E' assim que narra o episodio:

Havia entre elle e alguns seis ou sete collegas o conchavo de não apresentar armas ao ministro e dar vivas á Republica. Quando formaram os alumnos para a parada, já estes, amotinados, haviam afundado a coronhadas o assoalho da capella. Euclydes e os outros companheiros esperavam, portanto, que o seu movimento fosse seguido por todos os demais, que estavam preparados para qualquer tumulto revolucionario, de sorte a quarquer acto de indisciplina ou provocação subversiva ser secundado sem excepção por todos. No pelotão da frente se achava Lauro Muller, que é de se notar, ignorava a combinação. Logo após o pelotão deste, vinha um, sargenteado por um Doria, da Bahia, e, depois, o de Euclydes, que era o terceiro ou quarto na composição da brigada. Mas, á ordem de apresentar armas, falharam todos ao combinado; e Euclydes, num impeto de indignação contra a defecção dos companheiros, tira o sabre que trazia no cinturão (pois como sargento, não usava bayoneta calada) e intenta quebral-o no joelho. Não o consegue, atira-o ao chão, mas com todo o cuidado para que caisse junto de si. Absolutamente não atirou contra, nem na direcção do ministro.

O caso fez escandalo, Silveira Martins, presente, teve um movimento de erguer o guarda-chuva, como que quizesse defender-se. O commandante da Escola, Clarindo de Queiroz, approximou-se, então do ministro, dizendo-lhe que aquelle moço estudava muito e andava nervoso.

.....

Deante da formal recusa, foi Euclydes desligado da Escola e remettido para a fortaleza de Santa Cruz.

Ahi ficou um mez, até chegar á Santa Cruz um telegramma nestes termos: "Euclydes da Cunha, liberdade".

Foi acto do imperador, disse Euclydes. Saiu e matriculou-se na Polytechnica. Proclamada a Republica, voltou á Escola Militar á chamado de Benjamin Constant. (I).

O INCIDENTE ENTRE O 17.º DE INFANTARIA E O CHEFE DE POLICIA DE S. PAULO

A 22 de novembro, deu-se um conflicto entre o 17.º de infantaria aquartellado na provincia de São Paulo e o chefe de policia da mesma provincia. No noticiario da "Gazeta de Noticias" do dia 29 e no "O Paiz", de 30, lê-se:

"Realizou-se, hontem, a sessão extraordinaria do Club Militar, sob a presidencia do sr. general Deodoro.

Aberta a sessão, o sr. presidente nomeou uma commissão para dar ingresso á commissão do Club Naval e declarou o motivo da reunião.

Declarou ainda, s. ex. que os srs. conselheiro ministro da Guerra e o ajudante general do Exercito tomam o maior interesse pelo 17.º batalhão.

O sr. major Valladares fundamentou então a seguinte moção: "O Club Militar, adherindo ao protesto firmado pela briosa officialidade do 17.º batalhão de infantaria, em consequencia do conflicto provocado no interior do quartel do dito batalhão, pelo chefe de policia da provincia de S. Paulo, bacharel José Joaquim Cardoso de Mello Junir, confia no patriotismo do governo para que dê uma solução honrosa aos brios da classe militar. (I).

(I) — Em novembro de 1888, quando se deu esse incidente, Benjamin Constant achava-se á disposição do ministro Thomaz Coelho auxiliando os trabalhos da reforma do novo regulamento das escolas militares.

Em dezembro desse mesmo anno foi promovido, por antiguidade, a tenente-coronel e em janeiro do anno seguinte, 1889, obteve do ministro Thomaz Coelho, uma licença particular, com todos os vencimentos, para gozal-a em Lambary.

(I) Do artigo editorial do "O Paiz", de 27 de novembro de 1888, sob a epigraphe "Grave conflicto", extraimos os seguintes tópicos:

"Depois de reproduzir a narrativa dos successos de sabbado, e que hontem demos a conhecer ao publico desta capital, accrescenta "A Provincia", de S. Paulo, na edição especial a que alludimos:

"A impunidade do chefe de policia, invadindo illegalmente o quartel de linha, com o fim unico de desacatar a digna e correcta officialidade do 17.º batalhão, obrigou já o governo a usar de criminosas medidas, no intuito de desforrar-se das sympathias que a população desta capital, sem distincção de côr politica e de nacionalidades, tão solemnemente manifestou, quando se

A 30 do mesmo mez, o general Severiano da Fonseca, ajudante-general do Exercito, dirigiu um minucioso officio, com relação a essa occurrencia, ao ministro da Guerra Thomaz Coelho, e que tambem transcrevemos á parte. No dia 4 de dezembro o ministro dirigiu a seguinte carta a seu official de gabinete:

"Illmo. amigo sr. major Lins de Vasconcellos — Acabo de ser surprehendido com o officio do ajudante general solicitando sua exoneração.

"O Paiz", de hoje, insinua que essa autoridade fôra demittida a pedido. O general Severiano deve estar prevenido contra as intrigas e mexericos dos novelleiros que estão explorando o que elles chamam "nova questão militar".

O motivo de tal deliberação é a exoneração do chefe de policia de S. Paulo.

Sabendo que o general está doente, peço-lhe que o procure, de minha parte, manifestando minha grande surpresa. Póde assegurar ao conselheiro Severiano que o chefe de policia foi demittido por decreto de 1.° do corrente, não a pedido, mas por conveniencia ou a bem do serviço publico. Confio que, melhor informado, elle retirará o seu pedido de demissão, se o unico motivo por que o fez é, como diz

---

foi despedir daquelle batalhão, que recebera a caprichosa ordem de retirar-se desta capital.

Da redacção do "Diario Popular", falou o dr. Campos Salles, dizendo que aquella manifestação era altamente sympathica, porque não tinha caracter politico e era essencialmente popular, e que, se a hinra de qualquer cidadão merece-nos sagrado respeito, mais nos merece o soldado, que é o guarda da hoira nacional.

Em sua passagem, a multidão foi saudada pela redacção do "Federalista", que deu vivas ao Exercito Brasileiro, á officialidade do 17 e á população da capital.

O dr. Muniz de Souza, da redacção da "Gazeta do Povo", disse que o seu jornal era dedicado á defesa de todos os opprimidos, e que, vendo opprimida a força armada da Nação, era francamente por ella. Saudavá, pois, o Exercito. Em frente ao quartel, a população prorompeu em enthusiasticos vivas e acclamações ao 17.° batalhão de infantaria, á sua officialidade e ao Exercito Brasileiro.

O dr. Rangel Pestana saudou, então, em nome do povo paulistano, os officiaes e praças do 17.° batalhão, louvando-os pelos exemplos de disciplina e de patriotismo que sempre deram durante a sua permanencia nesta capital.

em seu officio, a demissão do chefe de policia. Hoje estarei cêdo na secretaria. (I).

Seu amigo obrigado — *Thomaz Coelho.* — Cosme Velho, 4 de dezembro de 1888".

(I) O dr. J. J. de Carvalho, na pagina 41 do seu livro, escreveu:

"No ministerio João Alfredo deu-se a questão do 17.º de infantaria, em S. Paulo, commandado pelo major Honorato Candido Ferreira Caldas, com o chefe de policia Cardoso de Mello. A questão não tomou vulto pela prudencia do finado ajudante-general, o barão de Alagoas, que conseguiu a demissão daquelle chefe de policia por conveniencia do serviço publico".

Anfrisio Fialho, nas paginas 94 e 95 de seu livro, escreveu:

"O ministro da Guerra mandou, effectivamente, retirar o batalhoã, realizando-se desta forma a ameaça feita pelo chefe de policia. Os officiaes appellaram para o ajudante-general Severiano Martins da Fonseca, barão de Alagôas (irmão do general Deodoro), o qual lhes prometteu justiça.

Os jornaes da opposição insinuavam que essa demissão, sendo a pedido do chefe de policia, não era uma satisfação dada ao batalhão que elle havia offendido. O ajudante-general tambem assim o entendeu, tanto que apressou-se a enviar sua demissão ao ministro da Guerra, o que complicava singularmente a questão.

Em tão difficil conjuntura, o ministro achou um meio termo, e fez saber, immediatamente, ao ajudante-general, por intermedio de um amigo commum e funccionario superior do Ministerio da Guerra, a quem escreveu esta carta".

O ex-chefe do serviço de engenharia junto ás forças expedicionarias coronel Alfredo Ernesto Jacques Ourique, na série de artigos que escreveu em fins de 1889, com o titulo "Assumptos Militares", assim se pronunciou:

"Em fins de 1888, suscitou-se grave questão territorial entre dois povos americanos, ambos fronteiros ao Imperio.

Tratava-se da occupação do Porto Pacheco, pequena enseada e povoação ámargem direita do Rio Paraguay, pela Bolivia.

A Republica do Paraguay, conhecendo a importancia desse entreposto, sobre o qual exercia posse, havia longos annos, além disso, julgando ferida a dignidade nacional, rompeu relações com aquelle Estado, exigindo em seguida, ao nossi governo que, em respeito á amizade tratada entre a Republica e o Brasil, tornasse effectiva a neutralidade do nosso territorio em caso de guerra.

Grave seria ainda, pois a violação da neutralidade poderia acarretar uma grande guerra sul americana, em que não é temerario affirmar-se envolveriam provavelmente o Brasil, Chile e a Republica Argentina.

Sem por em contribuição grandes cabedaes scientificos, bem se percebe que aberta a campanha, entre o Paraguay e a Bolivia pela questão do Porto Pacheco, aquellas tres nações a teriam em jogo interesses de tal quilate, que a ninguem fôra dado prever a que extremos as levariam.

Por occasião de se organizarem essas forças, encontrou o general commandante toda a desejavel facilidade na obtenção de recursos que lhe pareciam necessarias á ardua commissão que ia desempenhar".

DEODORO E' ENVIADO A MATTO GROSSO

Em fins do mez de novembro, o general Deodoro foi surprehendido com a noticia de sua provavel nomeação para o commando das armas da Provincia de Matto Grosso. Entre os papeis deixados pelo general João Severiano da Fonseca existe a seguinte minuta de uma carta, sem data, e por este dirigida a seu irmão:

"Deodoro — Ha combinação, entre ambos os partidos, conservador e liberal, para nullificarem o predominio militar seu e do Severiano, que nomearam por força de circumstancias, para não desgostarem o Exercito e impedirem você de reagir por seu irmão. Serra Frio, Celso e outros que não me lembro, em conversa na rua do Ouvidor, disseram que era fatal a necessidade de inutilizar a vocês dois, do contrario a espada dominaria sempre o governo e qualquer partido que estivesse de cima. E deixou as ordens por escripto. Você não volta ao Rio Grande; o seu amigo Ferreira Vianna foi quem o indicou para Matto Grosso. O Thomaz Coelho allegou que já estava o Bandeira de presidente, e o Vianna respondeu-lhe: "Por isso mesmo, vae sob as ordens delle, e o Bandeira saberá conduzil-o".

Hoje "O Paiz", declara que você vae como commandante das armas, isto é, ás ordens do presidente.

Você retirado, Severiano será forçado a pedir demissão, em vista das desfeitas que lhe farão (já houve a dos dois conselhos), e ou terá a demissão seccamente, ou, talvez, a bem do serviço publico. E isso será uma satisfação aos bachareis, pelo que muito se zangou o Andrade Figueira. E, demittido Severiano, e você retirado, os Clarindos, etc. etc., serão os chefes do Exercito, e, fique na certeza, terão por si os officiaes e tropa.

Não embarque sem instrucções por escripto, não embarque sem a nomeação independente do presidente.

E' questão de tudo ou nada; ou você continuará com o respeito, sympathias e admiração do povo, e o futuro é seu, ou é bigodeado, como uma criança, e será completamente abandonado".

PONDERAÇÕES DE DEODORO AO MINISTRO DA GUERRA, DECLINANDO DESSA COMMISSÃO

Entre os poucos papeis deixados pelo general Deodoro encontra-se a seguinte minuta de um officio, ou carta, do proprio punho do general, com a data de 10 de dezembro de 1888:

"Illmo. e exmo. sr. conselheiro Thomaz Coelho de Almeida — Propoz-me v. ex. para o cargo de commandante

das armas de Matto Grosso, e eu desejo corresponder, com a maior inteireza, á delicadeza e cavalheirismo com que v. ex. me tem tratado, e, mais ainda, dar-lhe provas de apreço pelo interesse e dedicação que tanto tem mostrado pela corporação a que pertenço, e acho de dever apresentar-lhe estas considerações.

Presentemente, que as Republicas do Paraguay e da Bolivia estão em litigio armado, que póde trazer como consequencia a intervenção da Argentina, por causa do territorio do Chaco, e complicações com aquella provincio, por invasão do territorio, o commando das armas de Matto Grosso assume outra importancia que ora não tem, por isso que, tendo de operar, será obrigado a fazel-o quasi independente do governo central, por se achar quasi completamente separado da Côrte.

Esse commando, em circumstancias normaes, até agora tem sido exercido até por coroneis e tenentes-coroneis, quasi sempre cumulativamente com a presidencia da Provincia; não parece bem que, em circumstancias extraordinarias, o seja por um marechal sem a presidencia.

Nestas circumstancias, em que sua responsabilidade se enormiza, é de todo o interesse que haja essa accumulação.

No primeiro caso, é um commando somenos e sem importancia, muito aquem da minha posição e com a aggravante de ser quasi conjuntamente com a nomeação de outro presidente, joven, intelligente, criterioso e meu affeiçoado, mas a quem terei de ficar subordinado e dependente.

No segundo caso, de forças em observação, ou operações, longe ou completamente separado da Côrte, o presidente nem sempre é um soccorro, antes sempre um tropeço.

Ainda, dado o caso da necessidade desse commando de força em Matto Grosso, está implicito o levantamento de forças no Rio Grande e no Paraná, e, então, o commando de Matto Grosso será uma especie de destacamento, um corpo avançado, operando isoladamente, como já o fez no Paraguay, e de importancia tão pequena, relativamente, que seus commandantes foram sempre coroneis, e isso em circumstancias muito mais graves, pois que iam combater duas invasões e conquistas: vou tirar a 16 brigadeiros o dierito desse commando; e eu não quizera roubar-lhes occasião de apparecer.

Entretanto, sr. conselheiro, para corresponder aos intuitos e bons desejos de v. ex., aceitarei tal cargo cumulativamente com a administração da Provincia e poderes para organizar tres brigadas, que tantas são necessarias: uma em Nioac ou Miranda, para guardar a fronteira do Apa; outra em Caceres, para guardar a fronteira aberta de Corixa, e a terceira, que será tambem apoio ou supporte, em Corumbá, guardando o rio e a fronteira de sudoeste.

Não convirá que essas brigadas sejam, desde sua origem, commandadas pelos commandantes dos corpos, e sim por seus chefes de direito.

No segundo caso que apresento, criadas as forças de observação, ou de operações no sul, essas commissões, que, sem duvida alguma, são de maior importancia que as de Matto Grosso, deverão ser exercidas por generaes superiores meus; do contrario, como v. ex. bem o póde avaliar, me desautorará.

Nestas circumstancias, satisfarei ao zeloso empenho de de v. ex., sem abatimento moral de minha parte, indo eu para o sul, e para Matto Grosso um dos 16 brigadeiros.

Aproveito a occasião para assignar-me de v. ex. affeiçoado e criado obrigado — *Manoel Deodoro da Fonseca*, marechal de campo".

INSTRUCÇÕES OFFICIAES PARA CUMPRIMENTO DE SUA MISSÃO

A 15 de dezembro, o general Deodoro foi nomeado commandante das armas e das forças de terra e mar em observação na provincia de Matto-Grosso e a 22 do mesmo mez o general recebeu o seguinte officio do ministro Thomaz Coelho, communicando a sua nomeação, naquella data, e dando instrucções a respeito da organização das forças expedicionarias, e a 24 ainda do mesmo mez, outro officio do ministro do Esterior, Rodrigo A. da Silva, com instrucções reservadas e de caracter diplomatico.

"Illmo. Exmo. Sr. — Interrompidas como se acham as relações diplomaticas entre a Bolivia e o Paraguay, pelos motivos de que v. ex tem conhecimento, o Governo Imperial embora animado de esperança de que as duas Republicas acharão meio de evitar a guerra todavia attendendo á circumstancia de ser o Brasil limitrophe daquelles dois Estados, deliberou tomar providencias, não só para que nossa neutralidade seja respeitada, mas tambem para a protecção eventual dos nossos interesses.

Para esse fim receberá v. exa. as necessarias instrucções do Ministerio dos Negocios Extrangeiros.

Nomeado v. exa. por decreto de 15 do corrente, Commandante das Armas da Provincia de Matto Grosso, o Governo Imperial deliberou encarregar especialmente v. exa. da reorganização das forças militares existentes naquella Provincia, que são agora augmentadas com o 1.º e 7.º batalhões de Infantaria, transferidos desta Capital para Corumbá, e bem assim de um contingente do batalhão de engenheiros com cincoenta e duas praças e de um piquete de cavallaria de trinto praças tlém dos respectivos officiaes.

Assumindo v. exa. o Commando das Armas e especialmente o de todas as forças militares em observação na Provincia de Matto Grosso, o Ministerio da Marinha transmittirá a v. exa. as instrucções relativas á flotilha alli existente sob o commando do capitão de fragata José Nolasco da Fontoura Pereira da Cunha. Na dita cidade de Corumbá fará v. exa. estacionar uma brigada sob o commando de um dos brigadeiros, que naquella Provincia ficarão ás ordens de v. exa.

Com o 8.°, 19° e 21° batalhões de infantaria e I Corpo de Cavallaria, organizará v. exa. uma ou duas brigadas que fará estacionar nos pontos mais convenientes das fronteiras de Matto Grosso. Do relatorio do general Conrado Jacob de Niemeyer, mandado em julho do corrente anno áquella provincia, para inspeccionar não só o Arsenal de Guerra de Cuyabá, mas tambem as forças e estabelecimentos militares dessa capital e de Corumbá, este Ministerio verificou com pezar, que com grave risco de estado de segurança da mencionada provincia, e com manifesto prejuizo da instrucção e disciplina, os corpos ali estacionados, além de desfalcados estão fraccionados, dessiminados em pequenos destacamentos, achando-se inteiramente desguarnecidas de força a cidade de Corumbá e outros pontos fronteiros da provincia. Chamando para este facto sua attenção, espera o Governo Imperial que v. ex. no desempenho da commissão que lhe é confiada, com seu reconhecido zelo, fará desapparecer tão deploravel situação, concentrando as nossas forças militares nos pontos mais importantes das nossas fronteiras e onde as nossas tropas possam receber a indispensavel instrucção e disciplina. No empenho de ligar a cidade de Corumbá a Cuyabá por uma linha telegraphica, e de fazer construir naquella cidade edificios onde possam aquartelar convenientemente os corpos da brigada, que ali deve ser conservada permanentemente, nomeei uma commissão de engenheiros militares, da qual é chefe o tenente coronel Alfredo Ernesto Jacques Ourique, para o desempenho desses e outros trabalhos que v. exa. tenha necessidade de lhe confiar.

A mesma commissão será encarregada do estudo e construcção de outras linhas telegraphicas na provincia de Matto Grosso, de conformidade com as instrucções especiaes que lhe serão dadas por este Ministerio. — Deus guarde a v. ex. (I) — *Thomaz José Coelho de Almeida*".

DEODORO SEGUE PARA MATTO GROSSO

A 21 de dezembro, o general Deodoro tomou conta do commando das forças em observação na fronteira da provincia de Matto Grosso, e a 27 do mesmo mez seguiu a seu destino. An-

tes de partir, passou a presidencia do Club Militar ao vice-presidente, tenente coronel Benjamin Constant.

A 1 de janeiro de 1889, na cidade do Rio Grande — onde as forças desembarcaram e permaneceram alguns dias —, o general Deodoro deu publicidade á seguinte Ordem do Dia:

> "Commando das forças de observação da Provincia de Matto Grosso. Quartel General em transito na cidade do Rio Grande, 1 de janeiro de 1889. Ordem do dia n.° 1.
>
> Nomeado commandante das forças de terra e mar que deverão estar em observação nas fronteiras da Provincia de Matto Grosso, e, como complemento, commandante das armas dessa Provincia, entrei no primeiro desses cargos, na parte relativa ás forças de terra, a 21 de dezembro proximo findo e dou publicidade ao seguinte..... (I)

A 30 do mesmo mez, o general, com as forças de seu commando, chegou á Corumbá, e na mesma data assumiu o commando das forças de mar e terra.

Quando ainda em viagem, na cidade do Rio Grande, o general Deodoro teve conhecimento das ballelas espalhadas pelos seus desaffectos, e offensivas ao seu caracter; e que um anonymo, em artigo sob o titulo: "A curvatura da Espada", pretendera marear a sua reputação.

CURIOSA ATTITUDE DE ALGUNS OFFICIAES DO EXERCITO NO RIO GRANDE DO SUL

Por cartas que recebeu de alguns camaradas e amigos, o general teve conhecimento do abandono em que ficára o Club Militar, e pelos jornaes de Porto Alegre, teve conhecimento que alguns de seus mais enthusiastas camaradas dessa provincia, já se reconciliavam, e festejavam os conselheiros Gaspar da Silveira Martins e Eleuterio Camargo, seus maiores desafectos.

Do jornal, de Porto Alegre, "O Mercantil", orgão Gasparista, de 26 de janeiro, extraimos os seguintes trechos do noticiario com o titulo, "Imponente Manifestação".

> "Acompanhamos hontem a briosa e digna officialidade da guarnição, na manifestação feita ao sr. major João de

(I) Constava officialmente, que, a permanencia da tropa na cidade do Rio Grande, era devido á baixa das guas do Rio da Prata, mas o queé facto é, ao approximar-nos do porto de Montevidéo a policia sanitaria exigiu que todo o pessoal desembarcasse no Sanatorio da Ilha das Flores, e, què os dois vapores (carregados de material de guerra) descarregassem, toda a carga, afim de passarem por uma rigorosa desinfecção. O general Deodoro depois de declarar, que não consentia que retirassem de bordo uma só caixa de phosphoro; ordenou ao commandante Seixas, que proseguisse a viagem sem tocar nos portos de Montevidéo e Buenos Aires.

Souza Castello, por motivo de sua promoção a este posto. Comnosco assistiram tambem a ella os representantes do "Jornal do Commercio", e "A Reforma", unicos distinguidos com tão honroso convite.

O sr. major Castello, occupando-se da pesssoa do nosso dignissimo comprovinciano exmo. sr. conselheiro Gaspar Martins, salientou a parte activa que teve esse riograndense em sua promoção; completamente desconhecido, elle não seria contemplado se um homem da tempera do senador riograndense não encarecesse perante o governo os seus meritos, na sua opinião quasi nullos; abstrahia de seu brinde toda a idéa politica porque jámais havia trocado uma palavra com o riograndense a quem saudava; admiravam-lhe a energia e, mais do que isso, o sentimento grandioso de amor que elle votava á sua provincia natal.

. . . . . .

O sr. coronel Domingos Alves Barreto Leite, commandante do 13.° de infantaria, rompeu o silencio em que se achava e disse: "Os meus camaradas já brindaram, e com inteira justiça, a imprensa; permittindo que eu destaque dentre os representantes desta grande força o "Mercantil", o jornal que sempre tenho visto na vanguarda da defesa de nossa classe, quando ella esposa uma causa nobre, o jornal que eu admiro pela energia do seu proprietario, homem que representa a effigie da honra. Eu brindo, pois, o sr. João Cancio Gomes.

. . . . . .

Os exmos. srs. visconde de Pelotas, general José Simião e conselheiro Eleuterio Camargo, foram tambem brindados.

O sr. coronel Barreto Leite, ainda brindou ao conselheiro Gaspar Martins. (I).

Com a data de 6 de fevereiro, o então capitão Hermes, recebeu a seguinte carta da Côrte:

"Hermes — Saude. Estimo que você tenha chegado a Matto Grosso na santa paz do Senhor.

. . . . . .

No dia da nossa apresentação ao ministro e ajudante general, tivemos musica e o L. de C. expectorou um discurso que ninguem o encommendou, elevando o Thomaz Coelho ao astro e declarou em nome dos alferes alumnos

(I) Os redactores da "Federação" e "Correio do Povo", que em 1887 tomaram a defesa das classes armadas, não foram convidados para a festa.

que o Thomaz era um dos maiores estadistas e que pedia á Divina Providencia, etc., etc. retice monstra!

Hoje apparece no "Paiz", um protesto de alguns alferes alumnos declarando não ter encarregado nada ao L. C.

Devia ter causado por lá grande abalo a morte de Madureira. Emfim, morreu com alguma gloria, pois a tal questão não vinha trazer-lhe lá muito prestigio.

....

Junto verás uma publicação da guarda negra que julga-se estar unida ao exercito e armada. Isto por cá vae de mal a peior. — Saudações e abraça o teu amigo — Tobias Becker".

FALLECIMENTO DE JOÃO SEVERIANO, IRMÃO DE DEODORO

Achava-se, pois, o general Deodoro muito resentido quando, para completar a série de desgostos, recebeu, em abril, a noticia do fallecimento, a 19 de março, de seu irmão Severiano.

Anfrisio Fialho, na pagina 121 do seu livro já citado, escreveu o que constitue um facto:

"O general Deodoro votava uma certa amizade pessoal ao imperador, e por esta razão hesitava em pronunciar-se francamente contra a monarchia. Além disso elle temia que a Republica trouxesse o desmembramento do Brasil. Quando, porém, em Matto Grosso, longe da agitação enganadora da imprensa e da influencia de amigos mais ou menos illudidos e interessados na conservação da monarchia, elle teve occasião de meditar sobre a marcha politica de sua patria e os destinos de sua classe, ao receber a noticia da morte subita de seu irmão Severiano e das circumstancias que a tinham precedido, não poude conter esta exclamação: "Morreu a unica pessoa que podia ainda me conter".

A partir deste momento preoccupava-o mais do que nunca a idéa de tornar a sua classe respeitada e revestil-a do prestigio e consideração a que tinha direito.

Mais de uma vez sentiu o impulso da impaciencia, e chegou a pensar seriamente em fazer embarcar na flotilha que estacionava em Matto Grosso a tropa de que era commandante, afim de com ella vir desembarcar no Rio Grande do Sul, estabelecendo nesta provincia a base de suas operações contra o governo imperial.

A sua boa estrella fel-o esperar, e o proprio governo, já o temia, autorizou-o a voltar á capital.

A ATTITUDE DE DEODORO EM MATTO GROSSO

Durante a sua permanencia em Corumbá, o general Deodoro em colloquio com os seus camaradas sobre as necessidades da tropa de seu commando, ouvia com interesse, as declarações dos que eram favoraveis á mudança de regimen politico, e manifesta-se, sem rebuços, contrario ao terceiro reinado.

Em reuniões particulares o general teve tambem occasião de ouvir, sem manifestar contrariedade, discursos de propaganda republicana proferidos pelo então capitão Febronio de Brito, dr. João de Sequeira (auditor de guerra), e outros.

Por occasião de uma manifestação que a 13 de maio fizeram ao general, o tenente Eduardo Augusto da Silva, terminou o seu discurso com as seguintes palavras: — "Não só o Exercito mas tambem, o paiz, tinham sua attenção fixa sobre elle, pois viam na sua pessoa o salvador da dignidade do Exercito, bem como salvador da Patria".

Deodoro respondeu com palavras repassadas de patriotismo e terminou dizendo: — "Que nada o detinha, e que aquelles que o julgavam preso, enganavam-se; estava preso em teias de aranha, que sem esforço dellas se libertaria".

SOBE AO PODER O MINISTERIO OURO-PRETO — A ATTITUDE DE FLORIANO PEIXOTO

A 7 de junho subiu ao poder o ministerio Ouro Preto. (I).

A 17 de julho, o general Floriano Peixoto, ajudante-general do Exercito, dirigiu a seguinte carta ao chefe de policia da capital:

> "Exmo. amigo dr. chefe — O nosso imperador, bem que estimado e venerado, deve ser vigiado de perto por certo numero de amigos de toda confiança que façam frustar todo e qualquer desacato.
>
> Sei que v. ex. tomará as medidas precisas, mas eu quizera secundal-o com pequeno mas forte contingente, que entender-se-á com as autoridades de serviço.
>
> Se aceita esse concurso, peço que a começar de hoje remetta-me um bilhete de cadeira e duas entradas geraes todas as vezes que S. M. tenha de assistir representações

---

(I) A 11 de junho, por occasião da apresentação do novo ministerio á Camara dos Deputados, Cesario Alvim, deputado por Minas Geraes, sóbe á tribuna e faz profissão de fé republicana.

O padre João Manoel, deputado pelo Rio Grande do Norte, sóbe á tribuna e em linguagem electrisante, peronando, terminou o seu discurso exclamando: — "Viva á Republica".

theatraes. Com v. ex. irá entender-se o meu delegado. — De v. ex. sempre amigo velho e obrigado. — Floriano Peixoto".

O GOVERNO PROCURA DIMINUIR DEODORO EM MATTO GROSSO

O general Deodoro dava completa execução á missão que lhe fôra confiada quando, a 30 de julho, com verdadeira surpresa, teve conhecimento da chegada, á Corumbá, do coronel Ernesto da Cunha Mattos, nomeado presidente da provincia de Matto Grosso. (2).

---

(2) No "Diario de Noticias", de 3 de novembro de 1889, o dr. Joaquim Murtinho escreveu:

"Quando o sr. Cunha Mattos, esse homem que esqueceu-se de que era militar, para transformar-se em espoleta eleitoral; quando o sr. Cunha Mattos, representante do governo omnipotente do sr. Ouro Preto, apresentou-se ao eleitorado liberal de Matto Grosso e fez a indicação do sr. Carlos Laet para deputado geral, lembrando o logar que elle occupava no jornal do governo e na intimidade do sr. presidente do conselho, Matto Grosso entregou a arma eleitoral como o viajante entrega a bolsa ao salteador".

Eis como a "Revista do Brasil", de 1890, descreve esse incidente:

"Deodoro, marechal de campo e commandante das forças de terra e mar em observação em Matto Grosso e commandante das armas dessa provincia vê ahi chegar um coronel para presidil-a e portanto assumir a autoridade sobre elle; e ainda mais exonerado da posição quasi independente de commandante das forças de observação, forças que deviam voltar para a Côrte, mandou-se continuar no exercicio de commandante das armas, sob as ordens daquelle coronel!

Acto tão extravagante na milicia não podia ser stnão propositai: Deodoro, porém, não se deu por achado e corrigia os erros do ministro passando o commando das armas a quem de direito e regressando com as forças de observação (1.º e 7.º de infantaria) convencido de que era impossivel obter com moderação e respeito justiça para o exercito".

(2) Do relatorio do occorrido na Escila Militar de Porto Alegre, de 14 de julho até 6 de dezembro de 1889, extraimos o seguinte trecho:

"Desde que chegou a esta capital Gaspar Martins commissionado pelo gabinete 7 de junho, para reprimir os movimentos republicanos, que desde muito tempo grassaram neste Estado, sendo um dos mais fortes baluartes esta Escola, aquelle mesmo enviado ao chegar, conferenciou com o coronel Moura que annuiu a todas as suas vontades, como provaram os acontecimentos posteriores conservando "ad-hoc" o capitão Maciel que servia na empreitada da monarchia como o melhor auxiliar".

O coronel Cunha Mattos, foi o portador da seguinte carta do ministro da Guerra, visconde de Maracajú, para o general:

"Rio, 23-6-89 — Deodoro.

Faço sinceros votos pela conservação de tua preciosa saude, assim como a da prima.

Conhecendo a deliberação tomada pelo seu antecessor, sob a suspensão da 3.ª parte da campanha, concedida ás forças daqui partiram para essa provincia, assim como a retirada da caixa militar e respectivo pessoal, medicos, etc., etc., communico-te que nesta data envio-te aviso mandando tambem regressar os corpos que daqui seguiram e outras providencias, como verás do citado aviso.

E' certo que não te convirá, por forma alguma continuar na honrosa commissão pela diminuição da força, não duvidei propor a tua exoneração do commando das armas, que será assignada no proximo despacho Imperial.

Desejando a ti e á prima boa viagem, aqui os espero para abraçal-os como: Teu primo e amigo velho, Rufino Galvão".

Eis o aviso ministerial a que se refere a carta acima:

"Ministerio dos Negocios da Guerra. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1889 — Illmo. exmo. sr.

Tendo cessado os motivos que determinaram a permanencia de maior força do Exercito na Provincia de Matto Grosso e que motivaram a expedição do Aviso de 22 de dezembro do anno proximo passado, resolve este Ministerio fazer regressar á Côrte os corpos que daqui seguiram e se acham á disposição de v. ex. que providenciará previamente para que sejam completados todos os corpos ahi de guarnição com praças de pret tiradas dos que são mandados regressar embora estes voltem em cascos.

Em vista desta providencia, e concedida a v. ex. exoneração do commando de todas as forças de observação da mencionada provincia e "opportunamente o governo imperial lhe concederá o das Armas"; do que nesta data dou conhecimento ao Ministerio da Marinha.

A commissão de engenharia militar e o contingente do batalhão de Engenheiros que igualmente se acham ás ordens de v. ex., ahi aguardarão as deliberações que é autorizada a tomar a respectiva presidencia, podendo o chefe da mesma commissão tambem recolher-se á Côrte. — O que declaro a v. ex. para os devidos effeitos. — Deus guarde a v. ex. — Visconde de Maracajú".

A REACÇÃO DE DEODORO

Nessa mesma data, 30 de julho, em que chegou á Corumbá o coronel Cunha Mattos e o aviso ministerial, o general Deodoro

antes do coronel proseguir a viagem para Cuyabá deu publicidade á seguinte Ordem do Dia:

"Commando das forças de observação de terra e mar e das armas da provincia de Matto Grosso. — Quartel-General em Corumbá, 30 de julho de 1889. — Ordem do Dia 15.

Publico as seguintes disposições e occurrencias para o conhecimento das forças em guarnição nesta provincia.

Tendo de retirar-me com as forças que, sob meu commando, expedicionaram para esta provincia, cessa hoje, por isso, a minha autoridade de commando das armas e das forças de mar; conseguintemente ficam dissolvidas a 2.ª e 3.ª brigadas, as quaes deverão recolher seus archivos á secretaria do commando das armas.

Sua exa. o sr. coronel Ernesto Augusto da Cunha Mattos "assumiu o commando das armas "e o sr. capitão de mar e guerra José Nolasco da Fontoura Pereira da Cunha, com a flotilha sob seu commando, se considere desligado do commando das forças de observação.

. . . . . .

Opportunamente se recolherão á Côrte os srs. officiaes que compõem o estado-maior deste commando, da commissão de engenheiros, os srs. tenente-coronel Alfredo Ernesto Jacques Ourique, major Luiz Mendes de Moraes e tenente Feliciano Mendes de Moraes; a secção medica de que é chefe o sr. cirurgião-mór da brigada dr. Garcez Palha de Almeida, a pagadoria militar de que é chefe o sr. tenente-coronel Carlos Corrêa da Silva Lage, o dr. auditor de guerra João de Siqueira Cavalcante e a 1.ª brigada composta do 1.º e 7.º batalhões de infantaria, sob o commando do sr. coronel Candido José da Costa.

. . . . . .

Termino pedindo-vos preces ao nosso Bom Deus para o descanço eterno do sempre lembrado capellão capitão conego José Corrêa Dias de Moura, cujos restos mortaes ficam sepultados nesta cidade. — Manoel Deodoro da Fonseca, marechal de Campo". (1).

---

(1) No "Diario de Noticias", de 14 desse mez de setembro, lê-se:

"Logo que o paquete em que vinha o illustre e bravo militar ancorou em nosso porto, foram a bordo recebel-o, em lanchas a vapor, muitos officiaes, tendo ficado no cáes grande numero de cidadãos e militares distinctos, contando-se entre elles muitos dos que têm as mais elevadas patentes. Esteve tambem a bordo o marechal Floriano Peixoto, ajudante-general do Exercito. No cáes de desembarque, á espera do benemerito brasileiro, achava-se toda a officialidade do 23.º batalhão de infantaria, tocando, na occasião da chegada de s. ex., uma grande marcha guerreira a banda de musica do mesmo batalhão".

DEODORO EMBARCA PARA O RIO SEM LICENÇA DO GOVERNO

Da leitura desta Ordem do Dia, verifica-se que desde esta data, 30 de julho, da chegada do coronel Cunha Mattos á Corumbá, que o general Deodoro considerou terminada a sua missão; regressando em seguida á Côrte; que devido a falta de communicação telegraphica, só de Assumpção é, que, o governo teve conhecimento que o general regressava com as forças que sob seu commando expedicionaram para aquella provincia.

Quando ainda em viagem, em Montevidéo, o general, sem grande sorpresa, soube que o conselheiro Gaspar da Silveira Martins, nomeado a 20 de julho pelo governo Ouro Preto, presidente da provincia do Rio Grande do Sul, a 10 e 19 de agosto desligara, a bem da ordem e disciplina, alguns lentes e muitos alumnos da Escola Militar de Porto Alegre.

Dos professores demittidos, com a approvação do ministro da Guerra, visconde de Maracajú, dois delles, os capitães Vespasiano G. de Albuquerque e Silva e Francisco Alberto Guillon, eram amigos dedicados do general Deodoro.

IMPORTANTES DECLARAÇÕES DE DEODORO NA SUA PASSAGEM EM SANTOS

Ao passar, no dia 12, pela cidade de Santos, o general foi entrevistado por um dos redactores do jornal "Diario da Manhã", manifestando, como se verifica da seguinte publicação, grande interesse pelo resultado das eleições e notadamente dos candidatos republicanos da provincia do Rio Grande do Sul.

> "Passou hontem por esta cidade a bordo do "Rio de Janeiro", o illustre general Deodoro da Fonseca.
>
> Um dos redactores desta folha procurou-o a bordo e teve occasião de entreter com s. ex. meia hora de agradavel palestra.
>
> O general Deodoro é um homem de sessenta annos, alto, muito moreno, com a barba grisalha. Tem physionomia intelligente e olhos muito pretos, que são vivissimos.
>
> Estava adoentado, com uma forte constipação que trouxera de Montevidéo.
>
> Tinha alguma febre. Nada disso, porém, o impediu de se manifestar um cavalheiro amabilissimo e um "causeur" delicioso. Falou-se nos trabalhos da expedição.

"Falou-se em politica.

— As eleições me surprehenderam. Eu sempre contei que o governo fizesse dois terços da Camara e que os conservadores e republicanos fizessem o terço. Que fim levaram os republicanos? Nas provincias do sul, pelo menos, o partido republicano foi o unico que se apresentou em campo, disputando galhardamente a victoria ás forças do governo. Os conservadores abandonaram a arena.

— E' exacto. Os conservadores se mostraram medrosos, fracos e traidores. V. Ex. é conservador?

— Era conservador, porque só os conservadores protegeram ao Exercito. Não a mim, que só tive um protector. Solano Lopez. Devo a elle, que provocou a guerra do Paraguay, a minha carreira. Era conservador, mas votei sempre nos homens que estimava. Votei em Osorio, em Porto Alegre, em Beaurepaire Rohan. Ha tres republicanos em que votaria de bom grado, tres moços distinctos da minha Provincia: Assis Brasil, Ramiro Barcellos e Julio de Castilhos".

A CHEGADA DE DEODORO A' CORTE

No dia 13 o general Deodoro chegou á Côrte, gravemente doente, e, no momento, precisamente, em que desembarcava, deu-se um conflicto entre o presidente do Conselho, Visconde de Ouro Preto, e o official commandante da guarda do Thesouro.

DEODORO E BENJAMIN CONSTANT

No mesmo dia ou no seguinte, o general Deodoro recebeu a seguinte carta do tenente-coronel Benjamin Constant: (2).

"Por achar-me doente, não fui cumprir o muito grato dever de manifestar mais uma vez a v. ex. e á sua exma, esposa os protestos de minha elevada estima e consideração, felicitando-os por sua chegada a esta Côrte, o que farei assim que puder sair.

---

(2) Anfrisio Fialho, no seu livro já citado, escreveu:

"Deodoro chegou ao Rio de Janeiro soffrendo ainda mais de uma molestia que já o perseguia ha tempos — arterio-sclerose, endurecimento das arterias — o que provocava repetidos e fortissimos ataques de dyspnéa. Esta circumstancia, e talvez o sentimento de responsabilidade do grande acto que meditava, e que devia exercer uma influencia decisiva sobre os destinos da sua patria, o traziam apprehensivo e triste. Sómente muitos dias depois de sua chegada foi elle apresentar-se ao imperador".

Um acontecimento lamentavel, dado entre o sr. ministro da Fazenda e um official do nosso Exercito, parece-me digno de um protesto por parte do Club.

V. ex., com o seu reconhecido criterio e devotamento á classe da qual v. ex. é um dos mais bellos ornamentos, resolverá a respeito.

Adhiro, desde já, á resolução que v. ex. tomar, em nome da classe. De v. ex. amigo e respeitador — *Benjamin Constant*". (1).

Grande surpresa teve o general, quando, tres dias após o seu desembarque nesta capital, a 16, recebeu o seguinte requerimento, assignado por 40 socios do Club Militar:

"Illmo. e exmo. sr. presidente do Club Militar da Côrte. — Os abaixo assignados pedem a v. ex. para que seja convocada uma sessão extraordinaria, para tratar-se de negocio urgente e relativo aos direitos e garantias da classe. (Seguem-se 40 assignaturas).

Em tempo, declaro que o fim dessa sessão, é tratar-se do incidente occorrido, na guarda do Thesouro Nacional, entre o seu commandante e s. ex. o sr. presidente do Conselho. — *Tenente Pedro Ferreira Netto*, 2.° secretario".

O general Deodoro, que já tinha conhecimento de que Benjamin Constant, vice-presidente do club e no exercicio da presidencia, achava-se tambem doente, depois de exigir que especificassem o objecto da sessão requerida, deu o seguinte despa-

---

(1) Na mesma data, 13 de setembro, em que o general Deodoro chegou á Côrte, o então major Marciano A. Botelho de Magalhães (irmão de Benjamin) dirigiu a seguinte carta ao dr. Carlos de Laet, redactor do jornal "Tribuna Liberal", orgão do governo Ouro Preto:

"Illmo. sr. dr. Carlos de Laet — Côrte, 13 de setembro de 1889.

"Achando-me doente, permitta-me v. ex. que venha, por este meio, apresentar-lhe as minhas sinceras felicitações por sua eleição de deputado á Assembléa Geral, pelo districto da Parahyba do Norte.

A cadeira, que tão honrosamente lhe foi confiada por aquella circumscripção eelitoral, deve encher de verdadeiro jubilo a pessoa de v. ex., áquelle eletorado e ao governo imperial.

Digne-se, pois, de aceitar os parabens de um antigo condiscipulo e que muito o admira e venera, desde os tempos escolares.

O talento e as virtudes que o caracterizam, reunindo-se aos actos de admiração que tornaram proverbial o sgeu grande civismo, operarão, agora, em horizonte mais adequado, para maior gloria da nossa patria.

De v. ex. venerdor e criado obrigadissimo e correligionario — **Marciano Botelho de Magalhães**".

cho, aliás muito criterioso: :Por ora, não ha necessidade de reunir-se a sessão pedida. — 17 de setembro de 1889". (1)

PROSEGUE A QUESTÃO MILITAR

Uma rixa entre soldados da policia da Provincia de Minas Geraes e do 9.° regimento de cavallaria do Exercito, aquartelado na mesma Provincia, serviu de pretexto, ao governo, para retirar o 23.° de infantaria da guarnição da Côrte.

Commandava este batalhão o brioso coronel Estevão Ferraz, muito dedicado ao general Deodoro, e fiscalizava o mesmo o major Antonio C. da Silva Piragibe, muito considerado pelo seu reconhecido valor e dedicação a d. Pedro II.

O major Piragibe era contraparente do general Severiano e dedicadissimo ao general Deodoro. A officialidade era constituida de grandes enthusiastas do general. (2).

UMA CARTA DE FLORIANO PEIXOTO

A 21 desse mez, o general Floriano Peixoto dirigiu a seguinte carta á redacção do jornal "Tribuna Liberal", orgão do governo Ouro Preto:

"Ajudante-general do Exercito — Rio, 21-9-89.

Sr. A. de Medeiros — Eu e a familia temos compromisso para amanhã, que inhibe-me de aceitar o convite com que vem de honrar-me a "Tribuna Liberal". Pesa-me devé-

(1) No "O Paiz", de 17 de setembro, com o titulo "Conflicto", lê-se:

"Conhecendo do incidente occorrido entre o tenente Pedro Carolino Pinto de Almeida e o sr. ministro da Fazenda, o sr. ministro da Guerra conferenciou, hontem, largamente com o sr. general Floriano Peixoto, ajudante-general do Exercito.

Como resultado das explicações trocadas entre as duas mais altas autoridades do Exercito, o sr. conselheiro Candido de Oliveira baixou uma portaria mandando prender o tenente Carolino por oito dias, e que sobre a causa do incidente se procedesse a um conselho de investigação, afim d saber-se se esse official estava fóra do seu posto, quando o sr. visconde de Ouro Preto deu entrada no edificio do Thesouro Nacional, e se a guarda ali em serviço achava-se destroçada.

(2) O visconde de Ouro Preto, na série de artigos, com o titulo "Reminiscencias", publicados no "Jornal do Commercio", em 1903, disse:

"A retirada, desta capital, de um corpo de infantaria, que tanto foi explorada, foi feita sob proposta do general Floriano, por conveniencia do serviço".

ras vêr-me na impossibilidade de corresponder a tão subida prova de consideração; os denodados correligionarios da heroica "Tribuna" queiram desculpar-me, na certeza de que compartilho as manifestações aos redactores eleitos e ao grande 7 de junho.

Amanhã, ás 10 horas do dia, estará a banda de musica á disposição dos amigos.

Queira sempre contar com o vosso criado e amigo obrigado — *Floriano Peixoto*".

O general Deodoro regressou da Provincia de Matto Grosso muito resentido com os seus camaradas do Club Militar, e só aguardava o momento em que pudesse sair á noite para, de viva voz, em reunião do mesmo club, manifestar as suas justas queixas.

O general Deodoro, nessa época, vivia cercado dos seus sobrinhos, todos republicanos, sendo que dois delles propagandistas da idéa, como se verifica das collecções dos jornaes "A Federação", de Porto Alegre, e "Echo do Povo", da cidade de Juiz de Fóra.

O general, que mantinha firme a sua resolução de não servir ao terceiro reinado, aconselhava, apenas, acatamento á pessoa de d. Pedro II, nos seus ultimos dias de vida e de bons serviços á Patria.

A CONSPIRAÇÃO REPUBLICANA

A 12 de outubro o general Deodoro recebeu a visita do capitão Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto, transferido, por exigencia do conselheiro Gaspar Martins, da guarnição do Rio Grande do Sul para o 9.º de cavallaria.

O general, assediado por alguns dos seus sobrinhos, a 16 resolveu attender ao pedido de uma conferencia reservada com este seu camarada e amigo dedicadissimo e com o tenente Sebastião Bandeira, do 1.º da mesma arma. (1)

---

(1) Do discurso pronunciado pelo deputado Antonio Adolpho da F. Menna Barreto, na sessão da Camara dos Deputados do dia 8 de setembro de 1891, extraimos os seguintes trechos:

"Perguntae, senhores, ao chefe do Estado quem foi á casa de s. ex. convidal-o em nome dos republicanos do sul, para se pôr á testa da revolução, afim de esmagar a dictadura ali estabelecida pelo conselheiro Gaspar da Silveira Martins, dizendo-lhe, mais, que o Exercito ali morreria com s. ex., em defesa da Patria ultrajada.

Perguntae, senhores, ainda, aos grandes propagandistas Aristides Lobo, Quintino Bocayuva, Lopes Trovão, Campos Salles, Glycero e Sampaio Ferraz, que tiveram nas mços o fio da revolução.

Perguntae, senhores, aos principaes arautos dessa gloriosa jornada, Solon, Bandeira, Joaquim Ignacio, Saturnino Cardoso, Marciano Magalhães, An-

No dia 17, os officiaes dos 1.º e 9.º de cavallaria, desde o posto de alferes a capitão, foram, incorporados, visitar o general.

Por decreto de 18 desse mesmo mez, foi demittido, *a bem do serviço publico*, o tenente-coronel do corpo de estado-maior de 1.ª classe João Nepomuceno de Medeiros Mallet, do logar de commandante da Escola Militar do Ceará. (1).

---

nibal Cárdoso, Almeida Barreto, Hermes da Fonseca, Clodoaldo da Fonseca, Pedro Paulino, Campos Sobrinho, Tasso Fragoso, Bevilacqua, Santos Rosa, Ivo do Prado, Machado, Baptista e outros, pertencentes á segunda brigada e Escola Militar...

Vozes — V. ex. fez muito; ninguem duvidará".

Sebastião Bandeira, na série de artigos que publicou, em 1898, no jornal "Commercio do Brasil", escreveu:

"A conspiração que determinou a revolução de 15 de novembro de 1889 teve começo, incontestavelmente, na noite de 16 de outubro, anterior, em casa do general Deodoro, presente o então capitão de cavallaria Antonio Adolpho Menna Barreto e quem estas linhas assigna.

Deve-se a sua iniciativa áquelle official.

Ao general Deodoro, desde aquella occasião, não podia restar duvida sobre os intuitos politicos do movimento, tãi claros e positivos foram os termos em que se falou, mostrando-se a necessidade de uma transfrmação radical nas instituições para salvação da Patria, e que a s. ex. estava reservada essa tarefa gloriosa, cujo triumpho o collocaria á frente da óação, como dictador da Republica.

Pidemos affirmar que o general não foi indifferente ao que lhe era assim exposto; e isto, mais tarde, verificámos".

---

(1) Do livro, já citado, de Anfrisio Fialho, paginas 114 a 117, extraimos os seguintes trechos:

"O primeiro attrito do visconde de Ouro Preto, no terreno tão desejado, foi com os tres officiaes de Marinha que se achavam sentados em uma sala de espera, no Ministerio da Marinha. Ahi apparecendo o primeiro ministro, os officiaes o cumprimentaram, levantando-se, e depois sentaram-se, guardando na cabeça os bonets, o que é prprio de militares. Vendo isto, o ministro estranhou esse procedimento, e, por sua queixa, foram os officiaes presos e reprehendidos. (Isto teve logar em julho).

A imprensa opposicionista censurou a conducta do ministro, mas o incidente não teve outras consequencias.

Duravam ainda os effeitos da questão Carolino, quando, na capital de Minas Geraes, teve logar uma nova rixa entre soldados de policia e do 9.º regimento de cavallaria, que ali estavam de guarnição.

Este facto forneceu ao governo imperial o pretexto para mandar sair da capital do Imperio para a capital de Minas Geraes o batalhão 23.º de infantaria, o mesmo cujos officiaes haviam feito uma brilhante recepção ao general Deodoro, por occasião de sua volta de Matto Grosso.

Apenas decorridos alguns dias, praticou o governo imperial mais um acto

A 19 ou 20 (não nos foi possivel precisar a data ao certo), o tenente-coronel Benjamin Constant, já restabelecido de sua saude, cumpriu o agradavel dever de visitar o seu affectuoso amigo e camarada general Deodoro. Desde então, Benjamin passou a comparecer diariamente na residencia do general, duas e mais vezes por dia.

No dia 20, o capitão Menna Barreto e o tenente Sebastião Bandeira convidaram o dr. Aristides Lobo para iniciar a conspiração entre os republicanos civis. (1).

No dia 23, o tenente-coronel Benjamin Constant compareceu á festa offerecida pela Escola Militar á officialidade chilena do "Almirante Cochrane", e, em ardoroso discurso, rebate a bellela de indisciplina attribuida ao Exercito e á Armada, accrescentando que "os governos só desejam ter sob as mãos exercitos de janizaros, que a tudo se curvassem e a tudo se submettessem".

Dois dias depois, a 26, a officialidade dos corpos da 3.ª brigada (desde o posto de alferes a capitão), reunidos aos alumnos da Escola Superior de Guerra, fizeram estrondosa manifestação a Benjamin Constant, pela attitude louvavel, reivindicando os creditos e exaltando os brios do Exercito. Na vespera, 24, Aristides Lobo e Quintino Bocayuva solicitaram uma conferencia ao tenente-coronel Benjamin Constant.

Ainda no dia 26, uma commissão de officiaes do 2.º regimento de cavallario e de alumnos da Escola de Guerra visitou o general Deodoro.

Solon Ribeiro, Quintino Bocayuva, Menna Barreto, Sebastião Bandeira e outros conferenciaram com Benjamin Constant.

---

de prepotencia contra um dos officiaes superiores, e dos mais distinctos do Exercito.

Dir-se-ia que o governo tinha pressa de chegar aos seus fins. Esse novo arbitrio governamental foi a demissão, **a bem do serviço publico** (pena infamante e não prescripta pelas leis militares), dada ao director da Escola Militar do Ceará, coronel Mallet, um dos companheiros de Deodoro na campanha do Paraguay".

---

(1) O sr. Silveira Lobo, em um artigo que publicou no "Diario de S. Paulo", de 6 de janeiro de 1890, escreveu:

"Sei, e sei de ouvir o capitão Menna Barreto e o coronel Solon, que, e mdias de outubro, 20, se não me engano, Aristides Lobo foi procurado pelo primeiro e pelo tenente Bandeira, para com elles iniciar a conspiração politica".

O CENTENARIO DE DEODORO

Entre as grandes figuras que assignalam com a sua personalidade os lances decisivos da historia brasileira, Deodoro é, talvez, o mais caracteristico do amplo papel que os accidentes fortuitos, por um curioso capricho do destino, têm representado funcção tão larga na nossa evolução nacional. Soldado aureolado pela bravura com que se cobriu de gloria nos campos do Paraguay, Deodoro, no occaso da vida, quando a molestia lhe havia combalido por completo as energias, parecia não poder ter mais nenhuma actuação a exercer na orientação dos acontecimentos do seu tempo. Entretanto, um conjuncto de circumstancias, em que o acaso foi o factor, talvez, preponderante, transformou em poucos dias o veterano valetudinario em fundador da Republica.

Collocado na madrugada de 15 de novembro de 1889 á frente de tropas sublevadas, Deodoro torna-se pelo golpe imprevisto do destino que o envolveu na revolução, a personalidade que em toda a nossa historia teve, talvez a maior somma de influencia absolutamente pessoal, na solução de uma grande crise e na marcha immediatamente ulterior da transformação da nacionalidade. Para que se torne comprehensivel a extranha desproporção entre as limitadissimas aptidões politicas e o modesto descortinio intellectual do velho guerreiro, e a posição historica em que ficou immortalizado, é preciso lançar um golpe de vista retrospectivo sobre as condições especiaes em que o Brasil bruscamente passou do regimen imperial para a Republica. A propaganda do novo credo, embora feita com admiravel tenacidade e com o concurso de intelligencias brilhantes, nunca exerceu sobre a sociedade civil do paiz, influencia capaz de crear uma mentalidade que pudesse determinar a mudança de instituições, Quintino Bocayuva, entre os republicanos aquelle que se distinguia pela capacidade politica e pelas tendencias constructivas de seu espirito, percebeu em tempo que a Republica não passaria nos dias da sua geração do platonismo de um mytho allegorico das aspirações democraticas se, para abalar a estructura das instituições imperiaes, não se recorresse a instrumentos mais solidos do que a evangelização dos propagandistas.

Costumava contar Lauro Muller que em uma occasião, ao commentar-se em roda de republicanos uma nova missão apostolica em que partira Silva Jardim, Quintino observára, com sorriso ironico e agarrando um dos botões da farda do então tenente de engenheiros, que elle preferia fazer, "com isso", a sua propaganda da republica. Foi, realmente, a sagacidade politica de Quintino, que tornou a Republica viavel, identifican-

do-a com as questões militares, originadas em vicios tradicionaes da organização das nossas forças armadas e magistralmente exploradas pelo grande publicista, em proveito da causa democratica.

Seria provavelmente um erro historico, affirmar que em 1889 a maioria da officialidade do Exercito era republicana entre os militares, como entre os civis que parece que então existia era um vago sentimento de desprendimento das instituições, que ao cabo de quasi tres quartos de seculo não se haviam radicado no paiz por uma aclimação intelligente ao ambiente americano e subsistiam apenas como a expressão instavel da dictadura patriarchal de d. Pedro II. O poder pessoal do velho imperador absorvera e annulára por tal fórma todos os orgãos da autoridade politica, que com a molestia que o envelhecia precocemente a monarchia se desintegrava e ruia, em movimento parallelo á lenta agonia daquella nobre vida.

Naquella situação de calma dissolução crepuscular das instituições, teria o Brasil vivido até á morte do imperador, quando provavelmente o problema da republica se delineara por entre uma crise politica tormentosa, que poderia talvez ter acarretado funestas e incalculaveis consequencias para a nacionalidade. Desse perigo salvou-se o Brasil pelo conjuncto de circumstancias que acceleraram os acontecimentos e precipitaram a republica com um movimento militar, que teve a inestimavel vantagem de conservar illesa a estructura social do paiz e a sua unidade politica.

Encabeçar esse movimento, ser o instrumento providencial de transformação institucional dentro da ordem e com a manutenção da continuidade politica na existencia da nacionalidade, foi a missão que o capricho do destino reservou a Deodoro. Deante do exito da sua actuação nessa crise decisiva da nossa historia, seria uma impertinencia imperdoavel levar muito longe a investigação da parte que lhe coube pela propria vontade e da outra que lhe veiu de iniciativas alheias e dos imprevistos do acaso. Arrancado do seu leito de doente na madrugada de 15 de novembro pelo appello da solidariedade de classe, apparecendo deante das tropas revoltadas no Campo de S. Christovam, movido por outras vontades como um Cid Campeador que vinha electrizar a soldadesca com a sombra do seu heroismo passado, Deodoro tornou-se de facto o fundador da Republica, e os historiadores do futuro o gloficarão, não sómente por isso, como por ter tornado possivel a inauguração do novo regimen sem uma calamitosa alteração da physionomia historica da personalidade politica do Brasil.

A critica superficial das origens da republica deu logar a uma theoria que se tornou corrente sobre os vicios que o novo regimen trouxe do seu berço militar. Sem duvida, a proclamação das

novas instituições pela força armada tinha fatalmente de acarretar, como acarretou, até seus inconvenientes graves.

Mas, esses inconvenientes representaram apenas o preço baixo que a nação teve de pagar pela incalculavel vantagem da mudança de regimen, sem os choques profundos, sem as violencias desmesuradas e sem as explosões anarchicas que teriam sido inevitaveis se o imperio caisse no meio da effervescencia apaixonada e da confusão de uma crise politica que envolvesse na sua orbita a massa heterogenea da população civil.

A espada de Deodoro foi o symbolo da acção unificadora que as classes armadas exerceram atravez da nossa historia e que nunca se manifestou com maiores virtudes, nem com effeitos mais beneficos, do que em 15 de novembro de 1889. A celebração do centenario do bravo e generoso soldado, que se tornou a figura central do nascimento da Republica, é, portanto, uma justa homenagem do reconhecimento nacional, áquelle a quem o destino designou a bemfazeja missão de assegurar pelo seu prestigio o exito pacifico de um movimento que, sem elle, teria assumido, talvez, as proporções de uma crise de irreparaveis consequencias.

(Transcripto do "O Jornal" de 5 de Agosto de 1927).

A FIGURA DE DEODORO

O HOMEM — O CIDADÃO — O SOLDADO — O POLITICO

"Se o actual regimen puder conciliar-se definitivamente com o sentimento nacional, e fazer o Brasil grande e digno com desejam todos os seus filhos, o historiador futuro ha de dizer na ufania da sua justiça: foi o marechal Deodoro quem fez a Republica".

Rocha POMBO.

Já é tempo de ir fixando a historia a figura deste homem, cuja vida foi tão accidentada, e sob os seus varios aspectos desperta o mais vivo interesse.

Se é certo que só uma posteridade mais remota é que o ha de julgar definitivamente, nem por isso estamos dispensados de estudal-o; e até por isso mesmo é que cumpre aos contemporaneos reunir ácerca de personalidade tão curiosa, e que teve o mais alto papel na politica do paiz, o maior numero de informações e testemunhas que possam orientar o historiador futuro.

E' simplesmente isto o que vou fazer, procurando condensar neste trabalho a copia, aliás pouco profusa, de documentos, registros e noticias que se encontram esparsos em jornaes, revistas e opusculos — dados que, comquanto deficientes ainda, parece que já bastam para, ao menos, uma projecção em esboço da figura que o tempo ha de pôr em relevo.

Typos como este devem destacar-se por synthese, em que coincidam todos os valores e qualidades que lhes foram proprias, tanto defeitos como virtudes, das quaes não são, por assim dizer, mais que resultantes.

Vou, pois, estudar, a rapidos traços, esta vida sob os pontos de vista do homem, do cidadão, do soldado e do politico.

O HOMEM

Vinha Deodoro de uma familia que ha de interessar muito aos psychologos.

O tronco desta familia no Brasil é Manoel Mendes da Fonseca. Foi tambem militar; chegou ao posto de coronel; commandou forças contra os cabanos, em Pernambuco; metteu-se em

politica; pretendeu depôr o presidente de Alagôas, chegando a prendel-o no proprio palacio; e esteve preso na fortaleza de Villegagnon.

Casou-se Manoel Mendes com dona Rosa Maria Paulina, tambem alagoana (se é certo que o marido ali nascera). Houve do consorcio dez filhos, sendo duas meninas. Dos oito varões (Hermes, Severiano, Manoel, Pedro Paulino, Hlppolyto, Eduardo, João Severiano e Affonso) sete fizeram a campanha do Paraguay, tendo lá morrido Hippolyto, Affonso Aurelio e Eduardo Emiliano.

Foi esta circumstancia que levou o povo de Alagôas a chamar dona Rosa — "a mãe dos Macabeus"; e com muita justiça, porque d. Rosa renovava a tradição de Maria de Souza, sendo a meis decidida a exortar os filhos a defender a Patria.

Por sua parte, Manoel Mendes, já velho e alquebrado, emulava com aquella coragem de mãe. Ao receber, logo no começo da guerra, a noticia de que dois dos filhos tinham já perecido em combate, emquanto chorava, fazia illuminar a frontaria da casa, engalanando-a de bandeiras e flôres, como se a ufania de festejar a victoria das nossas armas a consolasse da perda soffrida pelo seu coração. Logo depois fez o mesmo pela morte do outro filho (Eduardo Emiliano). (x)

(x) Informaram-me depois, e vi mesmo no livro "As heroinas do Brasil", do general Carlos Augusto de Campos, que d. Rosa é que fazia o que attribuo ao marido, pois este já era fallecido alguns annos antes. Esta correcção não prejudica o lance, e por isso não altera o texto.

Quero crêr que é deste sangue que vae sair, nesta geração, a alma que veio a culminar em Deodoro.

Era este o terceiro filho do casal, e nascido em Alagôas em 1827. Matriculou-se aos 16 annos na Escola Militar, e em 1847 completava o curso de artilharia.

Logo no anno seguinte partia para Pernambuco, onde rebentára a revolução praieira.

Ali foi, por actos de bravura, promovido ao primeiro posto. Em 1852, era capitão. Em 1858 commandava a Escola Militar. Foi em seguida para a guarnição de Matto Grosso.

De lá regressou em 1862.

Em 1864 faz a campanha do Uruguay (contra Aguirre), sendo promovido a major.

Logo depois parte para a guerra contra Lopez. Ali teve o posto de coronel por actos de bravura. Foi ferido em Angustura e Itororó. De volta do Paraguay, foi brigadeiro, em 1874. Dez annos depois era marechal de campo (1884).

Desde menino, manifestava Deodoro animo altivo e meio irrequieto; curioso de novas sensacionaes; pouco estudioso, mais observador que amigo dos livros; intelligencia lucida, no entanto, é perspcacia a que nada escapava.

Era de uma probidade pessoal inexcedivel, e cumpridor escrupuloso dos seus deveres. Muito affectuoso com os do seu convivio. Grande nobreza de alma, e de uma sensibilidade moral que parecia incompativel com a profissão que abraçára.

Essas qualidades conservou-as muito vivas toda a vida, tanto nos campos de batalha como no apice das posições a que chegára. Foi o chefe de Estado mais accessivel que teve a Republica até hoje. Não tinha dias nem horas de audiencia.

Era tão delicado de coração que em muitos casos parecia hesitar entre o seu dever de officio e os impulsos de carinho e de piedade.

Contou-me ha dias o eminente senador Barbosa Lima (a mais perfeita incarnação do patriotismo e da justiça entre os sobreviventes da geração que fez a Republica) o seguinte caso, que não é conhecido de muita gente:

Déra-se na guarnição militar de um Estado (se não me falha a memoria, o de Santa Catharina) por aquelles dias da mudança, uma sedição de soldados. Era um signal de muito perigo, que cumpria não deixar que passasse sem o devido escarmento. Sabe Deus como é que o marechal chegou a resolver que se fizessem fuzilar os culpados. Fez sentir a necessidade do expediente a Ruy Barbosa. Este ficou mudo e esmorecido como se lhe gelassem a alma. De volta de palacio, apressou-se Ruy a escrever uma carta ao chefe do governo, procurando demovel-o daquelle recurso extremo. Bastou isso: respondeu immediatamente Deodoro ao ministro, agradecendo-lhe sem duvida o tel-o feito voltar daquelle assomo.

Tinha muito de impulsivo; mas para aperceber-se dos impulsos e corrigir os gestos impensados, bastava uma intervenção opportuna, ou alguma surpreza que o commovesse.

Por isso mesmo havia de ser mais tarde accusado de voluvel, ou de desigual e inconstante, parecendo que mais facilmente cedia a suggestões que á propria vontade.

Mesmo que parecesse guardar queixas, e que se mostrasse ás vezes irritado, isso não era mais que destempero instantaneo. Tudo isso morria a um simples appello da razão. Quando prendeu o visconde de Ouro Preto no Quartel General, só uma palavra de Floriano bastou para que revogasse a prisão. Silveira Martins, o maior dos seus inimigos, teria sido talvez enforcado emquanto estava longe; assim que chegou ao Rio, foi tratado com todas as deferencias devidas a um adversario caido em infortunio. Se Deodoro pudesse ter attendido ao convite do imperador para ir ao paço no dia 15, não sei se a Republica teria vingado... pelo menos sem muito sangue.

Com os amigos, a bondade de Deodoro não tinha limites. Conta-se infinidade de casos em que o seu coração se abria em dedicações que tocam ao inverosimil. E' conhecido aquelle incidente desagradavel occorrido entre elle e Benjamin Constant, em pleno conselho de ministros. Pois bem: no dia seguinte era

elle quem escrevia ao velho amigo explicando tudo e desfazendo resentimentos. Não se sabe de nenhuma inimizade que elle não procurasse evitar.

Bem se vê que decerto não estará ahi um estadista; mas está um homem digno, um bello typo de homem de envergadura moral irreprehensivel.

Nunca foi um obstinado, nem mesmo nas suas paixões, quanto mais nos seus erros.

Nada consta delle que autorize a consideral-o como alma profundamente religiosa, parecendo que era mais um indifferente que um extremado, e que a sua devoção era mais de protocollo ou de etiqueta social que de fervor.

O CIDADÃO

Dahi para o cidadão a passagem não é brusca. Nem ha muito que accrescentar a essas qualidades para desenhar-lhe a physionomia civica.

Antes de tudo, a escassez de cultura neste espirito era sobrelevada pelo seu instincto de justo.

Quem quizer ter uma prova flagrante disso não precisa mais que ler as notas de que encheu o projecto de Constituição, e á vista das quaes tem de banir-se a lenda de que não era elle muito mais que um tarimbeiro. Dentre essas notas bastaria destacar a seguinte, relativa ao processo e á magistratura: "Considerando que o maior perigo da transição do antigo para o novo regimen, estabelecido em 15 de novembro do anno passado, é a desaggregação do territorio nacional; considerando que a melhor garantia da união das antigas provincias, convertidas em Estados, é, depois da identidade da lingua e da religião, a identidade do direito, que tende naturalmente a estabelecer a homogeneidade dos costumes; considerando que essa identidade não é possivel sem a jurisprudencia, nem esta sem identidade dos codigos civil, commercial, criminal, e dos respectivos processos; considerando que, ainda consagrada a identidade desses codigos, não é possivel fundar uma jurisprudencia uniforme entre juizes e tribunaes investidos por autoridades diversas, e nomeadas ou constituidas por motivos differentes e em condições varias; considerando que o Supremo Tribunal de Justiça, tal como se acha organizado, é muitas vezes uma roda inutil, manca e cara no mecanismo de nossa magistratura; considerando, finalmente, que o maior defeito do ensino juridico das faculdades officiaes é a preoccupação da theoria com preterição da pratica, ao passo que o dos nossos tribunaes é a preoccupação da praxe com preterição da doutrina: — comprehende-se que o maior serviço que o Governo Provisorio póde prestar ao novo regimen e ao paiz é a consagração de disposições que

garantam a communhão social: 1.° a unidade dos codigos civil e commercial e os dos respectivos processos; 2.° a organização de uma magistratura federal, relativa e uniformemente investida; 3.° a conversão do Supremo Tribunal de Justiça em Tribunal de Cassação, etc.

Parece que já se quiz contestar esta nota como sendo do marechal. O que é certo, porém, a julgar pelo que nos dá Ernesto Senna (*Deodoro, subsidios para a historia*) é que foi ella, como as demais, exarada, por letra do generalissimo, no verso da folha em que se dactylographára o artigo relativo ao systema judiciario. Deve-se advertir que muitas das observações de Deodoro foram attendidas e figuram no texto constitucional.

Não se comprehende como é que um homem sem cultura pudesse fazer tanto.

O mais que, sem justiça, se poderia dizer delle é que não tinha uma comprehensão exacta do que fosse a alta funcção que lhe veio a caber naquelles dias. E quanto a isto nem é necessario discutir. A dissolução da Camara, por exemplo, ahi está. E quem foi que o levou ao desproposito sinão um culto?

Um outro caso ha, mais significativo ainda. Chegou Deodoro a oppôr um acto de sancção á Constituição promulgada. Quem evitou o dislate foi Lopes Trovão. Sabendo este que o texto da lei, *sanccionada*, já estava na Imprensa Nacional para apparecer no dia seguinte, correu afflicto, altas horas da noite, ao Itamaraty, alarmando o palacio. Accordou Deodoro, e de prompto, á simples suggestão que se lhe fez, teve idéa do absurdo, fazendo seguir incontinente ordem para eliminar-se aquelle acto. Quem me narrou isto foi o proprio Lopes Trovão; e penso que o caso não é estranho a muita gente.

Nem deste incidente, no emtanto, pôde fazer-se-lhe grande carga. Não quiz Pedro I fazer o mesmo, e com approvação de muitos homens notaveis do tempo?

E Deodoro tinha attenuantes que o primeiro imperador não tinha. Bastava a subita ascenção, a surpresa desconcertante do posto supremo.

Um traço muito vivo do caracter de Deodoro como cidadão: a sua coragem civica. Pode-se dizer que o seu patriotismo igualava, em sinceridade e fervor, ao seu espirito de justiça. Podia errar muitas vezes, e tambem muitas vezes exaggerar o seu prestigio ou presumir de si; no fundo, porém, tudo para elle devia sacrificar-se pela patria.

Outra nota bem lidima do seu caracter: os seus sentimentos liberaes.

Penso mesmo que elle ia muito além do simples e vago liberalismo de partidos, menos de coração que de reclamo.

Discute-se ainda hoje si elle quiz mesmo proclamar a Republica quando tomou a frente das tropas; ou si foi a isso levado pelos companheiros de jornada.

Com referencia aos trabalhos preparatorios de 15 de Novembro, de certo que não seria facil pôr em duvida que outros o induziram a isso; mas encontrando-se com o que elle sentia desde muito. No dia, porém, em que chegou ao quartel-general, era já decisiva a sua resolução de mudar as instituições. Repugnava-lhe dirigir uma simples sedição, e inaugurar na politica do imperio a éra dos pronunciamentos miltares.

E' exacto que hestou, ou talvez melhor, que fingiu hesitar, em dar tão amplas proporções ao que se ia fazer. E isso era natural em quem tinha pelo imperador a mais alta estima. Depois que deliberou, porém, alguns dias antes de 15 de novembro, não ha mais ensanchas para duvidar do seu intento.

Não passava como republicano, mas as suas idéas e tendencias não andavam muito longe disso. Mais do que alguns, até do governo provisorio, poderia elle dizer que não teve de mudar muito para chegar á Republica.

Argumentar contra isso com as reservas, os disfarces e vacillações, não é logico. A nossa propria historia está cheia de tudo isso. A unica revolução que nasceu republicana foi a de 1817. Todas as demais dissimularam, ao romper, os seus intuitos.

O SOLDADO

Como soldado, é Deodoro o mesmo homem que foi na vida, na familia e na sociedade. A profissão das armas era a unica que estava na sua compleição moral.

Tinha grande enthusiasmo pela vida militar. O seu amor á classe chegava até os mais delicados melindres do preconceito. Quando lhe falavam no Exercito, não conservava mais continencia para tolerar a mais vaga allusão que pudesse de longe empanar-lhe a funcção de poder illibado. As causas em que entrasse a acção das armas, tudo sacrificaria, até o seu amor e o seu odio. Os proprios inimigos se lhe faziam dignos de carinho si tivessem de defender causa em que se envolvesse o credito do Exercito.

Nas vesperas do 15 de Novembro, foram dizer-lhe que Barreto estaria prompto ao seu lado: pouco faltou para que o homem lagrimasse...

Estavam muito no seu temperamento os lances theatraes; devendo dizer-se logo que não é a theatralidade propriamente que elle amava, mas a grandeza de obras que lhe haviam conquistado a fé.

Tal era a força de alma neste homem que parecia exercer imperio sobre as proprias contingencias da natureza physica. Estava morrendo nas afflicções do seu mal quando se ergueu do leito naquella manhã para tomar a frente das tropas.

Quando penetrou no quartel do Campo, em cujo pateo, em forma, estavam as forças com que contava o governo, gritou diante dellas pela continencia; e aquelles peitos, electrizados, o acclamaram.

Só a sua sensibilidade moral parece que foi a unica força que andava sempre em collisões com o poder dos seus impulsos. E' só ver como elle vacillou no momento em que, na obra de derribar o imperio, se lembrou do velho imperador. E sabe Deus o que se passava no fundo daquella grande alma sempre que a figura veneravel lhe vinha á imaginação!

Foi Deodoro, mais do que tudo, um verdadeiro soldado; dês do conspecto até á voz, os movimentos, o olhar e os gestos, até a decisão e a bravura, tudo nelle era marcial.

Em todas as campanhas, foi valente até á temeridade. Conta-se que Osorio, ao voltar do Paraguay, á primeira visita que fez ao imperador, ouviu deste uma palavras que seriam mais ou menos estas:

— "Oh! o bravo dos bravos!" Osorio nem sentiu a expansão commovida de D. Pedro: — "Não, senhor: o bravo dos bravos é um só, e esse é Deodoro"! Quem me refere este incidente é o general Samuel de Oliveira (o meu querido Samuel, o fino intellectual, o philosopho, o sabio fardado). E na verdade: foi no Paraguay, ao lado do glorioso gaucho, que Deodoro completou a sua legenda.

De volta da campanha contra Lopez, á medida que iam desapparecendo os maiores vultos do Exercito, fazia Deodoro o seu grande prestigio na classe.

E' preciso advertir que Deodoro, pela sua indole, pelo seu caracter franco e leal, pela sinceridade, que foi a nota saliente de toda a sua vida, não tinha muito geito, nem umas tantas qualidades "fortes" para fazer ou chefiar facções, como tinha, por exemplo, Floriano. Este era homem para crear em torno de si uma atmosphera onde só se respirasse pelos seus pulmões. Gostava e fazia questão de saber com quem contava. Queria tudo bem definido e bem claro. Cada um no seu posto. Quem não está commigo, dizia, é contra mim. Deodoro não procurava saber com quem estava, nem mesmo quem estava com elle. Não tinha espirito de proselytismo, nem se deixava levar por grupos. Quando tinha surpresas no seu caminho, cedia, como si nunca tivesse pensado no passo que déra.

E' nesta phase da vida, depois da guerra, que elle se vae envolver em politica.

O POLITICO

Menos, aliás, metteu-se elle na politica do que outros o metteram.

Não resta mais duvida nenhuma quanto á influencia exer-

cida pela guerra no espirito do nosso Exercito, mais forte naturalmente do que no espirito da nossa marinha.

E' um ponto indiscutivel. Os nossos soldados voltaram da campanha sentindo o contraste da situação dos militares nas republicas platinas com a dos profissionaes das armas sob o regimen imperial. Por lá era ainda o soldado quem fazia a politica. Não havia distincção entre um cidadão fardado e um civil.

No imperio o Exercito formava classe á parte, isolada quasi inteiramente da politica militante. Os ministros da Guerra e da Marinha eram apenas chefes do Exercito e da Armada. Os militares eram chamados a occupar as duas pastas sem se saber a que parcialidade pertenciam. Não tinham partidos, a não ser quando figuravam nos gabinetes.

Os nossos homens de guerra voltaram, pois, do sul, desilludidos da monarchia. Os proprios politicos do imperio comprehenderam isso; e tanto que cuidaram de prevenir-se chamando a si as grandes figuras do Exercito. Caxias e Osorio, num e noutro dos dois partidos, foram por algum tempo os fortes garantes daquella politica de gangorra, que se ia levando desapercebidamente, e que cumpria levar agora com mais tento.

E quando desappareceram, Osorio em 1879, e Caxias em 1880, a preoccupação de ambos os partidos foi a de dar-lhes successores naquella funcção de afiançar as instituições que tinham envelhecido antes do tempo.

Era já tarde para isso, no emtanto, não encontraram mais nenhum general a alcance.

Em 1880 póde assegurar-se que se desenganaram os politicos da monarchia. O que vae acontecer de então por deante teria acontecido desde 1870 si não fôra o prestigio daquelles dois grandes chefes.

Não ha mais duvida alguma: é de 1880 em deante que se inicia decisivamente a obra que veio a rematar-se em 1889.

As novas tendencias andavam meio vagamente em todo o Exercito desde a volta do Paraguay; fixaram-se em 1880, e foram-se condensando e tomando corpo com uma logica perfeita.

A idéa de uma dictadura militar estava em todos os peitos como o unico meio de corrigir o carrancismo e sanear o que se chamava as "podridões" que contaminavam a politica imperial.

Primeiro, tudo ia agitando o espirito das forças armadas; mas de certo ponto em deante, começaram os entendimentos dentro da classe; e não demoraria que se chegasse a instituir um plano formal e que se cuidasse de preparar condições para executal-o com segurança.

Era necessario levar tudo com muita cautela. Se não fosse indispensavel proceder com prudencia, de modo a não correr o risco de sacrificar o objectivo precipitando os acontecimentos,

o manifesto republicano de 1870 teria assumido proporções de um pronunciamento. Não se sabe se haveria muitos militares que lhe negassem a assignatura.

Vêem-se ainda hoje escriptores que discutem muito para demonstrar a sem-razão com que os militares começaram, depois da guerra, e com mais firmeza de 1880 em deante, a sustentar o seu direito de se envolverem na politica. Hoje bem vemos, por que está mais do que evidente, que esse esforço de conciliar a attitude do Exercito com as leis e os proprios regulamentos militares, já não é mais do que ingenuo.

A questão militar foi creada como processo de propaganda. Era necessario preparar, antes de tudo, uma atmosphera propicia para a obra que se ia realizar. Fazer o Exercito incompativel com o governo imperial é o que se queria. Dar os militares como perseguidos e humilhados era o meio seguro de chegar a isso. Não havia nenhuma questão que se pudesse dizer propriamente militar: tudo era inventado para ir ao fim que se visava. Tudo era absurdo quando não pueril; mas era o meio pratico de cavar, entre o governo e as classes armadas, um sulco que os separasse. Os "cidadãos fardados" timbravam de exceder-se nos caprichos e nas exigencias descabidas. Nenhum tinha razão para reclamos disparatados... mas todos reclamavam. Ninguem tinha queixas legitimas, ou siquer razoaveis, mas todos se queixavam... porque as queixas é que serviam.

Por fim, os proprios chefes eram os mais desaffrontados em ostentar o seu menospreço pela ordem legal. — *Acima da lei pomos a nossa honra* — diziam graves e emphaticos... seguros de que a sua honra não estava em risco. Era uma perfeita e bem urdida farça para chegar á tragedia.

E os homens do imperio na sua simpleza... Ou não entendiam, ou faziam-se como desentendidos. Chegavam a tentar conciliações... mas capitulando sempre, porque a outra parte era inconciliavel.

Como é então que ainda se escreve tanto para provar que os militares não tinham razão no conflicto? O que elles queriam não era ter a sua razão. Dentro da lei não fariam coisa alguma. Onde se viu conspirador dentro da lei? Fieis ao seu dever, conscios da sua funcção no regimen, como é que haviam as classes armadas de chegar ao 15 de Novembro?

Outros escriptores accusam de deslealdade a chefes que exaggeraram o seu papel no dia do desfecho. Não é menos tambem do que ingenuidade no julgar factos historicos da natureza deste que nos occupa. Uma conjuração é isto mesmo.

Dizem que algumas altas patentes do Exercito exerciam postos de confiança no momento em que adheriram ao levante. Mas essas patentes não adheriram tal: estavam todas mettidas na conjuração. O proprio Floriano desde muito andava até pregando entre os amigos e camaradas. — "Mas, nas vesperas da surpresa era ajudante-genral"... E que ha nisso de estranha-

vel? Foram buscal-o achando-o já envolvido no plano. Si elle recusasse o cargo, todos os generaes deveriam tambem recusar, e teria então nesse momento estourado a bomba escorvada.

Temos, portanto, de aceitar o facto como elle é, e não como quizeramos que fosse. As forças armadas emprehenderam fazer a Republica, sentindo que era o unico expediente contra a situação em que lhes parecia o paiz. Como operar essa transformação de um dia para outro, e de surpresa, não era possivel, tratarem de o fazer pelos unicos meios que tornam possivel uma obra de tal natureza. Num caso desta ordem, tudo ha de fazer-se — digamos o termo — com perfidia: ou não se fará.

Desde 1885 que se aggrava a collisão aberta entre o Exercito e as instituições. Logo no anno seguinte, entra-se na phase aguda daquella crise com o que se passa em Porto Alegre. Estava ali Deodoro no exercicio da presidencia e do commando das armas, quando, a conselho seu, se reune publicamente a officialidade da guarnição, e vota uma formal moção contra o governo, pois tal caracter teve uma representação que se resolveu fazer a ominstro da Guerra contra certos actos deste referentes a militares.

Dispensado dos seus cargos lá no sul, vem Deodoro para o Rio. Aqui, sentiu-se logo que elle encarnava o Exercito naquelle momento; que alguma coisa se preparava que o governo não tinha meios de evitar ou reprimir.

A famosa moção do Club Militar o investe de plena autoridade para falar e agir em nome do Exercito e da Armada.

Estava declarado o rompimento. Era a primeira vez que se deslocava o eixo da politica nacional: quem impera já não é o governo. Este finge-se alheio a quanto se passa em volta delle.

Em 1887, estava tudo prompto. Deodoro, categorico e decisivo. Os republicanos civis já mettidos no trama.

O que retarda ainda o desenlace fatal é a questão do elemento servil. Havia um accordo unanime em que não era possivel a mudança deixando-se uma questão de semelhante natureza para o novo regimen.

Trata-se então de apressar a solução do grave problema. Em todas as provincias a propaganda abolicionista entra em verdadeira convulsão. Não era só por um sentimento exaltado de pudor que se queria lavar logo e logo a nodoa secular pela necessidade de arredar do caminho esse obstaculo insuperavel.

Devo trazer para aqui o meu proprio testemunho a proposito d eum caso que se deu lá na minha provincia. Creáramos em Curityba um Centro Abolicionista, que se ramificara pelos varios municipios. Desse centro foi presidente o então major Solon, e qualquer coisa quem escreve estas linhas. Não tinhamos descanso de um instante, pois alem dos trabalhos que se faziam na séde da associação, cumpria-nos manter muito vivo o enthusiasmo do publico pela imprensa e pelas conferencias populares que quasi diariamente se faziam. Em uma dessas con-

ferencias, recordo-me de que alguem do auditorio déra um áparte ao orador estranhando-lhe que não falasse em republica, que era a grande aspiração do paiz: ao pé da letra rebateu o major Solon — que era a abolição a causa que ali se defendia, e que nada tinhamos ali com a republica... Ora, eu que conhecia intimamente as idéas de Solon, comprehendi logo o que elle queria dizer. Naquelle mesmo anno, foi Solon transferido para a guarnição da côrte, como si viesse continuando o seu serviço até chegar ao papel que teve na proclamação da Republica.

Assim se fazia em todas as provincias.

Realizada a abolição, estava removido o unico obice que a conjuração militar encontrava.

Durante o anno de 1888 e os principios de 89 dir-se-ia o paiz agitado de grande afflicção, taes os alvoroços, as ameaças de motins e desordens em todas as provincias.

Em janeiro segue Deodoro para Matto Grosso. Deixava no Rio uma tensão de animos que não se sabia como conter. E quanto mais o governo affectava uma força que já não tinha, mais se inquietava o espirito geral.

Em junho (7) organiza-se o ministerio, que foi o ultimo da monarchia. O Visconde de Ouro Preto era incontestavelmente um homem digno e estadista de alto prestigio. Parece, no emtanto, que exaggerava a sua força entre os dois partidos; ou então, que tinha uma idéa exacta das condições em que ia exercer a gravissima tarefa que lhe entregaram á ultima hora da crise.

Seja por uma, seja por outra dessas razões, o que é certo é que o gabinete de 7 de junho foi como um toque a reunir entre os conjurados contra o imperio.

Até hoje não se tem explicado sufficientemente a razão que levára o governo a chamar de Matto Grosso o marechal Deodoro. Já houve quem dissesse que Ouro Preto quiz ostentar desassombro, ou então que o chamou para que elle fizesse a Republica...

Devo intercalar aqui um incidente, no qual ha alguma coisa que eu desejaria ver hoje esclarecida. No mesmo vapor em que vinha do sul o marechal, encontrava-me eu como passageiro para o Rio. Trazia o marechal parte da sua bagagem no convés. No porto de Santos, recebeu o marechal a visita de duas ou tres pessoas, com as quaes confabulou durante algum tempo, parecendo muito cuidosos de reserva. Como seria interessante saber-se hoje quaes teriam sido aquellas pessoas, que foram as unicas a visitar o marechal. Referindo isto, não dissimulo a esperança de que ainda seja possivel descobrir alguma coisa.

Chegou Deodoro ao Rio no dia 13 de setembro, de volta de Matto Grosso, e foi recebido triumphalmente. Trata-se desde então de organizar o levante, com todas as possiveis reservas, mas como si tudo já estivesse decidido.

A grande preocupação de todos era a molestia do marechal. Mas o vigoroso espirito deste homem inspirava tão funda con-

fiança que por fim todos foram agindo seguros de que o grande chefe só com a sua presença completaria toda a obra.

No dia 9 de novembro, em sessão do Club Militar, deliberase entregar a Benjamin "plenos poderes para tirar a classe militar de um estado de coisas incompativel com a sua honra e dignidade".

E era assim: falava-se em máos actos do governo, em liberdade da patria, em politica de "homens sem criterio", em desaffronta do Exercito, em "respirar o ar de uma patria livre", e outras coisas com que se encobria o que estava no animo de todos.

Allega-se tudo isso para mostrar como aquelles homens não queriam mais do que depôr o ministerio. Já vimos, no emtanto, como isso é tambem pueril. Todas as revoluções se fazem assim, dissimulando o seu objectivo real até á hora do triumpho.

De tudo se vê que o marechal Deodoro foi a figura central de todo aquelle movimento. Sem elle não se haveria feito a Republica. Nenhum dos outros personagens da conspiração tinha o prestigio, a coragem decisiva do chefe supremo. Todos tramaram. Benjamin delineou o plano. Mas Deodoro foi o braço que abateu o imperio.

Podemos dizer que foi até ahi o seu papel como politico. Dahi em deante o que lhe exigiram não estava nelle.

Se o actual regimen puder conciliar-se definitivamente com o sentimento nacional, e fazer o Brasil grande e digno como desejam todos os seus filhos, o historiador futuro ha de dizer na ufania da sua justiça: foi o marechal Deodoro quem fez a Republica.

Os seus erros como chefe de governo já não são delle, mas das circumstancias e dos homens.

MANUEL DEODORO DA FONSECA

O ADVENTO DA REPUBLICA

Essa geração forte que viveu o derradeiro quartel do seculo XIX, assignalado em a historia de nossa patria por tão extraordinarios successos, agora encanecida, toda ella guarda indelevel a recordação desse faustoso dia 15 de novembro, que figura como o crepusculo vespertino da realeza, que se extinguia, e a aurora esplendente da Republica, que surgia como a realização de um sonho, que seduzira e encantára a imaginação de tantos patriotas em dias passados.

A essa gente foi dado vêr nessa limpida manhã, doirada de sol, ao brilho das espadas reluzentes e dos sabres aguçados dos soldados brasileiros, a figura erecta e firme do glorioso e benemerito cidadão, o general Manoel Deodoro da Fonseca, a cujos ouvidos iam ter as acclamações da multidão apinhada nas ruas, saudando com enthusiasmo o advento da democracia. E nunca o poderão esquecer.

Era bem de vêl-o como um victorioso, forte e são, elle que horas antes estava chumbado no leito sob a acção da enfermidade, que não cessou de tortural-o. Lado a lado seguiam, na vanguarda das hostes libertadoras, como companheiros inseparaveis, tão bem unidos e ajustados para a temerosa façanha, actores essenciaes e principalissimos desse grandioso drama, o mestre eminente, que fôra o cerebro potente, que concebera todo o plano da revolução redemptora e o valoroso soldado, que apparecia como o braço vigoroso de quem dependera a execução de toda essa maravilhosa traça.

Iam bem assim de par o pensamento e a energia, a idéa e a força, a palavra e a acção. Tudo se ajustava na feliz e segura combinação para que apprecesse, como heroe nunca vencido, o general, que tantos combates soubera combater em defesa da honra e da integridade da Patria, e que era nessa hora visto, na missão de arredar com a sua espada as figuras da realeza e os destroços do throno combalido pelos golpes, com que o deixaram mal ferido as cutiladas dos propagandistas da idéa republicana.

Mal andavam, desorientados e cegos pela paixão politica, os que denunciaram o movimento revolucionario, que depoz a monarchia, como um mero levante de quarteis, de onde houvessem saido tropas indisciplinadas, como se a disciplina pudesse ser o açamo para a palavra livre e o ergastulo, que suffocasse em ambito malsão e estreito as consciencias honestas; como se a farda em logar de ser um honroso distinctivo, que trajassem os fi-

lhos de uma nação culta e adeantada, fosse apenas a libre que fizesse baixarem servidores de uma patria grande a humildes lacaios de senhores feudaes, fortuitos portadores de corôas.

A nação inteira sabia já nesses dias pensar e querer. E os que eram vistos como soldados em rebeldia, tinham bem titulos para lavrar a sentença de morte, que punha termo ao periodo, que nós viveramos sob o governo de seres privilegiados, á sombra malefica do preconceito dymnastico, que fazia da nossa patria a porção de terra, a que houvessem direito de propriedade, como a um descommunal latifundio, os entes, que nasciam entre doirados e ouropeis, com qualidades e dotes excepcionaes, como se fosse errado o conceito do notavel pensador inglez, ensinando que o homem dotado dos talentos indispensaveis para bem conduzir uma sociedade civilizada e bem fundada em nenhum paiz nasce commummente nos degráos do throno.

Falso o prégão, que tentou e por ventura ainda hoje tentaria rebaixar a esse nivel a gloriosa revolução de 15 de novembro, em que coube a Deodoro da Fonseca papel de tanto brilho e valor, quando no Exercito e na Armada nacionaes facil era de vêr como transfundida a propria alma da patria, sentindo, pensando e agindo na mais perfeita harmonia com os sentimentos, pensamentos e actos da nação os que trajavam os uniformes com que se ennobreciam, vendo nelles os distinctivos que os obrigavam a fazel-a vivel livre ou morrer por ella e com ella.

Nada mais contrario ás lições da sciencia e aos ensinamentos, como nol-os dá a nossa historia politica, do que esse argumento dos que vão buscar, obcecados pelos preconceitos e pela paixão partidaria, como causa immediata da tremenda explosão, que sacudiu o nosso paiz e que o transformou ao parecer mirificante, o simples protesto das classes armadas em defesa de interesses seus, e o despeito do escravagismo conluiado contra os suppostos autores da lei de 13 de maio de 1888.

Não seria essa a primeira vez que vissem errados os factos historicos os que não eram capazes de descobrir nelles o elo que liga aos effeitos tantas vezes assombrosos os factores, que são as verdadeiras fontes de onde elles se originam. Assim em 1789 na quéda da Bastilha, nessa tremenda insurreição em que figurou saliente o joven e ardoroso Camillo Desmoulins, passo inicial para a revolução, destinada a ultrapassar as largas fronteiras da França, convulsionando todos os povos, indo como um cataclysmo através da velha Europa e vindo bater como um profundo e largo movimento sismico o novo continente, nessa apparente agitação de Paris houve quem não visse senão uma ligeira turbação produzida por desequilibrios financeiros.

Nas vesperas do dia, em que o terceiro Estado pela voz possante de Mirabeau se levantaria tão acima da nobreza orgulhosa e da realeza estadeada sobre a sua base de longos seculos, houve quem, com autoridade de conselheiro do rei, segredasse aos ou-

vidos de Luiz XVI que os tres estados em nada eram de temer porque nenhuma resolução poderiam tomar sem o consentimento do rei.

A ABOLIÇÃO e a QUESTÃO MILITAR

Fui dos que souberam vêr até onde nos levariam as consequencias do acto legislativo memorabilissimo, que aos 13 de maio tinha metamorphoseado a nossa patria, fazendo do Brasil, como até então era, uma especie de nesga da Africa, tendo por symbolos um tronco e um azorrague, o Brasil que no futuro havia de ser, um paiz americano, fadado como todos os demais, que enchem o continente novo, de norte a sul, um pedaço de terra livre, organizado pelos principios democraticos.

Nem outra coisa poderia sair da reforma liberal, a qual, como brilhante victoria da opinião, vencendo escrupulos e resistencias da corôa, eliminára o mais odioso dos privilegios, assentando os alicerces em que ficariam solidadas as novas instituições politicas.

Soubemos assim vêr nitido e claro, os que annunciamos que não eram signos de proxima noite fechada e trevosa esses clarões, que matizavam o nosso firmamento, precursores de felizes e luminosos dias, como sôem os primeiros clarões, que tingem das côres do arrebol os recantos celestes do oriente, preceder a apparição da estrella, que nos allumia, ainda mettida pelo horizonte abaixo.

Entre nós tinha de caber ao Exercito, como lhe coube, a funcção de corporificar as aspirações nacionaes, na hora em que teriamos de padecer a operação, a que são sujeitas necessariamente todas as sociedades quando, no dizer do escriptor portuguez, passava a longa e trabalhosa gestação, tem de sair á luz a idéa realizada em factos. Nos movimentos liberaes, em que andavam empenhadas as classes armadas do paiz figurou sempre Deodoro da Fonseca guiando-as e conduzindo-as por veredas certas.

Assim foi, primeiro nessa diuturna campanha sustentada pela reivindicação de direitos, aberta pelos militares em nome da liberdade de suas consciencias, essa chamada "questão militar", na qual tão brilhante papel foi dado a esse destemeroso companheiro, que era Senna Madureira.

Do valor dessa lida, travada contra o governo em defesa de prerogativas, que a lei assegurava a todos os homens livres, rol em que se tinham como mettidos os cidadãos, que vestiam as fardas do Exercito e da Armada, foi me dado dizer, quando, ainda 1.º tenente de artilharia, como orgão da guarnição militar do Pará, subi a uma tribuna popular para dizer do batalhador, que se sumira nas escuridades de um sepulchro, prostrado pela

morte implacavel, o tenente-coronel Antonio de Senna Madureira, que fóra um lutador e um forte.

Nessa luta desabrida, em que andavam empenhados os brios das classes militares, cresceu a personalidade de Deodoro da Fonseca, que ao lado dos seus companheiros d'armas apontou ao governo, que se desmedira, o caminho da lei, invocando os preceitos da velha Constituição monarchica, que asseguravam a todos os cidadãos, sem distincção de classes a livre manifestação do pensamento e o direito de defesa. Os que assim pugnavam, tinham os ouvidos abertos á lição do grande jurista allemão ensinando que "sans lutte point de droit".

Ainda mais se recommendou á admiração dos seus compatricios e a estima e apreço dos seus companheiros o general Deodoro da Fonseca no dia em que deu o seu nome ao documento do mais alto valor firmado tambem por outros, dando á nação toda a segurança de que o Exercito brasileiro não desceria nunca ao papel aviltante de bando de janizaros para impedir que de nossa terra desapparecesse a negra mancha, que tanto a rebaixava, deixando-a em nivel inferior ás nações policiadas, todas já libertadas desse opprobrio instituto.

Esse foi o golpe de misericordia dado na maldita e execravel propriedade do homem sobre o homem, que nos fazia descer aos infimos degráos da civilização, onde nós ficavamos á laia de residuos dos povos já redimidos do grande crime aviltante.

Eram as derradeiras esperanças dos escravocratas, que se desfaziam em nada deante da nobre e altiva affirmação, posta em papel estampado na imprensa, garantindo que as espadas dos officiaes brasileiros não se deslustrariam, ajudando a manter de pé o caduco edificio, e suffocando os justos levantamentos da raça opprimida, no direito sagrado de insurreição, natural aos que padecem fome e sêde de justiça, que taes eram as victimas da instituição hedionda, que vivia á sombra de leis monstruosas e execraveis.

OS CONSPIRADORES DE 15 DE NOVEMBRO

Dessas façanhas foi que veiu engrandecido o general Deodoro da Fonseca para ouvir a palavra de Benjamin Constant, encantadora e convincente, a desenhar em côres vivas o futuro para onde nós seriamos levados, imagens e seducções a que não resistiria o espirito do velho soldado, habituado já a tantos prelios travados por amor da liberdade, embora ao monarcha envelhecido e decrepito, tão credor da estima dos brasileiros pelas bondades do seu coração, o prendessem multiplos laços. Esses liames o sentimento intenso de amor da patria os quebrou no dia em que, na sua consciencia limpa e aberta ao influxo do bem, encontrou agasalho a idéa já em marcha, e que, com ra-

pidez, dentro em pouco se apossara dos animos dos seus leaes companheiros de conjuras, de que só pela republica poder-se-iam curar os males tão grandes, que vinhamos padecendo no decurso de tão extensos annos de vida agitada.

O que, de sciencia certa, sabem aquelles que de perto acompanharam os conciliabulos dos revolucionarios nos dias que precederam o levante das tropas, é que Deodoro da Fonseca, quando se collocou á frente dellas, sabia bem para onde iam, sendo publico e notorio que os seus commandados em marcha para o quartel general, onde os aguardava o immortal Floriano Peixoto, solidario com a revolta, se despojavam dos distinctivos que faziam delles em vez de soldados da *patria* como os soldados do *imperio*.

Cercado por esse pugilo de republicanos já chefes consagrados, e que com elle constituiram o governo provisorio, Deodoro da Fonseca, ouvindo sempre os sabios conselhos de Benjamin Constant, a opinião abalizada do conspicuo Ruy Barbosa, os patrioticos pareceres de Quintino Bocayuva, de Campos Salles, de Aristides Lobo, de Francisco Glycerio, deu á Republica nos primeiros dias que ella viveu tão incertos e sacudidos, o seu concurso efficaz para que nesse periodo de progresso continuo e rapido, dia a dia, uma por uma, fossem feitas as conquistas liberaes, que a lei magna de 24 de fevereiro de 1891 consolidou nos artigos, que fizeram della o codigo politico, a quem mestres da sciencia do direito em terras estrangeiras fizeram elogiosas referencias e merecidos gabos.

A OBRA DO GOVERNO PROVISORIO

Vivemos assim acostados, e andámos bem guiados quando a Republica foi a obra feita pelos republicanos, que sempre o tinham sido, como se quizessemos ficer fieis á palavra de conselho de Leon Gambetta, exigindo que á testa dos destinos da patria franceza, sob o novo regimen, nella implantado a 4 de setembro de 1870, fosse posto *le parti repuclain, qui l'a toujours eté*.

Respeitando-se os principios da religião, que professavam em sua maioria os brasileiros, e acatando-se os direitos da igreja, foi proclamada a mais absoluta liberdade de consciencia, como raros povos a têm, separados por completo os dois poderes, temporal e espiritual, desdados os laços que opprimiam as consciencias, acto feito de modo excepcional, sem reclamos nem bulhas, a contento de todos, ficando os fieis com todas as garantias legaes para o exercicio dos seus cultos, e as autoridades eclesiasticas com a mais ampla liberdade de acção no desempenho das suas sagradas funcções, sem que pudessem nesse exercicio perturbal-as a intervenção indebita dos governos, a que

dantes viviam sujeitas, communicando-lhes as leis penaes severas por actos que tinham apparentemente a significação de não ultrapassarem os limites da sua esphera de attribuições em bem dos seus credos e obediencias das ordenações por que se regiam os actos religiosos.

Viemos da centralização, que nos atrophiava, para a federação, que nos vitalizou, passando das antigas provincias, que se acorrentavam ao centro, para os novos Estados autonomos e, no entender de muitos, gosando de um quinhão de soberania, que lhes permitte as maiores larguezas na gestão do que é do seu dominio proprio.

Tudo se fez em poucos dias, restringido como foi o prazo da dictaudra pela convocação da assembléa constituinte, que não tardou em dar á patria e ao novo regimen a palavra de ordem necessaria para que ficassem reconhecidas todas as reformas nesse operoso e fecundo periodo decretadas, taes e tantas que em documento de seu punho Ruy Barbosa proclamava Campos Salles, ministro da Justiça, o codificador da Republica, em tão grande numero foram em verdade as leis organicas por elle promulgadas.

Criado o novo Ministro da Instrucção Publica, o que dá bem a caracteristica do novo governo, pôde Benjamin Constant, collocado á frente delle, emprehender a reorganização do ensino publico em todos os seus gráos, contando com auxiliares dedicados e competentes, como esse erudito Ramiz Galvão, a quem foi dado o cargo de director da Instrucção Publica.

Foram os serviços assim prestados que levaram Deodoro da Fonseca ao alto posto, a que o fez chegar a escolha do Congresso Constituinte, a quem a lei nova confiára essa difficil tarefa de eleger os cidadãos que servissem como presidente e vice-presidente da Republica, no primeiro quatriennio então aberto.

Grande era a confiança que a sua conducta, nessa quadra da vida republicana, tão ardua e inçada de perigos, inspirava aos partidarios mais ardentes do novo regimen, zelosos por que nada viesse perturbar a implantação das instituições, que começavam a metter raizes no sólo, onde não lográra vingar o Imperio.

Falando ao eleitorado paraense, em carta politica datada de 15 de agosto de 1890, a agradecer-lhe a indicação do meu nome para o Congresso Legislativo eleito nesse anno, eu me julgava autorizado a considerar acertada a orientação que os levára a acclamar o general Deodoro da Fonseca como candidato á funcção de presidente da Republica.

E, na derradeira vez que foi dado a Benjamin Constant falar aos seus fieis discipulos e dedicados amigos, reunidos na assembléa do Club Militar, aos 9 de novembro de 1890, para darem ao querido mestre ainda um testemunho de apreço e lhe assegurarem a sua solidariedade na defesa dos ideaes republicanos, ouviram-no, os que nesse recinto se ajuntaram, affirmar

que, de quantos votos pudesse dispôr, dal-os-ia a Deodoro da Fonseca para subir aos posto que lhe era destinado.

Tal era tambem o pensamento de Floriano Peixoto, que, nas vesperas do famoso pleito, que iria decidir dos destinos da Patria e da Republica, aconselhava, aos que procuravam ouvil-o, a aceitar a candidatura do chefe do governo provisorio, como a solução, no momento, capaz de evitar males e riscos possiveis em dias proximos.

Já nesse tempo em derredor de Deodoro da Fonseca não se agrupavam os companheiros que o tinham, com rara competencia e dedicação inexcedivel, auxiliado no governo dictatorial prestes a findar.

A CRISE FINAL

Estavam mudados os scenarios; eram outras as personagens vistas na arena das lutas politicas.

Dir-se-ia que tinhamos começado a desacertar na escolha dos homens, entregando a tarefa de guiar a Patria sob o regimen democratico, que ella adoptára para se engrandecer e felicitar, aos que traziam do regimen decaido outros habitos e processos. Foi de vêl-os a surgir, os que poderiam porventura caber na fórmula traçada pelo mais eminente politico da Terceira Republica, em França, quando falou, para condemnal-os, nos homens que não pertencem a nenhum partido, porque em todos têm servido e a todos têm traido, e contra os quaes é bom que sejam vigilantes, prudentes e desconfiados, em nome mesmo dos interesses mais sagrados da Republica.

Já então o governo tinha de ser exercido dentro dos limites rigorosamente definidos na Constituição promulgada, e a cujo projecto liberal déra o marechal Deodoro da Fonseca a sua adhesão e a sua assignatura. Era um periodo novo para as nascentes instituições, naturaes nelle as duvidas e as incertezas, que não tardaram a surgir, na execução de um plano confiado, como fôra, a agentes que não tinham sido os seus criadores.

Desde os dias em que funccionou a assembléa constituinte, surgiram os primeiros symptomas denunciadores da desharmonia, que foi augmentando sempre, entre o velho servidor da Patria e os que tinham sido os seus socios tantas vezes, e com os quaes havia dado combates e vencido.

Não quiz o destino que findasse a sua existencia, tão cheia de lances patrioticos, sem que vivesse dias amargurados.

Rendendo homenagem á força da opinião, que o fortalecera e amparára vezes diversas, em horas memoraveis, resignou as funcções, que haviam sido postas em suas mãos pelo voto do Congresso Nacional, e entregou as rédeas do governo ao marechal Floriano Peixoto, a quem viria caber o pesado e penoso encargo de guiar a Republica em phase de tumultos e agitações,

que pareciam, pôl-as em risco aos olhos dos que acceitavam, como possivel, o crime de uma tentativa de restauração monarchica, acreditando que podem os povos desandar os caminhos já trilhados e recuar na senda do progresso, abrindo mão de direitos já consagrados.

Seriam, talvez, os desacertos desses primeiros dias da vida republicana a confirmação da palavra de Joaquim Nabuco, em cuja opinião a Republica organizada pelos monarchistas seria como uma bancarrôta assignada pelos fallidos.

Deodoro da Fonseca deu mostras da sua grandeza d'alma e das qualidades do seu bonissimo coração, oppondo-se a que partidarios seus e seus amigos travassem contra adversarios, por amor do seu nome, recontros fratricidas, que ensanguentassem o sólo sagrado da Patria.

Ia findar a carreira e a existencia tão accidentada do famoso soldado, que, já na vizinhança do tumulo, deu ainda uma prova da elevação dos seus sentimentos patrioticos, tanta vez inspiradores dos actos da sua conducta.

Os ultimos successos politicos aggravaram os males, que de muito vinham consumindo o seu organismo. Não tardou a morte em feril-o, sem dó, arrancando-o do seio da familia e de amigos fieis, que sempre viveram ao seu lado.

Já então ia cessando a grita dos descontentes. Deante da sepultura, que se rasgava, entrou a emmudecer a critica severa e muita vez injusta dos seus actos, fazendo-se o silencio em derredor do grande morto, cujos serviços á Patria eram de tal monta que dariam de sobra, para que fossem perdoados e esquecidos os seus erros, tão natural e humano é que os commetta quem quer que é chamado ao desempenho de funcções de governo, mesmo em quadras normaes e dias de tranquillidade e socego.

Tão certo isso é que, ainda na esphera de mais serena actividade governamental, onde não collidem interesses materiaes, na ordem puramente espiritual, são inevitaveis os desacertos. Assim, era de ouvir e notar a famosa réplica de Augusto Comte, com razão tido e havido, sem favor, como o leader do pensamento moderno, dada a Charles Denoyer, que em 1925 o inquiria: "Mas não receiaes que o novo poder espiritual venha a abusar?" "Bem o espero — dizia, sensatamente, o criador da philosophia positiva — porque elle só não abusaria se não existisse".

Como escaparia a tão certa sentença o primeiro chefe de Estado, destinado a governar assediado por embaraços sem conta e difficuldades insuperaveis?

Como é commum, operou a morte os seus effeitos, trazendo a remissão dos erros e calando o clamor descompassado de muitas aleivosias. O tempo exerce essa acção necessaria, "omnia delite dies". E a justiça merecida acaba por ser feita aos que um dia foram grandes, embora parecessem diminuidos por

actos praticados, no pensar de muitos, em desaccôrdo com as regras da sã politica e esquecidos da missão educadora dos que governam.

Tal foi o caso de Deodoro da Fonseca. Delle poderiamos dizer, como disse Voltaire de Francis Bacon, a quem houve escriptor que chamasse "le plus grand, le plus sage et le plus vil des hommes": "Como é de uso entre os homens, foi mais estimado depois de morto do que emquanto viveu".

Lauro SODRÉ.

(General e Senador da Republica)

O PECCADO ORIGINAL DA REPUBLICA

A onda de "republicanos historicos". — A concurrencia dos adhesistas. — Os verdadeiros fundadores da Republica. — Os republicanos e os abolicionistas. — Quem derribou a Monarchia foi o Exercito. — As tres correntes que se conjugaram contra o Imperio. — A Questão Militar foi uma luta de classes. — O papel de Deodoro. — O peccado original da Republica.

Se bem que a implantação da Republica não tenha tido ainda o seu historiador definitivo, todavia não resta duvida que já existe farta e sufficiente documentação para se escrever esse episodio da nossa historia politica.

Se a Historia ainda não escreveu a sua pagina sobre o advento da Republica no Brasil foi porque, mal se verificou esse acontecimento, seus actores e, principalmente os seus comparsas ou méros figurantes, começaram a depôr para o julgamento da posteridade contando as coisas como viram ou ouviram; contando o que viram ou ouviram naquelles dias de incertezas e de imprevistos em que os proprios fundadores do regimen hesitaram e, na propria hora e no proprio instante em que derribavam a monarchia, não sabiam se deviam, sobre os seus escombros levantar a Republica.

A ONDA DE "REPUBLICANOS HISTORICOS"

Instituido o novo regimen e, entrando elle no periodo da implantação e da consolidação da Republica, era natural que os resolutos e os hesitantes das horas revolucionarias, apparecessem depois perante os contemporaneos, allegando serviços que, a seu ver, deviam ser recompensados. Era tambem natural que, nesse periodo chaotico das novas instituições politicas, vingassem pretensões pessoaes inteiramente injustas e deixassem por outro lado de ser reconhecidos serviços valorosos, dignos de recompensa ou apreço. Mas, como sempre acontece em situações como essa, houve injustiças, não só quanto á retribuição de serviços prestados á Republica antes e durante a sua proclamação, como tambem houve injustiça quanto ao julgamento desses serviços. Em circumstancias dessa natureza, isto é, quando um paiz muda de instituições, é natural que haja concurrencia de patrio-

tas exhibindo serviços que prestaram ou não. Serviços imaginarios ou nenhuns, são muita vez retribuidos; assim como serviços reaes e valiosos são contestados ou incorrem no esquecimento.

Dahi a razão do que se verificou entre nós, no advento da Republica: — regimen instaurado por algumas pessoas e não pela Nação, era de esperar que houvesse disputa entre essas pessoas e os seus respectivos partidarios e admiradores no tocante á efficiencia dos serviços prestados por cada uma dellas na implantação de uma fórma de governo que, abolindo os privilegios anteriores, vinha permittir agora que o paiz fosse governado pelos seus "republicanos historicos". Dahi a onda de "republicanos historicos", onda que se ergueu em 1889 e que ainda se vê, já muito diminuida, arrastando a sua espuma, não mais contra as posições de governo, como nos primeiros tempos do regimen, mas sim contra a posteridade, porque, quem, entre os republicanos historicos (com excepções) não conseguiu em tempo a recompensa objectiva dos seus serviços á fundação da Republica, appella agora para a justiça da posteridade, que, não tendo relações com o poder temporal e não distribuindo favores politicos, está sempre com isenção de animo para reconhecer e proclamar os feitos valorosos.

Muitos dos nossos "republicanos historicos", depois de allegarem inutilmente aos seus contemporaneos os serviços que suppõem ter prestado ao nascimento da Republica, voltam-se agora para posteridade allegando os mesmos serviços. A Historia costuma ser mais justa do que os homens de governo — e, embora não disponha de favores para distribuir entre os desilludidos dos grandes ideaes collectivos, comtudo possúe o dom de consolar os verdadeiros visionarios do bem publico.

A CONCURRENCIA DOS ADHESISTAS

Já nos primeiros dias da Republica, manifestaram-se flagrantemente injustiças contra verdadeiros republicanos historicos; porque, se é verdade que muitos foram logo aproveitados no exercicio do poder publico, governando alguma coisa deste paiz que estava agora á mercê das suas luzes e das suas ambições, tambem é verdade que muitos outros republicanos historicos nada lucraram com a implantação do novo regimen — esse regimen onde, ao contrario do anterior, havia lugar para todos, por ser o do governo do povo, pelo povo, e para o povo. O Povo, não tendo tomado parte na implantação desse regimen feito em nome delle e para elle, teria de participar do novo estado de coisas, passando procuração aos seus representantes, mais ou menos legitimos e — o que é peor — nem sempre retirados das gloriosas fileiras dos verdadeiros republicanos historicos.

Com effeito, as adhesões á Republica foram tantas e tão sinceras, que, na hora de organizal-a e governal-a, foi difficil distinguir entre os republicanos historicos e os republicanos adhesistas. Além disso, velhos conselheiros da Monarchia, e outros monarchistas mais ou menos illustres, vindos do Senado ou da Camara do Imperio, e saidos das correntes tradicionaes do Partido Conservador ou do Partido Liberal, não deixaram passar longo tempo e, compellidos intimamente pelo anseio de servir á Patria em qualquer hypothese e, portanto, em qualquer regimen, adheriram logo com sinceridade ao novo estado de coisas. Sem o querer, constituiram-se concurrentes dos republicanos historicos ás posições a que estes aspiravam.

Dahi as injustiças praticadas involuntariamente contra muitos desses republicanos da propaganda; e dahi tambem esse profundo sentimento de tristeza que invadiu a alma desconsolada de muitos desses propagandistas, levando-os a essa jeremiada que, á força de repetida e por ser muito sincera, a Historia registrou:

—"Esta não é a Republica que eu sonhei!..."

OS VERDADEIROS FUNDADORES DA REPUBLICA

Essa phase de desillusões inevitaveis e que coincide com os primeiros tempos da Republica, phase que ainda não terminou por existirem ainda muitos republicanos historicos, — essa phase deu logar a que se travassem polemicas pela imprensa e pela tribuna no sentido de se apurarem os serviços dos fundadores do regimen — os serviços por elles prestados antes e durante a proclamação da Republica.

Um dos resultados dessas polemicas travadas entre os proprios interessados, isto é, entre os mesmos que fizeram ou viram fazer a Republica, — foi não se ficar sabendo ao certo quem verdadeiramente a fundou.

As figuras de Deodoro, Benjamin, Floriano e Bocayuva, fascinando cada qual numerosos admiradores, mantiveram-se em julgamento no tribunal da Historia, reunido para isso com especial antecedencia, e, deante dos vivos porém collimando a posteridade, appareceram os depoimentos daquelles que viram ou ouviram fazer a Republica. Nesses copiosos depoimentos dos que viram ou ouviram fazer a Republica, surgiram, cada vez maiores, esses quatro vultos da implantação do regimen, acompanhados, é bem de ver, de muitos desses illustres depoentes.

Em face de tantos depoimentos e tão desencontrados, o tribunal da Historia — ao qual se dirigiam — resolveu archivar o processo e, recolhendo os outros, mandou embora essas patrioticas testemunhas. Não lhes desprezou, comtudo, os depoi-

mentos, reservando-se para, futuramente, em tempo proprio, relêl-os com isenção de animo e espirito de justiça.

Archivado assim o processo espontaneo que se instaurou perante a Historia nos primeiros tempos da Republica, e, deante das contracções dos depoimentos, ficou sem se saber afinal quem fôra realmente o fundador da Republica — se Deodoro ou Benjamin Constant. Quanto a Quintino Bocayuva, o chefe do partido republicano ao tempo da propaganda, não poderia ter sido o fundador da Republica, porquanto, tendo sido ella implantada pelas armas, embora silenciosas, Quintino não dispunha de nenhuma, a não ser a sua penna de jornalista arma que não podia ser decisiva na propaganda de uma idéa democratica no seio de um povo quasi analphabeto. E, no tocante a Floriano Peixoto, o que os alludidos depoimentos deixaram claro foi que o ajudante-general do Exercito, cumulado de considerações pelo gabinete Ouro Preto, ao qual se manifestava devotado emquanto Deodoro andava perseguido em Matto Grosso em consequencia da Questão Militar, que foi o que derribou a Monarchia, — no tocante a Floriano, diziamos, o que se apurou, atravez desses depoimentos, foi a sua adhesão á Republica no instante mesmo em que esta foi proclamada. E os que procuraram justificar essa adhesão, allegando entendimento prévio entre Floriano e Deodoro — (Floriano, que era pessoa da maior confiança do governo imperial em novembro de 89 e que estava no proprio dia 15 exercendo um cargo da mais alta confiança do Ministerio; e Deodoro, que desde 86 dirigia a Questão Militar contra o governo) — esses que procuraram justificar a adhesão de Floriano allegando que elle havia conspirado previamente com os revolucionarios, esquecem com certeza de que se isso pode ter recommendado Floriano aos postos que depois occupou na Republica, talvez não o recommende igualmente á justiça desapaixonada, serena e inflexivel da Historia — que não costuma absolver, nem muito menos applaudir, qualquer acto maculado de eiva de traição. A traição póde recommendar o traidor aos seus contemporaneos, mas nunca o recommenda ao juizo da Posteridade. Não vae nisso nenhuma injuria ao "Marechal de Ferro", que, depois se tornou admiravel quando no exercicio do governo da Republica, prestou ao novo regimen os assignalados serviços que os seus admiradores contemporaneos consideraram a "consolidação da Republica", como se a revolução de 93 fosse realmente monarchica, e como se, ainda hoje, em 1927, com quasi quarenta annos de praticas republicanas, ainda não tivessemos o direito de sonhar com uma Republica de verdade, a Republica com que sonharam os visionarios da propaganda, e com que, ainda hoje, estamos nós sonhando...

OS REPUBLICANOS E OS ABOLICIONISTAS

E por que essa disputa historica para se saber como se fez a Republica?

Porventura, será indispensavel á Historia o esclarecimento desse ponto, apurando-se o papel de cada um dos protagonistas desse episodio?

E por que tambem esta pressa em se depôr perante a Historia, com uma antecedencia e uma expontaneidade que não poderiam, de nenhum modo, provocar e conseguir uma sentença immediata?

Affigura-se que a razão é a seguinte: — é que a Republica não foi feita pela Nação e sim por individuos; e estes, nas suas rivalidades, e arrastando nellas os seus admiradores, deram lugar e asses polemicas sobre as quaes a Historia decidirá depois.

Por que não occorre o mesmo relativamente á Abolição, facto de maior magnitude perante a Historia e que se verificou quasi na mesma hora em que se fez a Republica?

E' porque a Abolição foi obra da nação inteira, e não de uma classe ou de grupo de pessoas.

Os abolicionistas não se apressaram como os republicanos historicos em dizer á Historia o que fizeram pela libertação dos escravos, nem precisaram entreter polemicas para se saber quem fizera a Abolição. A Historia não precisa de depoimentos graciosos e tendenciosos para saber quem, naquella campanha libertadora de uma raça, prestou serviços mais relevantes á Patria, despertando por actos e pela palavra os sentimentos mais profundos e mais humanos da nação, de cuja vontade dependia a libertação de um grande fragmento de uma raça escravisada.

Ser abolicionista, depois da Abolição, não era titulo que se apresentasse em publico a troco de um emprego ou posição de mando no paiz; ao passo que ser republicano historico, depois de proclamada a Republica, era recommendação com que se apresentavam os que tinham ambições justas ou injustas, que só o governo poderia satisfazer.

QUEM DERRIBOU A MONARCHIA FOI O EXERCITO

Se por um lado os depoimentos prestados para a Historia da Republica e que, por serem muita vez contradictorios, degeneraram em polemicas, constituiram um vehiculo para a manifestação de vaidades pessoaes, tambem é certo que, por outro lado, vieram servir á historia da Republica.

Deante dos copiosos testemunhos pessoaes e dos documentos dados á publicidade, uns de caracter official e outros de caracter particular — quasi que se póde dizer que não é por falta de subsidios, mas precisamente pelo contrario, que ainda não houve historiador que tomasse a seus hombros escrever definitivamente a historia da Republica.

Além disso, é ainda cedo para a Historia se manifestar definitivamente a respeito, quando ainda estão vivos innumeros republicanos mais ou menos historicos.

Para o que no emtanto já é tempo, é para se saber, de um modo geral, como se substituiu o antigo pelo actual regimen.

Parece que, em face de tudo quanto se tem apurado, já não resta duvida que quem fez a Republica, ou, mais precisamente, quem derribou a Monarchia foi o Exercito. Verdade é que ella foi instituida pelo Exercito e pela Armada em nome da Nação; mas, se é certo que a Armada se limitou a consentir, tambem é incontestavel que a Nação assistiu a tudo "bestificada", como disse Aristides Lobo (testemunha insuspeita para os republicanos historicos) com muita verdade e muita força de expressão.

O Povo, esse Povo para quem se fez a Republica e que continua a esperando a sua hora de governal-a, o Povo não fez nada, nem, para desengano de sua consciencia, não derribou aquella monarchia constitucional em que viveu durante mais de meio seculo sob um regimen que não era democratico mas que em todo o caso se praticava honestamente, apesar dos erros inevitaveis dos homens publicos. Vivendo á sombra de uma Corôa tão liberal quanto possivel para aquelle tempo e este paiz, o povo se conformava com a sua sorte de Povo Inculto, e ainda rendia graças a Deus por viver sob a égide de uma Constituição respeitada pelos governos. Não foi elle — o Povo — quem baniu o seu velho Imperador, o mais democrata dos soberanos do seu tempo, e implantou esta Republica, que elle até hoje não comprehende, não governa, nem pratica.

Quem, não sendo republicano historico, estuda, através dos subsidios destinados á Historia, como se fez a Republica, — procura o Povo nos acontecimentos que derrocaram o velho regimen, e o não encontra.

Se consegue vêl-o, é quando elle apparece "bestificado" assistindo, entre attonito e apprehensivo, ao desfilar pacifico das tropas de Deodoro, no dia 15 de novembro.

Esta ausencia do povo na criação de um regimen democratico constitue o peccado original desta Republica em que nós vivemos.

Nem poderia um povo analphabeto, e que mal comprehendia uma monarchia constitucional, pensar em substituil-a por uma fórma de governo mais difficil de entender e ainda mais difficil de praticar.

Quando os revolucionarios de 89, Deodoro á frente, declararam estabelecer a Republica em nome da Nação, o fizeram absolutamente certos de que usavam de uma fórmula que não exprimia bem a verdade, por isso que, nem mesmo a Armada, que adherira ao Exercito nessa revolução, pensára, antes de 89, em fazer a Republica. O proprio Exercito, que foi quem derribou a Monarchia, realizou esse movimento quasi sem objectivo politico, quasi sem ter a certeza da sua finalidade e compellido apenas por uma questão subalterna, que interessava quasi exclusivamente a elle, como foi essa questão que passou á Historia com o nome de "Questão Militar". Foi essa méra questão de classe, muito menos importante para os interesses de uma nacionalidade do que a questão social, politica e economica dos escravos — o que desmoronou o Imperio, já com os seus alicerces um tanto abalados pelos máos governos e pela Abolição. Esses máos governos, entretanto, não eram tão prejudicados ao Brasil, quanto outros que a Republica mostrou, nem erravam desattendendo aos interesses nacionaes por culpa da Monarchia, mas sim por culpa de certos detentores do poder, isto é, por culpa dos homens e não por culpa do regimen, o mesmo que promovera com segurança, embora com certa lentidão, a grandeza do Brasil, cuja independencia e cuja organização politica e administrativa já elle havia levado a effeito, assegurando-lhe ainda admiravelmente, a integridade territorial.

O proprio Deodoro, sem o qual o Exercito não se teria animado a sahir dos quarteis no dia 15 de novembro, sabia muito bem que a Nação Brasileira, em 89, não estava ainda em condições de adoptar, o regimen republicano, para o qual, segundo elle mesmo observava, ella não tinha a necessaria educação politica.

Já em outubro de 88, dirigindo a Questão Militar desde 86 e com ella frequentemente ameaçando os politicos, o velho soldado, referindo-se á propaganda republicana, escrevia, em carta intima a um seu parente, que "Republica no Brasil e desgraça completa eram a mesma coisa".

Mesmo depois de voltar de Matto Grosso em 89, e quando se iniciou a conspiração por elle chefiada e que teve por desfecho a proclamação da Republica, ainda Deodoro, animado do espirito de vingança contra os politicos que o perseguiam e aos seus camaradas de classe, estava disposto a encabeçar uma revolta de quarteis, mas não uma revolução politica que tivesse por finalidade a substituição radical do regimen. Não era elle republicano nem considerava o povo brasileiro capaz de o ser (como o diz na alludida carta), para que se convencesse intimamente da necessidade e do acerto de fazer-se a Republica.

AS TRES CORRENTES QUE SE CONJUGARAM CONTRA O IMPERIO

Por mais que se queira attribuir efficiencia á propaganda republicana levada a effeito desde o Manifesto de 1870, não se póde deixar de reconhecer que a Questão Militar abalou muito mais os fundamentos da Monarchia e foi ella que, aggravando-se cada vez mais desde 86 a 89, desfechou contra o Throno não só os maiores golpes, como tambem o golpe final.

Certo é que, de permeio com essas duas correntes revolucionarias — a da propaganda republicana pelos civis, e a da Questão Militar — intercorrem a do movimento abolicionista, que, não só vinha de mais longe do que as outras duas, como tambem, pela sua essencia economica, cavava mais fundo os alicerces dos ultimos governos imperiaes.

Os visionarios civis com a sua propaganda de idéas democraticas, e os militares com os seus descontentamentos de classe, provocados pelo caso Cunha Mattos e pelo caso Senna Madureira, e aggravados cada vez mais por desintelilgencias posteriores, essas duas correntes que se agitavam contra o governo monarchico, procuraram naturalmente tirar partido da obra, tambem um tanto revolucionaria, dos abolicionistas.

Por mais altruistica e menos facciosa que fôsse a campanha emancipadora dos escravos, tinha ella o seu aspecto politico opposicionista que os republicanos, em proveito de sua propaganda, procuraram aproveitar, e que os proprios militares tambem não desprezaram na sua luta de classe contra o governo.

Dahi, este resultado: — o movimento abolicionista ter o concurso dos republicanos e do Exercito antes da Abolição, e a Abolição, por sua vez, facilitar ao Exercito e ao Partido Republicano, a proclamação da Republica.

Foram essas tres correntes que, correndo com violencia para os pés do throno, e confundindo-se nos alicerces um tanto gastos da monarchia, acabaram por derribal-a, quando ainda a nação não estava em condições de substituil-a vantajosamente por um novo regimen.

Mesmo antes da Abolição, em junho de 1887, foi levantada por militares e abraçada por abolicionistas a candidatura de Deodoro a senador pelo Rio de Janeiro — candidatura que nascida no Club Militar e esposada pelos proceres do movimento abolicionista com Patrocinio á testa, não andou longe, a despeito da falta de preparação eleitoral, de alcançar um exito relativo em contraposição á do velho politico conservador.

A questão militar approximou o Exercito do movimento abolicionista, — com o que não lucrou a Corôa mas lucraram os escravos.

A questão militar approximou ainda o Exercito dos parédros da propaganda republicana, — com o que não lucrou a monarchia mas lucraram o Exercito e os republicanos vencendo violentamente o adversario commum, que era a Corôa.

Realizado o ideal dos abolucionistas, a Abolição os approximou dos republicanos e dos militares, — com o que não lucrou a monarchia mas lucrou a Republica, surgindo, abruptamente, desse cháos politico.

A QUESTÃO MILITAR FOI UMA LUTA DE CLASSE

Eis ahi como nasceu a Republica, prégada sinceramente por esses visionarios que mesmo em 89 não a teriam visto realizada se não fosse a questão militar.

Ella se gerou no cerebro de alguns ideologos, porém, nasceu do descontentamento dos quarteis, — descontentamento que, de inicio, nada tinha a vêr com ella.

Deodoro, sem cujo concurso a historia de tudo isso teria seguido outro rumo, não era republicano nem envolvia a sua questão militar — que o absorvia — nas malhas da propaganda republicana.

Não teve mesmo entendimento com os propagandistas desde 86 até meiados de 89, a não ser com Julio de Castilhos, com quem, no Rio Grande do Sul, ao tempo de sua permanencia naquella provincia como commandante das armas e depois vice-presidente em exercicio fizera, em 85 e 86, relações pessoaes ceremoniosas mas que bastaram para que o velho militar se fizesse admirador confesso do propagandista republicano.

Deve-se á inhabilidade dos tres ultimos gabinetes ministeriaes da monarchia ou, noutra hypothese, a um capricho improprio de estadistas, a importancia qu eattingiu a questão militar — uma simples questão de classe que, dado o espirito conciliador de Deodoro, espirito manifestado então por varias vezes, bem poderia ter sido solucionada pelo governo imperial. Este, quer no gabinete Cotegipe, quer no gabinete João Alfredo, quer no gabinete Ouro Preto, parece que não comprehendeu que, deante da campanha abolicionista e da propaganda republicana, era preciso transigir com o descontentamento dos quarteis, antes que este descontentamento se conjugasse com aquellas duas campanhas, como depois aconteceu.

O PAPEL DE DEODORO

O papel de Deodoro em tudo isso foi preponderante, e se tornou decisivo na revolta militar que instaurou a Republica.

Quem acompanha detidamente a marcha da questão militar, desde o seu inicio, até o 15 de novembro de 89, que foi

o seu desfecho imprevisto, observa que o que lhe deu importancia e alento desde o começo foi o espirito de classe de Deodoro, estimulando o de seus camaradas.

Basta recordar que a questão principiou quando Deodoro, no exercicio dos cargos de commandante das armas e 1.° vice-presidente em exercicio do Rio Grande do Sul, gozando de alta consideração e prestigio junto ao imperador e ao gabinete de Cotegipe, abriu mão de todo esse conceito e, não esquecendo as suas altas responsabilidades, contrariou francamente o governo imperial, collocando-se ao lado de Senna Madureira e dos camaradas que, naquella provincia, se mostraram solidarios com esse official.

Póde ver-se, atravez da correspondencia trocada por essa occasião entre Deodoro e Cotegipe, com que desassombro, com que energia e com que decisão Deodoro enfrentou o governo central para ficar ao lado de seus companheiros de classe, que elle considerou geralmente attingidos pelo caso de Senna Madureira, e, tambem, anteriormente, pelo caso de Cunha Mattos. Foi a attitude de Deodoro, dando a esses casos singulares de disciplina, ou perseguição de militares, um caracter generico e mais grave, o que divorciou o Exercito do governo, ou, mais propriamente, o que determinou a luta aberta entre os militares e os politicos — conforme o proprio Deodoro teve occasião de accentuar em varias opportunidades.

A questão militar deve ser encarada, pois, como uma luta entre duas classes; — entre a classe militar e a dos politicos, em quem os militares, depois de descontentes, viam uma casta especial e privilegiada de civis no uso e gozo dos poderes publicos.

O PECCADO ORIGINAL DA REPUBLICA

Mais que a propaganda republicana, foi o militarismo que, dirigido, ingenua e sinceramente por Deodoro, derribou a monarchia, implantou a Republica e, depois de implantal-a, ainda por alguns annos vicejou tragicamente no novo regimen, orientado por Floriano Peixoto, que, com a mesma sinceridade do seu antecessor, não sendo republicano antes de 89 e sendo essencialmente um soldado, quiz consolidar esta mesma Republica contra a qual nunca ninguem attentou, mas que, ao que parece, em consequencia do seu peccado original — o de ter sido feita pelo Exercito sem que a nação estivesse em condições de adoptal-a — não é ainda bem uma republica, uma republica representativa e democratica, como aquella com que sonharam os propagandistas do regimen e com que, ingenuamente, ainda nós sonhamos...

PARA A HISTORIA DA REPUBLICA

O Congresso e o marechal Deodoro. — O golpe de Estado de 13 *de novembro de* 1891. — *Imprevidencia constitucional para solução das desharmonias entre os Poderes. — A ação militar no caso. — A indissolubilidade premeditada do Congresso de* 1891, *em disposição transitoria. — A dissolubilidade do Congresso pelo Executivo armado.*

Do capitulo XXII do livro que estamos escrevendo, com o titulo acima, extraimos:

"*O Congresso e o marechal Deodoro — O golpe de Estado de* 13 *de novembro de* 1891 — *Imprevidencia constitucional para solução das desharmonias entre os poderes — A acção militar no caso — A indissolubilidade premeditada do Congresso de* 1891, *em disposição transitoria —A dissolubilidade do Congresso pelo Executivo armado.*

Continuavam os senadores e deputados, já nas poltronas das duas casas do Parlamento, com suas hostilidades ao marechal Deodoro, que persistia em manter o barão de Lucena e seus companheiros do antigo partido conservador monarchico, no ministerio, que não satisfazia as aspirações dos republicos, por seus processos administrativos.

E Lucena, exaggerando o seu respeito ao conservantismo, teimava em usar e fazer alarde de seu titulo nobiliarchico, que a Republica abolira, nos actos officiaes, e a imprimir, no governo, processos que animavam os monarchicos a esperarem a volta do seu senhor; e nesse engano lêdo e cégo se balançavam.

Ora, sem raizes que sustentassem, tombada, como foi, a arvore não mais se ergueria; tanto mais quanto o tronco foi o primeiro a abrir mão de seu levantamento, ainda mesmo temporario, escorado, como pensaram os amigos, dispostos a deixal-o extinguir-se pela acção natural do tempo, que estava proximo, dada a molestia que lhe ia ceifando o organismo vital.

E' que, sabio e philosopho, com as lições da Historia, viu o destino que a geração Bragança-Orléans; e, patriota, quiz poupar o sangue de seus compatricios divididos e empenhados em luta fratricida.

E, assim, não era licito aos republicos esse temor injustificavel para se arrastarem a uma hostilidade ao governo de Deodoro; e esta teria sido evitada, se outra tivesse sido a fórma republicana adoptada.

E, se não tinham que receiar do velho exilado, muito menos da acção da filha, que ás advertencias das inconveniencias de sua desenvolta conducta, destoante da austeridade de seus progenitores, aos seus conselheiros respondia — não saberem ser ella neta de louca e dessa tara ser portadora.

O GOLPE DE ESTADO DE 1891

Mas Deodoro, adoentado e suggestionado por Lucena, guerreado pelos historicos, positivistas militares e civis, em logar de vêr a Nação, salva, por elle, da effusão de sangue brasileiro, só tinha a visão do seu amor-proprio offendido, que era explorado pelo amigo.

No entretanto, em sua nobre e elevada abnegação tinham os brasileiros a mais segura garantia da defesa da obra, consciente e convencidamente de ser aspiração do povo, e não seriam as velleidades de seu ministro que o deteriam de sustentar o seu patriotico feito.

Mas os legisladores, certos da insolubilidade, em face da Carta Constitucional que elaboraram, entregaram-se a contrariar e negar medidas e recursos governamentaes; e, criando-lhe difficuldades, faziam concessões e favores a bancos emissores e empresas que as grandes aguias fixavam.

E a todos esses manejos Deodoro respondia com a sua persistencia em ter a seu lado o barão de Lucena.

E cada vez mais se enchia o calice da amargura, prestes a transbordar!

O governo tinha o maior interesse na conservação da legação diplomatica junto á Santa Sé. E os membros do governo eram catholicos praticantes.

Mas os positivistas do comtismo, adversarios, se oppuzeram á inclusão, no orçamento, da verba para aquelle serviço.

E o transbordamento se verificou!

No entretanto, se negaram a Deodoro, servilmente deram a Floriano, depois do 23 de novembro!!...

E Lucena, que vinha planejando a sua desforra, induziu Deodoro a dar um golpe, para sua desaffronta, com a dissolução do Congresso.

Muito relutou, é certo, aquelle marechal; mas os seus amigos, secundando Lucena, o concitaram a esse acto contra os facciosos, que bem mereciam ser apeados das alturas a que tinham sido elevados, desattendendo ao precario estado de saude daquelle grande brasileiro.

Floriano, vice-presidente, foi ouvido, e apoiava.

E Lucena o transmittiu, telegraphicamente, aos governadores dos Estados.

De sorte que, quando, melhor reflectindo, depois, Deodoro quiz recuar, Lucena se valia da communicação para dissuadil-o desse proposito.

E só devido a essa circumstancia acquiesceu, mandando o decreto e o manifesto para o "Diario Official".

As autoridades militares de terra e mar foram chamadas e receberam as instrucções para o golpe que se ia dar contra a Constituição, sendo, á tarde de 12 de novembro de 1891, recolhidos a seus quarteis e navios de guerra as respectivas forças.

Estavamos, então, embarcados no C. "Guanabara", como official immediato; e, estranhando a ordem de irmos para bordo, estando em casa, passando pelo Palacio Presidencial, a caminho, ali entrámos, para ter alguma informação do que occorria.

Deram-n'as os majores Clodoaldo e Percilio da Fonseca, da casa militar, dizendo-nos ter Deodoro resolvido dissolver o Congresso.

Ponderámos-lhe ser attentado grave á Constituição, que Deodoro devia evitar.

Observaram-nos, porém, não ser mais possivel voltar atraz, por já ter Lucena dado aos governadores dos Estados sciencia desse acto, que merecera approvação, e para o "Diario Official" já havia remettido o decreto e o manifesto.

— Sendo assim — declarámos-lhes — sustentaremos, muito embora consideremos erro.

E fomos para bordo.

No Arsenal de Marinha, aos officiaes que mostraram ignorar o motivo da chamada, demol-o.

E, assim, na madrugada de 13 de novembro, estavam as duas casas do Parlamento guardadas por forças do Exercito, para impedir o ingresso dos seus membros, dissolvidos pelo decreto publicado, no "Diario Official", com o manifesto ao povo, justificando o golpe de Estado, assegurando a continuação do regimen republicano e uma proxima eleição de constituintes para alterar a Carta de 24 de fevereiro.

IMPREVIDENCIA CONSTITUCIONAL

Estavamos, pois, deante de um conflicto entre dois poderes constitucionaes, sem encontrar, na Constituição Federal, meio de solucional-o, desde que se mantivessem nessa situação prejudicial ao regimen e á Nação!

E não era, certamente, caso para uma tal violencia!

Era, sim, o primeiro effeito do erro da adopção do presidencialismo, senão incomprehensão do instituto.

De um lado, o Executivo, com o apoio dos governadores dos Estados federados, garantindo o regimen; do outro, o Legislativo, com elementos facciosos, em arremettidas contra o presi-

dente da Republica, que a havia proclamado e elegido os con-congressistas — portanto, com a responsabilidade e dever de sua estabilização.

Não era, pois, admissivel regressar ao monarchismo.

E, se algum receio de mudança pudesse haver, seria para o estabelecimento da fórma unitaria, que viria methodizar e uniformizar a educação republicana do povo para o grande surto do federalismo, que se lhe seguiria, necessidade essa que o acto em apreço perfeitamente justificava e factos posteriores patentearam.

No entretanto, nem essa modificação propugnava o marechal, em seu manifesto.

Que o Legislativo se fizera faccioso e decaira de sua elevada investidura, dizem bem alto as mentiras historicas, inseridas na Carta, de ser Benjamin Constant o fundador da Republica, como um acinte ao seu proclamador, que foi o marechal Deodoro da Fonseca. Facto esse bastante para o desrespeito popular á Constituição, se outros ali introduzidos não evidenciassem a falta de decôro e desprestigio desses legisladores.

E' que os republicos, da escola de 89 franceza, estavam sedentos de sangue, e não se conformavam com a passividade do povo, que tinha, sem resistencia nem protesto, que queriam nelle encontrar, aceito o advento da Republica. E, ao invés de terem essa attitude como prova de sentimento republicano, tomaram-na como de pusillanimidade, e queriam impellil-o para a luta fratricida, que Pedro II e Deodoro, abnegadamente souberam conjurar, e vinham, então, provocando-a desde a Constituinte.

E, depois da derrota humilhante, mais se lhes irritaram os animos para uma desforra, sabendo que Deodoro, adoentado, estava no proposito de renunciar, e, se, a 15 de novembro de 89, assumira a chefia do Governo Provisorio, foi porque nenhum outro quizera tomal-a, tendo Benjamin se recusado, por não se sentir com o preciso prestigio para o elevado cargo, de tantas responsabilidades.

Onde, pois, e quaes os actos de Deodoro contra a Constituinte, para as aggressões pessoaes dos seus senadores e deputados?!

Só foi allegado o ministerio, com os seus antigos correligionarios, do barão de Lucena, como se, no regimen presidencial, não fossem os secretarios-ministros da livre escolha e confiança do presidente, unico responsavel, não para com o Congresso, mas para com a Nação, da qual é mandatario.

Ora, se pensarmos ser de movel pessoal a actuação desses congressistas, não podiamos deixar de sacrificar principios de doutrina politica, como, a 15 de novembro de 89, Deodoro e os officiaes de terra e mar fizeram, unindo-se em defesa dos altos sentimentos e espirito de classe e camaradaria, para, com um só pensar, darem ao Brasil a fórma governativa dos anhelos dos povos livres.

A ACÇÃO MILITAR

E, se assim, então, procederam os militares, embora discordando do acto, acompanhámos Deodoro, a 13 de novembro de 91, com a mesma estima e confiança de até então, tanto mais que reprovavamos a attitude facciosa dos positivistas e discolos militares, do afastamento dessa orientação prestigiosa.

Mas é que os militares, sem a pratica dos processos da politica partidaria, deixaram-se seduzir pelas artimanhas dos civis viciados, e não viam o trabalho e jogo de sapa para impedirem o desenvolvimento do militarismo incipiente. Não conheciam, certamente, o principio politico — dividir para dominar pelo enfraquecimento das massas — que tambem é militar.

E fascinados com a ascensão, das alturas a que foram guindados, não deram com a quéda que os esperava!

E, emquanto, cégos, se embalavam, gozando as venturas da grandeza, os civis se uniam e minavam o terreno que deviam trilhar.

E, como o grande prestigio de Deodoro estorvava o predominio civil, era preciso inutilizal-o! E a intriga, arma dos politicos ambiciosos, teve ambiente, e operou!

Aos civis ligaram-se os doutores fardados, intitulados positivistas, que levavam lenha á fogueira, em nome da confraternização da humanidade.

E a luta iniciou-se, mascarando-se o alvo com o fantasma do monarchismo do barão de Lucena, tanto mais perigoso quando Deodoro, nos seus momentos de aborrecimento, para se livrar das impertinencias e exigencias dos republicos e positivistas, os ameaçava dizendo que iria buscar o velho exilado para lhe entregar o governo; e os pretendentes a emprego, que allegavam sua qualidade de republicano historico, retorquia que era republicano de 15 de novembro.

Depois de seu regresso dos Estados Unidos da America do Norte, onde se achava a 15 de novembro de 89, foi nomeado commandante do Corpo de Marinheiros Nacionaes, o então capitão de mar e guerra Luiz Felippe de Saldanha da Gama, e neste posto militar estava a 13 de novembro de 91.

Ali soube elle reunir um grupo de officiaes moços, seus admiradores e amigos dedicados, aos quaes, com o seu exemplo, imprimiu um espirito de ordem, trabalho e disciplina, que o fizeram suspeito aos republicanos adversarios de Deodoro e Lucena, dos quaes era amigo.

No entretanto, Saldanha, com a lealdade e nobreza de caracter que o tornavam respeitado recebido, festivamente, no Club Militar, solemnemente affirmou que, se estivesse no Rio de Janeiro, no seu commando do E. "Riachuelo", a 15 de novembro, se teria opposto á mudança do regimen; mas, uma vez

que estava effectuada, sua actuação militar seria toda de acatamento e defesa á nova ordem constitucional, aceita pela Nação.

E Saldanha não se envolvia em politica, nem tolerava conversações ou questões desta a bordo ou no Club Naval, do qual era socio influente, e sempre se tinha alheiado ás chamadas questões militares.

E assim tambem procediam todos quantos guardavam indeleveis os ensinamentos do Codigo, que estavam habituados a ouvir ou lêr, em actos de formatura geral, descobrindo-se á voz de tirar bonets, o art. 1.º dos de guerra: — *"A subordinação é a base de toda ordem; e, sem ella, perde toda sua força o corpo militar, sendo necessario, para sua perfeita união, que o respeito aos superiores se ponha em rigorosa pratica por todos os militares, desde o soldado até ao mais graduado general; porque, recebendo este do supremo monarcha as reaes ordens, gradualmente as delega nos seus subordinados."*...

Ora, se passado da monarchia absoluta de 25 de setembro de 1799, data do Codigo, á Constitucional de 7 de Setembro de 1822, para chegar á Republica, com o seu presidente representando o chefe Supremo, encarnado naquellas no monarcha, aquella doutrina sabia e previdente, em nada affecta o regimen governativo por ser inherente a qualquer forma que reger a Nação, bastando para o republicano substituir a palavra monarcha por soberana Nação, e reaes por soberanas, ou legaes.

E exemplos de militares e civis monarchicos servirem, com lealdade, á Republica, como republicanos á monarchia, ha em todos os tempos e povos; porque, em qualquer dos systemas o soberano está na Lei que a Nação soberana adopta e na pessoa de seu supremo chefe seu madatario e executor de sua suprema vontade á qual fica subordinado como todos que lhe obedecem.

E, foi com esta nossa orientação republicana e militar que a 13 e 23 de novembro de 1891 e a 5 de setembro de 1892, ficamos obedientes ao Poder Executivo, chefe constitucional do Exercito e da Armada, que era, não sendo licita outra conducta militar em face do art. 14 da Carta de 24 de fevereiro, que prescreve:

"As forças de terra e mar são essencialmente obedientes, dentro dos limites da Lei, aos seus superiores hierarchicos e obrigadas a sustentar as instrucções constitucionaes".

E o presidente, eleito constitucionalmente, era, como seu administrador, o superior hierarchico que ordenava.

E, se este havia infligido preceito constitucional daquella carta, não nos cabia o dever de julgal-o, e, emquanto mantivesse o Poder constitucional, tinha o direito á obediencia, por ser o unico responsavel de seus actos.

Desobedecer, seria insurgirmos e, por certo, intervirmos officiosamente, num conflicto, fóra de nossa acção militar: seria

tornarmo-nos juiz sem mandato outorgado pelo supremo soberano que nos manda sermos essencialmente obedientes.

E, se este não delegou a qualquer dos seus orgãos soberanos e constitucionaes o direito de intervir e resolver os dissidios entre elles, só a si o reservou.

A INDISSOLUBILIDADE DO CONGRESSO EM DISPOSITIVO TRANSITORIO

No entretanto são orgãos da soberania nacional, harmoniosos e independentes os tres Poderes Legislativo, Executivo e Judiciario, sem a nenhum caber acção dirimidora das suas lutas.

Como, pois, conciliar a independencia de cada um com a harmonia, quando se desharmonizaram?!...

E' o caso de varios mandatarios, de uma mesma causa que quebram a harmonia, prejudicando a causa do constituinte.

A solução do caso, e unica é a appellação para o outorgante.

E este era o unico interessado em solver a divergencia, revogando, outorgando ou mantendo o procurador que mais e melhor convier, como interprete de sua vontade.

No caso, pois, em apreço, foi o que fez um dos mandatarios — o Poder Executivo como o mais forte, por estar investido da administração da força do mandante para o cumprimento de suas ordens. E suspendendo a execução do mandato entregou a decisão do litigio ao mandante — o Povo soberano e, com os elementos representativos da Nação armada agiu para garantir o livre julgamento e sentença soberana, providenciando para a segurança da ordem administrativa que lhe fôra commettida para os bens do patrimonio e a liberdade nacional não viessem perigar.

E tanto mais obrigatorio era esse dever quando um dos mandatarios, em proveito proprio, em final de paragrapho de artigo de disposições transitorias da carta, preceituara a sua propria indissolubilidade, para se garantir contra os outros, sem que, no entretanto, de providencias asseguradoras, tivesse cogitado.

E, estas estariam, por certo, firmadas na intervenção do terceiro orgão, seguida, quando desattendida da suspensão tacita do exercicio funccional dos desharmonizados, e entrada immediata do substituto constitucional do orgão executivo não envolvido, para sujeitar, com o afastamento das brigadas, o caso á Nação soberana, que, no veredicto da eleição livre, se pronunciaria reelegendo os mesmos harmonizando ou dando substituto a um delles destituindo assim o outro.

Mas, o Pacto de 24 de fevereiro, dos tres Poderes, fez dois de membros temporarios, e um — o Judiciario, não eleito, de membros vitalicios e innamoviveis, como se a este fosse conferida a acção equilibradora da harmonia entre elles.

E, este, não fôra ouvido como devera em obediencia á doutrina constitucional da harmonia.

Ora, pronunciado o terceiro Poder, um dos dois outros, teria necessariamente de ceder, desistindo da briga, ou renunciando o mandato para o julgamento do mandante. E esse pronunciamento do Judiciario era licito promover, uma vez que, aos membros dô Legislativo tinha o Executivo obstado ingressarem em suas casas do trabalho publico. Tanto mais quando o Judiciario não podia conhecer nem acatar o acto inconstitucional.

No "Habeas Corpus", por tanto, estava uma medida constitucional para imposição do respeito e amparo á sua liberdade funccional.

E desse pronunciamento, defluiria direito aos militares a recusa de obediencia ao seu superior hierarchico julgado fóra dos limites da lei, para que não incorresse em responsabilidade criminal.

Desobedecido ou negada a força nacional para o cumprimento da sentença, por parte do seu administrador constitucional, seriam dois contra um a contender.

Ora se os Poderes são independentes, como orgãos da Nação, um não póde impôr-se a outro e muito menos usar das armas para sustentar seus designios de predominio, que a Carta não confere, impondo, sim, a harmonia de acção.

E se negamos aos militares esse emprego das armas que guardam para suas ambições individuaes contra o Poder constituido, certamente não approvaremos ou admittiremos aos orgãos da soberania nacional contra esta ou contra qualquer um delles.

Demais, impedido de occupar a sua officina o Congresso poderia reunir-se em outro ponto do territorio nacional, e ahi apurar em defesa de sua prerogativa, abroqueladd, como estava no dispositivo que encartaram para si nas disposições transitorias da Carta Constitucional.

DISSOLUBILIDADE DO CONGRESSO PELO EXECUTIVO ARMADO

Mas a verdade é, que quando os constituintes não pensaram de medidas soluccionando os conflictos armados e desharmonicos entre os poderes, já estando elles em hostilidades com o Executivo provisorio, para se ampararem e guardarem as cadeiras do Parlamento, que lhes tinham sido distribuidas, com a eleição pela Lei Eleitoral Cesario Alvim, por Deodoro, emittem-se procuradores em "res propria" e estatuem a sua propria indissolubilidade para continuar nas funcções pelo tempo do

mandato, sem essa clausula, e, assim forçarem o Poder Executivo a submetter-se ás suas injuncções ou renunciar.

E não obstante o paragrapho 4.° do art. 1.° das disposições da Carta dizer: "Concluida ella (a promulgação da Constituição) o Congresso dará por terminada a sua missão constituinte e, separando-se em Camara e Senado, encetará, a 15 de junho do corrente, o exercicio de suas funcções normaes; não podendo em hypothese alguma ser dissolvido", foi dissolvido, e estará substituido por outro esse de 1891, se o marechal Deodoro tivesse resistido, e qualquer outro o será, pela força das bayonetas e canhões do Poder Executivo, ao qual, as forças armadas estão subordinadas e são essencialmente obedientes, se não houver acto constitucional ou leis, que os liberte dessa obediencia.

Parece-nos, no entretanto, estar ali preceituado um privilegio ao Congresso de 1891, certamente aberrante do regimento republicano. E por isso perguntamos a nós mesmos, porque só aquelle e não outro, seria indissoluvel?

Certamente, pela convicção de que, pela inflingencia da harmonia constitucional, que me premeditavam, Deodoro, no Poder Executivo, viesse dissolvel-o.

E isso receiando, querendo persistir em briga, não o elegendo presidente da Republica como tentaram, salvaguardaram-se com aquella, para se agarrarem ás cadeiras, ás quaes não voltariam, em novo pleito, com Deodoro a presidir.

A opposição, pois, ao marechal não tinha assento em interesses nacionaes, e, sim, pessoaes.

Os seus adversarios se olvidavam de que só ao prestigio delle se fez a Republica sem effusão do sangue brasileiro. E a Republica constituida não perigava.

E não seriam as velleidades dos monarchicos desmoralizados a 15 de Novembro de 89 que a derrubariam como ainda não conseguiram, não obstante os desmandos, erros e desgracas que os seus máos dirigentes tem-lhe trazido pela falta de clarividencia, comprehensão e pratica republicana.

E, dos ideaes republicanos vive o povo brasileiro supportando com resignação estoica as suas angustias, esperançado de que melhores dias virão para a Patria.

E, assim, nessa doce esperança se embalando, alheia-se das contendas pessoaes dos politicos.

E, nestas só intervem forças armadas, desviadas de sua nobre missão e dever constitucionaes, seduzidas por falazes promessas e designios patrioticos.

E foi o que fizeram os facciosos dissolvidos.

E, foi ainda a grande abnegação e o grande patriotismo do grande marechal Deodoro que conjuraram a luta fratricida da qual sairia elle victorioso se tivesse resistido e não ordenasse

aos seus melhores e dedicados amigos e companheiros e abstenção do emprego das armas!

E, assim continua o Congresso exposto ás possibilidades de dissolução pelo Poder Executivo.

E, dahi essa subserviencia do Legislativo ao Executivo, e a interferencia deste na organização daquelle.

No entretanto reformou-se a Carta, deixando-se esta deprimente situação, autorisando insurreições militares promovidas pelos proprios orgãos da soberania nacional.

Que Republica e que republicanos!!!

Emilio de M. Ferreira CAMPELID.

(Almirante)

DEODORO

1827 — 1927

Uma historia sem homens é como uma astronomia sem astros, uma physica sem corpos.

Sylvio Roméro.

Vemos... que a historia é feita de reparações salutares e de tardias justiças.

Eduardo Prado.

A verdade que encerram os conceitos acima transcriptos, justifica plenamente as homenagens que o Brasil hoje tributa a um dos mais eminentes de seus filhos — o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, commemorando o primeiro centenario de seu nascimento.

Deodoro é na historia militar e politica de nossa patria, um astro de primeira grandeza, de brilho inconfundivel.

Era dotado de elevado patriotismo e de espirito de classe em alto gráo. Foram esses dous sentimentos, conjugados, que o decidiram a proclamar a republica, sem ser republicano de convicção.

Deodoro foi pelo seu prestigio, pela sua energia, pelo seu amor ao Brasil, o corpo, o elemento catalytico, que estabeleceu a fusão entre civis e militares, para a jornada de 15 de Novembro de 1889.

Foi em sua casa e sob sua responsabilidade que se resolveu derrubar o throno e proclamar a republica.

A historia ha de reconhecer isso e ha de fazer-lhe justiça.

As camadas do tempo só apagam os vestigios dos que passaram sobre a terra, quando não deixaram traços indeleveis dessa passagem.

TRAÇOS BIOGRAPHICOS

O nascimento do Marechal Deodoro occorreu aos 5 dias do mez de Agosto do anno de 1827, na cidade de Alagoas na então Provincia hoje Estado do mesmo nome. Foram seus paes o Te-

nente-coronel Manoel Mendes da Fonseca e D. Rosa Paulina da Fonseca, de quem herdou um elevado e desprendido amor pela patria.

Seu genitor que era tambem natural de Alagoas, onde nascera em 1785, falleceu no Rio de Janeiro, no posto de Tenente-coronel reformado, aos 24 de Agosto de 1859. D. Rosa, alagoana tambem, nascera em 18 de Outubro de 1802 e falleceu em 11 de Julho de 1873, deixando de si uma tradicção honrosa como esposa dedicada, mãe extremosa e pelas suas raras virtudes patrioticas.

Deodoro aos 16 annos incompletos foi matriculado na Escola Militar e ahi cursava o 3.° anno, quando em 25 de Fevereiro de 1845, foi alistado no 4.° batalhão de artilharia a pé, sendo reconhecido 1.° cadete. Em 1847 terminou o 5.° anno do curso de artilharia.

Em Dezembro do anno seguinte, no posto de 2.° tenente, seguio para Pernambuco, afim de fazer parte das forças que alli operavam sob o commando do Brigadeiro José Joaquim Coelho, contra os praieiros.

Em 2 de Fevereiro de 1849 tomou parte no combate do Recife, onde foi morto o chefe rebelde Nunes Machado, retirando-se os sediciosos capitaneados pelo intrepido Pedro Ivo.

Tomou parte em mais dous combates, portando-se com distincção, conforme referiram seus commandantes.

Por decreto de 30 de Abril de 1825 foi promovido a 1.° tenente. Collaborou na organização do batalhão de engenheiros, como seu secretario.

Em 2 de Dezembro de 1856 foi promovido a capitão. De Março de 1859 a Julho de 1862, esteve em commissão em Matto Grosso.

Fez a campanha do Uruguay, como capitão do 1.° de artilharia. Terminada essa campanha seguio para a do Paraguay, commissionado no posto de major commandante do famoso 2.° batalhão de Voluntarios da Patria, posteriormente 24.°

Abriram-se então para o heroico soldado as portas do templo da gloria, de par em par. E elle, com a cabeça altiva, olhar de aguia, largo peito arfante, pisando firme, com a physionomia illuminada pelo fogo sagrado do patriotismo, transfigurado em uma bravura communicativa, percorreu-lhe todos os compartimentos ,guiando os seus commandados.

Seu nome está gravado entre os dos bravos que combateram no Passo da Patria, tendo como recompensa o gráo de cavalheiro das Ordem do Cruzeiro; em Itapirú, em Estero Bellaco, em Tuyuty, nos combates de 16 e 18 de Julho, que lhe valeram a confirmação no posto de major, por actos de bravura; no Potrero Obelha, sendo pelos seus feitos ahi praticados condecorado com o officialato da Ordem da Rosa; no Tagy, sendo promovido a tenente-coronel, pelo comportamento que ahi teve; no Estabelecimento, merecendo pelos seus feitos nesse combate

a nomeação de official da Imperial Ordem do Cruzeiro; em Angustura, Itororó, onde recebeu tres ferimentos, dos quaes um de caracter grave, sendo promovido a coronel por bravura e condecorado com a medalha de merito militar; em Patino-Cue, em Ascurra, em Campo Grande onde, com sua brigada praticou "o primeiro feito decisivo do dia", segundo se lê no Diario do Exercito.

Terminada a penosa, longa e cruente campanha, regressou a esta Capital, em Abril de 1870, commandando o 1.° batalhão de artilharia a pé onde se alistára havia 25 annos. Nesse espaço de tempo, pelos seus estudos e pelo seu valor pessoal, ascendera de praça de pret a coronel.

Não foi, pois, como ainda hoje por malicia ou ignorancia, se propala, um protegido de D. Pedro II.

Seu unico protector, disse elle em Setembro de 1889, quando entrevistado por um jornalista em Santos, fôra Solano Lopez, que declarando guerra ao Brasil, influira em sua carreira.

Assim, effectivamente aconteceu, como é facil de demonstrar: pelos seus estudos foi de 2.° tenente a capitão em 8 annos, tendo permanecido quasi dous lustros neste ultimo posto. Por ahi se vê que quando a munificiencia Imperial podia attingil-o, promovendo por merecimento, não se manifestou.

Todas as suas promoções aos postos superiores foram por actos de bravura, sendo uma dellas, a ultima no proprio campo de batalha, quando ainda sangravam os ferimentos recebidos.

Foi, pois, exclusivamente pelo seu valor pessoal que se elevou de capitão a coronel em quatro annos.

Para galgar dous postos no quadro de generaes, depois de terminada a guerra, esperou 15 annos.

Pelos serviços prestados na Campanha das Cordilheiras foi nomeado dignitario da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Em 14 de Outubro de 1874 foi elevado a brigadeiro. Em 1880 foi noemado commendador da Ordem de S. Bento de Aviz. Em 30 de agosto de 1884 foi promovido a marechal de campo.

Desempenhou os cargos de Inspector Geral das tropas estacionadas no Rio de Janeiro e nas provincias da Bahia, Pernambuco, São Paulo, Santa Catharina, Paraná e Rio Grande do Sul. Foi commandante das armas na Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Matto Grosso, exercendo accumulativamente com essas funcções, nas duas ultimas provincias citadas, a presidencia das mesmas.

Achava-se como Quartel Mestre General do Exercito, quando em Outubro de 1885, foi nomeado presidente e commandante das armas do Rio Grande do Sul.

Em 9 de Dezembro de 1888 foi nomeado commandante em chefe das forças de terra e mar, concentradas em Matto Grosso, em virtude de imminente conflicto entre Bolivia e Paraguay.

Dissolvidas essas forças, regressou Deodoro a esta Capital em 13 de Setembro de 1889, recebendo significativa manifestação por parte dos officiaes do exercito.

Pouco tempo depois foi resolvido em sua residencia a extincção da monarchia e a instituição da republica em nossa patria.

Na madrugada de 15 de Novembro de 1889, assumia o commando das forças revolucionarios contra o Imperio; horas depois depunha o ministerio e voltando á frente da força proclama a republica, ficando como chefe do governo provisorio, segundo combinação anterior.

Em 15 de Janeiro de 1890 foi acclamado generalissimo de terra e mar. A 25 de Janeiro do anno seguinte foi eleito presidente constitucional da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

A 3 de Novembro, ainda de 1891, dissolveu o Congresso Nacional. Vinte dias depois, não obstante contar com o apoio de força armada, resignou o cargo de Presidente da Republica, para evitar a guerra civil.

Em 11 de Janeiro de 1892 foi reformado a seu pedido.

Falleceu 7 mezes depois, isto é, aos 23 de Agosto de 1892.

ESPIRITO MILITAR

Deodoro foi uma das mais intrinsecas organizações do soldado que o Brasil tem tido. Possuia em subido gráo o espirito militar, que vibrava em todos os seus gestos; que explodia, quando offendido, lançando lavas como um vulcão e só amainava diante dos altos interesses da patria, porque a mais elevada de todas as suas virtudes foi, sem duvida, o seu grande, desinteressado e nobre patriotismo.

Foi conduzido pelo seu espirito militar, que não admittia restricções nas prerogativas da classe, que elle, de boa fé, sem perceber as manobras insidiosas da politica, tomou a defesa de seus camaradas na famosa Questão Militar.

Foi inspirado pelo seu espirito militar que, retrucando um reproche de Cotegipe, escreveu estes periodos, que denunciam uma nobre alma de soldado:

"Não teremos, Exmo. Snr., Exercito deliberante, incompativel com a liberdade civil da Nação, nem V. Ex. quererá Exercito desbriado, e assim facil á acção de qualquer especulador para atiral-o contra a liberdade civil da Nação".

Antes já havia dito á mesma autoridade: "Se como presidente e commandante das armas, tenho deveres, como soldado offendido pelas injustiças contra minha classe, os tenho tambem, porque assim o exigem a disciplina, moralidade e brio do soldado".

Todas as aspirações de Deodoro residiam na carreira que abraçava e na qual com mais dous annos de permanencia, dizia elle em Setembro de 1889, attingiria ao mais alto posto do Exercito, podendo assim, segundo sua pittoresca expressão, cantar no Imperio como gallo na torre.

Era a alma singela e franca do soldado que se manifestava, enamorada e orgulhosa de seu destino.

E' do interessante estudo do Coronel Liberato Bittencourt — *Psychologia do Commando em Chefe* — a seguinte narrativa que evidencia o alto espirito militar do illustre soldado cujo nascimento hoje se commemora: "Deodoro Chefe do Governo, entra um dia de havano na bocca em local onde não é o fumo permittido. A sentinella, de arma apresentada, observa ao magnanimo lidador que alli se não podia fumar. E o velho soldado, com o largo peito de medalhas cheio, joga o charuto fumegante, com as seguintes expressivas palavras: Tem razão, camarada. E' da disciplina!"

DEODORO E A POLITICA

O velho militar era a antithese do politico ou antes da individualidade como tal considerada neste vasto paiz de politiquice: alma franca e liberal; não era dissimulado nem hypocrita, segundo o conceito de Quintino Bocayuva; incapaz de assaltos insidiosos: atacava sempre de frente, de espada alta.

Faltava-lhe, além disso, ardor partidario: não alimentava a hysteria dos facciosos, nem se submettia á disciplina dos partidos.

Por occasião das eleições não obedecia ordens dos cabos eleitoraes e sim aos impulsos da consciencia, aos ditames do coração: suffragava os amigos ou os que lhe pareciam capazes. E por isso, embora filiado ao Partido Conservador, votou sempre em Ozorio, Porto Alegre, Beaurepaire Rhoan, chefes liberaes.

Em pleno regimen monarchico declarou em publico que votaria de bom grado em tres republicanos, que elle classificou de moços distinctos: os Drs. Julio de Castilhos, Assis Brasil e Ramiro Barcellos.

Para que se possa avaliar sua mentalidade com relação ao politico e ao soldado, vamos transcrever um trecho de sua carta confidencial, de 14 de Novembro de 1886, ao Barão de Cotegipe, Chefe do Gabinete no inicio da Questão Militar: "Se a sorte determinar o rebaixamento da classe militar, no dia em que eu desconfiar que na frente de soldados não passarei de um commandante superior da Guarda Nacional — especial — e simples vulto politico, quebrarei minha espada e, envergonhado, irei procurar, como meio de vida e a exemplo de muitos, uma cadeira de deputado, para tambem poder insultar a quem quer que seja".

DEODORO E D. PEDRO II

Já deixámos consignado que Deodoro não foi, como se tem feito constar, creatura de D. Pedro II. Nutria, entretanto, affeição e respeito pelo monarcha, como homenagem, sem duvida, ás suas excelsas virtudes.

Não era, porém, um aulico e muito menos um idolatra e por isso não se julgava obrigado a servir ao Rei incondicionalmente. Eis um dos factores que o demoveram a proclamar a Republica, depois de vigorosamente trabalhado por Frederico Solon de Sampaio Ribeiro, o mais antigo e pertinaz e um dos mais ardorosos dos propagandistas da Republica no seio do Exercito; por Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto e por Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Quando em 2 de Fevereiro de 1887 os officiaes delegaram poderes a Deodoro para os representar na Questão Militar perante o Imperador, deu o General mais uma prova de sua estima ao Monarcha, dirigindo-lhe a seguinte carta:

"Senhor — Conceda V. M. Imperial permissão a um dos vossos mais respeitosos, amantes e leaes subditos, de tomar vossos preciosos momentos em petição de justiça. E não venho eu só, é, por assim dizer, o Exercito todo, toda a classe militar, que vem por minha voz deprecar a V. M. Imperial.

"Senhor! Sabe V. M. Imperial da reprehensão que foi infligida a um Coronel do Exercito por sua justa e quiçá franca resposta a insultantes duestos de um Deputado da Nação; e da maneira por que se tratou desse assumpto no Parlamento, mesmo por parte do Ministerio, como que fazendo propositál alarde em desprestigio do Exercito.

"Sabe tambem V. M. Imperial da reprehensão infligida a outro official superior do Exercito, chamado a terreiro nessas discussões alimentadas pelo proprio Governo, que já não se contentava com o desprestigio da classe militar, que a rebaixava ante cidadãos que, não sendo governo, não podiam ser considerados superiores hyerarchicos de classe alguma, e não sendo militares, com elles não entendem os preceitos disciplinares sobre discussões na imprensa, entre militares.

"Sabe V. M. Imperial dessas reprehensões injustas feitas com espalhafato, com publicidade em todos os jornaes, e, por conseguinte, tornadas patentes á Nação e ao mundo inteiro a dous officiaes superiores do Exercito. No Parlamento que representa a Nação, rejubilavam-se, e quasi sem imputação, pela irresponsabilidade de que gozam, apraziam-se em molestar e insultar os militares!

"Senhor, só quem não for soldado, só quem não tiver ou não comprehender a menor noção do brio e da dignidade militar, só quem julgar que a farda do soldado é a libré do servilismo e da baixeza, poderá ver, sem corar de vergonha, sem estre-

mecer de indignação, um tal procedimento, que já não é um desacato da autoridade, mas um insulto á classe militar.

"Coube-me, Senhor, por minha posição especial no exercito nessa occasião, o dever de solicitar dessa autoridade superior que sobrestivesse os seus actos reconsiderasse suas decisões e resolvesse-as de conformidade com a razão, o direito e o bom senso. Essa resolução seria necessaria em prol daquella classe. E era de razão e de prudencia.

"O exercito tinha estremecido e anciava por uma decisão que o libertasse dessa exposição ao menospreço publico, e que o mostrasse respeitavel e respeitado dentro dos limites da lei.

"E não são exigencias de um pretenso pundunor: é a propria disciplina que o exige. A disciplina militar não permitte ao soldado receber affrontas e vellipendios; a disciplina quer no soldado — e isso no mais alto gráo — brio, dignidade e honra. A obediencia do soldado não vae até o proprio aviltamento; o soldado é obediente, mas não servil; e aquelle a quem não repugnam actos de baixeza e servilismo não é digno da classe a que pertence, não é digno da farda que veste, farda que é a mesma que V. M. Imperial honra trazendo-a.

"O governo imperial, Senhor, por um acto de reflexão e justiça, mandou estudar a questão pelo conselho supremo militar, tendo por base avisos do ministerio da guerra, erroneos ou mal interpretados. A honrada corporação não vacillou em seu juizo; velhos generaes, ainda lhes pulsa nos peitos, corações de soldados; veteranos, conservam eterno o fogo sagrado do pundonor militar, alliado á hombridade do cidadão.

"V. M. Imperial em sua alta justiça concordou com o parecer do venerando tribunal, e mandou executal-o em data de 3 de Novembro do anno passado; mas até hoje, Senhor o exercito e a nação esperam essa execução. O exercito receia ser o ludibrio de uma procrastinação acintosa.

"Eis porque, Senhor, eu que sou soldado e me honro em sêl-o, mas que no entretanto, sinto-me como meus companheiros de armas, vexado, envergonhado, sob o peso do vilipendio; desilludido da attenção da autoridade, mas não desenganado, recorro á Vossa Majestade.

E, pois, Imperial Senhor, com o mais profundo respeito, venho em nome do exercito, em nome da classe militar, pedir a V. M. Imperial, se digne de attender a questão e resolvel-a com aquella inteireza e justiça que presidem a todos os actos de V. M. Imperial".

Como unica resposta ao ajudante de ordens de Deodoro, portador dessa missiva, disse o imperador "que havia de resolver ácerca do seu objecto".

Decorridos dez dias sem solução, Deodoro escreveu nova carta em termos impressionantes e que representava ao mesmo tempo um aviso prudente. Eil-a:

"Senhor — Eis-me ainda, e sempre com o mais profundo amor e respeito e a maior lealdade, ante o throno de V. M. Imperial, deprecando por mim e por meus companheiros de armas, a justiça que nos falta.

Attendei, Senhor! O que os militares pedem é tão justo e é tão pouco: o reparo de uma injustiça que os affronta e os villipendia! E a cousa tem tanto de justa e digna como de grave. E não somos só nós os militares que o sentimos: o povo tambem comprehende, e como que se associa ao nosso desgosto. A cousa é muito séria, Senhor, e sómente quem, por um lado, não tiver a intuição do brio e do pundonor natural e, por outro lado, não cogitar das consequencias a advir, poderá encarar descuidoso a tormenta que se annuncia!

"Senhor, vosso ministerio vos atraiçoa! — pelo menos nesta causa. Elle tem exasperado o exercito e o provoca á reacção. Eu, nascido e criado, como todos os de minha familia, no acrysolado devotamento ao Imperador; eu, que me prezo de ser fiel, franco e leal; eu, que altamente confio em V. M. Imperial; eu espero de V. Magestade justiça, essa justiça que nos nega o Secretario de Estado, de V. Magestade nos negocios de guerra.

"Eu me sinto receioso, pezaroso, de incorrer no desagrado de V. M. Imperial. Mas, Senhor, a ser negada a justiça que peço, terei vergonha da farda que visto, eu, que me orgulho de pertencer ao exercito; e nesse caso ser-me-ha uma verdadeira graça, Senhor, minha exoneração do serviço".

Quem ler, com isenção de animo, esses conceitos e o modo de pensar, francamente exposto no manifesto, que em 14 de Maio, ainda de 1887, publicou juntamente com o visconde de Pelotas, ha de concluir que Deodoro não foi desleal, nem incoherente, collocando-se á frente de uma revolução para derrubar a monarchica.

Verificará ainda mais: que não era um automato; que o trabalho de Benjamin Constant, para o demover a proclamar a republica não tem a significação que os positivistas querem impor, com o endosso de alguns historiadores.

QUANDO, COMO, ONDE E POR QUEM FOI PROCLAMADA A REPUBLICA

Esses quatro pontos tem sido objecto de longos debates.

Resumindo o que se tem publicado sobre o assumpto, chega-se a esta conclusão: a republica no Brasil foi proclamada por Manoel Deodoro da Fonseca, por instigação de Frederico Solon de Sampaio Ribeiro, secundado por outros, no dia 15 de Novembro de 1889 momentos depois de se collocar á frente da força, estacionada no Campo da Acclamação, na parte fronteira ao Quartel General do Exercito, ao voltar o general dessa repartição militar, em seguida a deposição do ministerio.

TINHA DEODORO INTENÇÃO DE PROCLAMAR A REPUBLICA?

E' evidente que sim.

Entre outros factos que isso demonstram existe o de haver escolhido e aceito indicações de membros para o governo provisorio, de que elle seria o chefe, quatro dias antes de 15 de Novembro.

Eis alguns depoimentos sobre o assumpto:

"Effectivamente, para a revolução, tratou-se de organizar o Governo Provisorio.

"Desse assumpto já nos haviamos occupado eu e o meu illustre amigo general Glycerio (que felizmente está vivo), e o meu mallogrado amigo Dr. Aristides Lobo, de saudosa memoria.

"Quanto a essa organização recebi eu *carta branca*, da qual usei. Tanto o marechal Deodoro, como o Dr. Benjamin Constant, desconheciam quasi completamente o pessoal politico republicano.

"Estando o Marechal enfermo e de cama foi o Dr. Benjamin Constant quem me autorizou a compor o Governo com os amigos que eu escolhesse. Ponderei-lhe então que elle e o Marechal Deodoro eram já membros do Governo e que eu indicaria os outros amigos que deviam acompanhal-os.

"Devo dizer que tanto eu como os outros procuraram excusar-se. O Marechal Deodoro entendia que o Dr. Benjamin Constant devia ser o Chefe do Governo; o Dr. Benjamin Constant entendia que este posto cabia ao Marechal Deodoro". (Carta de Quintino Bocayuva, de 31 de Julho de 1902, á viuva do General Solon Ribeiro).

"Ao que eu disse á pag. 9, accrescentarei que á reunião de 11 de Novembro, em casa de Deodoro, compareceram os Srs. Bocayuva. A. Lobo, Francisco Glycerio, B. Constant, Ruy Barbosa e o Major Solon.

"Posso affirmar que houve completa harmonia de vistas para a deposição da monarchia entre os convivas e o General o que ainda se evidencia pelo facto de haver o proprio Sr. Bocayuva, no dia seguinte (12) procurado o Sr. Ruy Barbosa á rua do Carmo n.° 40, communicando-lhe a sua designação para Ministro da Fazenda". (Depoimento do General Sebastião Bandeira).

"Quando nas vesperas da revolução o Sr. Q. Bocayuva me communicou a sentença, que me designava como posto, no governo projectado, a pasta da Fazenda em presença dessa combinação temerosa, usei de todas as objecções que a minha consciencia me inspirava para afastar de mim o calix acerbo; e, se me submetti, foi por não parecer que desertava aos meus amigos e ás minhas idéas, em uma situação na qual a lista

escolhida seria um ról de condemnados á morte se a monarchia triumphasse". (Ruy Barbosa, discurso no Senado, em 13 de Janeiro de 1892).

Interrogado o eminente bahiano, 28 annos depois, por um dos redactores do jornal *A Noite*, desta Capital, se reportou ao que havia referido naquelle discurso, reproduzido em seu livro *Finanças e Politica da Republica*, apparecido, segundo lembrou, ainda em vida dos chefes principaes do movimento, sem ser contestado, e indicou ao jornalista estes periodos: "Minha parte na conspiração data das vesperas da revolução. Só comecei a devassal-a no dia 9 de Novembro, quando o Dr. Benjamin Constant, sob a impressão do meu artigo dessa data, *Plano contra a patria*, me procurou no meu escriptorio.

"No dia 11 me procurou elle outra vez, já então em minha residencia, pedindo-me em nome do Marechal Deodoro uma entrevista na sua casa ou na minha, conforme escolhesse. Respondi-lhe que a idade, a doença, a veneranda posição do General me impunham o dever de ir á sua casa, em vez de obrigal-o a vir á minha. Disse-me, então, o Dr. Benjamin Constant que o illustre chefe do Exercito me esperava ás 8 1|2 horas dessa noite. Compareci e tive a honra de ver-me entre os Srs. Bocayuva, F. Glycerio, A. Lobo, B. Constant e Coronel Solon. No dia seguinte, procurado pelo Sr. Q. Bocayuva, me dirigi, com elle, á rua do Carmo n. 40, onde S. Ex. me communicou a minha designação para Ministro da Fazenda".

"Na noite de 4 de Novembro, em uma conferencia que teve lugar na casa do General Deodoro, entre outros officiaes o Capitão Menna Barreto, Tenente Bandeira, alferes alumno Fragoso, presente o 1.° Tenente Clodoaldo da Fonseca e o parlamentar Coelho, amigo particular do General, este deliberou optar pela mudança da fórma do Governo, declarando que o paiz só assim se salvaria e ao despedir os companheiros de trabalho, o General, respondendo a Menna Barreto, disse: póde congraçar as forças". (Protesto dos officiaes da 2.ª Brigada de Cavallaria, datado de 4 de Dezembro de 1889, contra a affirmativa do Conselheiro Lourenço de Albuquerque de que "os soldados que acompanharam o chefe do movimento revolucionario ignoravam que o fim deste era a deposição do Imperador; e que talvez a ignorasse tambem o proprio Marechal Deodoro").

"Benjamin Constant não desesperava. Embora a palavra não lhe fosse habitualmente viva, teve de repente um verdadeiro rasgo de eloquencia, exhortando Deodoro e concitando-o a proclamar a Republica. Quando elle se calou disse o Marechal pausadamente: "Eu queria acompanhar o caixão do Imperador, que está velho e a quem respeito muito. Depois accrescentou, passando e repassando o dorso de uma mão contra a palma da outra: Elle assim o quer, façamos a Republica. Benjamin e eu cuidaremos da acção militar; o Sr. Quintino e os seus amigos

organizem o resto". (Tobias Monteiro, *Pesquizas e Depoimentos*).

"Jacques, eu tambem fui sempre monarchista, ainda que muito desgostoso e descontente nestes ultimos tempos — disse elle. Agora, é forçoso convencermo-nos que com a monarchia não ha salvação possivel para a Patria, nem para o exercito. Já temos provas de que, depois de tudo o que fizemos, elles segueriam a mesma senda e tratariam de anniquilar o xercito. E, demais, a Republica virá com sangue, si não formos ao seu encontro sem derramal-o". (Exposição de uma conferencia do General Jacques Ourique com Deodoro, em 12 de Novembro de 1889).

"Benjamin — disse afinal com resolução o General Deodoro — o velho já não regula, porque se elle regulasse, não haveria esta perseguição contra o exercito; portanto, já não ha outro remedio, leve a breca a monarchia! Nada ha mais que esperar della; venha, pois, a Republica! e fez um gesto de quem lava as mãos". (Depoimento do Coronel José Bevilaqua).

"A parte politica, propriamente da organização, foi encarregada a Quintino Bocayuva, que desde o dia 11 organizou a lista do futuro Ministerio e entregou-a ao Marechal Deodoro. Essa lista não soffreu modificação alguma". (Correspondencia para o *Correio Paulistano*).

"No dia 11 reuniram-se em casa do general Deodoro, praça da Acclamação n. 99, além do Dr. Ruy Barbosa, que, como já disse, estava em dia com todo o occorrido, os Srs. Quintino Bocayuva, Aristides da Silveira Lobo e Glycerio.

"Proposta a questão em termos claros pelo tenente-coronel Dr. Benjamin Constant e decidida por estes respeitaveis membros do partido republicano e deposição da monarchia como medida de urgente necessidade para a salvação da patria e unica possivel para *restauração* do exercito, de accôrdo com o marechal Deodoro resolveu Benjamin Constant executar o movimento revolucionario na tarde de 16, quando os ministros se achassem em conferencia com o imperador". (*Depoimento do General Jacques Ourique*).

"Depois da conferencia secreta que tive com o general Deodoro a 5 de Novembro, da qual sai convencido, á vista das suas declarações, de que elle nos prestaria a sua influencia moral e que luctaria comnosco pela republica, fui, na noite de 6, em companhia de tres auxiliares communicar essa occorrencia a Benjamin Constant, encontrando nessa occasião em sua casa o illustre cidadão Quintino Bocayuva, em cuja presença referi o resultado de minha conferencia com o general, o que produziu profunda impressão, pois com a sua acquiescencia ficava resolvida uma das mais sérias difficuldades". (Depoimento do general Frederico Solon de Sampaio Ribeiro, no *Paiz*, de 1.º de Dezembro de 1891).

A conferencia de Solon com Deodoro, acima mencionada, está registada com minucias nas *Primeiras Linhas da Historia da Republica do Brasil* do Dr. Joaquim José de Carvalho e a confirma um sobrinho daquelle illustre e mallogrado republicano o coronel Alfredo F. de Sampaio Ribeiro, no *Resumo Historico da Vida de Frederico Solon de Sampaio Ribeiro*, ainda inedito, mas que o conhecemos graças a uma gentil deferencia de seu autor.

E eu, que acompanhei todo o movimento conspiratorio, lá não estaria, se não soubesse positivamente que ia ser proclamada a republica e essa missão estava confiada a Deodoro, a mais elevada patente do exercito e que na occasião exercia sobre elle a maior influencia". (Depoimento de Lopes Trovão, no inquerito da *A Noite*, em 30 de Abril de 1920).

"Não sei por que aberração se tem insistido em duvidar do caracter republicano do movimento de 15 de Novembro, conhecidas as combinações anteriores, entre os revolucionarios militares e os chefes do movimento republicano.

"Deodoro depois de ouvir o seu grande amigo, ficou longamente silencioso, recostado á cadeira, apoiando a cabeça nas mãos cruzadas para traz na nuca, num gesto que lhe era familiar.

Afinal descruzou as mãos num rapido movimento, e batendo-as, espalmadas sobre as coxas, respondeu gravemente: "Você tem razão Benjamin; o *velho* já não governa; vamos fazer a Republica". (Discurso do General Lauro Müller, na Liga da Defesa Nacional, em 15 de Novembro de 1921).

Vamos encerrar esta série de depoimentos com a ultima declaração de Ruy Barbosa, sobre esse debatido ponto historico: "O vosso digno presidente (referia-se ao marechal Hermes da Fonseca) acaba de concorrer com a contribuição terminante do seu depoimento para a restituição, ao seu glorioso antecessor, da justiça, que lhe têm substrahido, com versões arbitrarias, os adulteradoores das origens do novo regimen.

"Eu, aliás, não havia mistér desse testemunho irrecusavel, para saber que ao grande marechal é que verdadeiramente cabe as honras da fundação das novas instituições, e que, já antes da revolução, a Republica estava irrevogavelmente resolvida no animo do illustre capitão e seus companheiros, assim militares, como civis.

"Ante Deus e a nação brasileira o affirmo (e não pela primeira vez), com a autoridade incontestavel de parte directa nesses acontecimentos; porquanto na reunião de 11 de Novembro, em casa de Deodoro, quando alli compareci, a convite delle, sendo seu intermediario Benjamin Constant, já encontrei adoptada, pelo conselho unanime de todos a forma republicana". (Discurso de Ruy Barbosá, no Club Militar, em 26 de Junho de 1921).

PROBIDADE

O eminente brasileiro, visconde de Ouro Preto, em seu livro *Advento da Dictadura Militar do Brasil,* á pag. 155, censurando o procedimento dos conservadores, disse que estes "esqueceram-se logo de que foram victimas do exercito, graças unicamente, ao derivativo da expedição de Matto Grosso, que com sacrificio consideravel do Thesouro proporcionou mando e commissões rendosas aos mais irrequietos e turbulentos".

Ha acrimonia nesses conceitos, desculpavel, dadas as condições em que elles foram emittidos.

Cremos, entretanto, e nem outra cousa é de suppôr, que se referia o illustre estadista, quando escreveu *commissões rendosas,* ás vantagens de campanha, que tinham direito os officiaes e praças e ás ajudas de custo abonadas aos officiaes da expedição, que eram sete vezes mais que as percebidas pelos officiaes que seguiam para as outras provincias. Essas ajudas de custo, porém, eram legaes e constavam de uma velha tabella de 1846! Foram ellas estabelecidas attendendo ás circumstancias de que os officiaes que se destinavam a Matto Grosso eram obrigados a passar por tres paizes extrangeiros e careciam de meios para representação.

Segundo o depoimento de um dos membros do gabinete João Alfredo, citado por Assis Cintra, Deodoro recusou o abono de avultada quantia, que o ministro "queria abonar-lhe pretestando a grande distancia".

Foi então resolvido, á revelia de Deodoro o abono de quatro contos de réis attendendo ás duplas funcções de que seguia investido o general: commandante das armas e commandante em chefe das forças de terra e mar.

Pela tabella, sómente pelo cargo de commandante das armas e excluindo as vantagens de alimentação sua e dos animaes de sua montada, tinha direito a tres contos de reis.

Recentemente um dos mais applaudidos dos nossos publicistas, ao historiar o occaso do imperio impressionado pelas declarações de Ouro Preto e sem penetrar-lhes o verdadeiro sentido, concluiu que Deodoro e seus camaradas foram subornados, isto é: qu calaram todas as queixas que vinham externando ameaçadoramente desde a Questão Militar, deante de grossa maquia.

Innominavel injustiça, só explicavel por um julgamento precipitado. Quando foram dissolvidas as forças em ombservação era tal a falta de recurso dos officiaes que dellas faziam parte e que deviam regressar, que o presidente da provincia de Matto Grosso, mandou abonar-lhes tres mezes de soldo por adiantamento, para desconto.

E Deodoro ao fallecer, tres annos mais tarde e depois de ter sido chefe supremo do Governo Provisorio, chefe constitucio-

nal do Estado e dictador, legou á sua esposa a fortuna de nove contos de réis.

E ha ainda quem diante de tão edificante lição, queira feri-lo em sua probidade e inclui-lo na lista dos venaes.

PRESTIGIO DE DEODORO

De todos os chefes do movimento revolucionario de 15 de Novembro de 1889, sómente um era insubstituivel — Deodoro.

Sem elle os demais não se teriam aventurado a tamanha empreza; sem elle a republica não teria sido proclamada naquelle dia.

Ouçamos sobre o assumpto o juizo de seus contemporaneos e actores eminentes nos acontecimentos em referencia:

"Pelo lado militar, tambem é preciso confessar que se não houvesse um chefe para se pôr á frente do movimento, como o general Deodoro, unico para o qual voltavam os olhos os seus camaradas, cheio de esperança, nada se teria conseguido, e nem mesmo se teria trabalhado com o esforço e a fé, que cresceram pela confiança que todos nelle depositavam.

"O mesmo Benjamin, a quem aliás tanto se deve, elle proprio confessou, quando, ao approximar-se o momento critico, lhe pareceu impossivel poder o General collocar-se á frente da tropa, pelo muito que se aggravaram os seus incommodos durante a noite de 14, que não se sentia com o necessario prestigio para substituil-o no commando da força arregimentada". (Depoimento do General Sebastião Bandeira).

"E' preciso dizel-o bem alto, para que todos ouçam, francamente, porque é a verdade, com segurança, porque é de justiça, que a Republica não estaria feita, si não fôra Deodoro da Fonseca!" (Discurso de Lopes Trovão, na Camara dos Deputados, em 30 de Agosto de 1892).

"Exposto o assumpto, o Dr. Aristides Lobo, visivelmente irritado, depois de sopesar os *prós* e os *contras*, disse que nas forças armadas do paiz só havia um soldado com envergadura capaz de emprehender com exito a proclamação da Republica, e esse era Deodoro da Fonseca". (Ernesto Senna, *Deodoro — Subsidios para a Historia*, pag. 36).

"Si Deodoro não tivesse sahido á rua no seu cavallo de guerra, disse Benjamin Constant a Julio de Castilhos, a Republica não se teria feito".

"Se meu estado de saude não permittir-me cingir a espada, não sentirei a mão invalida para empunhar o revolver; e quer de um, quer de outro modo, eu saberei tomar o posto que o dever me assignala á frente de meus leaes companheiros, e com elles não regatearei a vida pela causa da patria".

— "General, não é de vossa espada gloriosa que nós precizamos; não! Nós vos pedimos agora sómente o auxilio do vosso prestigio. Vossa presença é-nos indispensavel á realização de nossos fins neste empenho de honra". (Dialogo na conferencia de 5 de Novembro de 1889 entre Deodoro e Solon, por este referido ao Dr. Joaquim José de Carvalho).

"Iamos iniciar a marcha audaciosa; Benjamin já a cavallo, como se estivesse fallando comsigo mesmo, murmurou, olhando a exiguidade de nossas forças: Se ao menos Deodoro pudesse apparecer no campo... Os que nos achavamos mais pertos ouvimos a reflexão que estava tambem nas nossas almas. Entreolhamo-nos e, animado pela comprehensão desses olhares intervim: Se o Senhor quer, vou adeante até lá, para ver se é possivel. Vá — me respondeu immediatamente". (Discurso do General Lauro Müller, cit.).

Poderiamos prolongar as citações, mas não o fazemos por desnecessario, visto que as transcriptas comprovam plenamente nosso asserto no inicio deste capitulo.

FUNDADOR DA REPUBLICA

Entendemos que a republica brasileira, não teve fundador e sim fundadores.

A ninguem é licito negar a influencia e o papel relevante de Benjamin Constant, na implantação do regimen republicano no Brasil; mas, si se quizer dar o titulo de fundador da Republica, sómente a quem a proclamou — esse titulo cabe a Deodoro.

O acto pertence a quem pratica de consciencia e com toda a responsabilidade de seu nome — especialmente quando o agente é tido como o unico indicado, como o necessario, como o capaz para pratical-o, tal qual acontecia com Deodoro para derrubar a monarchia e implantar a republica no Brasil, naquelle momento.

Desprezemos, porém, essa antipathica questão de titulos e primazias e rendamos o nosso culto a todos os que souberam amar, defender e honrar nossa bella patria, com desprendimento e lealdade, com grandeza d'alma e bravura; aos que escalaram o poder e delle desceram de mãos limpas, como o brasileiro insigne e honrado a quem, o povo, hoje, tributa, livremente suas homenagens.

Livremente, sim: visto que não se curva humilhado diante de um potentado, amparado pela força e festejado pelos cortejadores do poder; nem insensa interesseiro e genufexo a um despota que tudo póde e que distribue favores a mão cheia, á custa do Estado.

As homenagens do povo, são á memoria de um dos mais equitativos, dos mais honestos, dos mais patrioticos dos seus governantes.

E' um preito de admiração sincera; é um gesto expontaneo de glorificação; é um acto de civismo puro.

São os primeiros fulgores da justiça, que despontam no céo da historia.

O tempo em sua marcha impassivel, já principia a arrefecer as paixões e a serenar os animos e ha de dar-nos para o julgamento de Deodoro, os verdadeiros juizes: sem divida de gratidão pessoal, sem a queixa de uma aspiração não realizada, sem a ira dos revoltados, sem visar interesses subalternos, sem a paixão dos sectarios, sem orgulhos feridos, sem as eivas da competição.

Souza DOCCA.

(Major do Exercito e membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro)

SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DA REPUBLICA

Correspondencia trocada entre o Marechal Deodoro e o Barão de Cotegipe sobre o caso Senna Madureira (outubro a dezembro de 1886).

COTEGIPE E DEODORO

Telegramma. — Rio, 2 de outubro de 1896. — Ao sr. presidente do Rio Grande do Sul — Reservado:

"Um diario publica telegramma de hontem, dessa capital, communicando que em uma reunião militar, houve protesto contra actos do governo e outras demonstrações inconvenientes. Estas noticias têm causado impressão, e para tranquillidade dos espiritos informe v. ex. o que se passou. — *Barão de Cotegipe*".

DEODORO A COTEGIPE

Telegramma. — Porto Alegre, 4 de outubro de 1886. — Ao presidente do Rio Grande do Sul. — Reservado.

"Recebi em resposta telegramma de hoje. Exercendo v. ex. duplo cargo de presidente da provincia e commandante das armas (o que mostra a confiança do governo) era prudente não autorizar reuniões e deliberações collectivas, que pódem trazer consequencias imprevistas. A erronea interpretação a actos já existentes e que em nada offendem os brios e direitos do exercito que o governo é o primeiro a manter como elemento da ordem publica, mostra que ha exploração politiva. V. ex. como o primeiro dos militares na provincia e responsavel pela disciplina podia e póde representar ou pedir explicações. Recommendo a v. ex., como exercendo a presidencia, que empregue sua autoridade e influencia para pôr termo a essa agitação dos espiritos. Aguardo communicação official do occorrido, cujos pormenores o governo ignora. — Presidente do Conselho. —*Barão de Cotegipe*".

DEODORO A COTEGIPE

Telegramma. — Porto Alegre, 4 de outubro de 1886 — Exmo. sr. barão de Cotegipe. — Reservado.

"Não ha exploração politica, nem exaltação de animos. Todos os officiaes, generaes e outros, se mostram muito sentidos, inclusive eu, com a nova e vexatoria imposição de os privar de prompta e immediata defesa, e tem para isso sobeja razão... Ser privado e punido por discussões com pessôas alheias á classe militar e que não estejam revestidas de caracter superior pelo mando administrativo, é duro, humilhante e prejudicial... Soffre a dôr o que tem o callo pisado e não aquelle que pisa. Se como presidente e commandante das armas tenho deveres, como soldado offendido pela ingratidão para com a classe militar os tenho tambem, porque assim exigem a disciplina, a moralidade e o brio de soldado que defende a monarchia... Será uma desgraça a imposição illegal com que se quer opprimir o exercito... A corporação militar da provincia deposita em mim, como seu interprete, suas justas queixas e pede o valimento de v. ex. — *Deodoro*".

Officio. — Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul. — Palacio do Governo, em Porto Alegre, 6 de outubro de 1886:

Illmo. e exmo. sr.

"O aviso do Ministerio da Guerra de 4 de setembro findo, com que s. ex. o sr. ministro da Guerra reprehendeu o tenente-coronel Antonio de Senna Madureira, causou á todos os officiaes, capitães e subalternos — profundo desgosto, manifestado calma e respeitosamente, em voz unisona.

A imposição de s. ex. o sr. ministro da Guerra sobre os militares em relação á questão Madureira levantou, de uma só vez e sob o mesmo pensamento, a classe militar existente nesta capital pronunciamento esse que immediata e successivamente, teve adhesão nas guarnições do interior; a todos os momentos chegava tambem a dos generaes que se acham fora desta cidade, e nem era de esperar, ex. sr., outro procedimento de officiaes que sentem violados os seus direitos e ferida sua dignidade.

Sou, por minha honra e dever militar solidario, e se não tomei a iniciativa na questão foi por que os cargos com que me honrou o governo Imperial mandavam que eu, só por mim, dirigisse ao governo as justas queixas; se tambem não tomei parte integrante na reunião foi por que a minha presença tirava a virtude do acto, fazendo desapparecer-lhe a expontaneidade da classe; não fiz pois minhas queixas por que o pronunciamento rapido, calmo e respeitoso e sellado pela consagração de todos, nullificou-as.

Em data de 3 de setembro findo tratei da materia em officio, junto por copia, dirigido á s. ex. o sr. ajudante-general e no dia 4 do corrente mez tive a honra de passar ás mãos de v. ex. o telegramma tambem junto por copia.

Não ha a menor exaltação de animos, mas sim solidariedade na defesa dos direitos e esperanças de que v. ex. providencie fazendo-lhes justiça.

A' illustrada e judiciosa consideração de v. ex., tenho a honra de submetter o expedido.

Sr. barão de Cotegipe. Presidente do Conselho de Ministros. — *Marechal Manoel Deodoro da Fonseca".*

COTEGIPE A DEODORO

Telegramma. — Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1886. — Presidente, commandante armas.

"Tomando em consideração o que v. ex. expõe em seu telegramma, de 4 e o appello que no final faz a mim particularmente, o governo acaba de resolver que o conselho supremo militar apresente, com urgencia, um projecto de instrucção que regule claramente a materia que tem motivado as reclamações contra o rigor da doutrina dos avisos (aliás antigos), quando os militares tiverem de recorrer á imprensa... Convem, pois que v. ex. faça cessar quaesquer reuniões collectivas de militares e confio que a ordem será mantida. — O presidente do conselho. — *B. Cotegipe".*

DEODORO A COTEGIPE

Telegramma. — Porto Alegre, 8 de outubro de 1886. — Presidente do Conselho de Ministros Barão de Cotegipe.

"Agradecido e satisfeito telegramma de hoje. — *Deodoro".*

COTEGIPE A DEODORO

Telegramma — Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1886. — Ao marechal Deodoro, commandante das armas — Urgente:

"Recebi seu telegramma, que muito me satisfez pelo que v. ex. me communica. Pessoas inimigas da ordem que procuravam agitar a opinião em proveito proprio ou de suas opiniões politicas, contrariadas pelo effeto da deliberação do governo passam telegrammas para as provincias, dizendo que ha aqui agitação, que a casa do ministro foi atacada e etc. E' tudo falso. Apenas os alumnos da Escola publicaram uma correspondencia contra o deputado Candido de Oliveira e senador Gaspar e consta que hoje (dia de saidas), fazem uma reunião. Aqui, como ahi, militares satisfeitos. — *B. de Cotegipe".*

Carta. — Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1896. — Confidencial.

"Illmo. e exmo. sr. marechal M. Deodoro da Fonseca. — A' excepção dos telegrammas trocados entre mim e v. ex., durante o mez proximo passado só tive officialmente a communicação que em 6 do mesmo mez me fez v. ex. das occurrencias

originadas pela execução das ordens existentes sobre a discussão na imprensa, entre militares, ou sobre objecto de serviço. V. ex. em o seu officio procura justificar os promotores das manifestações collectivas contra a doutrina das referidas ordens, e dizse solidario do pronunciamento provocado pelo que v. ex. chama imposição do sr. ministro da Guerra, sobre os militares em relação a questão Madureira; mas que se nella não tomará iniciativa fôra por que os cargos com que o honrou o governo Imperial mandavam, que, só por si dirigisse a este as justas queixas dos militares. Não quero apreciar as razões que levaram v. ex. a collocar-se á testa de taes manifestações — para encaminhal-as convenientemente. Apenas observarei que quaesquer que fossem as intenções de v. ex. (e estou persuadido que foram as melhores) a gravidade de deliberações tomadas em commum pela força armada é de tal natureza que não póde deixar de influir de modo prejudicial na disciplina do Exercito. Hoje protesta-se contra actos da primeira autoridade militar, que é o ministro da Guerra; amanhã protestar-se-á contra os dos chefes, ou sejam generaes ou commandantes de corpos: teremos, portanto, no exercito deliberantes, o queé incompativel com a liberdade civil da nação.

Reflicta v. ex. e reconhecerá que os generaes assumiram uma immensa responsabilidade provocando ou approvando taes manifestações.

Até onde iriam ellas? A circumstancia de achar-se v. ex. investido do cargo de presidente exigia, como v. ex. reconhece, que fosse v. ex. o interprete de quaesquer reclamações; e estou que teria a força moral necessaria para conter impaciencias. Assim não aconteceu, e eu lastimo que o governo só tivesse o primeiro conhecimento dos factos, por telegramma extra-officiaes privado assim de dar instrucções ao seu delegado, que consentira e approvara as reuniões militares. Esse consentimento e essa approvação foram o rastilho de polvora que ateou a chamma a todos os pontos da Provincia e a alguns do Imperio.

Quando o general Deodoro revestido da mais alta confiança do governo assim pensa e assim procede, o que não fariam os seus subordinados? A politica e especialmente os partidos extremos apossaram-se da questão, e enxergaram no exercito um instrumento a seus planos e paixões. Veja-se qual a côr dos jornaes que mais exaltados se mostram, e v. ex. me dirá si a politica tem ou não parte no movimento.

Eu, e o gabinete commigo, sentimos que v. ex. a quem demos somma de confiança maior do que a qualquer outro funccionario nos creasse tão serios embaraços. Não obstante nomeando um presidente — que ora para ahi segue — esperamos que v. ex. o coadjuvará em tudo, quanto depender de suas attribuições, e contribuirá para que cesse de uma vez essa agitação, que não póde ser tolerada e muito menos em uma pro-

vincia fronteira exposta de um momento para outro a necessitar do emprego da força para a sua defesa.

Aproveito a occasião para apresentar a v. ex. os protestos da muita consideração e estima com que sou de v. ex. amigo, atto. e crdo. — *Barão de Cotegipe*".

DEODORO A COTEGIPE

Carta. — Porto Alegre, 14 de novembro de 1886.

"Exmo. sr. barão de Cotegipe.

A carta confidencial com que v. ex., em data de 1 do corrente mez, se dignou honrar-me, está em minhas mãos. Me vejo em difficuldades para bem responder á carta de v. ex., por que para isso, seria necessario transcrevel-a integralmente, afim de, com precisão tratar de ponto por ponto, e assim justificar, buscando um longo e enfadonho escripto, o procedimento do exercito: não ha, pois, necessidade de tal escripto, nem v. ex. dispõe de tempo para entregar-se á leitura de tamanha exposição, pelo que me limitarei ao seguinte:

O thema em questão é "Reuniões indisciplinares — tumultuosas — sediciosas — por parte dos militares".

Se bem que houvesse, pelas forçosas e especiaes circumstancias, justo motivo para reuniões assim qualificadas, todavia os militares por discplinados e criteriosos bem patentearão os seguintes attributos caracteristicos do soldado — União fraternal, ordem, respeito, calma, firmeza e amenidade, — e limitaram-se, como lhes cumpria pelo assentimento a uma reunião pacifica sem discussões, com o fim de pedirem providencias sobre seus direitos.

Houve motivos para tumultuosas reuniões por que os militares não pódem, nem devem, estar sugeitos a offensas e insultos de Francos de Sá, e de Simplicios, cuja immunidade não lhes dá o direito de insultal-os.

E o que houve, ex. sr., por causa desses insultos dirigidos os autoriza a dirigir insultos, nem os isenta da precisa e conveniente resposta.

por elles contra militares?

"Por parte do governo, permitta-me v. ex. dizer muita consideração aos insultantes, e assim não só approvou os insultos, como foi além — offendeu ainda mais, com publica reprehensão para conhecimento do mundo, á um velho servidor, homem criterioso, homem decente, homem correcto e homem distincto, sómente por satisfeção a quem nenhuma autoridade tinha sobre militares!

Achará v. ex. nisso coisa de pouca monta? Não será amesquinhar-se o exercito; tirar-se-lhe o brio, a dignidade e o amor proprio, requisitos esses sem os quaes não haverá soldados mas sim vis e despresiveis escravos?

Por parte do exercito — uma reunião calma, respeitosa e pacifica pedindo a reparação de direitos violados e da dignidade offendida.

A ferida foi forte, cruel e mortal e com justa razão sangrará, emquanto Madureira e Cunha Mattos estiverem sob a pressão da injustiça de que foram victimas.

Transcrevo o seguinte trecho da carta de v. ex. "Hoje protesta-se contra actos da 1.ª autoridade militar, que é o ministro da Guerra; amanhã, protestar-se-á contra os dos chefes, ou sejam generaes ou commandantes dos corpos, teremos portanto um exercito deliberante, o que é incompativel com a liberdade civil da nação". Assim parece, exmo. sr., em theoria, mas, condicionalmente, não na pratica.

E porque a suggestão me motivou a materia desse trecho?

Por uma coisa que não lhe tem completa applicação. Pelos repetidos factos, exmo. sr., tendentes a humilhação da classe pelo seu enfraquecimento moral, para o que hoje offende-se gravemente, sem motivos para isso, a um official superior; amanhã offender-se-á aquillo que é notorio, que é sabido desde muitos annos.

Se ainda vivesse Caxias, factos de tal natureza certamente não se dariam.

E o que motivou o castigo á dois officiaes superiores, ambos bem conceituados? A repulsa que fizeram aos insultos de um deputado e de um senador! Foi o quanto bastou!

Não temos, exmo. sr., exercito deliberante e assim incompativel com a liberdade civil da nação nem v. ex. quererá exercito desbriado e assim facil á acção de qualquer especulador para atiral-o contra a liberdade civil da nação.

Acredito que, pela amizade e dedeicação de meus camaradas teria força moral para conter impaciencias; mas tambem acredito que o meu valimento não seria de tal ordem, nem o governo tão condescendente, que com facilidade obtivesse a nullificação dos castigos injustamente infligidos aos dois officiaes.

A politica não influiu nem interveiu na questão — toda especial e militar, — cuja classe nada tem com o que estranhos dizem e escrevem.

O exercito é o que sempre foi — leal e subordinado: — não cuida de politica e tem em vista, antes de tudo e por tudo, a grandeza da patria, e — o que mais é — quando ella sugeita á sorte das armas.

Muito se fala em exercito, em disciplina, em patriotismo: e se bem que, competentemente, disso se trate no parlamento, todavia entre seus membros figuram, infelizmente vultos que, sem a faculdade de distinguir simples datas, se mettem a questionadores, julgando-se bons censores e melhores legisladores; verdade é que, para maior gloria ficarão seus feitos perpetuados nos respectivos annaes.

E falam em exercito e em disciplina!

Sabe precisamente o que é exercito, o que é disciplina, sómente aquelle que pertence ás suas filiras; aquelle que comparte de seus duros e rigorosos sacrificios; aquelle que toma parte activa em suas glorias; aquelle, emfim, que esquece mãe, mulher e filhos para lembrar-se, dentro das fileiras militares, sómente da patria e que, para felicidade della, offerece o corpo ao ferro nimigo.

Sabe precisamente o que é disciplina militar sómente aquelle que, no horrivel do combate, tem a responsabilidade — a mais elevada, a mais difficil, a incomprehensivel — que é a do soldado: e se a este faltar brio, dignidade e amor patrio, o que restará?

Vis e cobardes escravos vergonhosamente surrados!

Se a sórte determinar o rebaixamento da classe militar no dia em que eu desconfiar que na frente dos soldados não passarei de um commandante superior da Guarda Nacional — especial e simples vulto politico, quebrarei minha espada e, envergonhado, irei procurar, como meio de vida e a exemplo de muitos, uma cadeira de deputado para tambem poder insultar a quem quer que seja.

Sou eu o unico culpado de toda a questão actualmente levantada, porque, se em março de 1884 quando o sr. Franco de Sá, assumindo a direcção dos negocios da guerra, offendeu brutalmente os officiaes, na occasião da apresentação com grosseiras allusões a Apulchro de Castro, não tivesse abafado o calor dos officiaes consequente da injuria que lhes foi lançada em rosto privando assim de levar-se a effeito a bem merecida repulsa, certamente elle, no parlamento, não daria motivo para os factos que hoje tanto incommodam o exercito.

Concluindo, exmo. sr. direi: e fóra de toda duvida que os officiaes, ao primeiro insulto, ultimamente dado, tiveram resignação tal que foram sopitados seus sentimentos de dor; que, calarem-se ao segundo, convictos de que outra reclamação não seria acceita, importaria baixeza e dariam a mais exuberante prova de que abandonariam o companheiro distincto o digno irmão no cmpo da batalha, onde difficil é a protecção, como o abandonarão na paz deixando-o só e entregue aos embates da injustiça e da perseguição.

E é, exmo. sr., o governo do Brasil que, ás glorias de ter co mo maximo sacrificio de dinheiro e sangue libertado um povo que gemia por causa da propria inacção e tyrannia do seu chefe quer hoje juntar ao acto inglorio de escravizar homens illustres — seus concidadãos — aos destemperos e fatuidades de Simplicios, cujos sentimentos pelas galas do poder fizeram explosão, ferindo a quem tinha o direito incontestavel ao respeito: é, porém, verdade que a farda brasileira do soldado torna-o immerito da paz.

Pelo que fica expendido, conhecerá v. ex. que prefiro ser desagradavel levado pela verdade e lealdade, do que agradavel pela reserva ou mentira: são os sentimentos de quem, com a

maior consideração e subido respeito, é de v. ex. att. ven. amgo. crdo. obrdo. — *Manoel Deodoro da Fonseca*".

COTEGIPE A DEODRO

Carta. — Rio, 5 de dezembro de 1886. — Exmo. sr. marechal M. Deodoro da Fonseca.

"Recebi a carta de v. sem data, em resposta a que dirigi a v. ex. em o 1.º do proximo passado mez.

Deixando de parte por extemporaneas, as razões com que v. ex. justifica o procedimento official que teve na questão qualificada — *militar* — porque não tenho esperanças de convencel-o (meu principal fim na correspondencia trocada com v. ex.), devo declarar a v. ex. que a divergencia entre o pensamento do governo e o de seu delegado de confiança é tão profunda que nenhum dos dois póde permanecer nessa posição prejudicial em todo o sentido ao serviço do Estado. Pelo que tenho o pezar de prevenir a v. ex. de que é substituido, e virá occupar o cargo que exercia nesta côrte.

O sr. presidente communicará a v. ex. as disposições do governo para que sejam guardadas as attenções e conveniencias devidas á pessôa de v. ex.

A interrupção de nossas relações officiaes em nada prejudicará, espero, as de perfeita estima e consiedração com que sou. — De v. ex. amigo atto. crdo. — *Barão de Cotegipe*".

CENTENARIO DE DEODORO

Em agosto proximo será commemorado o centenario do nascimento do marechal Manoel Deodoro da Fonseca.

Não importa muito que a Constituição promulgada em 1891 declare ter sido Benjamin Constant o fundador da Republica. Essa mesma Constituição tambem assegura, ás minorias, o direito de se fazerem representar no Congresso Nacional, e isso raramente tem sido observado; essa mesma Constituição tambem assegura immunidades a deputados e senadores, e varia vez uns e outros foram presos e até deportados para distantes pontos do territorio nacional.

Não creio que alguem acredite ter sido Benjamin Constant o fundador da Republica.

Sem o concurso de Deodoro da Fonseca o throno não teria ruido facilmente a 15 de novembro.

Para impedir quaesquer pretensões militares ou guerreiras de Benjamin Constant — se este acaso as tivesse tido, bastaria a acção de Floriano Peixoto, ajudante general do Exercito, em 1889, e que, se manteve inactivo deante da sublevação militar, foi por saber que não tinha prestigio, no Exercito, para enfrentar a attitude de Deodoro.

As solemnidades, que se realizarem em agosto vindouro, vão de certo accentuar, como verdade historica, que a Deodoro da Fonseca se deve a proclamação da Republica.

Em palestra com o meu nobre amigo, marechal Ilha Moreira, em janeiro ou fevereiro do corrente anno, lembrei que seria possivel fazer ler, em todos os institutos de ensino publico, do paiz, curta e enthusiastica biographia de Deodoro, no dia do seu anniversario, e a uma mesma hora.

Seria essa uma homenagem de facil execução, desde que os presidentes e governadores dos Estados mandassem distribuir, por esses institutos, a biographia de Deodoro, determinando que no dia 5 de agosto, ao meio dia, e depois de ligeira explicação, dada pelos professores, fosse essa biographia lida, em voz alta, e seguida de um hymno patriotico, suspendendo-se os trabalhos escolares.

Poder-se-ia distribuir, tambem, por todas as escolas, o retrato do fundador da Republica, para ser inaugurado a 5 de agosto. Para que esta homenagem tivesse o indispensavel caracter geral, seria necessario tambem um prazo de tempo mais dilatado — sómente 60 dias separam-nos da grande data.

Observam-se geraes manifestações de sympathia ás solemnidades projectadas, e cujo programma não sei se já foi organizado definitivamente.

Humberto de Campos, na Camara, propõe a abertura de creditos, para despesas necessarias, e propõe a participação do Congresso nas homenagens a Deodoro.

No Prytaneu Militar realizam-se, aos sabbados, reuniões em que se discute o modo mais efficiente de prestar as homenagens. Tenho tido noticias dessas reuniões pelo marechal Ilha Moreira, que empenha desde muito todo esforço para que sobrenade á mentira constitucional a verdade historica — collecionando documentos que provarão caber a Deodoro o direito de ser considerado fundador da Republica, e promovendo a construcção de um monumento que possa reproduzir ou synthetizar essa grande, essa irrefutavel verdade.

Empenhemo-nos para que a data do nascimento de Deodoro seja condignamente commemorada.

Clodomiro VASCONCELLOS.

(Do "O Imparcial", de 5 Junho de 1927.)

GENERALISSIMO MANUEL DEODORO DA FONSECA

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL — 59.ª SESSÃO, EM 8 DE AGOSTO DE 1927

Logo após á leitura da acta, o senhor presidente proferiu as seguintes palavras: "O feriado que os Poderes da Republica decretaram não permittiu que na sessão de 5 de agosto, o Supremo Tribunal Federal, se associasse, collectivamente, ás justas homenagens prestadas pelas classes civis e militares á memoria do generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, primeiro presidente constitucional da Republica Brasileira, dia commemorativo do seu centenario.

Os serviços que prestou nos inhospitos campos do Paraguay com denodo e patriotismo, a sua acção na questão do elemento servil, golpe profundo na instituição que tanto nos degradava aos olhos das nações cultas, a fundação da Republica, são os factos culminantes de sua victoriosa vida de militar e cidadão, dignos todos da eterna gratidão da Patria.

Proponho que o Supremo Tribunal Federal, solidario com os outros poderes da Nação, com o Exercito, a Marinha e o Povo, consinta que se lance na acta dos nossos trabalhos, um voto de saudade e reconhecimento pelos inestimaveis serviços prestados á Patria pelo inclyto e glorioso soldado, fundador das instituições livres que nos beneficiam".

A proposta do Sr. presidente foi approvada, unanimemente.

MARECHAL DEODORO DA FONSECA

Não ha por certo melhor manifestação de patriotismo que o culto á memoria dos grandes homens da Nação.

E' comprehendendo e exaltando os esforços dos nossos antepassados por criar e consolidar a Patria joven, que aprendemos, pela força do generoso exemplo, a trabalhar, cada qual na espera da sua actividade, para que o Brasil se torne grande, cada vez mais prospero.

Por isso é que se mostra em extremo eloquente á nossa sensibilidade patriotica a ephemerido de hoje.

Nós que sempre, em todos os momentos da nossa vida politica, desde a Inconfidencia, ansiamos pela Republica, temos sobejos motivos para louvar a memoria do brasileiro illustre, que num momento de enthusiasmo varonil, a transformou de ideologia romantica em victoriosa realidade.

Deodoro é uma gloria legitima do Brasil. A sua figura se reveste de uma aureola de lenda, de um prestigio romantico, com o qual Deodoro exsurge da nossa historia como uma vontade moça e forte, num momento, realizou a unanime aspiração do povo brasileiro.

Deodoro é um exemplo da iniciativa, da coragem, do espirito de acção, que todos os brasileiros devem ter para maior engrandecimento da Patria.

Justissimas, por isso, as homenagens que se prestam hoje á sua memoria, na data do centenario do seu nascimento.

(Do *DIARIO OFFICIAL*, do Estado da Bahia, de 5 de Agosto de 1927.)

UMA CARTA DO UNICO SOBREVIVENTE DO GOVERNO PROVISORIO

Demetrio Ribeiro, o unico sobrevivente do governo provisorio, na carta que abaixo publicamos, escusando-se de não poder mais comparecer ás ceremonias em homenagem ao marechal Deodoro, propõe que em honra do fundador da Republica se proclame, "num gesto amplo de cordialidade magnanima, por entre applausos do paiz inteiro, a lei apaziguadora da amnistia sem reservas".

Que palavra mais autorizada do que a sua para encarnar os legitimos sentimentos republicanos?

E' esta a carta assignada pelo sr. Demetrio Ribeiro:

"Paris, 30 de junho de 1927 — Illustres membros da Commissão de Commemoração do Centenario do marechal Deodoro.

Prezados compatriotas — Captivou-me vossa attenciosa communicação telegraphica, convidando-me a assistir, como membro sobrevivente do governo provisorio, á celebração do centenario do marechal Deodoro, seu chefe inolvidavel. Circunstancias, para mim, penosas, que de tempos atrás perduram e sobremaneira attribulam-me, impedem-me, infelizmente, de ahi estar, ao vosso lado, na data em que se vae cumprir o primeiro centenario natalicio do inclito soldado-cidadão.

Atardei-me em vos certificar desta impossibilidade, porque só hoje perdi a esperança de vencel-a com tempo de ahi chegar antes daquella celebração.

Desnecessario é, entretanto, assegurar-vos que irrestrictamente me associo á glorificação civica de tão accentuadamente caracterizado vulto historico, que não tem superior hierarchico na bravura ingenita, nos impulsos nobilitantes, no cavalheirismo sempre álerta e, sobretudo, no intenso amor ás regiões immensas que heroicos descobridores desvendaram e as raças de que procede a nossa, povoaram, defenderam e dellas fizeram a séde intangivel da nacionalidade mais uma que no mundo existe em territorios tão vastos e de tão variados climas.

"Na minha terra alagoana, comprazia-se em nol-o assignalar o eminente brasileiro, na terra dos gauchos, em qualquer trecho querido deste Brasil, que é nosso, sinto-me á vontade, como que em minha propria casa, no seio de uma só familia".

Não conheço o programma das cerimonias que, em 5 de agosto proximo, vão realçar os maiores feitos do preclarissimo marechal, notadamente o da proclamação da Republica que culmina todos. Nellas, sem duvida, os poderes publicos reservar-se-ão um papel consideravel. Bella opportunidade para proclamarem, em honra do redivivo, num gesto amplo de cordialidade magnanima, por entre applausos do paiz inteiro, a lei apaziguadora da amnistia sem reservas. Actos de tamanha relevancia jámais deprimem o principio da autoridade. Caxias fortaleceu-o, quando, com a pratica da amnistia pacificou a ex-provincia sul-riograndense, a heroica rebellada de 35 a 45.

A proposito de um outro voto que as circumstancias desta hora me suggerem, consenti, estimados membros da Commissão de Commemoração do Centenario do Marechal Deodoro, que, ao menos, á puridade, eu vol-o communique:

Ainda em honra ao redivivo, uma agremiação, a constituir-se, de defensores da ordem social e politica, devera, quanto antes, emprehender, em cooperação fraterna com as nossas forças politicas, ora em acção dispersiva, a reaffirmação do programma republicano integral de 1889, programma que imprudencias invasoras da autonomia dos Estados deslustram e corrompem.

Dos males da centralização disseram-nos os apostolos do systema republicano-federativo em dezembro de 70.

Sigamos-lhes os conselhos hauridos no estudo do passado, jámais recondíto ás suas proficuas investigações.

"O poderio absorvente, ensinaram elles, não entrelaça vontades livres. Divide-as, para subjugal-as. Impelle-as a se malquistarem até aos dissidios sangrentos, para dominal-as a seu talante. E' a provocação permanente da desordem".

Renunciemol-o, pois, em todas as circumstancias deste periodo de gestações surprehendentes.

Descentralizar, para livremente convergir hoje, e sempre — eis a norma federativa que urge restaurar.

Não me pude subtrahir ás reflexões que traço ao impulso de meu animo republicano. Ninguem a ellas se poderá esquivar, quero crer, quando trate de encarecer com justiça e gratidão a benemerencia do marechal Deodoro, ao proclamar banida, de vez, "deste Brasil que é nosso" a centralização senhorial, que, — com corôa ou sem corôa, — povos emancipados não aturam.

A corrente descentralizadora se impunha indomavel. Innumeros testemunhos o comprovam. Valiosissimo é, por exemplo, o que nos vem do prestigioso estadista da monarchia que lhe presidiu o ultimo gabinete governamental. Que documentação official, com effeito, nesta materia existe mais categorica que a sua propria plataforma? Embora o programma republicano federativo fosse o unico que correspondesse ás exigencias do momento, cumpre reconhecer que aquella plataforma e a circulação bancaria convertivel, technicamente irreprehensivel, que

a completava, tiveram o cunho de uma attestação inilludivel de que, com o imperio, ou sem o imperio, havia soado a hora da descentralização politica e administrativa do paiz.

Com o imperio, se a este sobrasse flexibilidade para com ella conformar-se; sem o imperio, se, como succedeu, os poderes publicos intentassem inicial-a, applicando-se, do mesmo passo, na defesa da dynastia "in extremis" a reprimir compressivamente os ideaes regeneradores, aliás, já apoiados — graças a seus emeritos doutrinadores civis e militares — pela vontade nacional esclarecida.

Dessa transição, que se operára no conceito geral da opinião, é, porém, do que o presidente do conselho do gabinete de 7 de março não cuidou com a prudencia que ella estava a reclamar-lhe.

Entendeu, quiçá, por isso que — em vez de inspirar-se nesse estado da mentalidade brasileira e de encaminhar o advento da Republica — o que lhe cumpria era enfrentar a propaganda republicana num combate ininterrupto, decisivo, mortal, em que elle, e não ella, houve de succumbir.

Sua quéda confunde-se com a do imperio a 15 de novembro de 1889.

Abre-se a éra republicana com o governo provisorio, no qual tive a honra de cooperar, dentro do primeiro trimestre do regimen novo, com o marechal Deodoro da Fonseca, personificação inconfundivel da força armada ao serviço do civismo; com Benjamin Constant Botelho de Magalhães, seu grande companheiro, alma primacial do governo em inicio e do seu programma constructor; com o almirante Eduardo Wandenkolk, vulto estimadissimo no seio da sua classe; com Quintino Bocayuva, consagrado por seus pares principe da imprensa, e, por seus correligionarios, o primeiro na prédica democratica; com Aristides da Silveira Lobo, outro insigne precursor da Republica, que com Quintino hombreára pelo talento e ardor no propagar dia a dia as aspirações anti-monarchicas; com Manoel Ferraz de Campos Salles, que lhes era — a Quintino e Aristides — perfeitamente identico no que concerne á orientação philosophica ou politica e bem assim quanto á abnegada conducta republicana; com o conselheiro Ruy Barbosa, orador e escriptor de modalidade brilhantissimas, laureado na fama e admiração nacional.

Guardo a impressão do labor intensissimo com que todos se consagram sem repouso, nem allivios, ao serviço da Republica.

Honremos-lhes a memoria illustre.

Rogo-vos acceiteis a reiteração de meus agradecimentos, pelo honroso convite de maio passado, e os protestos de minha inalteravel e respeitosa estima — *Demetrio Ribeiro*".

CAMARA DOS DEPUTADOS DE SÃO PAULO

A Camara dos Deputados commemorou o centenario do Marechal Deodoro -- Discursos dos Srs. Paulo Setubal e Armando Prado

CAMARA — Sessão de hontem, desta casa do Congresso, fôra especialmente convocada a requerimento do Sr. Armando Prado, para commemoração do centenario do nascimento do Marechal Deodoro da Fonseca.

Eram 13 horas e meia quando o Sr. Aguiar Whitaker assumio a presidencia. E, depois de explicar o fim para que convocára a sessão deu a palavra ao Sr. Paulo Setubal, que proferiu o seguinte discurso:

FALA O SR. PAULO SETUBAL

O SR. PAULO SETUBAL —— Sr. presidente. Nada mais justo de que esta commemoração civica. Nada mais sympathica, Sr. presidente, do que esta sessão solemne, em honra do Fundador da Republica. O culto dos nossos grandes homens não é apenas um transbordamento de gratidão nacional. E' mais do que isto; é Sr. presidente, obra alta de brasilidade.

O amor ao passado, o celebrar carinhoso da tradicção, o evocar datas e feitos, e apotheosar heróes, são os nós eternos que amarram as gerações umas ás outras. São os liames solidos que tecem a estructura racial das nacionalidades.

No nosso momento, então, neste acordar de raça, nesta hora em que o Brasil se individualisa com accentos tão marcados, nesta hora fervente em que o Brasil ensurge tão caboclamente brasileiro, é dever nosso, meus collegas, e obrigação nossa, obrigação civica, o focalisarmos com o nosso applauso, com a nossa admiração, ante o olhar collectiov das turbas, esses vultos culminantes que formam a cordilheira épica da Patria. (Muito bem; muito bem).

Abri, meus senhores, a nossa historia. Vêde: — é a Independencia; é a Abolição; é a Republica; quero dizer, é José Bonifacio, é Rio Branco; é o Marechal Deodoro. São os tres fascinantes Itatiayas do nosso passado. (Muito bem; apoiados).

Elles, não ha negar, essas tres grandes personalidades, são os tres limpidos encarnadores das tres maiores reinvidicações do Brasil. (Apoiados geraes). Hoje, nesta sessão de gala, cumpre-nos exalçar Deodoro.

Exalcemol-o com trompas altas. Digamos, com enthusiasmo, desse homem idolo que teve o seu grande dia em 15 de novembro de 89.

Sr. Presidente! Ha um seculo, exactamente, no Estado de Alagôas, na villotasinha de Anadia, nascia um pequerrucho. Nascia de paes simplicissimos dentro de uma casinhola pobre, num berço humilde e tosco.

Aquelle pequerrucho, Sr. presidente, era Manoel Deodoro da Fonseca.

Quizeram os fados que um anjo do Senhor, todo branco, descesse sobre a casinhola pobre. E alli, com sua cornucopia de ouro, despejasse sobre o berço, humilde e tosco, essa graça unica, graça flammejante, de fazer com que aquelle "bébé", tão pequenino, tivesse um dia a gloria suprema de ser o fundador da Republica Brasileira. (Muito bem; muito bem). E assim foi.

Não cabe aqui, meus senhores, acompanhar a vida do pequeno alagoano, através de sua carreira militar.

Fixemol-o no fastigio. Apanhemol-o no flagrante da sua gloria. Apanhemol-o como heróe da proclamação da Republica.

Meus senhores! A monarchia andava bruxoleante. Tantas causas — tantas! — haviam solapado os alicerces do throno.

A perspectiva de um terceiro reinado, cm o Conde d'Eu á frente, entenebrecia os espiritos mais monarchicos. A abolição da escravatura, sem indemnisação prévia, havia golpeado de morte o elemento conservador.

E a propaganda republicana, que um bando galhardo de visionarios paulistas andava espalhando aos quatro ventos, derramadamente, havia-se alastrado pelo Brasil afóra, avassaladora. Mas acima de tudo isto, mais do que isto, havia latente, nunca sopitada, sempre fervilhante, a celebre questão militar.

Porque é preciso que se diga: a historia da Republica liga-se indissoluvelmente, liga-se visceramente á historia da questão militar.

Eu não quero, Sr. Presidente, relembral-a aqui. A verdade, porém, é que andava no ar, boiando, essa idéa (errada ou certa, não importa!) de que, após a guerra do Paraguay, "os politicos eram inteiramente hostis aos militares".

Dahi aquelles incidentes gravissimos tão melindrosos, que acirraram fortemente os animos. Seria longo ennumeral-os aqui: nem é este momento opportuno para isso.

Direi apenas que o Marechal Deodoro da Fonseca encampara, com desassombro, rasgadamente o partido ds seus companheiros de armas. E demonstrára na celebre questão Senna Madureira, demonstrára, com o prestigio do seu posto, perante o proprio Ministro da Guerra, a sua retumbante solidariedade ás classes armadas do paiz.

Dahi o seu prestigio. Dahi o tornar-se elle aquelle idolo. Dahi o tornar-se elle aquelle fetiche adoradissimo. Dahi o tornar-se elle a farda mais amada que já se vio nas fileiras do nosso exercito. (Muito bem!).

Nada o prova mais alto, mais estridente, do que a entrada triumphal do velho militar na Côrte, em setembro de 1889. Não ha pinceladas, por mais fortes e por mais vivazes, que contem da quentura e do estrepito das acclamações, que contem o que foi a atoarda daquella apotheose formidavel e fulgurante com que o Rio recebeu nos seus braços o velho militar que voltava dos limites do Paraguay. No entanto, meus senhores, ainda tiniam no ar os écos das ovações, ainda furava o céo o estampido das girandolas — e já Benjamin Constant, no Club Militar, portas a dentro, realizava uma sessão secreta, de consequencias as mais graves. Recebia o agitador magnifico, dos seus camaradas, poderes plenos, absolutos, para realizar a idéa republicana. Munido de taes credenciaes, credenciaes que lhe eram outorgadas por officiaes de responsabilidade séria, correu Benjamin Constant, pressuroso, á casa do velho chefe. A conversa entre ambos é, hoje, rigorosamente historica. Ficou celebre. Benjamin bombardeou de tal geito o coração de Deodoro, crivou-o de taes e de tantos argumentos, que o intrepido soldado, vencido, soltou, afinal, aquellas palavras pittorescas, tão delle, tão flagrantemente certas:

— *"Não ha duvida! O Imperador já não regula mais; que leve a breca a Monarchia"*.

E, depois de um minuto de silencio:

— "Seu Benjamin, que venha a Republica!"

Estava ganha a victoria. A fortaleza tremenda rendera-se. E Benjamin Constant, com aquella sua flamma de apostolo, aquella flamma evangelizadora de propagandista, assestou, do alto das columnas da sua imprensa, metralhadoras terriveis contra o throno. E que metralhadoras! Eram ellas Ruy Barbosa e Aristides Lobo, atacando sem treguas a politica imperial, era Jacques Ourique, o famoso coronel de engenheiros, zurzindo, com um destemor audacissimo, a celebre questão militar; era o Capitão Espirito Santo, com um arrojo incrivel, louca temeridade, a desdobrar bem deante do throno, o sangranto pendão da revolta republicana!

Mas, meus senhores, detenhamo-nos um momento. Evoquemos, pallidamente embora, o dia maximo da Republica.

Estamos na tarde de 14 de novembro de 1889. O Major Solon entrou em sua casa, despiu a farda recamada de bordaduras, enfiou-se estranhamente num jaquetão côr de havana, poz na cabeça um chapéo de feltro, metteu nos olhos uns grandes oculos azues. E assim, disfarçado, á paisana, tocou-se para a cidade. Na cidade, mal saltou da sege, procurou afflictamente seus companheiros e correligionarios politicos. Encontra a

Quintino Bocayuva e a Aristides Lobo. Narra-lhes, numa inquietude, com afouteza, a noticia (noticia falsa mas armada habilmente para causar effeito) de que haviam partido de S. Christovam ordens severas para que, nessa noite, fossem presos Benjamin Constante e o Marechal Deodoro.

Bem imaginaes, senhores, o alarde sensacional do boato. Por isso, durante toda a noite, foi um corre-corre, foi um tramar, foi um ferver de ideias, foi um decidido preparar a revolta. Benjamin Constant, pela madrugada, escreve um bilhetinho ao Marechal Deodoro. Narra-lhe, nem só os boatos, mas tambem a noticia de que haviam chegado ordens terminantes (e ordens exactas) para que, naquella noite mesmo, partissem para o interior os dois batalhões republicanos aquartelados na Côrte. O Marechal Deodro estava na cama, doentissimo, ardendo em febre. Mas aquella noticia espicaçou-o. Aquella noticia foi o ferrão que o acicalou. Não se conteve mais! Pula da cama. Pede a sua farda — veste-a; pede a sua espada — enfia-a na bainha; pede todas as suas medalhas ganhas no Paraguay e estrelleja, com ellas, o seu peito largo. E assim, ufano e garboso, salta para riba do seu cavallo. E com os olhos flammejantes, os pulsos a latejarem, bellamente queimado de febre, o velho soldado toca desassombradamente para a revolução! Na rua, por um acaso providencial, encontra a brigada do segundo batalhão. Era uma brigada revolucionaria. Posta-se á frente della e dirige-se para o Quartel General. Ao atravessar o Campo de Sant'-Anna, junto á estação da estrada de ferro, estavam postados os marinheiros imperiaes e a policia da Côrte. Os soldados, ao verem passar o velho soberbo, o chefe adorado, todo coberto de dragonas, ficaram attonitos. Que fazer? Mas Deodoro, com uma voz de fogo, em que havia autoridade e energia queimantes:

— "Então, não me fazem continencia?"

Os soldados, esporeados, num gesto mecanico, levaram bruscamente as mãos aos bonets. E o Major Valladão, naquelle relampago de scena, soltou um grito de louco: "Viva o Marechal Deodoro". E, por toda a parte, por toda a praça, só se ouvio a acclamação fragorosa: "Viva o Marechal Deodoro!"

Os revolucionarios estenderam-se em frente ao Quartel General. Dentro, os ministros estavam reunidos. Havia, no pateo, uma grande metralhadora.

Nesse momento, emquanto os soldados se estendem, atravessa o Campo de Sant'Anna um "coupé" do Estado. Deodoro reparou no "coupé": "E' um "coupé" de ministro. E' o "coupé" do Ladario!" E virou-se para o tenente Penha:

— "Prenda o Ladario!"

O tenente Penha precipita-se para a carruagem. Quando a carruagem estaca e della salta o Barão de Ladario, o official dá-lhe voz de prisão. O ministro saca do revolver e bate fogo no tenente. O tenente Penha desfecha 2 tiros contra o ministro.

Alguns soldados correm ao local. Ha um tiroteio. No meio da balburdia, esporeando o cavallo, avança Deodoro:

— "Não matem o Barão!"

O Barão de Ladario, ferido e ensanguentado, corre para uma casa, que se fecha.

Terminou o incidente.

Eis agora o momento pinaculo. O Marechal Deodoro, seguido por um aescolta, entra, impavido, no Quartel General. Ha um fremito! Ao passar junto á metralhadora, Deodoro, com um sorriso sarcastico, diz ao official:

— "Tire esse trambolho dahi!"

Bello, magnifico, o velho empennachado passa atravez das fileiras. Em frente a um dos batalhões, grita com orgulho:

— "Musica!"

Nesse momento, Senhores, como por magia, rufam os tambores, troam os clarins; e uma larga musica, larga e estrepitosa, derrama-se pelo ar. Ao som dos rufos, ao fremir dos clarins, diante daquelles écos quentes e marciaes, rompeu de todos os soldados, violento e incoercivel, um grito só: "Viva a Republica!" (Muito bem).

Senhores, estava ganha a causa sagrada!

E, emquanto as coisas, no pateo, assim se passavam, Ouro Preto, no Quartel General, anda zonzo. Chama Floriano, que é a sua salvação, e diz-lhe, precipitado:

— Sr. Floriano, prenda o Marechal Deodoro!"

Floriano, porém, anda dum lado para outro; vae de salão em salão, atordoado, com intuitos visivelmente protelatorios. Mas Floriano era a esperança unica. Ouro preto chama-o de novo; e, acirrando-o:

— "General!! V. Excia., no Paraguay, era um bravo; V. Excia. tomava metralhadoras aos inimigos! Cumpra agora o seu dever: prenda o Marechal!..."

Floriano, nessa hora, desmascarou-se. E com um riso dubio, aquelle sorriso de quem tinha por lemma "confiar, desconfiando", disse a Ouro Preto:

— "Sr. Ministro! No Paraguay as metralhadoras eram inimigas; aquellas, que V. Excia. vê, são brasileiras... E estes galões que trago no punho, eu os ganhei por servir a Patria, mas não para servir ministros!"

Ouro Preto vio claro, vio bem nitido, que a ultima bombarda que tentou elle assestar contra a revolução havia fracassado. Sentio bem o Ministro, naquelle momento, que o throno da Monarchia ruio aos pedaços, esboroado. E Ouro Preto, chegando-se á sua secretaria, expedio para Petropolis, onde estava o Imperador, aquelle famoso telegramma em que o Ministerio se demittia. Mas era tarde. Quando o Imperador chegou, assistio apenas á marcha triumphal da Republica victoriosa.

Nessa noite, o Marechal Deodoro, á frente das suas tropas, atravessou a cidade, debaixo da mais estrepitosa alacridade de que ha memoria nos annaes do Rio de Janeiro. Por toda a parte, entre alegrias loucas, eram as charangas, fogos de artificio, rojões, barulheira, toda uma atoarda infernizante com que o povo acclamava os soldados victoriosos. O Marechal Deodoro, naquella noite, embriagou-se na taça capitosa da gloria. Viveu, naquelle dia, o seu dia epico, — viveu o dia culminante da sua vida, que é o dia culminante da Republica! (Muito bem!).

Sr. presidente. A geração dos propagandistas fez a Republica. Fez e consolidou-a. A' nossa geração cabe o papel de engrandecel-a. (Muito bem), e como engrandecel-a, Sr. presidente? Simplesmente: seguindo o exemplo ancestral dos nossos avós; seguindo o exemplo ancestral dos velhos estadistas de raça. Como? Assim: tratando as coisas publicas com esse carinho passional, com esse entranhamento que põe a Patria acima de todas as coisas (muito bem); tratando os dinheiros publicos com mãos limpas e honradas (muito bem), mãos do velho caboclo paulista, tradicionalmente probas; tratando os interesses publicos, tratando as necessidades publicas acima, muito acima de todas as nossas nobres mesquinharias pessoaes. (Muito bem).

Assim, Sr. presidente, com esses principios basicos, nós, no alvorecer da raça, no accordar da Patria, nós, na terra moça, haveremos de abrir uma rota larga, luminosa, pela qual haveremos de conduzir a Republica aos seus destinos fulgurantes!

Vozes — (Muito bem! Muito bem!)

(Palmas do recinto e das galerias. O orador é felicitado pelos seus collegas).

O DISCURSO DO "LEADER", SR. ARMANDO PRADO

Teve depois a palavra o Sr. Armando Prado, "leader" da Camara, que pronunciou o seguinte discurso:

O Sr. Armando Prado — Sr. presidente, o nobre deputado, digno representante do 1.° districto, Sr. Paulo Setubal, cujo nome declino como redobrada satisfação...

O Sr. Paulo Setubal — V. Ex. é muito amavel.

O Sr. Armando Prado — ... acaba de honrar o seu mandato, de enaltecer a incumbencia que, em boa hora, recebeu do povo paulista, e de illustrar a tribuna desta casa do Congresso...

Sr. Paulo Setubal — Tudo isso não passa de flores que eu não mereço.

O Sr. Armando Prado — Muito merecidas por V. Ex.

... produzindo essa vibrante oração cujos écos ainda perduram no recinto node todos nós nos achamos reunidos.

Começo a falar, Sr. Presidente, ainda sob a impressão inspiradora desse discurso tão finamente lavorado, não só pela justeza dos conceitos e exactidão das affirmações historicas...

O Sr. Paulo Setubal — Muito obrigado V. Ex. é muito amavel.

O Sr. Armando Prado — ... mais tambem pela palpitação de vida, que encheu os notaveis paineis dentro dos quaes desenhou a figura homerica do Marechal Deodoro da Fonseca (muito bem) e descreveu os notaveis acontecimentos que o elevaram á culminancia da gloria na inesquecivel jornada de 15 de Novembro de 1889. O Estado de São Paulo, no qual madrugaram os trabalhos da propaganda, para implantação do regimen que entre nós teve inicio em 15 de Novembro de 1889, não podia deixar correr no olvido, sem grave injustiça, sem ingratidão profunda, a ephemeride que hoje se apresenta e que lembra a conclusão do primeiro centenario do nascimento do inclito proclamador da Republica.

A opportunidade, direi melhor, a indeclinavel necessidade que impellio a Camara dos Srs. Deputados a honrar o meu requerimento de hontem, a constituir-se, de accôrdo com a letra do nosso Regimento, em commissão geral, a reunir-se em sessão solemne, para assignalar de maneira indelevel a data que hoje transcorre, não precisava de outra qualquer justificação a não ser esta que se exprime de uma maneira sobria e synthetica:

A 5 de agosto de 1827, ha, portanto, cem annos, vinha á luz da vida e da predestinação gloriosa aquelle que estava fadado a dar remate á longa e brilhante evolução do ideal republicano no Brasil.

Quebrarei, Sr. presidente, ainda que por poucos minutos, esse laconismo tão conveniente a toda e qualquer expressão do pensamento, nesta phase de modernidade, rapidez e vida intensa, que vamos atravessando, e na qual o predominio da acção e a necessidade de reservas para ella o maior espaço de tempo que seja possivel, vão supplantando o prestigio, já crepuscular, da palavra, da tribuna, da oratoria subordinada aos canones da rhetorica.

Si contemplarmos o quadro immenso da historia do Brasil, dentro do qual entraram em jogo as forças de cujo contacto resultou a quéda da instituição monarchica em nossa Patria, ahi encontraremos a chamada questão militar e, dentro della, o gesto do merachal Deodoro, como sendo os factores que se revestiram de influencia decisiva nesse feito historico. Nenhuma outra força, das que vêm apontadas pelos sociologos e pelos historiadores — ou seja, Sr. presidente, o animo nitidamente tolerante e, portanto, debil de D. Pedro II; ou seja a indifferença, o scepticismo dos grandes chefes monarchicos pela instituição do seu tempo; ou seja a questão religiosa; ou ainda a abolição do captiveiro, que desmoronou os alicerces da monarchia (muito

bem), ou mesmo a propaganda do Partido Republicano; ou então os grandes exemplos que vinham dos Estados Unidos da America do Norte, que Joaquim Nabuco comparou a um iman suspenso no Capitolio de Washington, para attrair e modelar o pensamento politico do continente inteiro, — nenhuma dessas forças, nenhum desses factores póde chamar a si o papel da gotta d'agua que faz o copo transbordar.

Esse papel estava reservado, Sr. presidente, para a chamada "questão militar"...

O Sr. Paulo Setubal — Muito bem! E' isso mesmo. V. Exa. é rigorosamente historico.

O Sr. Armando Prado — ... e, dentro dessa questão, para o gesto do Marechal Deodoro da Fonseca.

O Sr. Paulo Setubal — Muito bem. Perfeitamente.

O Sr. Samuel Baccarat — Deodoro resistiu mesmo ás tentações do poder.

O Sr. Armando Prado — Eu alongaria demasiadamente a minha oração, ultrapassando os limites naturaes consignados ás cerimonias desta solemnidade, si entrasse agora a estudar, embora perfunctoriamente, a influencia de cada uma dessas forças, a energia de cada um desses factores na maturação da idéa republicana no Brasil.

Deixemos de parte a questão religiosa, que foi uma das causas do desapparecimento da instituição monarchica na nossa patria. (Muito bem). Si, por um lado, Joaquim Nabuco asseverava que o grosso das forças republicanas provinha do descontentamento resultante da abolição do captiveiro e que as leis de 28 de Setembro de 1881 e de 13 de Maio de 1888 e que fizeram surgir as legiões que, depois, se atiraram contra a monarchia, por outro lado Campos Salles, na sua obra notavel "Da propaganda á presidencia", apresenta vivaz e fundamentada contradicta a esse conceito, no qual se vê o intuito claro de deprimir a obra dos propagandistas da Republica, e, ao mesmo tempo, affirma que o asserto de Joaquim Nabuco nenhum fundamento tem, visto como está demonstrado que os propagandistas eram emancipadores intransigentes e que, si as duas instituições, o throno e a escravidão ruiram quasi ao mesmo tempo, ao influxo da mesma força, foi porque uma se apoiava na outra.

— Depois da abolição, a Republica! exclamava o Barão de Cotegipe.

O historiador padre Raphael Galanti, embora reconheça que a destruição do captiveiro produziu abalo profundo na monarchia, todavia não vê nesse acontecimento historico a razão decisiva do desapparecimento definitivo do regimen imperial no nosso paiz.

Outras causas contribuiram, tambem para isso. A idéa republicana, Sr. presidente, vinha de mais longe. Prendia-se á rea-

ção liberal iniciada depois da queda do gabinete Zacharias, em 1868. A idéa republicana remonta mais alto na nossa historia.

Vai até á revolução de 7 de Abril de 1831; e mais ainda, sr. presidente, vai perder-se entre os movimentos revolucionarios que, na phrase de Euclydes da Cunha, cortaram a nebulosa humana, apenas desprendida do colonato.

A idéa veio através das paginas da nossa historia, correndo, a principio isoladamente, como um fio dagua que, aos poucos, se avoluma até chegar ao estuario do manifesto de 70.

Disse Campos Salles, na obra já citada: "O manifesto de 3 de Dezembro de 1870, atirado ao paiz para servir de ponto de partida ao movimento republicano, que deveria triumphar a 15 de Novembro de 1889, não foi um facto inopinado, desaggregado da logica dos acontecimentos, que viesse porventura surprehender o espirito publico na época do seu apparecimento".

"Foi antes o fructo legitimo da evolução de principios, que tinham feito o seu curso natural através da opinião, traduzindo uma aspiração politica bem definida e destinada a penetrar, fatalmente, no organismo do governo nacional".

A idéa republicana, sr. presidente, ultrapassava até os limites da nossa Patria.

Era um reflexo da agitação que percorreu o mundo inteiro nos fins do seculo XVIII; era uma repercussão do movimento que deu aos Estados Unidos da America do Norte a sua independencia; era um rebate dos formidaveis acontecimentos da revolução franceza e da declaração dos direitos do homem.

O Sr. Spencer Vampré — Muito bem.

O Sr. Armando Prado — Prendia-se, sr. presidente, dentro dos limites do Brasil, á famosa conjuração mineira, tinha intimo parentesco com a revolução brasileira de 1817 e com a Confederação do Equador de 1824, em Pernambuco...

O Sr. Paulo Setubal — Muito bem. A Confederação do Equador, com especialidade.

O Sr. Armando Prado — ... com a Republica de Piratinim, de 1837, no Rio Grande do Sul e com a Sabinada, de 1837, na Bahia.

Todos sabemos que, entre os projectos apresentados á Camara dos Deputados, em 1831, figuravam dois bastantes suggestivos.

Um delles estabelecia a igualdade dos cultos(isso em 1831) e o outro determinava que a Monarchia, teria fim no Brasil, por occasião da morte ou impedimento de D. Pedro II, instituindo-se, então a Republica.

E' que, sr. presidente, como ainda assevera Campos Salles, os grandes acontecimentos que a historia regista, como esse de 15 de Novembro de 89, não podem ser estudados ou apreciados

com exactidão fóra do conjuncto das circumstancias que os precederam, servindo-lhes, na sua complexidade, de causa efficiente, nem tão pouco fóra dos seus consequentes, definindo e esclarecendo os intuitos que os determinavam. E' á luz desse duplo criterio que se deve investigar as verdadeiras origens, procurando a influencia harmonica dos factores, não obstante a propria diversidade de natureza de cada um delles, na convergencia para o fim commum.

A convergencia dos dois factores decisivos entre todos os outros que enumerei, eil-a perfeitamente definida por Eduardo Prado, nos "Fastos da Dictadura Militar no Brasil". (Lendo).

Existia no Brasil um partido republicano, a esse partido tornava-se cada dia mais numeroso, mais ruidoso, mais ancioso por dominar o paiz. Existia no Brasil um exercito esquecido, mal organizado, mal instruido e mal pago: um exercito onde havia um official para treze soldados; onde o numero de officiaes e uma longa paz difficultavam as promoções, onde o pobre soldado vivia fóra da vida do regimento, destacado em pequenas guarnições de 20, 10, 5 e até 2 homens, dissolvente de toda a disciplina e destruidora de todo o respeito.

Ora, em todo o paiz onde houver um partido adverso, á forma do governo, partido ardente e exacerbado pela impossibilidade de legalmente realizar a sua ambição, e ao lado desse partido houver um exercito tão justamente descontente de si mesmo e de todo o mundo, como o exercito brasileiro, o accordo entre estas duas forças é fatal, porque é logico. O que resulta desse accordo é sempre a mudança do governo; pouco importa que seja Castelar deposto por Pavia, Serrano por Martinez Campos, ou D. Pedro II desthronado pelo General Deodoro.

Ahi está explicado o advento da Republica, pela força incontrastavel dessa logica, que preside aos successos da historia. Veio o acontecimento na resultante de forças que se chocavam, de forças que se compenetravam, todas ellas inspiradas pelo determinismo historico.

Dois nomes, sr. presidente synthetisam os destinos politicos do Brasil, no lance emocionante que teve por theatro o Rio, em 15 de Novembro de 1889. Esses dois nomes são o de Benjamin Constant e o do Marechal Deodoro da Fonseca. Na ordem militar, foi este que trouxe a collaboração preponderante para a proclamação da Republica. E' pois, com inteiro fundamento que a posteridade colloca no Pantheon dos brasileiros illustres a figura do Marechal Deodoro, aureolando-lhe a breve fronte com o titulo excelso de proclamador da Republica.

A obra de Deodoro não parou ahi. Durante o seu governo, lançaram-se as bases do Brasil liberal e moderno: a Republica federativa, a Constituinte brasileira, a bandeira nacional, a tem-

porariedade do Senado, a regulamentação dos cemiterios, a grande naturalização, o casamento civil, a separação da Igreja e do Estado, a liberdade de cultos e muitas outras sobre as quaes se alicerçou a nação. Taes reformas foram os momentos decisivos desse magnifico sonho de liberalismo, dentro do qual ainda hoje vivemos. (Muito bem; muito bem).

Sr. presidente, convocando esta sessão solemne para commemorar a passagem da data que hoje transcorre, em homenagem a um dos mais abnegados servidores da Patria, a um dos maiores constructores do Brasil actual (muito bem), a Camara dos Deputados cumprio o seu dever.

Vozes — Muito bem! Muito bem!

(Palmas do recinto e das galerias. O orador é felicitado pelos seus collegas).

E mseguida, levantou-se a sessão.

MARECHAL DEODORO

Os homens que avultam na historia de um paiz, nella se tornando figuras predominantes e centraes, cream para si proprios, com a empolgante irradiação da sua personalidade dos destinos nacionaes, a inevitavel situação de alvo e de pretexto de condemnações radicaes e injustas ou de glorificações excessivas e incondicionaes.

Despertam os enthusiasmos, que endeusam, e açulam os odios, que aviltam. Porque se tornem grandes, porque ascendam ás culminancias politicas e sociaes, affirmando as virtudes, como as falhas, no rêlevo dos encargos superiores, no destaque aberto dos supremos postos, em torno delles hão de chocar-se, marulhosas e bravias, as opiniões e os desejos, hão de alçar-se as dedicações, como hão de rugir os resentimentos.

Delles se apossa a historia; e si a historia não ' um palimpsesto permanente, como dizia Oliveira Martins, é um eterno processo de revisão, uma analyse permanente, cruel e impiedosa muitas vezes, da vida e dos feitos dos grandes homens, que ella estuda e investiga com agudesa e com severidade.

Tendo, na frase de um escriptor, "fome e sêde de justiça", não ha nella julgamentos finaes e definitivos; na perquirição anciosa da verdade, maldiz ou consagra sempre *ad referendum* do futuro. E o mesmo escriptor recorda o contraste profundo e violento entre os "clamorosos enthusiasmos" de Michelet e as "sentenças austeras" de Carlye sobre os homens da revolução francesa.

Os povos, porém, a alma anonyma da multidão, ficam, em regra, extranhos ou alheios a essas investigações, a essas duvidas, a esses dissidios: julgam os seus grandes homens, com uma justiça mais simples, mais certa e melhor, pelo entimento de gratidão civica, pela identidade de aspirações, que elles em dado momento chrystallisaram e symbolisaram, pela realidade visivel e palpavel de sua acção na existencia collectiva, pelo bem que della receberam, pela gloria que della lhes adveiu.

Sendo mais simples, elles são mais humanos; e a consagração que vem da justiça popular, do consenso dos contemporaneos e dos posteros, é sempre a mais legitima e a mais pura,

pois que tem origem n'um sentimento natural de veneração e de respeito.

Essa consagração, fel-a hoje o povo brasileiro á individualidade energica e viril de Manoel Deodoro da Fonseca, na commemoração do centenario de seu nascimento.

No estudo dessa figura complexa de soldado e de cidadão e, sobretudo, na analyse da sua acção e das suas attitudes, podem os historiadores, como o têm feito, encontrar motivo para discordancias e controversias.

No animo popular, porém, essas não repercutem ou calam; aos olhos do povo brasileiro, o velho e valoroso soldado surge, impressionante e suggestivo, como um bravo e um patriota, um forte e um probo, que honrou sobremodo as tradições de sua raça e sobremodo enalteceu a dignidade da sua farda.

Passemos carinhosamente o nosso olhar pela chronica edificante da sua vida; e em toda ella depararemos exemplos de inteireza moral, de amor a sua Patria, de fortalesa de animo, de limpidez de caracter.

Soldado, a sua carreira se faz nobremente, conquistando postos no campo de batalha, enriquecendo a sua magnifica fé de officio com varias promoções por actos de bravura. E até o momento em que o destino o desvia da sua funcção militar, elle a exerce com devotamento e amor, dedicando-lhe inteiramente a sua actividade, dando exemplos de disciplina, de correcção, de interesse pela sua classe.

Faz-se, no Exercito, uma das figuras de maior valor, prestigiosa e querida na tropa; e ao serviço da dignidade, dos direitos de seus companheiros de armas, elle se colloca, intransigentemente, sacrificando os seus proprios pendores pessoaes.

A sua attitude, desassombrada e corajosa, na "questão militar", é disso uma prova frisante. Deodoro era, a esse tempo, um monarchista, de cuja lealdade não era licito duvidar; e ao seu sentimento monarchico era preciso ajuntar um outro, não menos forte e vivo: o da veneração pela pessôa de Pedro II, veneração que elle manteve até á morte.

Contra a Monarchia e contra Pedro II collocou-se elle, para ficar com os seus camaradas, nos casos Madureira e Cunha Mattos; e o seu gesto foi de uma influencia notavel, decisiva mesmo, na solução da qeustão momentosa, de que "o ministerio saiu arranhado", na frase de Cotegipe, e a monarchia condemnada a uma morte inevitavel e proxima, pois inhabilmente ferira em seu pundonor e em seus brios os seus servidores melhores, injuriando-os ainda com suspeitass, encarando como traições as advertencias francas e claras de homens como Pelotas e como Deodoro.

Assim, na abolição. O sentimento nacional era pela emancipação; a monarchia vacillava, dubia e incerta, e, diante da fuga dos escravos, que a piedade popular ás escancaras protegia, appellou para o Exercito, transformando-o em uma força cega que se oppuzesse violentamente á aspiração da nacionlidade. Repugnou ao Exercito a triste missão: as espadas, em que ainda floriam os louros do Paraguay, não se queriam rebaixar na captura dos negros infelizes; e Deodoro, para quem se volviam os olhos dos seus irmãos de armas, colloca-se á frente da reacção, preside a sessão historica do Club Militar, e envia ao governo imperial a nota celebre, primor de energia respeitosa, em que avoca para o Exercito funcções mais dignas e nobres do que a ingloria tarefa policial de prender escravos. Reivindica, assim, para a força armada, o direito inviolavel de conservar-se dentro do seu dever e do seu decoro; e desfere assim, na humilhante instituição, golpe certeiro e mortal.

Nesses dois momentos, Deodoro se affirma, com serenidade e grandesa, na feição predominante do seu caracter; patriota destemeroso e energico, que põe acima de tudo os interesses da Patria.

Sacudido o paiz por luctas incessantes, dellas não se poderia alheiar o prestigioso soldado. E elle vae então, na rajada dos acontecimentos, no entrechoque das pelejas, até á gloria immarcessivel de 15 de novembro de 1889, em que a sua espada triumphante derruba um throno quasi secular e institue a Republica na terra brasileira.

Para a gloria do grande brasileiro, não é mistér investigar si foi elle que fez a Republica. Em tel-a proclamado, está a sua gloria maior; porque elle foi o cidadão benemerito que transformou em realidade a aspiração do seu povo, que pôz o seu prestigio e a sua força, nobremente, ao serviço de uma causa nacional, que interpretou e exprimiu fielmente, em hora gravissima, a vontade soberana do paiz.

A Republica era uma tendencia historica no Brasil. Os seus propagandistas ,com a sua palavra ardente de levitas, vinham-n'a infiltrando no sentimento popular. Quintino Bocayuva era a força irradiante da persuasão, conquistando dia a dia adeptos para os novos ideaes; Benjamin Constant era a força poderosa da convicção e do exemplo, coordenando esforços; e Deodoro foi a acção, foi o homem providencial que no momento preciso, justo e opportuno, dispondo da força material, transformou uma victoria contra o absolutismo no triumpho esplendente de uma causa que era de toda a Nação.

Um homem não faria a Republica, como um homem não fez a Independencia; mas em um como em outro caso era mistér que um homem de vontade e patriotismo, cercado de prestigio e de força excepcionaes, se fizesse o symbolo da aspiração

collectiva e a realisasse. E para sempre esse homem ficaria na historia, aureolado pela gratidão nacional, sem carecer de outro titulo para a sua benemerencia legitima e certa.

Essa benemerencia conquistou-a sem duvida Deodoro da Fonseca.

Elevado de improviso á suprema direcção governamental de um paiz em organisação, Deodoro, desaffeito ás exigencias e difficuldades da vida politica, pois que formára caracter e vontade na rijeza dos moldes militares, haveria fatalmente de crear contra si prevenções e correntes oppostas.

E' prematura ainda a analyse da sua acção, nesse periodo da sua vida.

Mas, sejam quaes forem as restricções que porventura se lhe opponham, não as soffrerá, com justiça e verdade, o seu patriotismo modelar, o seu amor ás instituições, de que deu prova altamente significativa, com a sua renuncia ao governo da Republica depois do golpe de Estado de 3 de novembro de 1891.

Hoje, cumpre o Brasil o dever civico de honrar um grande cidadão que nobremente serviu a sua patria e é uma lidima gloria do seu povo.

(Artigo transcripto d'A FEDERAÇÃO, de Porto Alegre, de 5 de Agosto de 1927).

PROJECTO N.º 65, DE 1928, DA CAMARA (autorizando a creação de um monumento da proclamação da Republica).

O Sr. Rodolpho Miranda — Sr. presidente, peço hoje mais do que nunca, a complacencia do Senado, pois me sinto obrigado a tomar a palavra neste momento, quando a exiguidade do tempo e a rapidez com que precisam ser encaminhados os nossos ultimos trabalhos desta sessão legislativa, nos collocam em situação de verdadeira premencia.

Trata-se, entretanto, Sr. presidente, de um projecto de lei que autoriza o Poder Executivo a fazer erigir um monumento commemorativo da proclamação da Republica — e os meus sentimentos, as minhas tradições de velho republicano, a minha convicção amadurecida nas luctas pela causa do nosso regimen, e mais ainda, a minha qualidade de antigo membro da Constituinte Republica, a qual nos outorgou a modelar Constituição de 24 de fevereiro, não me permittiriam que eu approvasse simplesmente com o meu voto esse projecto, mas, antes, impunha-me o dever de accrescentar a essa approvação, algumas considerações, pela minha palavra, de applauso á proposição submettida ao nosso exame. (*Muito bem*).

O gesto eloquente da moderna geração paulista republicana, mandando erigir um monumento que relembre, em São Paulo, o feito grandioso dos fundadores da Republica, não exprime sinão o sentir unanime de todo o Brasil (*muito bem*)! — esse gesto é bem digno de figurar ao lado daquelle que, pela inspiração de outro governo patriotico, perpetuou no bronze, outro facto da maxima significação politica na historia do nosso Paiz: — a proclamação da Independencia, que tambem irradiou de São Paulo, — vindo collocar a Patria Brasileira em pé de egualdade ás demais nações do mundo culto (*muito bem*)!

Assim, Sr. presidente, a Republica, deu ao Paiz o regimen presidencial federativo, e, com este, a sua felicidade; ella deu ao Paiz um novo surto de prosperidade, ao lado de uma federação liberrima, com maior, amplitude comprehendida e applicada do que nos proprios Estados Unidos da America do Norte; ella deu ao Brasil um desenvolvimento espantoso — e, para demonstral-o, é bastante um ligeiro confronto entre as peças orçamentarias dos ultimos tempos da Monarchia, e as da Republica. E' assim que, em São Paulo, o ultimo orçamento, confeccionado durante o passado regimen, não ultrapassou a cifra de cinco mil contos, emquanto que o nosso ultimo orçamento da receita, instituido para o futuro exercicio de 1929, attinge á somma de 453 mil contos!! A monarchia entregou á Republica

o orçamento nacional estabelecido em 147 mil contos, e hoje o orçamento da União Brasileira sóbe a dois milhões e duzentos mil contos!!

E' um *élan* sem precedentes, é um desenvolvimento excepcional, é o desenvolvimento de todas as nossas vitalidades — e tal progresso devemos a essa obra grandiosa que vai agora ser consagrada em bronze, onde as gerações futuras terão deante dos seus olhos essa cordilheira, essa cadeia ininterrupta de sacrificios, de abnegações, que conduziu a esta grande conquista — a Proclamação da Republica! (*Muito bem*).

Ahi ficarão gravadas todas as phases do grande movimento patriotico, que teve o seu ponto de partida na conjuração mineira, em 1789, onde foram feitos martyres em pról das idéas republicanas, que não vingaram naquella época, mas que fizeram que o sólo ficasse embebido de sangue vivificador de liberdades, das victimas da tenaz perseguição feita pelo Governo de Portugal.

Certamente, Sr. presidente, nesse monumento que se projecta tambem será assignalado o esforço emprehendido pela revolução de Pernambuco, movimento que pode ser considerado como a segunda etapa dessa lucta ingente para a conquista da Republica, e que teve como principaes figuras Domingos Martins e o padre Roma, ambos sacrificados pelo ideal que defendiam em 1817. Depois, tivemos, Sr. presidente, o movimento republicano conhecido pela confederação do Equador, em 1824, em que tambem foi sacrificado um grupo de patriotas, leaes e exaltados, dentre os quaes Paes de Andrade, Ratliciff e Frei Caneca. A esse movimento seguiu-se a revolução do Rio Grande do Sul, em 1835, que teve como consequencia a implantação da Republica de Piratiny, forma de governo que, por um periodo dilatado de dez annos, conseguiu impôr-se naquella provincia, mas que não teve a fortuna de triumphar por ter sido esmagado pelo governo central.

Após esses periodos de agitação publica, parecia que os sentimentos republicanos se tinham arrefecido por completo no nosso paiz. Mas não, Sr. presidente, esses sentimentos ficaram abafados, como que sobre o braseiro, promptos para irromperem novamente na primeira occasião, que se offerecesse.

Assim é que, em 1870, surgia o grande manifesto republicano assignado por Quintino Bocayuva, Saldanha Marinho e outros, no qual se dava novamente o grito republicano, iniciando-se assim um novo periodo de agitação, que trouxe como consequencia o triumpho final do novo regimen, desenove annos depois.

Em 1873, vinha a gloriosa convenção de Itú, em plena Provincia de São Paulo, secundar brilhantemente esse movimento, irradiando-o por todos os seus recantos, que desde então ficou sendo São Paulo, o centro propulsor das novas idéas, pelo paiz inteiro. Daqui partiram, superiormente apparelhados para a lucta, Venancio Ayres para o Rio Grande do Sul e depois João

Pinheiro para Minas Geraes.

A propaganda assumiu proporções taes, o enthusiasmo se alastrava com tal impetuosidade e calor; os effeitos foram tão surprehendentes, que bem cedo, o povo republicano se convenceu de que a republica fatalmente estava com a sua causa ganha, principalmnte porque a propaganda intensa, conduzida com muita habilidade e intelligencia no seio das nossas classes armadas pela palavra empolgante, convincente de Benjamin Constant e seus discipulos, attrahia todas as dedicações e todos os applausos da mocidade do exercito, que era a sua parte culta, sadia e energica.

Assim é que em 1889, o Partido Liberal no poder, apparelhou-se convenientemente para a lucta, tendo o governo de então como principal intuito abafar o movimento republicano que desassombradamente se alastrava por todo o territorio nacional, esforço improficuo, que fez até o principe consorte emprehender uma viagem pelo paiz, de propaganda do regimen, que foi de effeito ridiculo.

Sobre os factos occorridos nessa occasião, Sr. presidente, passo á relatar ao Senado algumas minucias, pois que tendo tomado parte em alguns delles e tendo confabulado com varios chefes que nelles tomaram parte activa e primacial, posso dar o meu testemunho pessoal sobre algumas occorrencias, subsidio que servirá mais tarde para o historiador.

Assim é que alguns narradores tendenciosos affirmam que o marechal Deodoro se mostrou vacilante pela proclamação da Republica até o ultimo momento. Não é exacto, Sr. presidente. O marechal Deodoro, no dia 30 de outubro de 1889, quando o movimento republicano já se havia apoderado do Exercito em consequencia da palavra eloquente de seus "leaders" intellectuaes, recebia uma commissão de officiaes do exercito constituida dos Srs. Menna Barreto, Joaquim Ignacio e Solon, que communicou a sua excellencia quaes eram as aspirações de seus camaradas, scientificando-o que as forças armadas pretendiam confraternizar-se com o povo, para a transformação da forma de governo, e nesse mesmo dia, Deodoro declarava positivamente a esses moços que podiam elles contar com os seus serviços, com a sua lealdade e com a sua espada, em favor do movimento tendente á proclamação da Republica.

No dia seguinte, em vista da declaração de Deodoro, Benjamin Constant e Solon tiveram uma nova conferencia com aquelle general que, reaffirmando as suas convicções republicanas autorizou esses dois officiaes do Exercito e seus amigos a se entenderem com o elemento civil republicano, afim de associal-o ao movimento.

Foi no dia 31 de outubro que esses dois officiaes receberam essa incumbencia e procuraram o chefe do Partido Republicano, Quintino Bocayuva e seu companheiro Aristides Lobo, aos quaes fizeram a communicação, sob a maior reserva, de que Deodoro se collocava á frente do movimento republicano.

Em 6 de novembro, Sr. presidente, Aristides Lobo, escrevia a Campos Salles uma carta celebre, em que elle dava communicação do desdobrar dos acontecimentos e lhe fazia conhecer a necessidade de São Paulo enviar um representante seu, para tomar parte na conjuração que estava em actividade continua. Francisco Glycerio foi incumbido de representar São Paulo.

No dia 11 de novembro deu-se a notavel reunião da organização do governo provisorio republicano, em casa do marechal Deodoro. Nessa reunião, em que tomaram parte o chefe do Partido Republicano, Quintino Bocayuva, e mais Aristides Lobo, Ruy Barbosa, Benjamin Constant, Solon e Francisco Glycerio, ficou assentada a proclamação da Republica e mais ainda, organizado o seu governo.

O marechal Deodoro, nesse momento, sempre digno, altivo e nobre, propoz que o chefe do Governo Provisorio fosse o Sr. Quintino Bocayuva, que era o chefe do Partido Republicano accrescentando que, elle Deodoro seria o ministro da Guerra.

Ahi está a prova a mais esmagadora de sua absoluta adhesão á Republica, da sua absoluta resolução para que a Monarchia fosse derrocada e proclamada a Republica.

Quintino Bocayuva não acceitou o encargo honroso e acclamou chefe do Governo Provisorio o Sr. Deodoro, que naquelle mesmo momento autorizou Quintino Bocayuva a organizar o Governo da Republica, escolhendo livremente seus membros, escolha essa que elle fez de inteiro accôrdo com Benjamin Constant.

Ha ainda um facto importante caracteristico, para mostrar a completa adhesão de Deodoro ao movimento republicano. E' que no dia 15 de Novembro — pois o movimento foi precipitado de um dia, devendo elle ter logar a 16, mas como corresse boato de ordem de prisão contra Deodoro, as forças do Exercito, que se achavam acampadas em S. Christovam, sahiram todas á rua chefiadas por Benjamin Constant e Quintino Bocayuva, e nessa occasião avisado Deodoro, elle foi encontrar de carro, pela madrugada de 15, as forças que já se achavam na rua Senador Euzebio em caminho do Campo de Sant'Anna, onde tomando o animal do tenente Barbosa (levara os seus arreios no proprio carro) immediatamente assumiu o commando geral das forças e chegando en frente ao Quartel General, onde estava reunido o governo do antigo regimen, tendo ao seu lado Quintino Bocayuva — o chefe republicano — e Benjamin Constant, — a grande alma republicana no exercito — proclamou a Republica, proclamação que foi saudada por toda a artilharia, pelas acclamações enthusiasticas das forças armadas e do povo.

Hoje, Sr. presidente, que se vai erigir esse monumento extraordinario e justo, em homenagem á Republica, é mais que justo que eu traga o meu testemunho para mostrar que Deodoro tem o direito de occupar nesse monumento de bronze, o logar do maior entre os maiores, porque foi elle o homem que effectivou rapidamente a Republica, pois apesar de toda a nossa per-

severança e tenacidade, si não fosse a espada gloriosa de Deodoro, não teriamos podido ver o regimen republicano triumphante, tão promptamente e coberto de flores e sem uma só gotta de sangue. (*Muito bem, muito bem*).

Assim, Sr. presidente, vejo na elevação desse monumento um acto da mais alta significação civica. Elle ahi ficará para que todos saibam e comprehendam e respeitem a acção dos que luctaram pela causa da liberdade e da grandeza da Patria. (*Apoiados geraes! Muito bem, muito bem*)!

E, sr. presidente, justo é enaltecer aqui, do alto desta tribuna a actuação desse moço — Presidente Julio Prestes — educado na escola do civismo e do amor á Patria, e a quem hoje estão confiados os destinos do Estado de São Paulo (*muito bem! Muito bem*!) — esse moço que tem a exacta comprehensão do regimen republicano, esse moço cujo espirito foi formado com a propria Republica! (*Apoiados geraes*). Que receba elle as bençãos a que faz jús, pois é sob a sua especial inspiração, que se vai erigir o empolgante Monumento. Lá veremos Tiradentes, Domingos Martins, Padre Roma, Paes de Andrade, Frei Caneca, Bento Gonçalves e Canabarro, pelo passado, e Quintino Bocayuva, Americo Brasiliense, Prudente de Moraes, Campos Salles, Rangel Pestana, Francisco Glycerio, Bernardino de Campos e Benjamin Constant, pelo presente, verdadeiros pontificis da santa cruzada e que irão avivar o amor civico do nosso povo, ao respeito desses grandes mortos, num monumento que vai ser consagrado a grandeza, a altivez e a bravura da nossa raça!

CARTA DE QUINTINO BOCAYUVA A' VIUVA DO GENERAL SOLON—D. TULIA SOLON

"Petropolis, julho, 31 de 1902 — Prezada e respeitavel senhora — Antes de tudo peço a V. Ex. que me desculpe pela involuntaria demora em responder a sua carta.

Tenho lido *tantas historias* sobre o movimento revolucionario de 15 de novembro de 1889 e sobre a proclamação da Republica, que, afinal receioso de baralhar as minhas reminiscencias, deliberei reconcentrar-me na minha memoria, esquivando-me a fornecer o meu testemunho, quando o caso o reclamasse.

Sómente a veneração que consagro á memoria do seu illustre esposo e a alta consideração e respeitosa estima que consagro a V. Ex. sua virtuosa e nobre viuva, podem obrigar-me a abrir uma excepção á regra que adoptei.

Com relação aos factos a que allude em sua carta e ao papel proeminente que coube ao meu fallecido amigo e devotado correligionario o general Solon, na revolução, tudo o que posso dizer nada mais será do que a repetição do que já disse em carta intima dirigida ha tempos a um eminente cidadão e illustre correligionario.

Entre todos quantos tomaram parte na revolução de 15 de novembro, nenhum foi mais abnegado do que o general Solon, nenhum exerceu mais decisiva influencia na proclamação da Republica do que elle.

O episodio da interpellação feita ao marechal Deodoro, de illustre e saudosa memoria, é verdadeiro. O que não é exacto é que o marechal Floriano houvesse descido do Quartel General para se incorporar ás forças que desfilavam pela cidade com direcção ao Arsenal de Marinha.

O que o então major Solon disse, no exaltamento do seu enthusiasmo, ao marechal Deodoro, quando este voltou a collocar-se á frente das tropas, depois de haver intimado a demissão do Ministerio Imperial, foi que não embainhava a sua espada antes de proclamada a Republica.

Como eu estava a seu lado e me recordo do incidente não duvido descobrir-me a mim proprio, confessando que fui o instigador desse movimento, por circumstancias que alguns conhecem, mas que eu peço licença de guardar em reserva.

Devo, porém, declarar que essa instigação da minha parte não procedeu de desconfiança que pudesse marear a lealdade do bravo e inclito soldado, cujo nobre e patriotico espirito, a cuja gloriosa espada e animo resoluto, devemos, nós os republicanos, o exito da revolução e a proclamação da Republica.

Quanto á recusa do Ministerio da Guerra, pelo major Solon quem a recebeu fui eu proprio.

Na sala do meu escriptorio, á rua do Carmo, haviam-nos reunido á noite, na ante-vespera do dia 15, eu, o major Solon e o Dr. Benjamin Constant.

Este illustre e legendario companheiro, tão nobre e desprendido quanto ingenuo e sincero, transmittia-me nesse momento as suas ultimas impressões e comfabulavamos os tres sobre o movimento projectado e sobre a conveniencia de fixar o dia do pronunciamento, por nos parecer a mim e ao major Solon, que a demora nos poderia ser fatal.

Neste ponto discordava de nós, o nosso illustre e amigo Dr. Benjamin Constant, allegando que nada podia resolver nessa noite, porque na noite seguinte ao dia 14 devia conferenciar com alguns amigos no Club Naval, e que só depois disso é que podieria fixar o dia do movimento revolucionario.

Eu tinha na minha opinião que estava abortada a revolução, se ella não explodisse na manhã do dia 15 de novembro.

Com a impetuosidade propria do seu caracter e o enthusiasmo de um fanatico, o major Solon tomando uma folha de papel, propoz que ahi exarassemos a nossa firme resolução de proclamar a Republica no dia 15, *jurando* que essa resolução era inabalavel e que nos exporiamos a todos os riscos que nos sobreviessem.

A isso oppuz-me eu ponderando que os tres homens que alli estavam eram sinceros e leaes e que nenhum de nós precisava offerecer ou pedir garantias que assegurassem a nossa fidelidade á causa da revolução e da Republica.

Retirando-se o Dr. Benjamin Constant, continuamos eu e o major Solon a conferenciar combinando encontrar-nos no dia seguinte á noite no largo de S. Francisco de Paula.

Nessa noite effectivamente estava o Dr. Benjamin Constant no Club Naval, quando subitamente se espalhou o boato de que não sómente elle, como outros eminentes companheiros estavam presos ou para serem presos, por ordem do Governo.

A noticia era falsa.

Como eu sabia onde aquella hora devia achar-se o Dr. Benjamin Constant, lá mandei por noticias suas e, pelo mesmo portador mandou-me dizer que o movimento estava adiado para o dia 17.

Fui immediatamente procurar o major Solon, e expuz-lhe os meus receios, ficando afinal deliberado entre nós que apezar do recado do Dr. Benjamin Constant e da prostração em que se achava, por enfermo, o marechal Deodoro, o movimento se effectuaria no dia seguinte, ficando o major Solon, incumbido de determinal-o.

Ao meu illustre amigo Dr. Benjamin Constant, de gloriosa e saudosa memoria, mandei então dizer que era tarde, que a revolução teria logar no dia seguinte, fosse qual fosse o resultado.

Effectivamente, para a revolução, tratou-se de organizar o Governo Provisorio.

Deste assumpto já nos haviamos occupado eu e o meu illustre amigo general Glycerio (que felizmente está vivo), e o meu malogrado amigo Dr. Aristides Lobo, de saudosa memoria.

Quanto a essa organização recebi eu *carta branca*, da qual usei. Tanto o marechal Deodoro, como o Dr. Benjamin Constant, desconheciam quasi completamente o pessoal politico republicano.

Estando o marechal enfermo e de cama foi o Dr. Benjamin Constant quem me autorizou a compor o Governo com os amigos que eu escolhesse. Ponderei-lhe então que elle e o marechal Deodoro eram já membros do Governo e que eu indicaria os outros amigos que deviam acompanhal-os.

Devo dizer que tanto eu como outros procuraram escusar-se. O marechal Deodoro entendia que o Dr. Benjamin Constant devia ser o chefe do Governo; o Dr. Benjamin Constant entendia que este posto cabia ao marechal Deodoro.

Tendo eu, finalmente, apresentado os nomes dos companheiros que deviam compor o Governo perguntou-me o Dr. Benjamin Constant: "E o senhor?" ao que eu respondi: "Eu já estou no Governo desde que considero assegurada a Republica; o meu posto é no *O Paiz*".

Nesse caso, retorquio-me o Dr. Benjamin Constant. "Eu tambem ficarei fóra".

Em seguida, depois de algumas considerações reciprocas deliberamos ambos fazer parte do Governo Provisorio. Com o major Solon havia eu conversado indicando-lhe os nomes dos republicanos que ia propôr; disse-lhe eu nessa occasião que não podendo o marechal Deodoro por sua enfermidade exercer o Ministerio da Guerra, ficava sendo chefe do governo *sem pasta* e que então bem podia elle major Solon ficar com o Ministerio da Guerra.

Foi então que dirigindo-se a mim familiarmente e sorrindo, disse-me:

"Meu caro, não sabemos ainda o que dará tudo isto: o meu lugar é na fileira para sustentar a Republica se ella for ameaçada".

Eis o que posso dizer em resposta á carta que se dignou dirigir-me, invocando o meu testemunho para affirmações que V. Ex. diz haverem sido contestadas.

Não o estranho nem V. Ex. o deve estranhar.

Estamos ainda muito proximos do grande evento, de envolto com as paixões e os sentimentos despertados pelo atricto dos acontecimentos posteriores.

Nem sobre os factos nem sobre os homens póde a verdade e a justiça resplandecer.

De um lado a preguiça de consultar os testemunhos historicos embora registrados em letras de fôrma; de outro os pequeninos resentimentos ou a torva inveja influem para conservar a obscuridade, para deturpar os caracteres, contando cada um a historia como lhe apraz.

Resigne-se, como eu minha respeitavel senhora, deixe que o tempo exerça a sua natural infuencia e quando a historia verdadeira tenha de pronunciar-se sobre o advento da Republica no Brasil, o nome do vosso illustre esposo, do meu bravo e leal companheiro, na gloriosa jornada, ha de fulgurar como o de um soldado valoroso e leal, como de um republicano sincero, como o de um patriota devotado.

De V. Ex. Resp. Amig. Att. — *Quintino Bocayuva.*

MARECHAL DEODORO

No espolio litterario confiado pela Familia do illustre pensador Dr. Tobias Barreto de Menezes, ao erudito Snr. Dr. Sylvio Roméro, foi encontrada a brilhante poesia seguinte, que é uma das ultimas producções do saudoso brasileiro e dedicada ao bravo Marechal Deodoro da Fonseca:

Entre os actores do drama,
Do vasto drama da historia,
Sobre o palco das batalhas,
Que illumina o sol da gloria;

E' bello o papel daquelles,
Dos poucos que são felizes,
Em mostrar nos peitos nobres,
O brazão das cicatrizes!

Vós sois do numero desses,
Que em prol da patria adorada,
Abrem caminho ás estrellas
Com a ponta da sua espada;

Gladio ardente, que envolvido
Da guerra nas nuvens pretas,
Percorre a orbita immensa
Mais depressa que os cometas!

Vós sois do numero destes
Que dizem ao raio — Vamos!
E a victoria com seus anjos
Respondé rindo aqui 'stamos!

Em nome da patria augusta
Que vossa espada defende,
E em cujo altar a lembrança
De heroicos feitos rescende;

Em nome da patria santa,
No dia de vossos annos,
Quando os genios do combate
De vós recordam-se ufanos;

Deixae que pague o tributo
Que mais falla ao coração,
AGUIA SEM RAPACIDADE,
GRANDE HEROE SEM AMBIÇÃO!

TOBIAS BARRETO.

SUMMARIO

Deodoro e a Republica — Marechal J. Marques da Cunha 5
Deodoro (*soneto*) — Leoncio Corrêa 68
Centenario de Deodoro — Noronha Santos 69
Deodoro — Major Alfredo Severo 72
Hymno a Deodoro — Leoncio Corrêa 79
Recordando — Ferreira da Rosa 85
Uma Spartana Brasilera — F. Pereira Lessa 88
Deodoro e a Escola Miltar — Americo Silvado 98
Manoel Deodoro da Fonseca — João Vampré 101
Deodoro, o Magnanimo — Marechal Ilha Moreira 108
O Grande Brasilero — Annibal Thompson Esteves 117
Annexos 119
Programma das solemnidades civicas e militares que foram prestadas á memoria de Deodoro no dia 5 de Agosto, centenario de seu nascimento 134
Como foi feita a commemoração do Centenario do Marechal Deodoro — Discurso do Dr. Leoncio Corrêa 135
Discurso do Director do Prytaneu Militar, General Jonathas de Mello Barreto 136
Mensagem apresentada, em nome da commissão Executiva dos festejos, pelo deputado Simões Lopes 138
Deodoro e a proclamação da Republica — deputado Ariosto Pinto 142
Vibrante ordem do dia — do General Coutinho 151
Em prol da Republica — Indicação do Conselho Municipal da Capital Federal 152
Conferencia feita pelo Ministro Snr. Dr. Tavares de Lyra 155
Deodoro — o centenario de seu nascimento — Marechal Marques da Cunha 168
Marechal Deodoro da Fonseca (*Fundador da Republica*)— General Jacques Ouriques 182

Deodoro e a Republica — Marechal Clodoaldo da Fonseca . 189
O centenario de Deodoro — "O Jornal", de 5 de Agosto de 1927 249
A figura de Deodoro — Rocha Pombo. 252
Manoel Deodoro da Fonseca — Lauro Sodré. 264
O peccado orignal da Republica — Mozart Monteiro. 273
Para a Historia da Republica — Almirante Ferreira Campello 283
Deodoro — Souza Docca 293
Subsidos para a Historia da Republica (documentos) 309
Centenario de Deodoro — Clodomiro de Vasconcellos. . . . 317
Generalissimo Manuel Deodoro da Fonseca — Supremo Tribunal Federal 319
Marechal Deodoro da Fonseca — (Diario Official do E. da Bahia, de 5 de Agosto de 1927) 320
Uma carta do unico sobrevivente do Governo Provisorio — Demetrio Ribeiro 321
Discursos: Camara do Estado de S. Paulo. 324
Paulo Setubal 324
Armando Prado ("leader") 329
Marechal Deodoro — Da "A Federação", de Porto Alegre, de 5 de Agosto de 1927 335
Projecto n.º 65, de 1928, da Camara dos Deputados do E. de São Paulo (autorisando a creação de um monumento da proclamação da Republica) — Discurso do Senador Rodolpho de Miranda 339
Carta de Quintino Bocayuva á viuva do General Solon, D. Tulia Solon 344
Marechal Deodoro — Poesia de Tobias Barreto. 349

Impresso na Typ. d' "A Encadernadora, S. A." — Rua S. José, 35 — Rio de Janeiro — 14 de Agosto de 1929

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 054822439